

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA APLICADA

**AQUISIÇÃO LEXICAL INICIAL POR CRIANÇAS
FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO :
DISCUSSÃO DO FENÔMENO DA EXPLOSÃO DO VOCABULÁRIO
E DA ATUAÇÃO DA HIPÓTESE DO VIÉS NOMINAL**

Deisi Cristina Gollo Marques Vidor

Porto Alegre, agosto de 2008.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA APLICADA

**AQUISIÇÃO LEXICAL INICIAL POR CRIANÇAS
FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO:
DISCUSSÃO DO FENÔMENO DA EXPLOSÃO DO VOCABULÁRIO
E DA ATUAÇÃO DA HIPÓTESE DO VIÉS NOMINAL**

TESE DE DOUTORADO

Deisi Cristina Gollo Marques Vidor

Orientadora: Prof^a Dr. Regina Ritter Lamprecht

Porto Alegre, agosto de 2008.

*Faça as coisas o mais simples que puder,
Porém não as mais simples.*

ALBERT EINSTEIN

As minhas filhas, Giulia e Giovanna,
Por terem compreendido minha ausência e
Por terem me ensinado tanto com sua existência.

AGRADECIMENTOS

Quando se chega ao término de uma tese de doutorado, marco final de uma carreira acadêmica, percebe-se que não se pode agradecer simplesmente a quem esteve ao nosso lado durante o período de realização desta, mas a todas as pessoas que, em vários momentos da nossa vida, participaram de forma direta ou indireta, do caminho que culminou nesse evento.

Assim, com o risco de certamente esquecer-me de alguém que tenha participado desta caminhada, me atrevo a salientar algumas pessoas e instituições que definitivamente foram fundamentais para se chegar a esse ponto.

Em primeiro lugar, queria agradecer a Deus, essa força suprema que, nos momentos mais difíceis, sempre fez o mundo conspirar a meu favor, colocando pessoas especiais no meu caminho, que me ajudaram a perceber a minha força e me ajudaram a concluir essa etapa.

Em segundo lugar, destaco a participação e o apoio da minha família, sem a qual certamente não teria chegado aqui. Ela foi o apoio com o qual eu contei nesse período difícil e cheio de mudanças na minha vida, fazendo com que eu relembresse quem sou, o que eu quero e do que sou capaz. Nesse ponto tenho que fazer agradecimentos especiais aos meus pais, Paulo Edson e Eunice, pela força, apoio e confiança; e aos meus irmãos, Kelly Naiara e Carlos Jacques, por estarem ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Especial ainda foi a participação do André, meu companheiro e parceiro na vida e meu secretário na tese (foram horas e horas de tensão e digitação). Agradeço a coragem e a paciência dele, que me conheceu quando eu entrei no Doutorado e ficou ao meu lado em todo esse período, apesar de muitas crises que eu tive, que só quem já passou por essa etapa poderá avaliar. Mas todos entenderão que as pessoas que mais merecem meu agradecimento nesse momento são minhas filhas, Giulia e Giovanna. Tenho não só que pedir desculpas a elas pelo fato de estar ausente em muitos momentos de suas vidas nesse período, mas agradecer porque, apesar de sua pouca idade, elas compreenderam essa situação, entre tantas outras que aconteceram em nossas

vidas nesses anos que me dediquei ao Doutorado, me apoiaram e me deram força e motivo para levantar e continuar, apesar das dificuldades.

Agradeço também ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por fazer parte da minha vida durante toda minha formação. Saliento que esse não é, como pode muitas vezes parecer, um agradecimento meramente formal. Percorro os corredores do quarto andar do prédio 8 desde 1995, quando fui bolsista de aperfeiçoamento do Projeto VARSUL. Nestes 13 anos, entre idas e vindas, não é só à instituição a quem devo formalmente agradecer, pelas oportunidades, mas também às pessoas que fazem parte dela. Nesse sentido, meu agradecimento muito especial às secretárias do Curso, Cláudia, Mara e Isabel, que, como porta de entrada dessa instituição, representam a competência e o carinho com que todos os funcionários sempre me receberam nessa casa.

Além dos funcionários, agradeço também a todos os professores deste curso, com os quais eu tive oportunidade de conviver, aprender e trocar experiências e idéias. Em especial, gostaria de personificar esse agradecimento na figura da Profa. Dr. Regina Ritter Lamprecht, minha orientadora nesta tese. Nesse ponto, me obrigo a fazer uma digressão e salientar que, mais uma vez, não se trata aqui de um agradecimento meramente formal. A Profa. Regina Lamprecht não foi só minha orientadora nesta tese, mas minha mentora nos estudos sobre aquisição da linguagem e um exemplo de vida e de profissional que eu aprendi a admirar e respeitar desde 1991, quando nos conhecemos. Nesses 17 anos, muitas foram as trocas e as divergências, mas certamente todos os momentos levaram ao meu crescimento, tanto pessoal como profissional.

Falando dos professores, devo agradecer também a todos os mestres que sempre me acompanharam. Com certeza, muito do que sou e do que faço hoje são influências dos bons exemplos que tive durante minha vida acadêmica, desde o seu início. Como não há como recuperar todos (são mais de 30 anos de escola!), faço um agradecimento geral, mas não posso deixar de, ao mesmo tempo, destacar duas grandes mestres: a Profa. Clarice Knies e a Profa. Leda Bisol. Clarice foi meu exemplo profissional desde que ingressei no Curso de Letras da UFRGS, em 1990; mesmo estando afastada dela há muitos anos, pela correria que a vida moderna nos impõe, não a esqueço nesses momentos, pois foi ela que, pela primeira vez, me apresentou a vida de pesquisadora e orientou meus primeiros passos nessa direção.

A Profa. Leda Bisol, com a qual tenho o privilégio de conviver ainda hoje, no Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, foi aquela que me ensinou a extrair a “verdade” dos dados, sem ignorá-los ou supervalorizá-los, quando, ainda muito imatura, ingressei no Projeto VARSUL, em 1991, certamente minha escola em termos de pesquisa.

Voltando ao Curso de Pós-Graduação da PUCRS, não posso esquecer-me dos meus colegas: mais do que companheiros de turma, amigos dos quais eu sempre tive apoio e incentivo. Nesse grupo, merece destaque especial as colegas do CEAAL – Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem, minhas companheiras de trabalho desde 1998. Correndo o risco de esquecer-me de alguém, a quem antecipadamente peço desculpas, saliento a participação das colegas Gabriela Freitas, Carolina Mezzomo, Gabriela Coronel, Letícia Ribas, Marivone Vaccari, Ana Paula Blanco, Melissa Tófolli e Roberta Jardim-Azambuja. Tenho que destacar ainda aqueles que não faziam parte do CEAAL, mas que foram adotados como nossos irmãos, como Luciane Brisolará, José Magalhães e Ubiratã Alves, com quem partilhei muitos momentos importantes, e as novas “cealetes”, Aline, Bárbara e Ângela, com as quais não tive oportunidade de conviver, mas que mostravam seu apoio a cada visita minha. Dentre meus colegas da PUCRS, porém, todos concordarão que uma homenagem especial deve ser feita a Carolina Oliveira, a Coca. Amiga, simples, quieta, companheira, enigmática, Coca foi, para mim, mais do que a grande amiga que é para todos aqueles que têm o privilégio de compartilhar sua amizade. Atrevo-me a dizer que, se não fosse sua ajuda e disposição, talvez esse trabalho não tivesse sido concluído. Em certos momentos, foi sua presença ao meu lado que fazia com que eu retomasse esse desafio. Ajudou a contar, classificar, analisar dados; montou quadros e gráficos que eu, de forma mirabolante, sempre inventava; digitou textos; revisou capítulos; conferiu referências e, muito mais do que isso, trocou idéias, me incentivou a trabalhar quando preciso e a parar no momento certo, sempre inspirando apoio e confiança. Por isso, meu muito obrigado a ela parece pouco para expressar toda minha gratidão.

Falando dos colegas ainda, o caminho que me trouxe até aqui felizmente me proporcionou estabelecer amizades que passaram do efusivo companheirismo acadêmico e com as quais eu tenho privilégio de conviver até hoje. Seja pelas minhas ausências nesse período, seja pelo incentivo mais ou menos ferrenho que me deram para a conclusão deste trabalho, seja pelas suas não tão simples

presenças em minha vida, agradeço aos amigos e suas famílias: Fernando e César, que acompanham meus passos desde o primeiro grau; Betyinha, Andréa, Sabrina e Simone, minhas parceiras de vida e de magistério; Antonio César, da faculdade de Letras da UFRGS; Aline, Clarice (mesmo distantes) e Natalie, amigadas que trago do curso de fonoaudiologia. Certamente muitos outros eu ainda lembro nesse momento; sintam-se homenageados e saibam que o convívio com cada um de vocês foi um bálsamo que me ajudou a chegar até aqui, pois um amigo é sempre uma benção.

Ainda falando em amigos, tenho que destacar um grupo muito especial, que surgiu em minha vida quando o Doutorado já estava em andamento e, por isso mesmo, acompanhou muito de perto essa caminhada, não só como meros espectadores: os professores, funcionários e alunos da Faculdade Nossa Senhora de Fátima, em especial do Curso de Fonoaudiologia desta instituição. Agradeço aos colegas Daniele Moita, Tatiana Bueno, Simone Finard, Luciana Siqueira, Márcia Freitas, Fernando Anschau, Crislaine Paludo, Fabiano Aita, Tatiana Zucolotto, Louise Dutra, Clarice Prediger e todos os demais companheiros desta casa que, nos últimos três anos, foi também uma extensão da minha casa. Em especial, agradeço à minha “chefe” e grande amiga Aline Aita, pela compreensão, apoio e encorajamento durante todo esse período. Também é especial o agradecimento que faço às minhas alunas. Todas, sem exceção, foram incansáveis em seu apoio e preocupação durante a execução desta tarefa. Registro aqui meu sincero agradecimento às alunas Sandra Viacelli, Daniela Bento, Fernanda Fante, Lisiane Catusso, Deisi Ochi, Fernanda Ledur e Juliana Bauer, pelo auxílio que me deram para realizar esta tese.

Como minha vida está sempre em ebulição, recentemente tive a oportunidade de encontrar outro grupo especial de pessoas que, apesar do pouco tempo de convivência comigo, chegaram em um momento em que a finalização deste trabalho toma grande parte de minha vida e, por este motivo, muito me incentivaram para que a conclusão se realizasse. O meu agradecimento aos meus novos colegas do EJA da Escola Municipal Vereador Carlos Pessoa de Brum, em especial ao Cristiano, meu parceiro de todas as horas.

Antes de encerrar, devo ainda agradecer, de coração, às crianças Bárbara, Vitor, Ana, Leonardo, Gabriel e Gabriela, bem como a suas famílias, que permitiram a mim e às demais pesquisadoras do CEAAL que coletassem os dados de seus

filhos, fazendo parte de suas vidas em um momento tão especial como é o período da aquisição da linguagem por uma criança. A todos vocês o meu respeito e infinita gratidão.

Por fim, devo agradecer à agência CAPES, que financiou parte desta pesquisa, auxílio imprescindível não só aqui como para a pesquisa brasileira em todas as áreas.

Agradeço a Deus por ter uma família tão especial e ter tantos amigos fiéis no meu caminho: eles foram mestres, companheiros e incentivadores deste trabalho e certamente o continuarão sendo por toda a minha vida.

MUITO OBRIGADA A TODOS!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	29
1.1 Definição de léxico	29
1.2 Aquisição do léxico.....	30
1.3 A explosão do vocabulário	35
1.4 A atuação da hipótese do viés nominal.....	43
2 METODOLOGIA	51
2.1 Tipo de pesquisa	51
2.2 População e amostra.....	51
2.3 Classificação dos dados.....	54
2.3.1 Tipos e ocorrências.....	54
2.3.2 Classes gramaticais	61
2.4 Apresentação dos dados.....	65
2.5 Análise estatística	66
3 INFORMANTE 1: ANA	68
3.1 Explosão de vocabulário	69
3.1.1 Relação entre tipos e ocorrências.....	70
3.1.2 Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais.....	75
3.1.2.1 Por entrevista	76
3.1.2.2 No <i>corpus</i>	86
3.1.3 Análise semestral.....	88
3.1.3.1 Relação entre tipos e ocorrências	88
3.2 Hipótese do viés nominal	94
3.2.1 Tipos e ocorrências.....	95
3.2.1.1 Tipos.....	95
3.2.1.2 Ocorrências	102

3.2.2	Análise semestral.....	106
3.2.2.1	Substantivos.....	107
3.2.2.2	Verbos.....	115
3.3	Considerações finais (Ana).....	120
4	INFORMANTE 2: LEONARDO.....	122
4.1	Explosão de vocabulário.....	122
4.1.1	Relação entre tipos e ocorrências.....	124
4.1.2	Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais.....	128
4.1.2.1	Por entrevista.....	129
4.1.2.2	No <i>corpus</i>	143
4.1.3	Análise semestral.....	145
4.1.3.1	Relação entre tipos e ocorrências.....	145
4.2	Hipótese do viés nominal.....	151
4.2.1	Tipos e ocorrências.....	151
4.2.1.1	Tipos.....	151
4.2.1.2	Ocorrências.....	161
4.2.2	Análise semestral.....	165
4.2.2.1	Substantivos.....	165
4.2.2.2	Verbos.....	174
4.3	Considerações finais (Leonardo).....	179
5	INFORMANTE 3: GABRIEL.....	182
5.1	Explosão de vocabulário.....	183
5.1.1	Relação entre tipos e ocorrências.....	184
5.1.2	Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais.....	189
5.1.2.1	Por entrevista.....	190
5.1.2.2	No <i>corpus</i>	198
5.1.3	Análise semestral.....	199
5.1.3.1	Relação entre tipos e ocorrências.....	200
5.2	Hipótese do viés nominal.....	205
5.2.1	Tipos e ocorrências.....	206
5.2.1.1	Tipos.....	206
5.2.1.2	Ocorrências.....	214
5.2.2	Análise semestral.....	219
5.2.2.1	Substantivos.....	220

5.2.2.2	Verbos	227
5.3	Considerações finais (Gabriel)	231
6	INFORMANTE 4: GABRIELA.....	233
6.1	Explosão de vocabulário	233
6.1.1	Relação entre tipos e ocorrências.....	235
6.1.2	Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais.....	242
6.1.2.1	Por entrevista	242
6.1.2.2	No <i>corpus</i>	253
6.1.3	Análise semestral.....	255
6.1.3.1	Relação entre tipos e ocorrências	255
6.2	Hipótese do viés nominal	260
6.2.1	Tipos e ocorrências.....	261
6.2.1.1	Tipos.....	261
6.2.1.2	Ocorrências	271
6.2.2	Análise semestral.....	275
6.2.2.1	Substantivos	275
6.2.2.2	Verbos	281
6.3	Considerações finais (Gabriela)	286
7	COMPARAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS.....	289
7.1	Explosão de vocabulário	295
7.2	Hipótese do viés nominal	298
7.3	Considerações finais	302
8	CONCLUSÃO	303
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	308

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1: Número de tipos e ocorrências por entrevista em valores absolutos (Ana)	69
Gráfico 3.2: Relação de ocorrências e tipos por entrevista (Ana)	72
Gráfico 3.3: Tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Ana)	76
Gráfico 3.4: Ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Ana)	81
Gráfico 3.5: Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências (Ana).....	84
Gráfico 3.6: Distribuição de tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Ana)	87
Gráfico: 3.7: Distribuição de ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Ana)	87
Gráfico 3.8: Tipos com intervalos de seis meses (Ana)	89
Gráfico 3.9: Taxa de crescimento a partir da média de tipos/mês por intervalos de seis meses (Ana).....	90
Gráfico 3.10: Ocorrências em intervalos de seis meses (Ana).....	91
Gráfico 3.11: Taxa de crescimento a partir da média ocorrências/mês por intervalos de seis meses (Ana).....	92
Gráfico 3.12: Comparação entre tipos/ocorrências entrevistas semestrais (Ana).....	92
Gráfico 3.13: Comparação entre o crescimento de tipos e ocorrências em períodos semestrais (Ana)	93
Gráfico 3.14: Tipos de substantivos e verbos por entrevista (Ana)	95
Gráfico 3.15: Relação de tipos de substantivos e verbos (Ana).....	100
Gráfico 3.16: Ocorrências de substantivos e verbos por entrevista (Ana).....	103
Gráfico 3.17: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Ana).....	106

Gráfico 3.18: Tipos de substantivos em entrevistas semestrais (Ana)	108
Gráfico 3.19: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de substantivos em períodos semestrais (Ana)	108
Gráfico 3.20: Tipos de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Ana)	110
Gráfico 3.21: Ocorrências de substantivos em entrevistas semestrais (Ana)	111
Gráfico 3.22: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de substantivos em intervalos semestrais (Ana)	112
Gráfico 3.23: Ocorrências de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Ana)	113
Gráfico 3.24: Tipos de verbos em entrevistas semestrais (Ana)	115
Gráfico 3.25: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de verbos em períodos semestrais (Ana)	116
Gráfico 3.26: Ocorrências de verbos em entrevistas semestrais (Ana).....	117
Gráfico 3.27: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de verbos em períodos semestrais (Ana)	117
Gráfico 3.28: Relação entre tipos de substantivos e verbos (Ana).....	118
Gráfico 3.29: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Ana).....	119
Gráfico 4.1: Número de tipos e ocorrências por entrevista em valores absolutos (Leonardo).....	123
Gráfico 4.2: Relação de ocorrências e tipos por entrevista (Leonardo).....	126
Gráfico 4.3: Tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Leonardo).....	130
Gráfico 4.4: Ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Leonardo)	135
Gráfico 4.5: Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências (Leonardo).....	138
Gráfico 4.6: Distribuição de tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Leonardo).....	144
Gráfico 4.7: Distribuição de ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Leonardo)	144
Gráfico 4.8: Tipos com intervalos de seis meses (Leonardo).....	146
Gráfico 4.9: Taxa de crescimento a partir da média de tipos/mês por intervalos de seis meses (Leonardo).....	147
Gráfico 4.10: Ocorrências em intervalos de seis meses (Leonardo).....	148

Gráfico 4.11: Taxa de crescimento a partir da média ocorrências/mês por intervalo de seis meses (Leonardo)	148
Gráfico 4.12: Comparação entre tipos e ocorrências em entrevistas semestrais (Leonardo).....	149
Gráfico 4.13: Comparação entre o crescimento de tipos e ocorrências em períodos semestrais (Leonardo)	150
Gráfico 4.14: Tipos de substantivos e verbos por entrevista (Leonardo)	152
Gráfico 4.15: Relação de tipos de substantivos e verbos (Leonardo)	157
Gráfico 4.16: Ocorrências de substantivos e verbos por entrevista (Leonardo).....	161
Gráfico 4.17: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Leonardo)	164
Gráfico 4.18: Tipos de substantivos em entrevistas semestrais (Leonardo)	166
Gráfico 4.19: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de substantivos em períodos semestrais (Leonardo).....	166
Gráfico 4.20: Tipos de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Leonardo).....	168
Gráfico 4.21: Ocorrências de substantivos em entrevistas semestrais (Leonardo).	169
Gráfico 4.22: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de substantivos em intervalos semestrais (Leonardo)	170
Gráfico 4.23: Ocorrências de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Leonardo).....	171
Gráfico 4.24: Tipos de verbos em entrevistas semestrais (Leonardo)	174
Gráfico 4.25: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de verbos em períodos semestrais (Leonardo)	175
Gráfico 4.26: Ocorrências de verbos em entrevistas semestrais (Leonardo).....	175
Gráfico 4.27: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de verbos em períodos semestrais (Leonardo).....	176
Gráfico 4.28: Relação entre tipos de substantivos e verbos (Leonardo).....	177
Gráfico 4.29: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Leonardo)	178
Gráfico 5.1: Número de tipos e ocorrências por entrevista, em valores absolutos (Gabriel)	184
Gráfico 5.2: Relação de ocorrências e tipos por entrevista (Gabriel)	188
Gráfico 5.3: Tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Gabriel)	190

Gráfico 5.4: Ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Gabriel)	194
Gráfico 5.5: Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências (Gabriel)	197
Gráfico 5.6: Distribuição de tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Gabriel)	198
Gráfico 5.7: Distribuição de ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Gabriel)	199
Gráfico 5.8: Tipos com intervalos de seis meses (Gabriel)	200
Gráfico 5.9: Taxa de crescimento a partir da média de tipos/mês por intervalos de seis meses (Gabriel)	201
Gráfico 5.10: Ocorrências em intervalos de seis meses (Gabriel).....	202
Gráfico 5.11: Taxa de crescimento a partir da média ocorrências/mês por intervalos de seis meses (Gabriel)	203
Gráfico 5.12: Comparação entre tipos e ocorrências em entrevistas semestrais (Gabriel)	203
Gráfico 5.13: Comparação entre o crescimento de tipos e ocorrências em períodos semestrais (Gabriel)	204
Gráfico 5.14: Tipos de substantivos e verbos por entrevista (Gabriel)	206
Gráfico 5.15: Relação de tipos de substantivos e verbos (Gabriel).....	212
Gráfico 5.16: Ocorrências de substantivos e verbos por entrevista (Gabriel)	215
Gráfico 5.17: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Gabriel).....	218
Gráfico 5.18: Tipos de substantivos em entrevistas semestrais (Gabriel).....	220
Gráfico 5.19: Taxa de crescimento a partir da média de tipos dos substantivos em períodos semestrais (Gabriel)	220
Gráfico 5.20: Tipos de substantivos e pron. substantivos por entrevista (Gabriel)..	221
Gráfico 5.21: Ocorrências de substantivos em entrevistas semestrais (Gabriel) ...	223
Gráfico 5.22: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de substantivos em intervalos semestrais (Gabriel).....	223
Gráfico 5.23: Ocorrências de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Gabriel)	224
Gráfico 5.24: Tipos de verbos em entrevistas semestrais (Gabriel)	227
Gráfico 5.25: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de verbos em períodos semestrais (Gabriel)	228

Gráfico 5.26: Ocorrências de verbos em entrevistas semestrais (Gabriel)	228
Gráfico 5.27: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de verbos em períodos semestrais (Gabriel)	229
Gráfico 5.28: Relação entre tipos de substantivos e verbos (Gabriel).....	230
Gráfico 5.29: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Gabriel).....	230
Gráfico 6.1: Número de tipos e ocorrências por entrevista em valores absolutos (Gabriela)	235
Gráfico 6.2: Relação de ocorrências e tipos por entrevista (Gabriela)	238
Gráfico 6.3: Tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Gabriela)	242
Gráfico 6.4: Ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Gabriela)	249
Gráfico 6.5: Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências (Gabriela)	253
Gráfico 6.6: Distribuição de tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Gabriela)	254
Gráfico 6.7: Distribuição de ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Gabriela)	254
Gráfico 6.8: Tipos com intervalos de seis meses (Gabriela)	255
Gráfico 6.9: Taxa de crescimento a partir da média tipos/mês por intervalos de seis meses (Gabriela).....	257
Gráfico 6.10: Ocorrências em intervalos de seis meses (Gabriela).....	258
Gráfico 6.11: Taxa de crescimento a partir da média ocorrências/mês por intervalos de seis meses (Gabriela).....	258
Gráfico 6.12: Comparação entre tipos e ocorrências em entrevistas semestrais (Gabriela)	259
Gráfico 6.13: Comparação entre o crescimento de tipos e ocorrências em períodos semestrais (Gabriela)	260
Gráfico 6.14: Tipos de substantivos e verbos por entrevista (Gabriela)	261
Gráfico 6.15: Relação de tipos de substantivos e verbos (Gabriela).....	269
Gráfico 6.16: Ocorrências de substantivos e verbos por entrevista (Gabriela)	272
Gráfico 6.17: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Gabriela).....	274
Gráfico 6.18: Tipos de substantivos em entrevistas semestrais (Gabriela).....	275

Gráfico 6.19: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de substantivos em períodos semestrais (Gabriela)	277
Gráfico 6.20: Tipos de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Gabriela)	278
Gráfico 6.21: Ocorrências de substantivos em entrevistas semestrais (Gabriela) ..	279
Gráfico 6.22: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de substantivos em intervalos semestrais (Gabriela).....	279
Gráfico 6.23: Ocorrências de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Gabriela)	280
Gráfico 6.24: Tipos de verbos em entrevistas semestrais (Gabriela)	282
Gráfico 6.25: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de verbos em períodos semestrais (Gabriela)	283
Gráfico 6.26: Ocorrências de verbos em entrevistas semestrais (Gabriela)	284
Gráfico 6.27: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de verbos em períodos semestrais (Gabriela)	284
Gráfico 6.28: Relação entre tipos de substantivos e verbos (Gabriela).....	285
Gráfico 6.29: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Gabriela).....	286
Gráfico 7.1: Total de tipos e ocorrências por informante	290
Gráfico 7.2: Média de tipos e ocorrências por entrevista de cada informante	291
Gráfico 7.3: Relação de tipos e ocorrências por informante em relação ao total e às médias por entrevista	292
Gráfico 7.4: Distribuição dos tipos por informante nas entrevistas selecionadas	296
Gráfico 7.5 Distribuição das ocorrências por informante entrevistas selecionadas.	298
Gráfico 7.6: Relação entre substantivos e verbos em termos de tipos nas entrevistas selecionadas	299
Gráfico 7.7: Relação entre substantivos e verbos em termos de ocorrências nas entrevistas selecionadas	301

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1: Entrevistas utilizadas por idade (Ana)	68
Quadro 3.2: Palavras mais freqüentes por entrevista (Ana).....	73
Quadro 3.3: Palavras de conteúdo e palavras gramaticais mais freqüentes por período (Ana)	79
Quadro 3.4: Palavras mais freqüentes no <i>corpus</i> (Ana).....	80
Quadro 3.5: Palavras mais freqüentes em cada categoria por entrevista (Ana)	83
Quadro 3.6: Tipos de substantivos por entrevista (Ana)	97
Quadro 3.7: Tipos de verbos por entrevista (Ana).....	99
Quadro 3.8: Tipos conforme faixa etária e tamanho do vocabulário (Ana)	101
Quadro 3.9: Ocorrências de substantivos por período (Ana)	104
Quadro 3.10: Ocorrências de verbos por entrevista (Ana)	105
Quadro 3.11: Substantivos e verbos mais freqüentes por entrevista (Ana)	107
Quadro 3.12: Pronomes substantivos mais freqüentes por entrevista (Ana)	115
Quadro 4.1: Entrevistas utilizadas por idade (Leonardo)	123
Quadro 4.2: Palavras mais freqüentes por entrevista (Leonardo).....	127
Quadro 4.3: Palavras de conteúdo e palavras gramaticais mais freqüentes por período (Leonardo).....	133
Quadro 4.4: Palavras mais freqüentes no <i>corpus</i> (Leonardo).....	136
Quadro 4.5: Palavras freqüentes em cada categoria por entrevista (Leonardo)	137
Quadro 4.6: Tipos de substantivos por entrevista (Leonardo).....	154
Quadro 4.7: Tipos de verbos por entrevista (Leonardo).....	156
Quadro 4.8: Tipos conforme faixa etária e tamanho do vocabulário (Leonardo).....	159
Quadro 4.9: Ocorrências de substantivos por período (Leonardo).....	163
Quadro 4.10: Ocorrências de verbos por período (Leonardo).....	163
Quadro 4.11: Substantivos e verbos mais freqüentes por entrevista (Leonardo)....	165
Quadro 4.12: Pronomes substantivos mais freqüentes por entrevista (Leonardo)..	173

Quadro 5.1: Entrevistas utilizadas por idade (Gabriel).....	183
Quadro 5.2: Palavras mais freqüentes por entrevista (Gabriel).....	187
Quadro 5.3: Pronomes falados por Gabriel nas entrevistas 1 e 25	192
Quadro 5.4: Palavras freqüentes no <i>corpus</i> (Gabriel).....	193
Quadro 5.5: Palavras mais freqüentes em cada categoria por entrevista (Gabriel)	195
Quadro 5.6: Tipos de substantivos por entrevista (Gabriel)	210
Quadro 5.7: Tipos de verbos por entrevista (Gabriel)	211
Quadro 5.8: Tipos conforme faixa etária e tamanho do vocabulário (Gabriel)	213
Quadro 5.9: Ocorrências de substantivos por período (Gabriel)	216
Quadro 5.10: Ocorrências de verbos por período (Gabriel)	217
Quadro 5.11: Substantivos e verbos mais freqüentes por entrevista (Gabriel)	219
Quadro 5.12: Pronomes substantivos mais freqüentes por entrevista (Gabriel)	227
Quadro 6.1: Entrevistas utilizadas por idade (Gabriela).....	234
Quadro 6.2: Palavras mais freqüentes por entrevista (Gabriela).....	240
Quadro 6.3: Palavras de conteúdo e palavras gramaticais mais freqüentes por período (Gabriela)	247
Quadro 6.4: Palavras freqüentes no <i>corpus</i> (Gabriela).....	249
Quadro 6.5: Palavras freqüentes em cada categoria por entrevista (Gabriela).....	252
Quadro 6.6: Tipos de substantivos por entrevista (Gabriela)	266
Quadro 6.7: Tipos de verbos por entrevista (Gabriela)	268
Quadro 6.8: Tipos conforme faixa etária e tamanho do vocabulário (Gabriela)	270
Quadro 6.9: Ocorrências de substantivos por período (Gabriela)	274
Quadro 6.10: Ocorrências de verbos por período (Gabriela)	274
Quadro 6.11: Substantivos e verbos mais freqüentes por entrevista (Gabriela)	276
Quadro 6.12: Pronomes substantivos mais freqüentes por entrevista (Gabriela) ...	282
Quadro 7.1: Distribuição dos dados por informante	289
Quadro 7.2: Entrevistas selecionadas para comparação	295

RESUMO

O presente estudo integra-se às pesquisas realizadas no CEAAL - Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem da PUCRS, discutindo a aquisição do léxico por crianças falantes de português brasileiro. Especificamente, este estudo visa a responder sobre a existência do fenômeno de explosão de vocabulário (e a idade em que o mesmo acontece) e a atuação da hipótese do viés nominal durante a aquisição lexical inicial nesta língua específica.

Para isso, foram analisados dados coletados em áudio de quatro crianças monolíngues, com idades entre um e três anos, de forma longitudinal. Esses dados foram transcritos, classificados e analisados lingüística e estatisticamente, a fim de caracterizar o léxico inicial destas crianças.

No que se refere à explosão de vocabulário, constatou-se que a maioria das crianças estudadas apresentou esse período de crescimento vertiginoso no número de itens lexicais em torno dos dois anos de idade, quando seus vocabulários variavam entre 0-100 palavras. Caracteristicamente, este fenômeno foi marcado por um aumento nas palavras de conteúdo, em especial da classe dos substantivos.

Quanto à hipótese do viés nominal, os dados desta pesquisa apontam para a atuação da versão fraca desta hipótese, caracterizada pela prevalência de substantivos em relação aos verbos nos períodos iniciais de aquisição lexical.

Com isso, corroboram-se os achados descritos na literatura para outras línguas, em especial as ocidentais, e busca-se ampliar a discussão da aquisição lexical através de dados do português brasileiro que possam fomentar a discussão a respeito do que é universal e do que é específico de cada língua no processo de aquisição da linguagem.

ABSTRACT

The present investigation is part of the body of research carried out at CEEAL – Centro de Estudo sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem at PUCRS, as it discusses the lexical acquisition by children acquiring Brazilian Portuguese. More specifically, this study aims to discuss the existence of a vocabulary spurt and the age at which it occurs, as well as the noun bias hypothesis in the initial lexical acquisition of this language.

Given the aforementioned goals, audio data were collected longitudinally from four monolingual children aged one to three. The data were transcribed, classified and analyzed both linguistically and statistically, so that the initial lexical of the informants could be characterized.

As for the hypothesis of a vocabulary spurt, most of the participants presented a considerable growth in their number of lexical items at the age of two, when their vocabulary range varied from 0 to 100 words. This phenomenon was characterized by a growth in the number of content words, specially nouns.

With regard to the noun bias hypothesis, our data show the effects of its weak version, according to which nouns outnumber verbs in the initial stages of lexical acquisition.

Our results corroborate the discoveries found in the acquisition of other languages, mainly the occidental ones, and contribute to the discussion on the universal and the language-specific aspects of language acquisition.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa sobre Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, que vem sendo desenvolvida desde 1983, por iniciativa do casal Feryal e Mehmet Yavas. Scliar-Cabral (2003, p. 5-6) lembra que M. Yavas destacou-se, sobretudo, como fonólogo, preocupado tanto com o desenvolvimento normal quanto patológico, enquanto F. Yavas, embora se dedicasse também a outros temas, deixou sua marca principalmente na linha das pesquisas sobre consciência metafonológica. Ambos ainda conduziram pesquisas sobre a aquisição bilíngüe.

A partir dessa data, esta tendência pelos vários aspectos que permeiam a aquisição e o desenvolvimento da linguagem se aprofundou e se expandiu. Lamprecht (2003), em artigo que comemora os vinte anos de pesquisas em Aquisição da Linguagem na PUCRS, relata que muitas pesquisas foram realizadas dentro dessa linha, sobre temas como fonologia, consciência fonológica, metáfora, sintaxe, semântica, língua de sinais, bilingüismo e fala dirigida à criança pequena.

A presente pesquisa, ao se inserir nesta linha, vem ampliar o escopo dos estudos sobre Aquisição da Linguagem realizados na PUCRS, debruçando-se sobre a aquisição do léxico.

O léxico, diferentemente da morfologia, da sintaxe ou da fonologia, é um sistema aberto, com permanente possibilidade de ampliação. Na verdade, a tarefa de adquirir o inventário lexical de uma língua é tarefa impossível, por dois motivos, um individual, que se refere ao falante, e um social, que considera a comunidade lingüística como um todo.

Do ponto de vista individual, a própria limitação de memória do falante e a questão pragmática de uso da língua faz com que cada indivíduo utilize, para sua comunicação, somente um pequeno acervo do vocabulário de sua língua. O

professor Antônio Houaiss (1990), na Conferência de Abertura do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia, salienta a relação caótica entre o tamanho do léxico das línguas modernas e a capacidade de memorização do indivíduo. Fazendo um retrospecto muito rápido da evolução do tamanho do vocabulário ao longo da evolução humana, o professor projeta que, no imenso período de tempo em que a humanidade foi ágrafa, o léxico das línguas não devia ultrapassar 3.000 palavras. As culturas de canto mnemônico talvez tenham alcançado um vocabulário de 8.000 palavras. Com o advento da escrita, as línguas alcançam um acervo lexical de 50 mil palavras, chegando a 90 mil em meados do século XIX. Os léxicos das grandes línguas de cultura moderna, segundo o professor, giram entre 400 a 450 mil palavras, com a inclusão de um sem-fim de termos técnicos gerados pelas novas profissões surgidas no último século. “Essa – dir-se-ia- brutal, melhor, notável, sensacional, estupenda, estúpida, estapafúrdia floração é, de novo, um ônus aparentemente caótico que pesa sobre a memória humana, por mais que amparada por recursos físicos, mecânicos, eletrônicos e cibernéticos.” De acordo com J. Rey-Debove (1998), o vocabulário de uma “língua de civilização” (como o francês, o inglês, ou o português) ultrapassa 200.000 palavras, sem se considerar os nomes próprios. O léxico de um usuário medianamente culto será de 10% deste total (cerca de 20.000 vocábulos). Por esses dados, se pode observar a enorme diferença entre a competência do indivíduo e o acervo léxico de sua língua.

Já do ponto de vista social, da língua como um todo, o léxico também é dinâmico, uma vez que a incorporação de novas palavras ao idioma é fato constante. O léxico é reflexo da sociedade em que vivemos. A cada dia, com o aparecimento de novos objetos, novos conceitos e novas situações, o vocabulário da língua se amplia, para que seus falantes possam se comunicar a respeito destes novos fatos. Resgatando novamente as palavras do professor Houaiss (1990), podemos entender esse dinamismo do léxico através do conhecimento que se dispõe a respeito do “fazer” humano.

Há cerca de 10 mil anos, a divisão do trabalho criou cerca de duas dezenas de profissões. Em torno do século VI d.C., o léxico grego e latino contemplava 55 profissões. No início do século XVIII registram-se 90 ocupações, sendo esse número elevado a mais de 400 em meados do século XIX. Em 1963, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) elaborou um catálogo que reunia 24 mil profissões que, segundo o professor, já deveriam ser

mais de 30 mil em 1990. Segundo o raciocínio de Houaiss, “se cada uma dessas trinta mil novas profissões tivesse gerado dez neologias, haveria a partir de meados do século XIX a gestão de trezentas mil palavras.”

Se adquirir o léxico de uma língua na sua totalidade é tarefa impossível, estudá-lo é igualmente complicado. Dois são os principais problemas desse empreendimento. O primeiro refere-se justamente ao fato de o léxico ser um sistema aberto, em constante ampliação. O segundo trata da impossibilidade de acesso do pesquisador ao léxico mental do falante, ou seja, ao que ele realmente conhece do vocabulário de sua língua. Somente temos acesso a um pequeno recorte deste universo, através da fala (ou da escrita), que representa a única fonte de acesso à língua.

Mas, então, como e por que estudar o léxico de uma língua?

A partir da década de 50, começa a surgir no âmbito da Lingüística uma ciência multidisciplinar, a Estatística Lingüística. Essa nova disciplina tenta relacionar os fatos observados na fala com os fatos da língua através da análise quantitativa da linguagem. Dentro dessa linha, tem-se conseguido abundantes e eficazes resultados em diversas línguas, o que possibilitou a generalização dos mesmos através de conclusões de natureza universal. O que os estudos com base na Estatística Lingüística preconizam é que, por mais livre que possa parecer a escolha do falante na seleção dos elementos de sua fala, há um grande número de predeterminações que são condicionadas pela língua em questão e alheias à interferência do indivíduo. Dessa forma, se o lingüista manipular uma ampla gama de dados de uma língua, a análise de seus dados indicará que é possível prever os fonemas, grafemas, vocábulos e unidades gramaticais que irão ocorrer no discurso de qualquer usuário daquela língua (Biderman¹, 2001, p. 4-6). Deve-se à adoção dessa linha teórica o caráter quantitativo e estatístico desta pesquisa.

Se é possível estudar o léxico através da Estatística Lingüística, é preciso ainda explicitar por que o estudo desse nível é importante dentro da aquisição da linguagem. Na verdade, este estudo surgiu da necessidade de se ter em mãos dados sobre a freqüência das palavras em português. Embora existam alguns trabalhos sobre o léxico do português brasileiro (PB), a maioria deles é baseada no léxico adulto e/ou na linguagem escrita (Albano *et al.*, 1998; Teixeira, 2000,

¹ Rendo aqui a minha homenagem à Maria Tereza Camargo Biderman, que muito contribuiu para os estudos do léxico em língua portuguesa e que recentemente nos deixou. Sua contribuição para a realização deste estudo certamente foi inestimável.

Biderman, 2001). Estudos a respeito do léxico infantil são escassos e, muitas vezes, inacessíveis². Os resultados de trabalhos deste tipo, no entanto, podem ser de grande valia, não só para a aquisição da linguagem como também para a caracterização do português como um todo e para a terapia fonoaudiológica. Com base nas características do léxico (frequência, densidade de vizinhança, idade de aquisição, classificação dos lexemas, distribuição das classes gramaticais no vocabulário, entre outros tantos parâmetros que podem ser pesquisados) é possível, por exemplo, estabelecer metas para tratamento fonoaudiológico (Gierut e Morissette, 2002) e prever ambientes favorecedores para a aquisição (Storkel, 2001) e o reconhecimento de palavras (Vitevitch e Luce, 1999); desenvolver listas de vocabulário para testes e medidas audiológicas (Frota e Sampaio, 1998; Fleischmann, 2000); e obter mapas de vocabulário inicial como referência para testagem e acompanhamento da evolução da terapia (Bastos, Ramos, Marques, 2004).

A partir desses antecedentes, justifica-se a presente pesquisa, que terá como objetivo descrever a aquisição do léxico do português a partir da coleta longitudinal de dados de quatro crianças em fase de aquisição da linguagem (entre 1:0 e 3:0 anos).

Como a descrição do léxico infantil é trabalho muito amplo de ser realizado, estabeleceram-se algumas questões, com base nas leituras realizadas a respeito da aquisição lexical em outras línguas, que nortearão este trabalho.

A primeira questão diz respeito à explosão do vocabulário.³ Há, na literatura a respeito do tema, muita controvérsia no que se refere à existência ou não desse fenômeno durante a aquisição lexical. Ou seja, discute-se se há ou não um período em que a criança passa, repentinamente, de um repertório de poucas palavras para a aquisição vertiginosa de muitos vocábulos por dia; como se caracterizaria este período; se ele acontece em todas as línguas e com todas as crianças e, se sim, em que período da aquisição ele ocorre.

² Em Português, podemos citar o trabalho de Pinheiro (s.d.), que postulou uma lista de frequência de palavras a partir de livros de histórias infantis, do qual não se tem publicação conhecida; o trabalho de Befi-Lopes (2000), que propõe um teste de vocabulário, mas do qual não se tem acesso aos dados originais, somente aos trabalhos subseqüentes; os trabalhos de Teixeira, que possui autorização para a adaptação do CDI MacArthur para o português, mas que ainda está em fase de elaboração; e o trabalho de um grupo que vem se reunindo em torno da Profa. Maria Alice Parente, mas que se debruça sobre o léxico mental, ou seja, nenhum deles com as mesmas características e/ou foco do trabalho aqui proposto.

³ Em inglês, *vocabulary spurt*.

A segunda questão que norteia este trabalho refere-se à verificação da atuação da hipótese do viés nominal⁴ no português brasileiro. Este é outro tema bastante discutido na literatura mundial a respeito da aquisição lexical. A hipótese do viés nominal prevê a necessidade de a criança possuir um certo número de substantivos para que possa adquirir verbos e outras classes de palavras. Embora se sustente para muitas línguas ocidentais, tal hipótese tem sido discutida à luz de estudos que descrevem outras línguas, como o mandarim, o tsetal e o italiano, por exemplo. Estabelecer a atuação dessa hipótese e seu alcance no português brasileiro, bem como sua relação com as características dessa língua específica é, pois, outro objetivo que este estudo busca alcançar.

A fim de responder a estas questões, o trabalho a seguir encontra-se assim dividido.

Na primeira parte, faz-se uma revisão a respeito da literatura sobre o tema, enfatizando o processo de aquisição do léxico, as características do vocabulário do português brasileiro, os estudos a respeito da explosão do vocabulário em diversas línguas e a atuação da hipótese do viés nominal em línguas específicas.

A segunda parte descreve a metodologia aplicada a este estudo, explicitando o tipo de pesquisa realizado e dando características a respeito do *corpus* e do método de coleta de dados. Além disso, procura deixar claras as decisões tomadas a respeito da classificação dos dados para a descrição e a análise e as justificativas pelas quais tais decisões foram tomadas. Contempla, ainda, a descrição da análise estatística a ser utilizada no tratamento dos dados.

A terceira parte do trabalho apresenta a descrição e a análise dos dados individualmente e a comparação dos resultados obtidos para o grupo de informantes. A análise individual é realizada ao longo de quatro capítulos e contempla o desenvolvimento observado em cada um dos sujeitos da pesquisa, além de informar sobre as características e particularidades dos mesmos. O quinto capítulo desta terceira parte do trabalho reúne os dados dos quatro informantes através da análise de entrevistas por faixa etária, buscando responder às questões propostas nesta tese, a saber, a existência ou não do fenômeno da explosão de vocabulário (e, se há, em que período o mesmo ocorre) e a atuação da hipótese do viés nominal na aquisição lexical do português brasileiro .

⁴ Em inglês, *noun bias hypothesis*. Traduzida pela autora na falta de um termo consagrado na literatura sobre o português.

A quarta parte aponta as considerações finais deste trabalho e sugere a realização de outras pesquisas, não só ampliando os resultados desta, como em outras áreas da descrição da aquisição lexical do português.

Desta forma, pretende-se contribuir para os estudos sobre a aquisição da linguagem no português, ampliando o escopo das pesquisas realizadas no CEAAL (Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem), bem como contribuir para a descrição do português em sentido mais amplo, através da descrição de seu léxico. Além disso, espera-se que esta pesquisa (e outras que certamente se debruçarão sobre as características do vocabulário do português brasileiro) sirva como base para estudos nas áreas da fonologia clínica, da consciência fonológica, da alfabetização e da fonoaudiologia, entre outras.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Definição de léxico

De acordo com a definição tradicional (Gonçalves, 1977), o léxico é o conjunto de palavras de uma língua. Segundo Biderman (2001), o léxico, ao contrário de outros subsistemas da língua, caracteriza-se por ser “aberto com permanente possibilidade de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade lingüística.” (p.12). Por esta característica, é notória a dificuldade em se estudar o léxico de uma língua, uma vez que ele não pode ser apreendido em sua totalidade e, por isso, sua descrição também se torna incompleta.

Segundo Oliveira e Isquerdo (2001), o léxico representa o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constituindo-se “no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural” (p. 9). Essa relação entre léxico e cultura é apontada por vários autores que estudam as ciências do léxico. Biderman (op. cit.) assim define essa relação: “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades” (p. 179). Oliveira e Isquerdo (op. cit) apontam que o léxico é o nível da língua que deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma sociedade, bem como as inovações tecnológicas e as transformações sócio-econômicas e políticas nela ocorridas. Sendo assim, concluem as autoras, “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade”. (p. 9)

Vilela (1994) salienta que o léxico é sempre a codificação de um saber partilhado, embora possa ser visto sob duas perspectivas: uma cognitivo-representativa e uma comunicativa. Do ponto de vista cognitivo-representativo, o

autor define léxico como “a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma comunidade lingüística”. Já do ponto de vista comunicativo, léxico “é o conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística se comunicam entre si”. (p.17) O autor distingue, ainda, o léxico, que é geral e social, conjunto das palavras fundamentais de uma língua; do vocabulário, conjunto de vocábulos de uma comunidade lingüística realmente existente em um tempo e lugar determinados, particular e individual⁵.

1.2 Aquisição do léxico

Adquirir uma língua significa apropriar-se de um sistema que é compartilhado pelos falantes de uma dada comunidade lingüística. Sabe-se que essa apropriação constitui-se em um processo bastante complexo, uma vez que a criança precisa adquirir vários sub-sistemas da língua para poder se comunicar. Embora funcionem conjuntamente e sofram influências mútuas durante o período de aquisição da linguagem, esses subsistemas podem ser didaticamente divididos. Assim, podemos proceder ao estudo da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica, da pragmática ou do léxico de uma língua.

De acordo com Biderman (2001), ao adquirir uma língua o sujeito se depara com duas forças distintas: as coerções impostas pelo sistema lingüístico e sua liberdade relativa em servir-se dos elementos da língua. Em alguns subsistemas, essa liberdade será reduzida (como no domínio fonológico ou morfológico), enquanto em outros (como o domínio sintático e lexical) ela será mais livremente exercida.

Essa relatividade em relação à liberdade de escolha do falante com relação ao uso dos elementos lingüísticos caracteriza as duas faces da aquisição da linguagem. Por um lado, o sujeito precisa incorporar uma gramática ou um sistema de regras, enquanto que, de outro lado, necessita apropriar-se do léxico, representado pelo vocabulário de sua língua.

⁵ Embora se considere pertinente e importante essa distinção para os estudos sobre o léxico, e se compreenda aqui que este trabalho se debruce sobre o vocabulário de quatro crianças para determinar características do léxico infantil do português brasileiro, durante a tese estes dois termos serão utilizados indistintamente.

Com relação à gramática, é possível afirmar que um indivíduo normal adquire sua competência lingüística completa aproximadamente no início da adolescência. Com relação ao léxico, no entanto, nenhum falante de qualquer língua jamais será plenamente competente. Isto porque a gramática é um sistema fechado e o léxico constitui-se em um sistema aberto.

Gonçalves (1977, p. 37-38) também divide a aquisição da língua em seus componentes gramaticais e lexicais. Segundo a autora, enquanto a gramática é um sistema fechado, composto pelas regras de combinação entre os elementos significantes, o léxico constitui-se num sistema aberto, sendo o elemento lingüístico que mais sofre variações na língua. A gramática, por outro lado, é praticamente estática, sendo o acréscimo ou diminuição de seus elementos responsável por gerar uma mudança no sistema da língua.

Vilela (1994) salienta ainda que, embora tradicionalmente se caracterize o léxico como um sistema aberto e infinito e a gramática como um sistema fechado e finito, tal divisão no momento da inventariação das unidades pode trazer dificuldades, principalmente ao se levar em conta questões diacrônicas, pelas quais um elemento gramatical pode se lexicalizar ou, de forma contrária, um elemento lexical se gramaticalizar.

Apesar dessas características, que conferem ao léxico uma certa liberdade em termos de aquisição de seus elementos, acredita-se que seja possível estabelecer certos padrões que são invariáveis para qualquer criança em qualquer língua. Os estudos ainda incipientes na área da aquisição lexical inicial buscam estabelecer esses padrões através da comprovação empírica fornecida pelos dados de fala infantil.

Dessa forma, Nelson (1973), em estudo pioneiro sobre o tema, ao descrever através de diário a aquisição lexical inicial de 18 crianças falantes de inglês, estabeleceu os seguintes parâmetros. Por volta dos 15 meses (mais especificamente entre 13 e 19 meses), o vocabulário das crianças girava em torno de dez palavras. Aos 20 meses, em média (entre 14 e 24 meses), o léxico já era de 50 palavras e aos 24 meses, a média de palavras produzidas pelas crianças do estudo era de 186 vocábulos (variando entre 28 e 436 palavras).

Fenson *et al.* (1993) encontrou dados semelhantes ao analisar o vocabulário de 1789 crianças coletados transversalmente através de listas de palavras. O vocabulário de dez palavras é referido por volta dos 13 meses (entre 8 e 16 meses),

subindo para 50 vocábulos em torno dos 17 meses (entre 10 e 24 meses). Aos dois anos, a média de palavras produzidas pelas crianças dos *corpus* era de 310 itens (variando entre 41 e 668 palavras).

As diferenças encontradas entre estes dois estudos podem ser atribuídas a questões de metodologia. Enquanto no trabalho de Nelson (1973) a coleta de dados foi longitudinal e com uma amostra relativamente pequena, no caso de Fenson *et al.* (1993) ela foi transversal e com um número bem maior de crianças. Além disso, no primeiro trabalho o método de utilização foi o diário, buscando uma coleta mais próxima da fala espontânea da criança, enquanto no segundo utilizaram-se listas de palavras para a coleta de dados, através do instrumento *Mac Arthur Communicative Development Inventories* (CDI)⁶. Barrett (1997) chama a atenção para o fato de que medidas do número de palavras produzidas pelas crianças de forma espontânea podem subestimar a velocidade de crescimento do vocabulário inicial, sendo as medidas de compreensão um parâmetro mais preciso para caracterizar o domínio do léxico infantil.

Note-se, ainda, na análise dos dois trabalhos, a enorme variação individual, ilustrada principalmente no número de palavras do vocabulário das crianças aos 24 meses, que vão de 28 a 668 palavras no âmbito geral. Essa variação indica que, embora seja possível postular padrões para a aquisição do léxico, a variação individual, assim como em outros subsistemas adquiridos pela criança durante a apropriação da linguagem, é muito grande⁷.

Nelson (1973) atribuiu essas variações a diferenças de estilo entre as crianças pesquisadas por ele. Segundo o autor, podem-se postular dois tipos de crianças quanto ao léxico: as referenciais, aquelas em que mais da metade do vocabulário composto pelas primeiras cinqüenta palavras refere-se a nomes de objetos, e as expressivas, que, ao contrário, apresentam menos de 50% de seu vocabulário das primeiras cinqüenta palavras composta por nomes de objetos.

⁶ Instrumento de coleta de dados a partir da resposta dos pais a respeito do conhecimento do vocabulário de seus filhos. É composto por dois formulários (um para a faixa etária de 8 a 16 meses – denominado Palavras e Gestos - e outro para crianças de 16 a 30 meses – denominado Palavras e Sentenças), elaborado por Fenson *et al.* (1993). Seu objetivo é fornecer informações sobre o curso do desenvolvimento lingüístico desde os primeiros sinais gestuais não-verbais até a expansão do vocabulário inicial e o início da gramática, sendo a princípio elaborado para fins de pesquisa e, posteriormente, para fins clínicos. Sua eficácia já foi comprovada em diversos estudos e os formulários passaram a ser adaptados para vários idiomas. No Brasil, a professora Doutora Elizabeth Reis Teixeira, da Universidade Federal da Bahia, recebeu autorização formal, em 1998, para executar a adaptação e normatização dos Inventários Evolutivos Infantis Mac Arthur para o português.

⁷ Para uma revisão a respeito das diferenças individuais na aquisição inicial da linguagem, consultar Bates, Dale e Thal (1997), sobre a variação individual na fonologia, ver Lamprecht *et al.*, 2004.

Barrett (1989) esclarece que o primeiro grupo orienta seus atos de fala aos objetos – pedem, chamam a atenção, comentam -, enquanto o segundo os orienta socialmente – brincam, manipulam, comentam sobre pessoas.

A idéia de que estas diferenças estilísticas individuais estejam relacionadas a diferentes habilidades tem sido proposta desde que Nelson (1973) introduziu a dicotomia entre referencial e expressivo. Snyder *et al.* (1981) encontraram uma correlação positiva entre o tamanho do vocabulário e uma alta proporção de nomes aos 1:1. Bates, Bretherton e Snyder (1988) consideraram a preferência inicial por nomes como um indicador de padrões lingüísticos mais avançados. Entretanto, estudos mais recentes mudaram a visão de que a preferência por nomes facilita um maior desenvolvimento da linguagem. Bates *et al.* (1994) e Pine *et al.* (1997) não encontraram relação entre um estilo referencial no início do desenvolvimento lexical e habilidades lingüísticas tardias. Lieven *et al.* (1992) não consideram o estilo referencial uma estratégia superior. Ao invés disso, sugerem que existem caminhos alternativos para adquirir linguagem, os quais são realmente efetivos.

Bates *et al.* (1994), em estudo realizado com 1803 crianças através do CDI Mac Arthur para o inglês, tentam buscar as relações existentes entre a composição e o desenvolvimento do vocabulário infantil com o estilo de cada criança. Ao analisar essa amostra, os autores replicam estudos anteriores com amostras menores que postulam uma variação entre um estilo referencial (ou holístico), com preponderância de substantivos comuns, e um estilo gramatical (ou analítico), onde prevaleceria o uso de palavras funcionais. Concluem que esses estilos são, na verdade, confundidos com mudanças na composição dos léxicos iniciais, que, segundo eles, podem ser descritas pela atuação de três “ondas” de reorganização:

1. Um aumento inicial na porcentagem de nomes comuns entre 0 e 100 palavras, seguido por um decréscimo proporcional;
2. Um aumento lento e linear dos verbos e outros predicativos, com um ganho substancial entre 100 e 400 palavras;
3. Um aumento não proporcional do uso de palavras gramaticais entre 0 e 400 palavras, seguido por um aumento brusco entre 400 e 680 palavras.

Pine *et al.* (1997) encontrou tendências similares. Durante o período no qual o vocabulário cresceu das 50 para as 100 palavras, houve um aumento expressivo nos nomes, na classe de outras palavras (que incluía os verbos) e em frases

congeladas. Durante o mesmo período, os termos onomatopéicos, os nomes próprios e os termos interativos (palavras com função social ou pragmática) decresceram significativamente.

Com base nesses resultados, é preciso ainda admitir que o curso de aprendizado lexical de todas as crianças exibe períodos de crescimento entre o linear e o não-linear, também comuns na aquisição de outros subsistemas da língua.⁸

Um dos períodos descritos na literatura que foge a este padrão de linearidade é, justamente, a explosão de vocabulário, caracterizada como um aumento súbito na aquisição de novas palavras durante o segundo ano de vida (Bloom, 1973; Nelson, 1973; Halliday, 1975, só para citar os estudos pioneiros nesta área).

Fenson *et al.* (1993) também chamaram a atenção para o fato de que, ao lado dessa análise quantitativa, era necessário descrever qualitativamente o desenvolvimento do léxico infantil, através de sua decomposição em termos de categorias gramaticais.

Em estudo pioneiro da utilização do CDI Mac Arthur, os autores concluíram que o desenvolvimento lexical infantil obedece a três tendências gerais⁹

1. uma maior proporção de substantivos comuns entre 0 – 100 palavras, estabilizando-se neste ponto e decaindo após a marca das 200 palavras;
2. um aumento na proporção de verbos entre os períodos de 50 – 100 palavras e 400 – 500 palavras, para estabilizar a partir daí;
3. um aumento no número de adjetivos a partir do período das 50 – 100 palavras.

Este duplo caráter dos estudos sobre a aquisição lexical guiou a escolha dos temas a serem discutidos nesta tese. Do ponto de vista quantitativo, buscou-se responder sobre a existência ou não do fenômeno da explosão de vocabulário durante o processo de aquisição no português brasileiro. Do ponto de vista qualitativo, se analisou a composição do vocabulário das crianças que faziam parte do *corpus* em termos de categorias gramaticais, para responder, em última instância, sobre a atuação da hipótese do viés nominal durante a aquisição lexical inicial do português brasileiro.

⁸ Para uma revisão a respeito dessas regressões na fonologia, ver Lamprecht *et al.* (2004).

⁹ Períodos semelhantes às “ondas” de reorganização descritas por Bates *et al.* (1994) discutidos anteriormente, que utilizou como base o mesmo *corpus* de estudo.

A fim de se mostrar um panorama dos estudos que vêm sendo realizados nesses dois sentidos, principalmente em outras línguas, passa-se, a seguir, à descrição de alguns trabalhos nessas áreas e seus resultados.

1.3 A explosão do vocabulário

A produção das primeiras palavras pela criança marca um acontecimento sem precedentes do ponto de vista cognitivo e social.

É a partir destas primeiras palavras, que costumam surgir por volta dos 12 meses de idade, que a criança estreia ou inicia¹⁰ sua interação com os demais membros de sua comunidade lingüística, estabelecendo uma interatividade em termos de comunicação não alcançada antes e inserindo-se definitivamente no seio de seu grupo social. Do ponto de vista cognitivo, a produção das primeiras palavras confere à criança a capacidade de gerenciar seu pensamento, organizando-o e extrapolando-o. É o marco inicial desta dualidade (pensamento e linguagem) indissociável já preconizada por vários autores consagrados (Piaget, 1986; Vygotsky, 2001).

Lingüisticamente, a produção das primeiras palavras marca o início do desenvolvimento de todos os sub-sistemas da língua no âmbito da produção. Em termos de léxico, estas primeiras palavras se referem a palavras sócio-pragmáticas, utilizadas para cumprir funções específicas em atividades de interação (como “oi”, “tchau”); expressões de afeto, caracterizadas pelas vocalizações iniciais que revelam os estados emocionais internos da criança; palavras presas ao contexto, produzidas em situações específicas e limitadas, (como “não”, utilizado para indicar algo que a criança sabe que não deve fazer); e/ou palavras referenciais, aquelas que designam objetos e eventos e/ou apontam para suas propriedades ou estados (como “mamãe”, “papai”, “mamá” – para se referir à mamadeira, e “titi” – para se referir ao bico, por exemplo).

A partir destas primeiras produções, o tamanho do vocabulário inicial das crianças começa a crescer lentamente até que, por volta dos 18 meses, atinge uma

¹⁰ Algumas culturas não se dirigem à criança antes desse ponto em que ela se mostra capaz de responder à interação dialógica. Embora não se acredite aqui na incapacidade comunicativa da criança antes deste marco inicial, enfatiza-se que é através da palavra falada que sua atividade comunicativa ganha o escopo destinado às interações dialógicas.

média de 50 palavras (fato comprovado empiricamente, por exemplo, pelos estudos de Nelson (1973); Yavas (1988); Fenson *et al.* (1993); Bloom, Tinker e Hofmeister (2001), entre outros, para diversas línguas)

Ao ultrapassar este período das 50 primeiras palavras, vários estudos comprovam que há um incremento substancial do número de palavras produzidas pela criança (ver referências nesta seção, para diversas línguas), denominado explosão de vocabulário.

A explosão de vocabulário (*vocabulary spurt*) caracteriza-se, então, pela mudança de uma aquisição inicialmente lenta e esporádica das primeiras palavras para uma velocidade mais rápida no aprendizado das mesmas.

Para o português brasileiro, Yavas (1988), ao realizar estudo sobre a aquisição da fonologia, indica que há um consenso entre os autores sobre a existência de três estágios distintos durante a aquisição: o pré-lingüístico (entre um mês e um ano), o da fonologia das cinquenta primeiras palavras (entre um ano e um ano e meio), e o da fonologia dos morfemas simples ou do desenvolvimento fonêmico (de um ano e meio a quatro anos).¹¹

Bastos, Ramos e Marques (2004), ao estabelecerem as limitações dos diversos métodos de coleta de dados para o estudo do léxico infantil¹² em um *corpus* de crianças falantes de português brasileiro, também apontam para a existência de períodos distintos na aquisição do léxico. De acordo com o resultado encontrado pelos autores após a análise de dados das quarenta crianças do estudo, divididas em 10 faixas etárias entre 1:0 e 2:6, observa-se um crescimento médio de quatro palavras por mês entre 1:4 e 1:6, enquanto entre 1:10 e 2:0 esse crescimento foi de 25 palavras por mês.

Apesar destes dados, na literatura a respeito da aquisição lexical inicial há controvérsias sobre a existência ou não da explosão de vocabulário, além de divergirem os dados a respeito da idade em que o mesmo ocorre nas diversas línguas estudadas.

Nelson (1973), em seu estudo pioneiro sobre a aquisição lexical inicial, já indica que nem todas as crianças apresentam explosão de vocabulário. Barrett (1989) também postula que, embora um número significativo de crianças apresentem um aumento súbito na velocidade de aquisição de novas palavras, este

¹¹ Note-se aqui a forte relação entre o desenvolvimento dos vários sub-sistemas da língua durante o período inicial de aquisição, conforme já citado anteriormente nesta seção.

¹² Ver detalhes deste trabalho no capítulo de Metodologia.

processo varia de criança para criança e que nem todas apresentam explosão de vocabulário.

Goldfield e Reznick (1990; 1992) coletaram dados de 18 crianças com idades iniciais a partir de 1;2, quando seus vocabulários giravam entre 0 e 20 palavras. Treze dos dezoito sujeitos apresentaram explosão de vocabulário, caracterizado pelos autores como o crescimento de dez ou mais palavras novas por três a cinco intervalos consecutivos de duas semanas e meia. Esse crescimento aconteceu quando o vocabulário produtivo das crianças girava em torno de 28 palavras (entre 15 e 48 palavras). As outras cinco crianças, no entanto, apresentaram uma velocidade de aquisição mais gradual, tendo adquirido entre 75 e 99 palavras no fim do estudo.

Assim, os autores postularam que, ao lado das crianças que apresentam a explosão de vocabulário, há outras, possivelmente em menor número, que têm o crescimento de seu léxico de forma gradual, sem um período de aumento substancial no número de palavras. Em resposta a esse estudo, Mervis e Bertrand (1995), estudando 32 crianças entre 1;3;25 e 1;8;2, concluíram que o fenômeno da explosão de vocabulário está presente em todas as crianças que apresentam um desenvolvimento normal. O que pode ocorrer é uma variabilidade, segundo os autores, quanto ao início desse processo. Assim, enquanto algumas crianças seriam “regulares”, ou seja, apresentariam a explosão de vocabulário por volta dos dois anos de idade, outras seriam consideradas “tardias” (*later spurters*), apresentando o fenômeno acima da idade esperada. Anisfeld, Gasparini, Hoberman e Rosemberg (1998), tentando estabelecer uma relação entre esse período de aceleração da aquisição lexical e o início da combinação entre as palavras, também encontraram crianças que apresentam um crescimento de tamanho de seus vocabulários em fases mais tardias do que a esperada pela literatura.

Bates, Dale e Thal (1997), explicando as variações individuais no vocabulário produtivo apresentado pelas 1803 crianças que fizeram parte do estudo normativo do *CDI Mac Arthur*, relataram que a variabilidade individual encontrada nos dados é relativamente pequena até os 12 meses de idade. Após esse período, o índice de variabilidade do tamanho dos vocabulários aumenta consideravelmente, devido ao fato de um crescimento muito rápido na incorporação de novas palavras por algumas crianças. Essa irregularidade persiste até aproximadamente os 30 meses, quando efeitos de teto começam a operar. Segundo as autoras, essa variabilidade individual

está relacionada ao fenômeno da explosão de vocabulário, caracterizado como um momento, durante o segundo ano de vida, no qual as crianças sofrem uma aceleração pronunciada no ritmo de aprendizagem das palavras. Ainda de acordo com as autoras, esse momento coincide com a passagem de um vocabulário de 50 para 100 palavras.

Essas diferenças também podem estar influenciadas pelo tipo de *input* que a criança recebe, de acordo com a língua que está adquirindo. Kim, McGregor e Thompson (2000), ao analisar um grupo de 16 crianças, 8 falantes de inglês e 8 falantes de coreano, entre 1;4 e 1;9, perceberam que o padrão de crescimento do vocabulário foi diferente para os dois grupos. Enquanto todos os 8 informantes do inglês apresentaram explosão de vocabulário antes ou na marca das 50 primeiras palavras, somente três falantes do coreano apresentaram esse comportamento. Para todos os falantes do inglês essa explosão foi nominal. Dois deles também apresentaram uma explosão de verbos quando o tamanho de seu vocabulário era superior a 100 palavras. Das oito crianças coreanas, duas apresentaram uma explosão nominal em torno da marca das 50 palavras e duas apresentaram uma explosão de verbos (uma quando seu vocabulário tinha uma média de 50 palavras e outra depois deste período). Além disso, enquanto a média de idade em que as crianças americanas atingiram um vocabulário de 50 palavras foi em torno de 1;7;08, para os coreanos isso só ocorreu aos 1;8;08. Os autores concluíram que, enquanto o fenômeno de explosão de vocabulário para as crianças falantes de inglês se reflete em uma explosão de nomeação, a grande maioria das crianças coreanas estudadas (seis) não apresentam um crescimento comparável em relação aos nomes, embora metade delas (quatro) tenha apresentado a explosão de vocabulário.

Kauschke e Hofmeister (2001) resumem os achados de diversos estudos a respeito da aquisição lexical em cinco tipos de crescimento do vocabulário.

1. um crescimento rápido e acentuado (Goldfield e Reznick, 1990; Bloom, 1993; Robinson e Mervis, 1998; Dromi, 1999);
2. um padrão alternativo, onde co-ocorreriam intervalos de explosão mais ou menos extensos com momentos de estagnação do crescimento (Clark, 1993; Menyuk, Liebergott e Schultz, 1995; Goldfield e Reznick, 1996; Anisfeld, Gasparini, Hoberman e Rosenberg, 1998; Robinson e Mervis, 1990);

3. uma fase de explosão estendida (Goldfield e Reznick, 1990);
4. um crescimento exponencial (Bates, Dale e Thal, 1997);
5. um desenvolvimento gradual e linear (Goldfield e Reznick, 1990; Bloom, 1993; Fenson *et al.*, (1993)¹³.

Apesar desta divisão em cinco tipos proposta pelos autores, ousa-se dividir os estudos que se debruçam sobre o crescimento do vocabulário infantil em dois grandes grupos: aqueles que acreditam que a explosão de vocabulário é um fenômeno universal e que, portanto, ocorrerá, ainda que de forma tardia, em todas as crianças que apresentam um desenvolvimento dentro dos padrões de normalidade, e aqueles que acreditam que, ao lado das crianças que apresentam este fenômeno durante a aquisição lexical inicial, existem aquelas que mostram um crescimento mais lento e gradual de seu vocabulário, sem prejuízos para seu desenvolvimento. Note-se que nenhum dos grupos, que reúnem dados de pesquisas em diversas línguas (como o inglês, o francês, o italiano, o alemão, o coreano e até mesmo o português brasileiro, mesmo que de forma superficial), nega a existência do fenômeno de explosão do vocabulário durante a aquisição lexical, discutindo-se apenas sua universalidade e/ou a idade em que o mesmo se manifesta.

Postular a existência ou não de tal fenômeno dependerá também da quantificação que se atribui a ele. D'Odorico, Carubbi, Salerni e Calvo (2001) utilizam como critério para marcar a existência da explosão de vocabulário um aumento de vinte novas palavras no intervalo de um mês. Os autores justificam sua escolha com base em outros estudos prévios. Bloom e Capatides (1987) e Reznick e Goldfield (1992), que tinham intervalos entre duas e três semanas em seus estudos, consideraram um aumento de 10 a 12 novas palavras entre um intervalo e outro como delineador do início do fenômeno. Poulin-Dubois *et al.* (1995), que utilizaram um intervalo maior em sua coleta de dados (quatro semanas), utilizaram como critério para demarcar a explosão de vocabulário o aparecimento de 15 novos nomes. Choi e Gopnick (1995) caracterizaram explosão de vocabulário quando dez ou mais palavras da categoria dos nomes ou dos verbos são adquiridos no espaço

¹³ Os autores chamam a atenção para o fato de que as diferenças encontradas nos diversos estudos podem ser devidas a diferentes métodos de coleta e tamanho das amostras, bem como à distância entre os intervalos de coleta. Por estes motivos salientam a importância e a necessidade de estudos longitudinais com intervalos de coleta regulares para responder às questões do crescimento do vocabulário infantil.

de duas sessões, sendo a última delas considerada como o marco inicial do fenômeno.

Com base nesses exemplos, é possível notar que não há um consenso entre os autores a respeito da delimitação quantitativa do fenômeno aqui estudado. Além disso, é possível observar uma confusão entre a explosão de vocabulário caracterizada como aumento súbito de palavras em geral do léxico da criança e a caracterização da mesma como um aumento significativo da categoria dos nomes. Tal confusão certamente se refere ao fato de que este incremento se dá justamente entre o período em que os vocabulários infantis passam de 50 a 100 palavras, período este marcado, como atestam Fenson *et al.* (1993) e Bates *et al.* (1994), entre outros, pela maior proporção de incorporação de nomes ao léxico da criança.

Golfield e Reznick (1996) mostram que, mesmo que a média considerada seja pequena (como, por exemplo, dez palavras novas por semana), é preciso admitir que algumas crianças vivenciam uma explosão mais substancial do que outras.

Diferentes propostas já foram oferecidas para explicar a falta de linearidade no processo de aquisição lexical por parte das crianças. Bates, Dale e Thal (1997) resumem alguns desses argumentos: as crianças repentinamente dão-se conta de que todas as coisas têm um nome (Dore, 1974; Baldwin e Markman, 1989); esse crescimento é alavancado por princípios mais gerais da cognição, como a capacidade de classificar objetos (Gopnick e Meltzoff, 1986) ou a capacidade de representar (Shore, 1986; Brownell, 1988); ou ainda por reorganizações na segmentação fonética (Plunkett, 1993) e/ou na capacidade articulatória (Menn, 1976; Jardim-Azambuja, 2004).

Alguns autores acreditam que a explosão do vocabulário esteja relacionada ao desenvolvimento cognitivo da criança e à sua capacidade de categorizar os elementos do mundo. Para eles, as palavras são aprendidas, nos estágios iniciais, de forma particular, estabelecendo uma relação independente entre a seqüência de sons e o seu referente. Neste período, algumas palavras podem estar superestendidas, ou seja, utilizadas para denominar vários membros de uma mesma categoria (por exemplo, usar a palavra “cavalo” para todos os animais de quatro patas), enquanto outras só são usadas em uma situação pragmática particular (usar, por exemplo, a palavra “cachorro” para o cão de casa, mas não para outros animais da mesma espécie) (Huttenlocher e Sniley, 1987; Lucariello, 1987; Harris, Barrett, Jones e Brookes, 1988).

Depois de estocar essas palavras iniciais, a criança começa a abstrair um princípio mais geral que governa as relações entre os sons e seus referentes: a de que existe uma palavra para nomear cada coisa. A partir desse momento, a criança começa deliberada e sistematicamente a aprender novas palavras, a partir da solicitação de rótulos para as coisas. Esse *insight* pode ocorrer de forma mais ou menos drástica, do que dependerá o tamanho da explosão do vocabulário. De qualquer forma, para que a criança entenda que a linguagem é um sistema a ser aprendido, é preciso, primeiro, que ela tenha usado e estocado na memória algumas palavras aprendidas anteriormente¹⁴. Sendo assim, a explosão do vocabulário marcaria uma transição qualitativa do aprendizado, na qual a tarefa das crianças passaria do aprendizado de palavras para o aprendizado de uma linguagem.

O entendimento de que todas as coisas podem ser nomeadas serviria, então, como motivação para que a criança passasse a separar uma série de objetos em suas respectivas categorias, nomeando-as.

Gopnick e Meltzoff (1987) encontraram que a explosão de vocabulário, definida como a sessão na qual a criança apresentou mais de dez nomes novos, co-ocorre com o início da habilidade de separar exaustivamente duas categorias de objetos. Goldfield e Reznick (1990) também acreditam que a explosão do vocabulário está relacionada ao entendimento, por parte da criança, de que todas as coisas podem ser nomeadas. Gopnick e Meltzoff (1992) notaram, entretanto, que em estudos que relacionam nomeação e categorização, a direção da influência permanece ambígua, sendo possível que o aprendizado de que todas as coisas podem ser nomeadas possa ajudar a criança a descobrir que todos os objetos podem ser classificados e vice-versa.

Mervis e Bertrand (1995) testaram 32 crianças entre 1:03;25 e 1:08;02 que foram classificadas em dois grupos com base em seu desempenho em uma série de tarefas de mapeamento rápido, testes de separação em categorias e o número de palavras compreendidas e produzidas, de acordo com o relato dos pais a partir do

¹⁴ Evidências a respeito da necessidade da existência de uma massa crítica que sirva como base para o aprendizado inicial são fornecidas também por outras áreas do aprendizado da linguagem. Marchman e Bates (1994), em estudo de cunho conexionista sobre a aquisição do passado dos verbos em inglês utilizando dados de fala infantil, relataram que, quando o vocabulário de verbos é pequeno, as crianças tendem a usar raízes verbais não-marcadas e produzir corretamente as formas de passado. Entretanto, quando o léxico se aproxima de 50 verbos ou mais, o número de verbos com raízes não-marcadas estabiliza e a criança começa a supergeneralizar os finais verbais. Os autores argumentam que o léxico verbal deve atingir uma massa crítica antes que o uso dos padrões possa ser abstraído. Similarmente, Locke (1993) postula que as tendências fonológicas não se desenvolvem até que a criança tenha usado e estocado um inventário moderado de palavras.

MacArthur CDI. Os dados sugerem que o bom desempenho nessas provas está positivamente correlacionado com o tamanho do léxico. A partir desses resultados, os autores inferiram que o bom desempenho nos testes estava relacionado à existência de um período de explosão do vocabulário, baseados na suposição de que vocabulários extensos sejam frutos deste fenômeno. Goldfield e Reznick (1996) argumentam que tal conclusão é infundada, uma vez que um crescimento contínuo e gradual do léxico também seria capaz de produzir um vocabulário extenso. Apesar disto, os autores concordam que a explosão do vocabulário seja um fator responsável pelo crescimento do mesmo.

Alguns autores que evidenciaram a explosão de vocabulário em seus estudos registraram comportamentos diferentes logo após o fenômeno ter ocorrido.

Dromi (1987) estudou longitudinalmente uma menina e notou que a velocidade de aprendizado de palavras cresceu espantosamente por três semanas entre 1:3 e 1:4, tendo depois declinado.

Gopnick e Meltzoff (1987) relataram, em seu estudo, que, após a sessão em que foi evidenciada a explosão de vocabulário, a velocidade de aprendizagem de palavras se nivelou para algumas crianças, enquanto outras registraram, mais tarde, aumentos maiores do que a explosão original.

Van Geert (1993) notou que algumas crianças aceleraram seu aprendizado de palavras por poucas semanas e então estagnaram ou sofreram um declínio. O autor justifica tal comportamento pela entrada de novas informações em outros subsistemas da língua que a criança está adquirindo.

Com base em seu estudo sobre diferenças individuais, Bates, Dale e Thal (1997) suspeitam que a explosão de vocabulário seja um “afunilamento” no vocabulário que não pode ser acelerado de maneira substancial, uma vez que crianças com menos de 12 meses, independente de suas características biológicas, cognitivas, sociais e/ou ambientais, não apresentam vocabulário demonstrável. No entanto, a partir do momento em que esse “gargalo” é ultrapassado, o vocabulário se expande surpreendentemente. A variação individual se dá porque isso pode tanto acontecer aos 14 quanto aos 26 meses de idade. Se tal hipótese levantada pelas autoras puder ser comprovada empiricamente, indicará que o fenômeno da explosão de vocabulário é biologicamente especificado, ou seja, indiferente a questões de línguas em particular.

1.4 A atuação da hipótese do viés nominal

A idéia de separar as palavras em classes remonta às gramáticas gregas e latinas. Dentro desta idéia, a distinção entre nomes e verbos é a mais antiga e ainda continua central nas classificações atuais.

Para estas classificações, as gramáticas se baseiam em vários tipos de critérios complementares, principalmente semânticos e gramaticais. Os critérios semânticos são vistos como mais intuitivos e permitem definir nomes e verbos com base em categorias universais. Tradicionalmente, os nomes são usados para denotar entidades, em especial objetos concretos. Entretanto, a classe semântica dos nomes é muito mais abrangente, incluindo abstrações e nomes próprios. De outro lado, os verbos são utilizados para dizer algo sobre as entidades que os nomes denotam, tendo uma função predicativa. Eles denotam eventos, especialmente ações, mas também incluem referências a estados, atividades mentais ou atitudes.

Embora as propriedades semânticas apareçam para formar a base dessas classes de palavras, as categorias de nomes e verbos não podem ser definidas de forma completa sem o uso de um critério gramatical, o qual envolve propriedades distribucionais e morfológicas das palavras. O critério gramatical enfatiza que as classes de palavras ocorrem em posições particulares nas sentenças, são marcadas morfofonemicamente de modos particulares ou concordam com morfemas particulares.

Maratsos (1982) defende a visão de que as classes de palavras são formadas e moldadas por um conjunto de operações gramaticais nas quais seus membros participam, mais do que por suas denotações semânticas. Entretanto, a maioria dos lingüistas concorda que uma teoria puramente gramatical da classificação das palavras pode não ser suficiente, porque as propriedades distribucionais e morfossintáticas muitas vezes refletem opções de língua específica, enquanto as classes de palavras parecem ser universais lingüísticos.

Estudos realizados com dados referentes às primeiras palavras faladas pelas crianças têm mostrado que as palavras de conteúdo são adquiridas antes das palavras gramaticais e que, dentro das palavras de conteúdo, os nomes,

principalmente as palavras que denotam objetos, aparecem mais cedo e com uma maior frequência do que os verbos e outros termos predicativos, os quais se desenvolvem mais tarde. Esta preferência inicial por nomes nos vocabulários infantis já se estabeleceu em diversos estudos sobre crianças falantes do inglês (Nelson, 1973; Gentner, 1982; MacNamara, 1982; Bates *et al.*, 1988; Goldfield, 1993; Bates *et al.*, 1994), do italiano (Caselli *et al.*, 1995), do hebreu (Dromi, 1987), do alemão (Kauschke e Hofmeister, 2001), do espanhol (Jackson-Maldonado *et al.*, 1993) e do português brasileiro (Bastos, Ramos e Marques, 2004).

Essa prevalência empírica levou os autores a propor a hipótese do viés nominal, segundo a qual os nomes são a categoria de palavra dominante durante a aquisição lexical inicial. Segundo a versão forte desta hipótese, (1) nomes são adquiridos mais cedo do que verbos ou outra classe de palavras; (2) nomes formam a maioria do vocabulário inicial das crianças; (3) no vocabulário infantil inicial os nomes são predominantemente rótulos de objetos; (4) uma preferência por nomes promove um maior desenvolvimento da linguagem.

Nelson (1973) relata que os nomes formam mais do que a metade das primeiras 50 palavras produzidas pelas crianças. Bates *et al.* (1994) conduziram um estudo transversal com 1803 crianças com idades entre 0:08 e 2:06 utilizando o MacArthur CDI, e os nomes apareceram como predominantes, ocupando uma média de 55% do léxico das crianças com vocabulário entre 100 e 200 palavras, enquanto que os predicativos (verbos e adjetivos) perfizeram menos do que 15%. Estudos do inglês sugerem que a relação entre nomes e verbos no período inicial de aquisição seja de 3:1. Nelson, Hampson e Kessler Shaw (1993) encontraram 38% de uso de verbos na idade de 1:8. Em um estudo longitudinal, Bloom *et al.* (1993) encontraram que os nomes que se referem a objetos perfazem 30% dos *types* e *tokens* durante o estágio das primeiras palavras e das 50 palavras. Lieven, Pine e Dresner Bames (1992) determinaram que a proporção de nomes era de 33,2% no estágio das 50 palavras e de 37,5% no estágio das 100 palavras. Em estudo posterior (Pine, Lieven e Rowland, 1997) estes números subiram para 42,5 e 46,1%, respectivamente.

Estudos semelhantes realizados em outras línguas também comprovaram a assincronia em favor dos nomes em relação aos verbos durante a aquisição inicial do léxico.

Gentner (1982) analisou as primeiras palavras de crianças em seis línguas (inglês, alemão, japonês, mandarim, turco e kaluli) e não encontrou evidência de

nenhuma diferença interlingüística, sugerindo que a predominância de nomes no vocabulário inicial é universal e independe da língua específica que a criança está adquirindo. A partir disso, estabeleceu a hipótese da partição natural, segundo a qual a diferença entre nomes e verbos é primeiramente baseada na distinção percepto-conceitual pré-existente entre conceitos concretos como pessoas ou coisas e conceitos predicativos de atividade, mudança de estado ou relações causais. Sendo assim, os nomes seriam conceitualmente mais simples, mais básicos, mais tangíveis e, portanto, mais fáceis de compreender do que os verbos e outros predicativos. Não tendo encontrado nenhuma diferença clara na análise de seus dados interlingüísticos, a autora concluiu que nenhum fator de língua específica (tais como freqüência, ordem das palavras, transparência morfológica ou padrões culturais de ensinamento de linguagem) é forte o suficiente para mudar o efeito da pré-disposição conceitual.

Posição similar é defendida por Caseli *et al.* (1995; 1999). Os autores realizaram um estudo com crianças falantes de inglês e de italiano e evidenciaram a predominância inicial dos nomes em relação aos verbos. Como não encontraram diferenças entre o desenvolvimento lexical dessas duas línguas, concluíram que as diferenças estruturais entre elas – incluindo uma maior saliência dos verbos em italiano do que em inglês – não afeta a emergência e o crescimento das categorias lexicais.

Resultados semelhantes foram encontrados para as crianças falantes do espanhol (Jackson-Maldonado *et al.*, 1993) e do hebreu (Dromi, 1987).

Bassano (1998) e Bassano, Maillochon e Eme (1998) investigaram o desenvolvimento lexical inicial no francês em um estudo longitudinal (de 1:2 a 2:6) e um transversal (focalizando as idades de 1:8 e 2:6) em produções espontâneas das crianças. Esses estudos indicaram que, entre as quatro categorias identificadas na fala das crianças, os substantivos e aquelas palavras chamadas de elementos lexicais (incluindo interjeições, preenchedores, partículas sociais e expressões convencionais) foram predominantes até 1:8 e decresceram depois disso, enquanto os predicativos (incluindo os adjetivos e verbos) e as palavras gramaticais foram menos freqüentes no início, mas aumentaram fortemente mais tarde.

Bassano (2000) analisou, em seu estudo, o desenvolvimento da aquisição de verbos e nomes por uma menina falante de francês entre 1:2 e 2:6, através de coleta de fala espontânea realizada quinzenalmente na casa da criança, filha caçula de

uma família de classe média. Os resultados da análise apontaram que os substantivos predominam sobre os verbos nas primeiras produções da criança, tanto em número de tipos como de ocorrências¹⁵, até a idade de 1:8. Ao redor dos dois anos, os verbos equalizam com os substantivos em termos de tipos e os superam em termos de ocorrências. A predominância inicial de nomes e o desenvolvimento tardio dos verbos observado nesse estudo estão de acordo com os resultados de um estudo transversal de dois grupos de 12 crianças com idades de 1:8 e 2:6, respectivamente, no qual os nomes foram, em média, duas vezes mais freqüentes do que os verbos na fala das crianças de 1:8, enquanto os verbos foram quase tão freqüentes quanto os nomes em relação aos tipos e superam esses em relação às ocorrências na fala das crianças de 2:6 (Bassano, 1998). Ao comparar seus resultados com outros estudos, a autora enfatiza que a assincronia no desenvolvimento de nomes e verbos encontrada na aquisição do francês está de acordo com os padrões obtidos para crianças falantes de inglês, italiano e espanhol (Jackson-Maldonado *et al.*, 1993; Bates *et al.*, 1994; Caselli *et al.*, 1995; 1999). Sendo assim, conclui que esse padrão pode ser estendido, pelo menos, para a maioria das línguas indo-européias.

Kauschke e Hofmeister (2001), para investigar o desenvolvimento lexical inicial em alemão, coletaram dados espontâneos, de caráter longitudinal, de 32 crianças, em faixas etárias determinadas (1:1; 1:3; 1:9 e 3:0) e concluíram que os nomes, ao lado das palavras sociais, aparecem desde as coletas iniciais, aumentando sua proporção durante o segundo ano de vida, para após sofrerem um decréscimo. Segundo os dados dos autores, os verbos só começam a aparecer aos 1:3.

Para o português brasileiro, Bastos, Ramos e Marques (2004) observaram uma maior expressão de substantivos por parte das quarenta crianças estudadas entre 1:0 e 2:6, pelo menos até 1:10. A partir desta idade é que as demais categorias ganharam força, sendo a ordem de freqüência das categorias no *corpus* analisado assim postulada: substantivos – verbos – adjetivos – advérbios – termos sociais.

¹⁵ Por tipo de entende-se aqui cada item lexical diferente dito pela criança durante a entrevista (em inglês, *type*). Ocorrências referem-se às repetições de cada tipo realizadas no âmbito da mesma entrevista (em inglês, *token*)

Apesar dessa prevalência inicial dos substantivos sobre os verbos, os autores acreditam que os dados de sua pesquisa não permitem afirmar ou negar a atuação da hipótese do viés nominal definida como existência de categorias lingüísticas ou cognitivas ativas desde o início da aquisição. Segundo eles, esses dados somente reforçam a importância do social no modo de construção do conhecimento lexical por parte da criança, indicando a influência do adulto na extensão do vocabulário infantil.¹⁶

Por outro lado, a assincronia em favor dos nomes em relação aos verbos nas produções iniciais foi desafiada por estudos de línguas como o japonês, o coreano, o mandarim e o tsetal, as quais diferem substancialmente do inglês (e das demais línguas estudadas), tanto em termos de estrutura como a nível pragmático.

Trabalhos envolvendo o estudo do coreano (Choi e Gopnick, 1995; Gopnick, Choi e Baumberger, 1996) atestaram que as crianças que adquirem essa língua usam verbos mais cedo do que as crianças falantes de inglês, ao mesmo tempo em que utilizam uma menor variedade de nomes. Os autores informam que, em coreano, a aquisição das categorias de nomes e verbos parece ser síncrona no estágio holofráscico, sendo que a explosão verbal freqüentemente precede a explosão nominal. Em estudos a respeito da aquisição lexical do mandarim (Tardif, 1996; Tardif, Shatz e Naigles, 1997; Gelman e Tardif, 1998) as crianças produziram mais verbos do que nomes entre 1:8 e 1:10.

Brown (1998), pesquisando sobre a aquisição dos verbos em tsetal (língua maia) atestou que os falantes desta língua também adquirem verbos precocemente, antes de qualquer explosão em termos de nomes, sendo os tipos dessa categoria equivalente aos desta última no vocabulário produtivo inicial das crianças.

Os autores que defendem a hipótese do viés nominal (Gentner, 1982, Caselli *et al.*, 1995; 1999) afirmam que as diferenças encontradas no desenvolvimento lexical em relação a nomes e verbos nesses estudos se devem a diferenças entre a metodologia empregada na coleta de dados. No caso do italiano, por exemplo, Caselli *et al.* (1995), usando a metodologia de listas, encontraram um padrão de prevalência de nomes no vocabulário inicial dos falantes, enquanto Camaioni e Longobardi (1995), usando dados naturalísticos, encontraram que os nomes são

¹⁶ Embora tal aspecto não seja discutido aqui, um trabalho prévio da autora, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de doutorado, discute as questões da influência do *input* na aquisição lexical inicial das categorias gramaticais de nomes e verbos, com base em diversos estudos a respeito do *input* dirigido às crianças realizado em outras línguas: Vidor, 2004.

menos freqüentes do que o esperado no vocabulário entre 30 e 89 palavras das crianças italianas.

Entretanto, embora se admita que os procedimentos utilizados possam afetar os dados, é improvável que as diferenças interlingüísticas encontradas se devam somente a isso. Na verdade, tais resultados podem apontar para a possibilidade da interferência de fatores lingüísticos e pragmáticos na aquisição de categorias gramaticais.

Kim, McGregor e Thompson (2000), a fim de dirimir essas dúvidas, propuseram um estudo que examina a composição do vocabulário produtivo de oito crianças falantes de inglês e oito crianças falantes de coreano, entre 1:4 e 1:9, analisando as características morfo-sintáticas, semânticas e pragmáticas do *input* de seus cuidadores, a fim de determinar paralelos entre este e o desenvolvimento lexical inicial. Os dados foram coletados pelo examinador, em áudio e vídeo, durante a primeira visita do estudo e checados bimestralmente por telefone, até a última visita, quando as crianças e seus cuidadores foram novamente gravados. Os resultados da pesquisa demonstraram que tanto falantes do inglês como do coreano produziram um número maior de nomes do que de verbos na marca das 50 primeiras palavras. No entanto, ao se comparar o vocabulário produtivo das crianças nas duas línguas, percebe-se que as crianças coreanas adquiriram um número significativamente maior de verbos do que as crianças americanas neste período. Os autores atribuem esta diferença a características do *input* fornecido a cada um dos grupos. Enquanto os cuidadores falantes de coreano tendem a enfatizar os verbos, os cuidadores falantes de inglês tendem a enfatizar os nomes em sua fala dirigida à criança. Segundo as autoras, o fato de ambos os grupos apresentarem um maior número de nomes do que de verbos em sua produção, independentemente a língua que estão adquirindo, revela que existem padrões gerais de linguagem, tal como uma disposição ou capacidade maior de mapear os nomes dos objetos. Por outro lado, a diferença na proporção de nomes e verbos nos diferentes grupos pode ser atribuída a padrões específicos de cada língua, como freqüência e saliência dos verbos, apontando para a existência de pontos comuns entre as características do *input* e os padrões de crescimento do vocabulário. As autoras concluem que a composição e o crescimento do léxico inicial é multi-fatorialmente determinada, através da interação complexa entre as capacidades e estratégias da criança e o *input* dirigido a ela.

Essa nova postura pode ser analisada em vários níveis. Do ponto de vista da Lingüística Teórica, as propriedades estruturais e formais da própria língua devem ser examinadas, enquanto do ponto de vista de uma abordagem mais empiricista, encontrada em alguns estudos mais recentes (Choi e Gopnick, 1995; Gopnick *et al.*, 1996; Tardif *et al.*, 1997; Naigles e Hoff-Ginsberg, 1998), a fala do adulto dirigida à criança deve ser investigada, pois ela geralmente reflete esses traços. Camanioni e Longobardi (2001), através dos seus achados em estudo posterior (1995), propõem a análise da ênfase de substantivos e verbos na fala das mães dirigida às crianças em italiano. Brown (1998) também infere que as diferenças encontradas no tzetal se devem a propriedades específicas do *input* dirigido à criança naquela comunidade lingüística, argumentando contra a partição natural proposta por Gentner (1982).

Segundo Bassano (2000), quatro são os principais fatores que devem ser levados em conta a respeito do *input* das línguas no que se refere à aquisição de nomes e verbos: a freqüência, a saliência ou posição que a classe ocupa na oração, a transparência morfológica e a saliência pragmática. Todos esses fatores certamente têm um papel no desenvolvimento de nomes e verbos. Entretanto, seus efeitos na linguagem da criança não podem ser mostrados diretamente, visto que não há uma correspondência simples entre o vocabulário inicial das crianças e os modelos adultos. Além disso, os efeitos de cada um desses fatores provavelmente são o resultado de certas combinações específicas nas quais nem todos os fatores têm o mesmo peso.

Resumindo os relatos apresentados até aqui, os autores colocam que, ao lado da hipótese de que inicialmente as crianças preferem nomes e predominantemente os referem a objetos, encontram-se proponentes da visão de que a composição do vocabulário inicial é mais heterogênea. Os trabalhos apresentados lançam dúvidas sobre a hipótese de que os nomes são a categoria de palavras preferida universalmente durante a aquisição lexical inicial. A preferência pelo uso de nomes neste período pode estar relacionada a características específicas da língua e a influências de foco pragmático da fala dirigida à criança em certas línguas. Em especial nas línguas ocidentais estudadas, os nomes são freqüentemente adquiridos antes dos verbos, mas nem sempre são a primeira categoria a aparecer: palavras relacionais, expressivas ou interativas são categorias igualmente importantes neste período. Padrões desenvolvimentais de línguas asiáticas, do tzetal e até mesmo do italiano mostram que os verbos não são

necessariamente precedidos pelos nomes. Além disso, qualquer preferência por nomes neste período também não indica um melhor desenvolvimento da linguagem.

Os autores concluem que o papel dado aos nomes durante o desenvolvimento lexical inicial não deve ser tão proeminente como se tem assumido. No entanto, parece razoável testar-se uma versão fraca da hipótese do viés nominal: a de que os nomes podem ter prioridade sobre os verbos na seqüência desenvolvimental de certas línguas.

Um modo complementar de abordar a assincronia do aprendizado de nomes e verbos seria, então, investigar não somente o aspecto conceitual, mas também o aspecto formal de como as categorias de verbos e nomes se desenvolvem na produção da criança e o aspecto pragmático da distribuição dessas duas categorias, através da análise da fala dirigida à criança. Dessa forma, poder-se-ia responder a uma das razões para o interesse dos pesquisadores sobre este tema: a de que as classes dos nomes e dos verbos servem como pontes para investigações cruciais, tais como o papel desempenhado pelos processos universais e pelos específicos de cada língua durante os estágios iniciais de aquisição da linguagem. Pesquisar sobre a existência da hipótese do viés nominal é refletir sobre o papel dos fatores cognitivos e dos fatores de *input* específicos da língua. Além disso, através do estudo dessas classes, é possível estabelecer relações entre o desenvolvimento léxico-semântico e o gramatical.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como um trabalho de campo de caráter longitudinal. Ela é classificada como de campo porque faz uso de coleta de dados naturais, no caso, a fala de crianças pequenas; e é longitudinal porque a coleta desses dados é realizada ao longo do desenvolvimento de uma mesma criança, buscando evidenciar sua evolução no aspecto a ser estudado.

Uma vez que estamos trabalhando com seres humanos, todas as crianças que fizeram parte da coleta de dados foram autorizadas por seus pais ou responsáveis, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Resolução CNS 196/96.

Assim desenhada, esta pesquisa possui um caráter tanto quantitativo quanto qualitativo. O caráter quantitativo fica evidenciado na descrição e análise dos dados, mediante o tratamento estatístico realizado. No entanto, esse enfoque quantitativo serve como base para a análise qualitativa, que busca descrever o desenvolvimento de cada um dos informantes e, através deles, responder às questões levantadas a respeito do português brasileiro como um todo, a saber, a existência da explosão de vocabulário e a atuação da hipótese do viés nominal nesta língua específica, a fim de corroborar com questões mais gerais da aquisição da linguagem e sua relação com o desenvolvimento geral da criança.

2.2 População e amostra

Esta tese tem como tema a aquisição lexical por parte de crianças pequenas, falantes de português brasileiro. Uma vez que o objetivo da pesquisa é descrever o

desenvolvimento do léxico, optou-se por realizar a coleta de dados com crianças a partir de um ano de idade, período em que elas começam a realizar suas primeiras produções. A coleta estendeu-se até os três anos de idade, por dois motivos, um teórico e outro prático. O motivo teórico refere-se ao fato de que, nessa idade, a criança já adquiriu um bom repertório de palavras e já iniciou sua sintaxe, passando, nesse período, pela transição entre o que Yavas (1988), fazendo uma revisão da literatura em aquisição da fonologia, aponta como o estágio das cinquenta primeiras palavras (de 1:0 a 1:6) e o estágio do desenvolvimento dos morfemas simples (de 1:6 a 4:0). O motivo prático refere-se à falta de tempo, no período de construção da tese, de realizar-se uma coleta mais extensa.

Dentro dessa população, optou-se por selecionar quatro crianças, duas do sexo masculino e duas do sexo feminino para fazer parte da pesquisa.

A opção por realizar uma pesquisa de caráter longitudinal guiou a seleção do *corpus*: como só duas coletas do banco de dados a ser utilizado eram longitudinais, foi necessário buscar outros informantes para completar a amostra. A seleção destes sujeitos foi feita de forma aleatória, obedecendo à disponibilidade dos pais em deixar seus filhos participarem da pesquisa. Os únicos critérios utilizados foram: idade inferior a dois anos no início da coleta e desenvolvimento normal, com base na observação informal da pesquisadora¹⁷. Além disso, optou-se por equilibrar o número de meninas e meninos, ainda que a distribuição por sexo não seja discutida no âmbito desta tese.

Desta forma, foi constituído o *corpus* desta pesquisa, assim formado: duas meninas, pertencentes aos Bancos de Dados INIFONO e AQUIFONO¹⁸, coletadas longitudinalmente pelas pesquisadoras do CEAAL (Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem) da PUCRS¹⁹, que, a partir deste

¹⁷ Tal procedimento foi suficiente devido à larga experiência da pesquisadora na avaliação de crianças, uma vez que além de lingüista, é fonoaudióloga clínica há 8 anos, especializada na área de linguagem, realizando essa atividade tanto no âmbito privado como institucional, através do acompanhamento de alunos em estágio de fonoterapia há 3 anos.

¹⁸ O Banco de Dados AQUIFONO é mais antigo e teve como objetivo descrever o desenvolvimento fonológico de crianças normais falantes do português brasileiro. É constituído por dados de fala de 310 crianças, com idades entre 2 e 7 anos, divididas em 31 faixas etárias, cada uma englobando o período de dois meses. O Banco de Dados INIFONO veio complementar este primeiro, tendo como objetivo descrever o desenvolvimento fonológico em fases iniciais da aquisição da linguagem do português brasileiro. Reúne dados de 96 crianças, com idade entre 1 ano e 1 ano e 11 meses, divididas em 12 faixas etárias, cada uma abrangendo o período de 1 mês. Integram ambos os grupos coletas transversais e longitudinais.

¹⁹ Esses bancos de dados foram coletados e são utilizados em parceria com a UCPel.

momento, serão denominadas de Gabriela e Ana²⁰, e dois meninos, coletados especialmente para este trabalho, que, a partir de agora, serão denominados Gabriel e Leonardo²¹.

Os informantes residiam em Porto Alegre e eram monolíngües. Todas as crianças pertenciam à classe média, pelo menos um de seus pais tinha nível de escolaridade equivalente ao terceiro grau e todos freqüentaram escolinha pelo menos algum tempo no período de coleta dos dados.

As gravações eram sempre feitas na casa dos informantes, na presença de alguma pessoa da família (pai, mãe, avô, avó, tia, babá). A entrevistadora disponibilizava à criança uma sacola com brinquedos diversos, que serviam de estímulo para o início da interação. Durante o decorrer das gravações, no entanto, qualquer situação era aproveitada como fonte de dados, uma vez que se buscava o maior número possível de itens lexicais por parte de cada criança e cada evento promovia uma oportunidade única de coleta. Como o período de gravação foi bastante longo (aproximadamente dois anos), com o tempo, as crianças foram mostrando naturalidade nas suas interações com a entrevistadora e as situações transcorreram cada vez mais naturalmente.

As entrevistas foram realizadas em intervalos que variavam entre 15 e 90 dias²². Cada entrevista durou exatamente 30 minutos, a fim de que pudéssemos fazer uma comparação entre os dados obtidos com as crianças. Depois de gravadas, as fitas foram transcritas na íntegra, com a fala do informante, do entrevistador e dos intervenientes, embora, no âmbito desta tese, somente a fala do informante tenha sido utilizada como dado para as análises realizadas.

Este tipo de coleta de dados para um estudo sobre o léxico foi uma escolha baseada na experiência clínica e de pesquisa da autora, que acredita que a coleta de fala espontânea, apesar da falta de controle do pesquisador sobre os dados, é sempre mais representativa do que a utilização de outros métodos. Além disso, esta escolha encontra apoio nos achados de Bastos, Ramos e Marques (2004) que, em

²⁰ A denominação das crianças desta forma busca preservar sua identidade, conforme preconizado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

²¹ O menino Gabriel teve seus dados gentilmente coletados pela colega Carolina Oliveira, a quem faço meu agradecimento. As entrevistas com o menino Leonardo foram coletadas pela autora desta pesquisa.

²² Na medida do possível, um intervalo de 15 em 15 dias foi mantido entre uma entrevista e outra. No entanto, por tratar-se de uma coleta extensa e com crianças ainda muito pequenas, houve oportunidades em que esse intervalo não foi possível, devido a uma série de fatores externos (doença dos pais ou da criança, viagens, compromissos sociais, etc.). Mais adiante, far-se-á a indicação da idade de cada criança em cada entrevista.

artigo sobre o vocabulário infantil, compararam as limitações de três metodologias tradicionais de coleta de dados, a saber, lista de verificação respondida pelos pais, teste evocativo e interação dialógica, e concluíram que esta última é mais eficaz, sobretudo para crianças pequenas, até um ano e dez meses, o que também se aplicaria para as crianças que procuram atendimento na clínica fonoaudiológica, pela sua imaturidade lingüística.

O fato de a interação dialógica ser um instrumento mais fidedigno de coleta, segundo os autores, pode ser explicado dentro de uma proposta dialógica da aquisição da linguagem (De Lemos, 1989), na qual a criança acessaria as unidades lingüísticas a partir da fala do outro sendo, portanto, o momento de interação o mais propício para a coleta. Mesmo em visões mais formais, esta proposição está apoiada em uma rota sócio-pragmática de aquisição.

Nesta perspectiva interacionista, dada a dependência discursiva inicial da criança em relação ao adulto, pode-se prever uma interferência maior da fala do mesmo sobre as produções infantis. De fato, os autores encontram neste estudo um número significativo de palavras ligadas ao contexto (relacionadas às atividades desenvolvidas na escola e à fala das pessoas que conviviam diariamente com as crianças testadas). Houve, ainda, diferenças entre as crianças de escolas distintas que foram creditadas ao ambiente. Esses achados reforçam a idéia de que a coleta de dados através da interação dialógica, seja para a pesquisa, seja para avaliação/terapia fonoaudiológica tem um poder explicativo maior do que a visão estática da linguagem com foco na observação passiva da fala da criança.

2.3 Classificação dos dados

2.3.1 Tipos e ocorrências

A fala do entrevistado foi separada por palavra e foram contabilizados os tipos e as ocorrências de cada entrevista de cada um dos informantes²³. Essa contagem teve como objetivo estabelecer, primeiramente, o número de palavras por entrevista,

²³ Por tipo de entende-se aqui cada item lexical diferente dito pela criança durante a entrevista (em inglês, *type*). Ocorrências referem-se às repetições de cada tipo realizadas no âmbito da mesma entrevista (em inglês, *token*)

possibilitando a verificação da ocorrência ou não da explosão do vocabulário e a idade em que a mesma aconteceu (se aconteceu).

Para a classificação dos tipos, foram consideradas todas as palavras diferentes ditas pela criança. Sabe-se, porém, que a definição de palavra não é tarefa fácil e está repleta de controvérsias entre os autores. Por este motivo, far-se-á aqui uma regressão teórica a fim de definir esta unidade lexical básica e justificar as escolhas realizadas neste trabalho.

Basílio (1987), de forma didática, coloca que a palavra é uma das unidades lingüísticas mais fáceis de se reconhecer, porém bastante difícil de se definir. Biderman (2001, p. 100) concorda com esta noção intuitiva de palavra ao afirmar: “Não padece dúvida, porém, que a noção de palavra é uma realidade psíquica para um homem cuja consciência esteja medianamente desenvolvida”. Isso implica, no entanto, que a noção de palavra varia de acordo com o nível de consciência do falante.

Biderman (op. cit.) oferece três argumentos a favor da noção intuitiva da palavra como uma unidade lingüística básica. O primeiro argumento vem da língua escrita, onde a palavra pode ser definida como uma seqüência de caracteres marcada tipicamente por dois espaços em branco, um anterior e outro posterior a ela. O fato de os sistemas de escrita assim dividirem a sentença seria um argumento a favor da noção intuitiva de palavra. Langacker (1972) diz que, mesmo em línguas ágrafas, ou seja, que não possuem um sistema de escrita, os falantes nativos têm consciência de quais seqüências representam uma palavra em sua língua, fornecendo, assim, mais um argumento para a noção intuitiva de palavra. O terceiro argumento em favor dessa consciência intuitiva é fornecido pelos dados advindos da Psicolingüística, mais especificamente da Aquisição da Linguagem. Segundo os estudos realizados nesta área, a primeira etapa da aquisição da sintaxe na fala infantil se caracteriza pelo período de “fala holofrásica”, ou seja, as crianças usam uma palavra para se referirem a sentenças completas da fala adulta. Sendo assim, a palavra constitui-se em uma entidade psicolingüística primordial, a primeira que articula o discurso humano.

A fim de dar forma científica e objetiva a essa intuição a respeito da palavra, a gramática propõe a adoção de critérios que permitam delimitar e definir tal unidade lingüística. Dependendo da linha teórica em que se trabalha, alguns critérios são mais importantes do que outros, mas é fato que, para se determinar as unidades

léxicas de um *corpus* é necessário operar simultânea e sucessivamente com os três critérios que serão a seguir apresentados: o fonológico, o gramatical (morfossintático) e o semântico (Biderman, 2001, p. 137-159).

De acordo com o critério fonológico, a palavra pode ser caracterizada como uma seqüência de sons que recorre sempre ao mesmo significado, após a qual uma pausa é possível. A delimitação das palavras por meio do uso do critério fonológico é bastante frágil, uma vez que nem sempre as fronteiras vocabulares coincidem com os limites de um grupo fônico. Sendo assim, ele não pode ser tomado isoladamente nesta tarefa, sendo necessária a interveniência de outros critérios para a determinação do que é ou não é uma palavra.

O critério gramatical superpõe um critério formal e um critério funcional: o primeiro refere-se à classificação da palavra em função dos marcadores morfossintáticos que a filiam a um determinado paradigma; o segundo remete à função exercida pela palavra dentro da sentença. A fim de delimitar a palavra através de critérios gramaticais, pode-se fazer uso de processos formais – como a inserção e a permutação. Esses testes, que verificam a unidade gramatical de um conjunto de sons, com o intuito de atribuir-lhe a definição de palavra, estão baseados em uma idéia expressa por Lyons (1977) a respeito de palavra. Segundo ele, uma das características da palavra é que ela tende a ser internamente estável (em termos da ordem dos morfemas), mas posicionalmente móvel (permutável com outras palavras na mesma sentença). Desta forma, os testes para a verificação de unidade da palavra em termos gramaticais consistiriam em tentar inserir morfemas no interior do vocábulo (e não nas suas bordas) e/ou permutar a palavra com outra, dentro da sentença na qual esta se encontra.

O critério semântico, na verdade, permeia os demais critérios, uma vez que a palavra é a “unidade semântica mínima do discurso”. (Biderman, op. cit., p. 151), sendo que unidades gramaticais menores do que a palavra não possuem significação autônoma. Como não se pode considerar a palavra esvaziada de sua significação, o critério semântico dá a dimensão da unidade léxica dentro do discurso.

Em resumo, a delimitação da unidade léxica resulta da conjugação dos vários níveis de análise – fonológico, gramatical e semântico.

Em vista disso, o isolamento de uma palavra para estudo constitui apenas uma forma didática de trabalho, utilizada pela necessidade de dar conta desse

objeto tão complexo. Na verdade, o reconhecimento das unidades léxicas não é uma operação simples e, diante das ambigüidades que certamente aparecerão ao longo do trabalho do lingüista, é importante que se deixe claro os critérios que estão sendo utilizados e as decisões (muitas vezes radicais) que estão sendo tomadas para dar conta de responder aos objetivos propostos pelo pesquisador.

Na verdade, vários são os problemas com os quais o pesquisador se depara no momento de dividir um enunciado em suas unidades léxicas.

Um deles se refere à confusão existente entre flexão e derivação. Grosso modo, as flexões (como as de número e de gênero) não estabelecem distinção entre as palavras, como em “casa/casas”, “macaco/macaca” e assim por diante. Do mesmo modo, as flexões verbais (desinências), que marcam tempo/modo e número/pessoa nos verbos, também não distinguem palavras, como em “vendo/vender/venderam/venderiam”, todas formas do mesmo vocábulo: “vender”. No entanto, nem sempre as palavras do enunciado assim se apresentam. Ao decidir que a mudança de gênero não implica mudança de palavra, o pesquisador deve estar atento para palavras que fazem seu feminino não pela adição do morfema –a, mas com uma palavra totalmente diferente, como no caso de “papai/mamãe”, “homem/mulher”, “boi/vaca”, “ovelha/carneiro”²⁴. Há ainda a discussão a respeito da marca de grau, se a mesma seria uma flexão ou uma derivação. De qualquer forma, é preciso estar atento para o fato de que, embora “casa” e “casinha” possam ser consideradas a mesma palavra, o diminutivo “casebre” parece não obedecer a esta mesma lógica. O aumentativo, “casarão” também nem sempre parece veicular simplesmente a idéia de uma casa grande²⁵. Da mesma forma, outros diminutivos ganharam conotações diferentes no uso lingüísticos, como podemos observar em “mulher” e “mulherzinha”, onde o diminutivo carrega muito mais significado do que o de uma mulher pequena. Além disso, certos aumentativos e diminutivos se

²⁴ Isso acontece devido ao fato de que algumas palavras do português fazem a mudança de gênero de forma gramatical, ou seja, substituindo o final –o por –a; outras porém, o fazem de forma lexical, isto é, por meio de palavras diferentes. Embora essa regra gramatical seja extensamente conhecida em português, inúmeras palavras terminadas em –a são do gênero masculino, como “o cometa”, o mesmo acontecendo com palavras terminadas em –o, sem contar com as incontáveis palavras do português que carregam gênero e que não têm seu final em nenhuma dessas vogais. Para um estudo aprofundado sobre o tema, ver Alcântara, Cíntia. As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída. Tese de doutorado, PUCRS, 2003. Nesta pesquisa, cabe apenas salientar tal diferença, a fim de justificar as escolhas metodológicas tomadas.

²⁵ Novamente aqui cabe uma explicação sobre a natureza deste comentário, justificando que as escolhas metodológicas desta pesquisa, por razões já comentadas no texto, são exclusivamente gramaticais, seguindo a gramática escrita do português, em muitos pontos obsoleta. Sabe-se, desde a publicação da Gramática do Português Falado (Ilari, 1996), por exemplo, que os únicos diminutivos produtivos no português brasileiro são os terminados em –inho e –ito.

incorporaram ao léxico da língua como palavras diferentes daquelas que lhe deram origem, como é o caso de “pimentão”, “calcinha” e “negrinho”. No que se refere aos verbos, parece lícito estabelecer que as desinências modo/temporais e as número/pessoais, além daquelas típicas das formas nominais dos verbos (infinitivo, gerúndio e particípio) não criem novas palavras no léxico, mas sim sejam consideradas variantes de uma mesma palavra. No caso do particípio, no entanto, essa decisão torna-se complicada, haja vista que, muitas vezes, o particípio de um verbo funciona como um adjetivo, com função totalmente diversa da do verbo, como em “cansado”, “morto”, “estirado”, “convencido”. Dessa forma, optou-se por considerar, nesta pesquisa, cada uma destas variações como palavras diferentes.

Com relação aos verbos, há ainda um importante problema que necessita de uma decisão drástica por parte do pesquisador: o caso das locuções verbais. Entende-se por locução verbal o uso de dois verbos para exprimir um único significado. Na verdade, essas locuções não acontecem somente com os verbos, mas com praticamente todas as classes gramaticais. Biderman (2001, p. 170) chama esses casos de *lexias complexas*, em oposição às *lexias simples* (unidades grafadas em um único segmento). Segundo a autora, “relativamente aos graus de aglutinação de uma *lexia complexa*, poderemos distinguir algumas perfeitamente soldadas e outras com forte índice de coesão interna”. Desta forma, temos vocábulos como “guarda-roupa”, “terça-feira”, “guarda-chuva”, entre outros, nos quais parece não haver dúvidas sobre o fato de serem uma só palavra. No entanto, expressões como “antes de ontem”, “a fim de que”, “de amor” (amoroso), geram dúvidas entre os especialistas e o pesquisador terá que fazer uma decisão radical sobre a forma como deverá tratá-las. Se, por um lado, é inequívoca a idéia de que tais locuções apresentam um significado único, devendo ser consideradas, portanto, como um só *lexema*; por outro lado, a falta de unanimidade entre os autores na escolha daquilo que se apresenta ou não como uma locução muitas vezes faz com que o pesquisador opte por considerá-las palavras separadas, no intuito de não correr o risco de ser subjetivo nas suas escolhas. No caso das locuções verbais, por exemplo, optou-se, neste trabalho, por considerar como *lexias complexas* somente os casos em que a união de dois verbos indicava simplesmente uma idéia de tempo, como em, por exemplo, “vou continuar” → “continuarei”. No caso das locuções com modais, do tipo “quero brincar”, “deixa ver”, optou-se por considerar os verbos separadamente, uma vez que se considera que, nestes últimos casos, a noção

semântica do primeiro verbo ainda não se perdeu, como aconteceu no primeiro caso.

No que tange às locuções nominais, só não foram separados os substantivos que, apesar de se caracterizarem por mais de uma unidade vocabular, referiam-se indubitavelmente a um único ser ou objeto, como ‘guarda-chuva’, ‘guarda-roupa’, ‘Papai Noel’, ‘bicho papão’, e outros que surgiram no *corpus* analisado. No que diz respeito às demais classes gramaticais, somente a lexia complexa ‘a gente’, significando o pronome de primeira pessoa ‘nós’, foi mantida como palavra única, pela sua freqüência no discurso das crianças (e dos adultos).²⁶

Situação oposta a esta é o caso das contrações, outro problema na delimitação das unidades léxicas. Seqüências fônicas como “no”, “desta”, “daquilo”, “né”, são formas sincréticas que reúnem duas noções gramaticais, como, por exemplo, preposição e artigo, preposição e pronome, advérbio e verbo. Nestes casos, é preciso decidir se o critério mais forte será o fonológico ou o gramatical na delimitação das unidades léxicas. Nesta pesquisa, essas contrações foram contabilizadas como um único item, independentemente das partes que as compõem, embora tenham sido classificadas quanto à classe gramatical separadamente.

As reduções, como “pra”, “tá”, “tô”, foram mantidas e contabilizadas como entradas diferentes das formas desenvolvidas “para”, “está”, “estou”, etc., se por ventura essas também aparecessem nas produções da criança²⁷.

Quanto às expressões idiomáticas, a maior dificuldade reside na decisão de separar ou não seus elementos, tal como acontece nas lexias complexas. Em geral, este tipo de sintagma léxico é indecomponível semanticamente, possuindo, muitas vezes, uma significação metafórica. No caso dos dados de aquisição, com o quais se está aqui trabalhando, merecem comentário duas classes de palavras que se comportam tais como as expressões idiomáticas: as onomatopéias e aquilo que se chamará palavras típicas do vocabulário infantil.

As onomatopéias referem-se às palavras formadas pela imitação dos sons ou ruídos, principalmente de animais ou de objetos, tais como “au-au”, “tic-tac”, “mu”,

²⁶ Para estudo desta variação ver, por exemplo, Lopes (1998) Zilles, Maya e Silva (2000). Zilles (2007), entre outros.

²⁷ Embora possa parecer contraditória, esta decisão foi tomada pelo fato de que, seria interessante, a meu ver, buscar a incidência e a relação destas contrações com suas formas expandidas, mesmo que não neste momento. Se o *corpus* tivesse sido montado com a reunião das duas formas sob um mesmo lema, tal separação seria impossível posteriormente.

“miau”. Em muitos casos, na fala infantil, as onomatopéias são utilizadas no lugar dos substantivos, sendo uma característica que vai desaparecendo à medida que a criança vai desenvolvendo seu vocabulário²⁸. Considerá-las como substantivos seria a decisão mais acertada, mas é fato que as onomatopéias também aparecem, mesmo na fala adulta, sem a função de denominação. Por isso, optou-se por criar uma classe separada para estas palavras, a fim de acompanhar seu desenvolvimento.

As aqui chamadas palavras típicas do vocabulário infantil referem-se a alguns vocábulos, especialmente substantivos, que são utilizados somente pelas crianças ou na fala adulta a elas dirigida. São exemplos destas palavras: “bibi”, “chuca”, para “bico”; “mamá”, “chuca”, “tetê”, para “mamadeira”; “ba” para a pessoa que cuida dela, a “babá”, além de nomes especiais para os órgãos genitais, tanto femininos como masculinos, tais como “xereca”, “xeca”, “pepé”, “pintinho”, “pipi”, “bingolim”. Uma lista exaustiva seria impossível²⁹, mas estes exemplos dão a idéia de que o pesquisador precisa decidir sobre o que fazer a respeito do aparecimento destes vocábulos no seu *corpus*. Nesta pesquisa, cada um destes vocábulos que apareceram foram tratados como palavras diferentes, até porque, apesar de remeterem a um mesmo significado, revelam conhecimento do vocabulário da língua pela criança.

As homonímias, significantes idênticos para significados diferentes, representam mais uma das dificuldades para aquele que procura estudar o léxico. Nesta pesquisa, levou-se em conta o contexto discursivo no qual a palavra se encontrava, a fim de definir sua significação e, muitas vezes, sua classificação gramatical. Isso significa dizer que a categorização do todo em suas unidades léxicas precisa considerar o discurso no qual a mesma se manifesta.

Assim desenhada, a análise por tipos serviu como base de análise para o crescimento do vocabulário de cada indivíduo em particular. A contagem das ocorrências obedeceu aos mesmos critérios, identificando o número de repetições de cada tipo no *corpus* da criança.

A contagem do número de tipos e ocorrências permitiu a comparação entre os informantes, buscando, além da verificação do aumento de vocabulário e da freqüência de palavras, outros dois objetivos neste trabalho:

²⁸ A utilização de onomatopéias na fala da criança poderia servir como índice de maturidade de seu vocabulário.

²⁹ Já se especulou a possibilidade de se fazer um estudo a respeito desses itens lexicais encontrados na fala da criança, verificando, por exemplo, a relação de seu aparecimento com o desenvolvimento global da criança, além das relações sociais que os mesmos manifestam.

- 1) Verificar as características das diferentes classes gramaticais estudadas e sua relação nestas categorias e,
- 2) Comparar o vocabulário das crianças desta tese com os dados conhecidos do vocabulário adulto.

Como o número de entrevistas não é o mesmo para cada informante, por uma série de fatores relatados acima, para cada um foi realizada uma média dos parâmetros que estavam sendo analisados por entrevista, para fins de comparação. Quando necessário, para fins de análise, essas médias foram calculadas por faixas etárias, de acordo com os resultados que se pretendia demonstrar. Especificamente, os dados a respeito dos tipos e ocorrências foram analisados por entrevista e por períodos semestrais de coleta.

2.3.2 Classes gramaticais

Uma vez realizada a análise por tipos e ocorrências, as palavras de cada informante foram classificadas morfológicamente em quatorze categorias, com o objetivo de se verificar a atuação da hipótese do viés nominal no português brasileiro e, conseqüentemente, descrever a aquisição lexical inicial em relação à ordem de aquisição e à prevalência das classes gramaticais.

Classificar morfológicamente as palavras em classes também não é tarefa de fácil solução. Vários são os aspectos que podem ser levados em conta no momento de se decidir qual classificação adotar. Nesta pesquisa, optou-se por manter uma atitude mais conservadora, utilizando para a divisão das palavras em classes gramaticais uma classificação baseada na denominação proposta na Nomenclatura Gramatical Brasileira (Portaria Ministerial de 28/11/1959). Mesmo conhecendo os vários problemas que tal denominação encontra para classificar as palavras do discurso, apóia-se esta decisão nas palavras de Biderman (2001):

“... a atitude crítica mais sensata, relativamente à denominação de cada uma das classes de palavras, é adotar a terminologia tradicional. Não importam as impropriedades terminológicas que se possam detectar aqui ou ali. Importa não incorrer no pecado do esoterismo como já sucedeu com veneráveis figuras da ciência lingüística.” (p. 220)

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), dez são as classes de palavras: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, conjunção, pronome, artigo, preposição, numeral e interjeição.

De acordo com Luft (1991), a NGB assim define a classificação das palavras nestas dez classes:

“Entre as palavras, há as que servem: 1) para designar seres e coisas – reais ou imaginários (substantivos); 2) para lhes indicar qualidades (adjetivos); 3) para os enumerar e ordenar (numerais); 4) para os situar no discurso ou para determiná-los (pronomes e artigos); 5) para indicar o que se processa neles ou por eles (verbos); 6) para referir as circunstâncias (advérbios); 7) para ligar os termos do discurso (preposições e conjunções); 8) para expressar emoções súbitas (interjeições).” (p. 84-85)

O autor ressalta que os aspectos levados em conta para a classificação das palavras são heterogêneos: ao passo que a denominação de substantivo e adjetivo obedece a critérios sintáticos, a classificação de pronome, por exemplo, obedece a critérios semânticos.

O **Novo Manual de Português** (1991), de Celso Pedro Luft, servirá como base para a caracterização de cada uma das classes de palavras propostas pela NGB e adotadas nesta pesquisa.

Para o autor, substantivo é a palavra que, na oração, pode funcionar como núcleo do sujeito ou do objeto direto (p. 86). Para fins desta pesquisa, os substantivos compreendem todo rótulo dado a qualquer objeto ou ser. É uma categoria que pode englobar, ocasionalmente, numerais, adjetivos ou outras classes gramaticais, quando estas estiverem desempenhando a função de nomeação. Dentro da classe dos substantivos foi proposta a separação entre substantivos próprios e substantivos comuns, tendo como objetivo verificar, mais tarde, se há diferença entre a aquisição de um segmento e outro desta categoria³⁰.

Luft (1991, p. 106) define verbo como a palavra que exprime processo, situando no tempo ações, fenômenos, estados ou mudanças de estado. Nesta pesquisa, são considerados verbos todas as palavras que possam apresentar flexão por adição de desinência número/pessoal e/ou modo/temporal, ou ainda as desinências típicas das formas nominais do verbo (particípio, gerúndio e infinitivo).

³⁰ Para estudo sobre a importância da categoria dos nomes próprios para os estudos lingüísticos, ver, por exemplo, Campos (2004)

Soma-se a esses as locuções verbais, entendidas como a união de dois ou mais verbos para designar uma única idéia, tendo como construções típicas as formas do verbo “ir” mais gerúndio (“vou andando”), do verbo “ir” mais infinitivo (“vai dormir”) e do verbo “estar” mais gerúndio (“tô comendo”).

Adjetivo é a palavra que, referida a um substantivo, serve para exprimir propriedade ou qualidade (*idem*, p. 93). Por adjetivo entende-se toda palavra que qualifica e acompanha o substantivo. Juntamente com os substantivos e os verbos, são consideradas “palavras lexicais ou de conteúdo” em oposição às “palavras gramaticais”, representadas pelas demais categorias.

Biderman (2001, p. 321) assim define a classe que reúne substantivos, verbos e adjetivos:

“(...) algumas classes de palavras se referem ao universo exterior à linguagem, à realidade, portanto, nomeando os seus elementos. Essas palavras de significação externa constituem a numerosíssima classe de palavras lexicográficas, ou lexemas de conteúdo, classes abertas por definição.”

Em oposição a esta classe, nitidamente denominacional, encontra-se um segundo grupo, que abarca as palavras gramaticais.

“O segundo conjunto compreende as palavras de significação interna, responsáveis pelo funcionamento da língua. São, pois, vocábulos instrumentais de escasso conteúdo nocional (...). Integram a estrutura formal da língua (...). São, portanto, puros signos gramaticais, embora não desprovidos de significação, tais como os artigos, as conjunções e as preposições.” (*idem*, p. 321)

As palavras gramaticais aparecerão, em muitas análises, sob este rótulo, mas a contagem foi realizada separando-se cada uma das classes previstas na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), de acordo com Luft (1991).

Por advérbio entende-se palavra de natureza nominal ou pronominal que, na frase, se acrescenta à significação de um verbo, um adjetivo, um outro advérbio ou da própria frase como um todo (Luft, 1991, p. 119).

As conjunções são vocábulos gramaticais invariáveis que estabelecem coordenação ou subordinação entre dois termos de uma oração ou entre duas orações (*idem*, p. 128).

Pronomes têm como função indicar ou determinar o ente do ponto de vista de quem fala ou em relação à frase. Eles podem denotar o ser, como o substantivo, mas sem lhe dar significação natural, ou referir-se ao ser, como o adjetivo, mas sem

lhe apontar qualidade ou propriedade. Embora seja uma classe gramatical única, por um lado, e tenha, por outro lado, uma extensa lista de tipos, neste trabalho optou-se por separar os pronomes em substantivos e adjetivos, a fim de averiguar a hipótese de que, num dado momento da aquisição dos substantivos, o número de itens lexicais desta classe gramatical sofre um decréscimo, devido à entrada, no vocabulário da criança, das palavras gramaticais, especificamente dos pronomes substantivos, que acabam por substituir os nomes (Vidor, Andersen, Lamprecht e Pacheco, 2004).

As preposições são palavras gramaticais que relacionam um conseqüente a um antecedente, fazendo com que o sentido do último seja explicado ou completado pelo sentido do primeiro (Luft, *idem*, p. 125).

Por artigo entende-se a palavra que se antepõe ao substantivo para o determinar ou indeterminar, concordando com este em gênero e número e sendo capaz de substantivar qualquer outra classe gramatical (*idem*, p. 92).

Numeral é a palavra que denota quantidade, seriação ou proporção. Assim como os pronomes, podem aparecer sozinhos na frase ou junto de um substantivo (*idem*, p. 97).

Entende-se por interjeição, de acordo com Luft (*idem*, p. 130), a palavra ou grupo de palavras com que se exprimem emoções súbitas, sentimentos e idéias não logicamente estruturadas. Segundo o autor, essa classe gramatical é “a parte menos racional da linguagem”, e utilizadas mais ou menos conscientemente para agir sobre o ouvinte³¹.

Desta forma, as palavras ditas pelos informantes durante a coleta de dados foram classificadas dentro das dez categorias gramaticais previstas pela NGB, sendo que três delas (substantivos, verbos e pronomes) foram subdivididas para atender a exigências particulares deste trabalho.

Para dar conta do *corpus* utilizado neste trabalho, foi criada uma décima quarta categoria gramatical, sob o rótulo de onomatopéias, para referir-se aos sons dos objetos e dos animais que, muitas vezes, durante a fala inicial, substituem os substantivos.

³¹ Pela escolha realizada baseada nas classes gramaticais, as interjeições figurarão nas análises deste trabalho como palavras gramaticais, embora se entenda que, dentro do vocabulário infantil, elas desempenhem outros papéis, que ficariam mais claros caso se utiliza aqui uma classificação de ordem mais pragmática, levando-se em consideração o uso efetivo desses itens lexicais na fala das crianças entrevistadas.

As categorias estabelecidas para os fins desta pesquisa foram, então: substantivo próprio, substantivo comum, verbo, locução verbal, adjetivo, advérbio, conjunção, pronome adjetivo, pronome substantivo, preposição, artigo, numeral, interjeição e onomatopéia. De acordo com a análise proposta, essas categorias podem estar separadas ou reunidas em grupos maiores. Especificamente para esta pesquisa, irá se trabalhar com as palavras de conteúdo e as palavras gramaticais como um todo, a fim de se verificar o desenvolvimento destes grupos de palavras tão heterogêneos; com os pronomes substantivos, a fim de se verificar a hipótese levantada por Vidor, Andersen, Lamprecht e Pacheco (2004), já comentada; e com os substantivos e verbos, a fim de se verificar a atuação da hipótese do viés nominal. As demais classes irão aparecer somente na medida em que forem necessárias para se explicar fatos relacionados às questões norteadoras deste trabalho.

Cabe lembrar ainda que, quando o item lexical retirado da fala da criança referia-se a uma contração de duas classes gramaticais, como, por exemplo, uma preposição mais um artigo (“do”, “pra”, na.), ou uma preposição mais um advérbio (“dali”, “daqui”), foram contabilizados um item lexical para cada categoria. Na contagem dos tipos e ocorrências, no entanto, cada contração foi considerada uma única palavra.

2.4 Apresentação dos dados

A tabulação dos dados foi feita em planilhas específicas do Excel, que possibilitaram a contagem das diversas classes e sua comparação. Com base nesses resultados, foram montados gráficos e quadros que analisam e discutem os achados obtidos nesta pesquisa.

A apresentação dos resultados foi feita individualmente, por informante, buscando caracterizar a evolução do vocabulário de cada um. De posse dessas caracterizações e das análises individuais, procedeu-se a uma análise global, através da comparação dos dados obtidos de cada informante, buscando responder às duas questões norteadoras desta tese: a presença de explosão de vocabulário durante a aquisição lexical do português e a atuação da hipótese do viés nominal no português brasileiro.

2.5 Análise estatística

A análise estatística da tese se resumiu ao uso de porcentagens, médias e níveis de crescimento. Esta escolha foi realizada com o auxílio de um profissional estatístico³², por não ser possível uma análise estatística mais ampla, que fosse capaz de generalizar os dados desta pesquisa para o português brasileiro, em virtude do pequeno número de informantes.

Primeiramente, foi realizada, para cada informante, uma análise baseada nos dados, através do agrupamento de resultados que reuniam características comuns, as quais permitiam que os mesmos fossem agrupados. Para cada grupo e/ou entrevista foi calculada uma média, através da soma e divisão de seus elementos, com fins de se trabalhar com dados mais gerais.

As médias dos grupos e/ou entrevistas específicas eram comparadas com seus antecedentes através de um cálculo específico, denominado taxa de crescimento. O cálculo da taxa de crescimento obedece à seguinte fórmula:

<p>Número de palavras da entrevista ou do grupo</p> <p>MENOS</p> <p>número de palavras da entrevista ou grupo imediatamente anterior</p> <p>DIVIDIDO PELO</p> <p>número de palavras desta última entrevista</p> <p>VEZES CEM.</p>

Na taxa de crescimento, o incremento de um momento soma-se ao valor anterior da variável, como base de cálculo para o momento seguinte. Esta fórmula é a mesma utilizada para o cálculo de juros compostos, situação em que os juros devidos em cada período de tempo são capitalizados, ou seja, incorporam-se ao principal para o cálculo do saldo devedor referente ao período subsequente.

Com base neste cálculo, obtêm-se os números índices relativos ao crescimento dos parâmetros analisados durante a aquisição lexical dos sujeitos

³² Registre-se aqui meu agradecimento à colega Simone Echeveste, que gentilmente norteou as escolhas estatísticas deste trabalho.

desta pesquisa. Denomina-se número índice o quociente de variável enfocada entre datas distintas, sejam elas temporais ou espaciais. O índice só tem significado se as datas a que se refere forem claramente especificadas, caracterizando a época, o período e o local a que dizem respeito.

Os números índices não se constituem em medida alguma, mas são indicadores de comportamento ou de tendência de uma ou mais variáveis componentes de um fenômeno, tendo como finalidade comparar, quantitativamente, as variações de um fenômeno complexo no tempo ou em outras situações diversas.

Com base neste número índice, definiu-se como critério de crescimento, para esta pesquisa, o aumento de 100% ou mais do parâmetro analisado entre uma entrevista e outra ou um período e outro. Assim, por exemplo, a explosão de vocabulário será definida quantitativamente pelo aumento súbito de palavras na fala da criança, caracterizado por um índice maior ou igual a 100%.

Importante, ainda, salientar que a estatística é aqui utilizada como ferramenta para descrição de dados e, em momento algum, supera a análise lingüística dos mesmos.

3 INFORMANTE 1: ANA

Os dados da menina Ana fazem parte de uma coleta longitudinal que integra os Bancos de Dados INIFONO e AQUIFONO, pertencentes ao CEAAL (Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem) da PUCRS. Ana é a filha primogênita de um casal de professores universitários e, à época da coleta de dados, seus cuidados eram divididos entre a família, uma babá e a escolinha.

Durante o período de coleta, a mãe de Ana ficou grávida do segundo filho, fato que aparece nas entrevistas, e a família mudou seu domicílio. Esses fatos são interessantes porque, de certa forma, influenciam nas características de vocabulário da criança. Nas entrevistas de Ana, por exemplo, é notório o aumento de palavras ligadas ao campo semântico dos bebês (tais como berço, nenê, bico) por ocasião da chegada do irmãozinho.

Ao todo, foram utilizadas, para este trabalho, 14 entrevistas de Ana. O Quadro 3.1 detalha as idades das entrevistas utilizadas. O período médio de intervalo entre as entrevistas é de 47 dias, variando entre 26 e 97 dias.

ENTREVISTA	IDADE
E1	1:02;05 (um ano, dois meses e cinco dias);
E2	1:04;06 (um ano, quatro meses e seis dias);
E3	1:07;13 (um ano, sete meses e treze dias);
E4	1:08;12 (um ano, oito meses e doze dias);
E5	1:09;08 (um ano, nove meses e oito dias)
E6	1:10;25 (um ano, dez meses e vinte e cinco dias)
E7	2:00;26 (dois anos e vinte e seis dias)
E8	2:01;26 (dois anos, um mês e dezesseis dias)
E9	2:03;00 (dois anos e três meses)
E10	2:06;01 (dois anos, seis meses e um dia)
E11	2:07;19 (dois anos, sete meses e dezenove dias)
E12	2:08;28 (dois anos, oito meses e vinte e oito dias)
E13	2:10;25 (dois anos, dez meses e vinte e cinco dias)
E14	2:11;23 (dois anos, onze meses e vinte e três dias)

Quadro 3.1: Entrevistas utilizadas por idade (Ana)

Nessas entrevistas, Ana produziu 8529 palavras, referentes a 948 tipos.

3.1 Explosão de vocabulário

Muitos estudos na área da aquisição da linguagem verificaram que as crianças, num dado momento do desenvolvimento, começam a incorporar novas palavras ao seu vocabulário de forma abrupta, durante um curto espaço de tempo. A este fenômeno denomina-se explosão de vocabulário.

A fim de verificar a existência do fenômeno da explosão de vocabulário e a idade em que o mesmo acontece na fala de Ana, far-se-á a análise das entrevistas ao longo de todo o período de coleta, em termos de tipos e ocorrências.

O Gráfico 3.1 mostra o desenvolvimento da aquisição lexical de Ana, por entrevista.

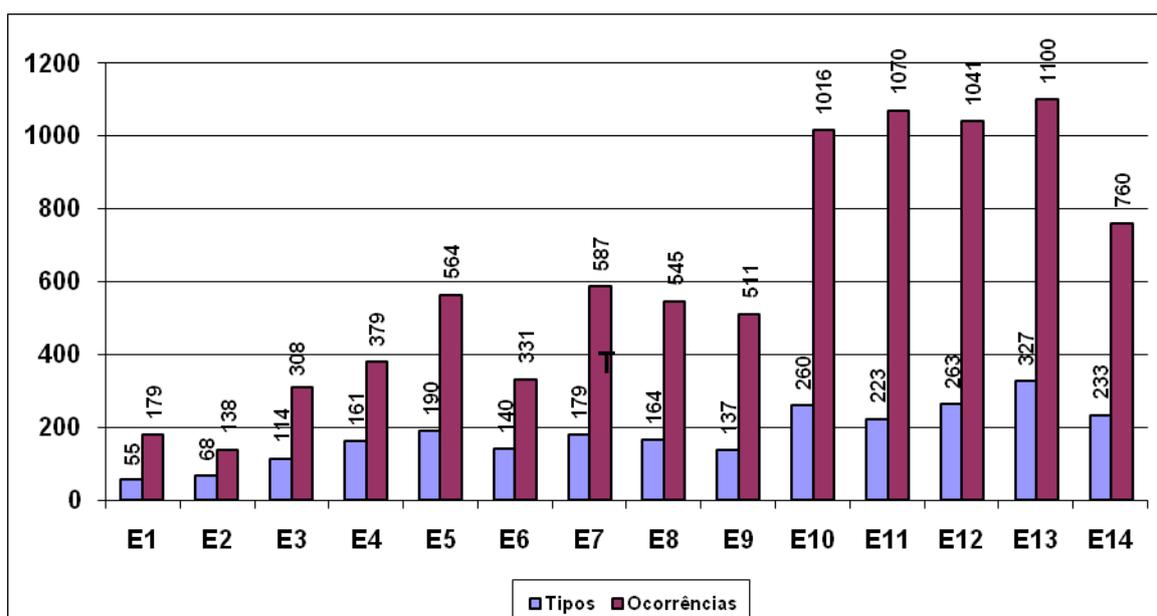


Gráfico 3.1: Número de tipos e ocorrências por entrevista em valores absolutos (Ana)

A observação do gráfico permite notar que o crescimento do vocabulário se dá de forma ascendente, de um modo geral, mesmo que haja ocasiões em que se note um decréscimo no número tanto de tipos quanto de ocorrências falados pela informante entre uma entrevista e outra. Esse fato não se deve, obviamente, a um decréscimo no conhecimento da criança acerca das palavras de que dispõe no seu léxico, mas sim às vicissitudes do momento da coleta. Grosso modo, é possível observar que o crescimento é contínuo e apresenta alguns pontos de maior incremento do vocabulário.

Além disso, a análise do gráfico revela que o crescimento do vocabulário de Ana se deu muito mais em termos de ocorrências do que de tipos. Isso significa dizer que, com o passar do tempo, Ana foi falando mais, mas o número de palavras que entraram no seu vocabulário não foi proporcional ao aumento de sua produção. Pode-se observar que a relação entre a linha de aquisição de tipos e de ocorrências é muito semelhante em todo o período: cada vez que o número de tipos aumenta, o número de ocorrências também aumenta. No entanto, conforme Ana vai crescendo em termos de idade, a distância entre a linha de aquisição dos tipos e das ocorrências vai aumentando, o que indica que, embora relacionados, o processo de aquisição sob esses dois pontos de análise é diferente.

3.1.1 Relação entre tipos e ocorrências

A análise por tipos, referente a cada palavra diferente dita pelo informante por entrevista, realizada nesta pesquisa, é o parâmetro que irá responder à questão da existência de um período, durante a aquisição lexical inicial, em que se verifica uma explosão em termos de vocabulário.

No caso de Ana, partindo-se da entrevista que apresentou o menor vocabulário, justamente a primeira, aos 1:02;05, com 55 palavras, até a que apresentou o maior número de tipos, a penúltima³³, aos 2:10;25, com 327 palavras, obtém-se uma taxa de crescimento de vocabulário de 494% no período, evidenciando que, apesar das oscilações verificadas na análise por entrevista, o aumento de vocabulário é um processo significativo e obedece a uma progressão de acordo com a idade.

A análise por ocorrências, ou seja, referente ao número total de palavras ditas pela informante por entrevista, terá como objetivo, nesta pesquisa, a comparação entre o incremento do vocabulário em termos de tipos e ocorrências, com vistas a levantar hipóteses sobre essa relação no vocabulário infantil.

Tomando-se a primeira entrevista de Ana, aos 1:02;05, com 179 palavras, e aquela em que ela mais falou, aos 2:10;25, com 1100 palavras, verifica-se um incremento de 514% no período estudado.

³³ Não se considerou, aqui, assim como nos casos subseqüentes, a última entrevista e sim aquela em que a informante mais falou, justamente por se acreditar que uma regressão em termos de tipos não significa um decréscimo no vocabulário da criança.

Pode-se, pela observação do Gráfico 3.1, dividir o desenvolvimento lexical de Ana em três períodos distintos: o primeiro período corresponde às duas primeiras entrevistas, de 1:02;05 a 1:04;06; da segunda para a terceira entrevista nota-se um incremento substancial no vocabulário da menina (em torno de 100%): esse período vai da entrevista 3 (1:07;13) até a entrevista 9 (2:03;00); a partir da entrevista 10 (2:06;01), tanto o número de tipos como ocorrências sofrem um acréscimo substancial.

Assim dividido o crescimento lexical de Ana, passa-se à caracterização de cada uma das etapas em ambas as categorias.

Em termos de tipos, na primeira etapa, que corresponde às duas primeiras entrevistas (1:2;05 e 1:4;06), a média é de 61 palavras. Entre a entrevista 3 (1:7;13) e a entrevista 9 (2:3;00) delimita-se outra etapa, cuja média de tipos gira em torno de 155 palavras. Entre uma etapa e outra registra-se um crescimento de 154%. Da entrevista 10 (2:6;01) até o final da coleta (2:11;23), a média de tipos é de 261 palavras, registrando um crescimento de 68% em relação ao período anterior.

No que se refere às ocorrências, pode-se traçar as mesmas etapas, porém com características diferentes. As duas primeiras entrevistas apresentam, em média, 159 ocorrências. Isso representa uma média de 2,6 repetições de cada palavra nesse período. No segundo período, entre 1:7;13 e 2:3;00, há uma certa instabilidade em relação às ocorrências: a média é de 460 palavras, variando entre 308 e 587 ocorrências. A taxa de crescimento em relação ao período anterior é de 196%; a relação entre ocorrências e tipos, no entanto, não muda muito: 2,9. A partir da entrevista 10 (2:6;01), a média de ocorrências é de 997 palavras, o que representa uma taxa de crescimento de 116% em relação ao período anterior. A relação entre ocorrências e tipos nesse período é bem maior: 3,8 ocorrências para cada tipo. Isto significa que as ocorrências cresceram muito mais, neste período, do que os tipos.

Como já reportado anteriormente, Ana produziu 8529 palavras, referentes a 948 tipos. Isto significa dizer, em termos matemáticos, que, em média, a menina repetiu cada uma das palavras cerca de 9 vezes durante o período estudado. No entanto, sabe-se que, em se tratando de vocabulário, tal afirmação é inconseqüente, uma vez que certas palavras são muito mais repetidas do que outras.

Nos dados de Ana, por exemplo, a palavra mais repetida foi a forma conjugada “é”, com 740 ocorrências. Esse dado é um tanto inesperado, uma vez que

se sabe, pelos dados da literatura, que as palavras gramaticais são os itens mais repetidos, pelo menos na fala adulta (Biderman, 2001). Ele atesta, então, a discrepância entre as características do vocabulário infantil e adulto, apontando para a necessidade de pesquisas nessa área.

Para visualizar melhor essa relação, o Gráfico 3.2 explicita o comportamento das ocorrências em relação aos tipos ao longo da coleta.

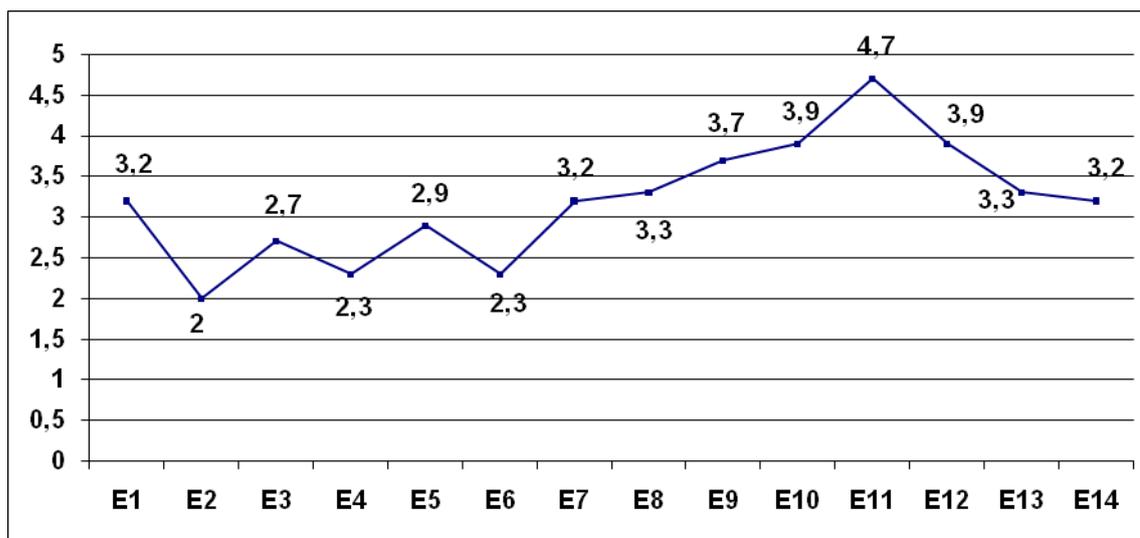


Gráfico 3.2: Relação de ocorrências e tipos por entrevista (Ana)

A fim de se comparar a relação entre tipos e ocorrências, verificou-se o número de repetições de palavras para cada período descrito. No geral, a taxa de repetição de palavras no *corpus* coletado da menina Ana é de 3,1 por entrevista. Isso significa dizer que, tomando-se as 14 entrevistas do *corpus* e realizando-se o cálculo da relação entre tipos e ocorrências em cada uma delas, a informante obteve uma taxa de, em média, 3,1 palavras repetidas por entrevista. Apesar de não oscilar muito, uma vez que a média da entrevista 1 (1:2;05) e da entrevista 14 (2:11;23) é idêntica (3,2), pode-se estabelecer um padrão de crescimento ao longo da coleta.

Nas duas primeiras entrevistas (1:2;05 e 1:4;06), a média de repetições foi de 2,6 palavras por entrevista. No período seguinte, entre a entrevista 3 (1:7;13) e a entrevista 9 (2:3;00), a média de repetições foi de 2,9 palavras por entrevista. A pequena taxa de crescimento desta relação entre os dois períodos, de 11%, indica que o aumento verificado anteriormente se deu muito mais em termos de tipos do que de ocorrências, típico de um incremento de novas palavras ao vocabulário da menina. Da entrevista 10 (2:6;01) até o final da coleta (2:11;23), a média da relação entre tipos e ocorrências é de 3,8, (taxa de crescimento de 31% em relação ao

período anterior), indicando um aumento muito maior do número de repetições em relação ao incremento do vocabulário.

Analisando-se a relação entre tipos e ocorrências na passagem de um período ao outro, verifica-se, entre o primeiro e o segundo períodos, um crescimento expressivo dos tipos, com as ocorrências comportando-se de forma linear em relação a estes. Uma vez passado esse período, embora o vocabulário aumente progressivamente ao longo dos anos, muitas vezes não são mais verificadas entradas massivas de vocábulos novos, fato que acaba resultando em uma maior repetição das palavras já conhecidas, principalmente quando se compara períodos tão iniciais de aquisição.

O quadro 3.2, abaixo, exemplifica essa relação na prática através da indicação dos itens lexicais mais repetidos em cada período.

Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências
E1	1:2;05	aqui	46
E2	1:4;06	bruxa	10
Primeiro Período		aqui	53
E3	1:7;13	aqui	29
E4	1:8;12	a (art.)	21
E5	1:9;8	é	43
E6	1:10;25	é	30
E7	2:0;26	aqui	49
E8	2:1;16	é	70
E9	2:3;00	é	67
Segundo Período		é	273
E10	2:6;01	é	94
E11	2:7;19	é	140
E12	2:8;28	é	106
E13	2:10;25	aqui	52
E14	2:11;23	é	66
Terceiro Período		é	456

Quadro 3.2: Palavras mais freqüentes por entrevista (Ana)

A observação do quadro permite tecer alguns comentários a respeito da relação entre tipos e ocorrências na fala da menina Ana. Primeiramente, em relação às palavras nele expostas como mais recorrentes, vale ressaltar, o seguinte.

- a) A forma conjugada 'é' se mostra a mais prevalente em 8 das 14 entrevistas do *corpus*, demonstrando que o seu *status* de vocábulo mais freqüente na coleta da informante foi construído ao longo da mesma e não se configura em um fenômeno específico ligado a uma

entrevista particular. Apesar disso, também se pode verificar que a incidência desse vocábulo só começa a ficar marcante a partir de 1:09;08, revelando dados sobre a aquisição dos verbos no processo de aquisição lexical que serão discutidos mais adiante, no sub-capítulo da hipótese do viés nominal.

- b) Nas seis entrevistas em que a forma conjugada ‘é’ não é o vocábulo prevalente, cinco apresentam palavras gramaticais – o artigo feminino ‘a’ e o advérbio ‘aqui’ – como aquelas mais recorrentes na fala de Ana. Esse dado aproxima a fala infantil das características da fala adulta propostas por Biderman (2001) já referidas anteriormente.
- c) Apesar da maior probabilidade de repetição de uma palavra gramatical do que de uma da categoria das palavras de conteúdo na fala, pelas características próprias e inerentes a cada um desses grupos, e a despeito da prevalência da forma conjugada “é” (pertencente a essa segunda categoria) nesses dados, é importante ressaltar o registro de um substantivo – “bruxa” – como o mais prevalente em uma das entrevistas. Apesar de registrar o menor índice de repetição das palavras mais recorrentes em todo o *corpus* – 10 ocorrências – sua presença nesse quadro revela a importância da aquisição dos substantivos em um período inicial do processo de aquisição lexical, característica que será amplamente comentada nos sub-capítulos seguintes.

Em segundo lugar, no que se refere aos números apresentados no quadro, é importante ressaltar a discrepância existente na relação entre tipos e ocorrências na dependência de cada palavra, já referida anteriormente. Enquanto no primeiro período (entre 1:2;05 e 1:4;06) a média de repetição dos vocábulos nas entrevistas é de 2,6, ou seja, pouco mais de duas repetições para cada palavra dita por Ana, o vocábulo mais recorrente do período – o advérbio “aqui” – foi repetido 53 vezes. Esse dado supõe uma grande quantidade de tipos que não se repetem ou que se repetem muito pouco na fala do informante, fazendo com que a média caia de forma marcante. Tal fenômeno também é registrado nos outros dois períodos estudados, que apresentam médias de relação entre tipos e ocorrências de 2,9 e 3,8, respectivamente, sendo o vocábulo mais freqüente a forma conjugada “é”, com 273 ocorrências no segundo período e 456 no terceiro.

Ao se comparar os resultados desses vocábulos específicos com a taxa de crescimento apresentada para a relação entre tipos e ocorrências, verifica-se que, enquanto do primeiro para o segundo período o crescimento dessa relação foi de apenas 11%, ao se comparar o número de repetições do vocábulo “aqui” – o mais freqüente do primeiro período – com as repetições registradas para a forma conjugada “é” no segundo período, registra-se um aumento de 451%. Do segundo para o terceiro períodos, a taxa de crescimento da relação tipo x ocorrência é de 31%, enquanto entre as repetições da forma conjugada “é” – vocábulo mais freqüente nos dois períodos – é de 67%. Essa diminuição verificada entre as taxas de crescimento dos vocábulos mais freqüentes indica que, além da forma conjugada “é”, outros vocábulos também devem ter ampliado suas taxas de repetição. De acordo com a literatura, pode-se supor que a entrada, no vocabulário da criança, de palavras gramaticais, caracterizadas justamente por um conjunto limitado de vocábulos que se repetem em diversas situações de conversação, pode também estar influenciando a relação entre tipos e ocorrências do segundo para o terceiro período estudado.

3.1.2 Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais

A fim de testar a hipótese levantada acima, será feita a descrição dos dados da informante através da relação entre as palavras gramaticais e as palavras de conteúdo. Conforme descrito na metodologia deste trabalho, a união das classes dos substantivos (próprios e comuns), verbos (simples e compostos – locuções verbais) e adjetivos forma uma categoria maior, denominada de palavras de conteúdo, por trazerem ao discurso o seu significado. Neste trabalho também as onomatopéias foram consideradas palavras de conteúdo por se verificar que, durante a fala infantil, na grande maioria das vezes, elas substituíam os substantivos, cumprindo o papel desses no discurso³⁴. Ao lado das palavras de conteúdo, o léxico conta com outro grupo de palavras, denominado palavras gramaticais, responsáveis por estabelecerem as relações entre os elementos do discurso. Desse grupo fazem parte os pronomes (substantivos e adjetivos), os numerais, as conjunções, os advérbios, as interjeições, os artigos e as preposições.

³⁴ A relação entre as onomatopéias e os substantivos na fala das crianças dessa pesquisa será foco de estudo em andamento e cujos resultados serão divulgados em breve.

Embora seja uma categoria fechada, isto é, com número de elementos limitados, ao contrário das palavras de conteúdo, que se caracterizam de serem uma categoria aberta, as palavras gramaticais são a maioria no discurso adulto (Biderman, 2001).

3.1.2.1 Por entrevista

Partindo dessa constatação, o gráfico 3.3 ilustra a relação entre as palavras gramaticais e as palavras de conteúdo por entrevista na fala de Ana, buscando evidenciar se o aumento do crescimento das ocorrências durante o segundo e o terceiro períodos de coleta de dados está influenciado pela aquisição das palavras gramaticais.

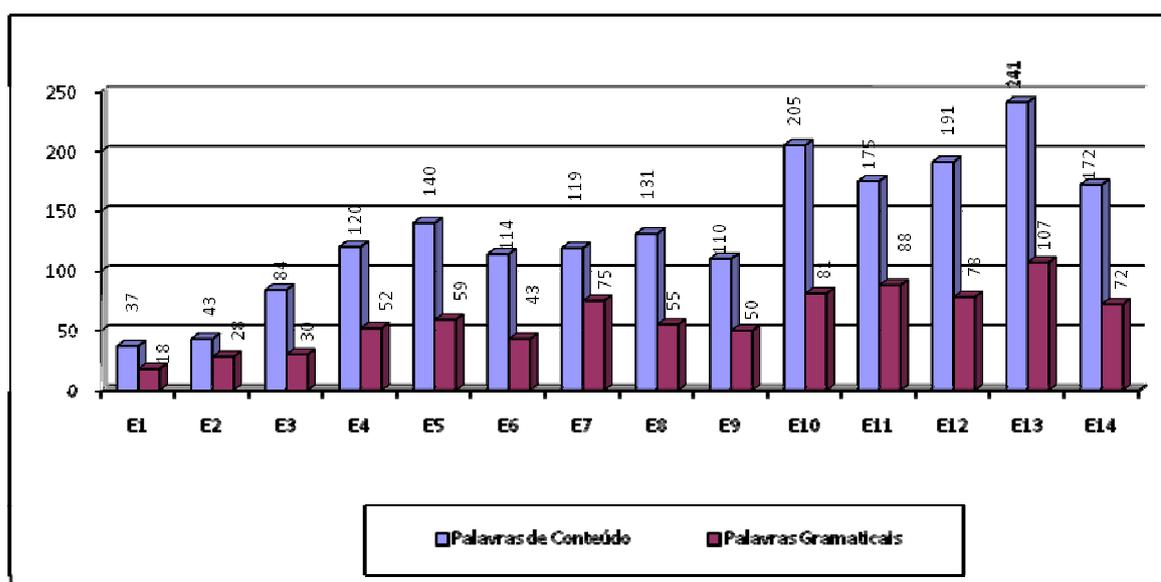


Gráfico 3.3: Tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Ana)

A observação do gráfico permite concluir que, durante toda a coleta, o número de tipos das palavras de conteúdo é muito superior ao de palavras gramaticais, como pode se deduzir da própria definição dessas categorias.

Apesar disso, a taxa de crescimento das palavras gramaticais ao longo da coleta (494%) é bem próxima da taxa de crescimento das palavras de conteúdo (551%). Isso significa que, apesar de ser composta por elementos finitos, a categoria das palavras gramaticais também sofre um crescimento substancial durante o período de aquisição do léxico pela criança.

Esse fato pode ser explicado pela análise das etapas de crescimento dessas duas classes gramaticais. Enquanto nas duas primeiras entrevistas (1:2;05 e 1:4;06) a média das palavras de conteúdo é de 40 tipos, a das palavras gramaticais é de 23 tipos, estabelecendo uma relação de 1,7 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical. Nesta etapa já se registram tipos de todas as classes das palavras de conteúdo (substantivos próprios e comuns, verbos e locuções verbais, adjetivos e onomatopéias), sendo a dos substantivos comuns a que registra maior número de palavras (em média, 19 tipos e 48 ocorrências)³⁵. O vocábulo “nenê” é o mais prevalente neste período, com 13 ocorrências nas duas primeiras entrevistas do período, seguido de “bruxa”, com 11 ocorrências. Tomando-se o *corpus* como um todo, o vocábulo “nenê” apresenta 25 ocorrências ao longo das 14 entrevistas. Dentre a categoria das palavras gramaticais, a única classe que não se encontra representada na fala de Ana é a das conjunções, cujo primeiro exemplo só vai aparecer na entrevista 3 (1:7;13), na forma da conjunção aditiva “e”, por sinal, a segunda palavra mais prevalente desta classe ao longo do *corpus* da informante (78 ocorrências), perdendo apenas para a conjunção “que” (nas suas várias funções), com 114 ocorrências. Esse dado revela que, apesar de a literatura a respeito da aquisição lexical inicial apontar para um desenvolvimento tardio das palavras gramaticais (Nelson, 1973), todas as categorias já estão presentes em um período muito precoce da fala da criança, embora seus elementos estejam restritos a poucos vocábulos e estes não apresentem o índice de repetição verificado na fala adulta (Biderman, 2001). Dados de trabalho apresentado por Vidor (2004), que tinha como objetivo comparar a incidência das classes dos substantivos, verbos e palavras gramaticais na fala de uma criança no período de dois a três anos e a fala de seu entrevistador, corroboram esta idéia. Entre 2:1;27 e 3:0;21, o número de palavras de conteúdo no *corpus* da criança foi sempre superior ao das palavras gramaticais, apesar desta ser mais prevalente na fala do entrevistador (47% das ocorrências, contra 39% na fala da criança). Apesar disso, verifica-se, ao longo da coleta, uma proximidade cada vez maior no uso desta categoria entre os dois informantes, demonstrando que as palavras gramaticais vão ganhando espaço no vocabulário infantil de forma gradativa.

³⁵ Sempre se fará a referência à média por entrevista, por duas características básicas desse estudo. Primeiramente, porque a contagem dos tipos foi feita por entrevista, sendo que, nos períodos estudados, certamente há o registro de um mesmo tipo várias vezes. Em segundo lugar, uma vez que a divisão dos períodos foi guiada pelos dados, o número de entrevistas em cada um varia significativamente, sendo impossível se realizar uma comparação em termos absolutos.

Na etapa seguinte, entre 1:7;13 e 2:3;00, a média das palavras de conteúdo gira em torno de 124 tipos, enquanto as palavras gramaticais representam, em média, 52 tipos de cada entrevista nesse período. A taxa de crescimento para a primeira categoria é de 210%, enquanto a da segunda é de 126%. Isso faz com que a relação entre a classe das palavras de conteúdo e das palavras gramaticais aumente, resultando em 2,3 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical. Esse aumento diferenciado aponta para o fato de que o incremento do vocabulário de Ana verificado anteriormente se dá muito mais em termos de palavras de conteúdo do que de palavras gramaticais. Neste período, a classe gramatical que mais aparece na fala de Ana continua a ser a dos substantivos comuns (em média, 65 tipos e 125 ocorrências). O vocábulo mais prevalente desta categoria no período é “bruxa”, com 50 ocorrências, sendo que a palavra apareceu na fala da entrevistada em todas as coletas.

Dentre as palavras gramaticais, a classe que mais se destacou foi a dos advérbios (em média, 10 tipos e 73 ocorrências). O vocábulo mais prevalente nesta classe foi “não”, com 192 ocorrências no período, seguido de “aqui”, com 189 ocorrências. Note-se que, embora as palavras de conteúdo sejam mais prevalentes, em média, do que as palavras gramaticais, o índice de repetição de vocábulos é bem maior nessa última, tal como preconizado pela literatura, já nas fases iniciais de aquisição lexical.

Na terceira etapa (entre 2:6;01 e 2:11;23), a média das palavras de conteúdo é de 196 tipos por entrevista, enquanto a das palavras gramaticais é de 85 tipos, mantendo a relação entre uma classe e outra em 2,3. Como a taxa de crescimento registrada nesse período para as palavras de conteúdo foi de 58% e a das palavras gramaticais foi de 63%, pode-se imaginar que, enquanto o crescimento dos tipos da primeira para a segunda etapa está mais influenciado pelo domínio das palavras de conteúdo, o aumento de crescimento da segunda para a terceira etapa tem uma contribuição expressiva das palavras gramaticais. Em termos de tipos, a classe dos substantivos comuns ainda prevalece na categoria das palavras de conteúdo (média de 91 tipos referentes a 171 ocorrências por entrevista), mas destaca-se também a classe dos verbos, principalmente quanto às ocorrências (em média, 61 tipos referentes a 243 ocorrências por entrevista). Dentre os substantivos comuns, o

vocábulo mais prevalente se refere à palavra “coisa”³⁶, com 41 ocorrências. Quanto aos verbos, tal comportamento em relação às ocorrências pode ser ilustrado pela frequência da forma conjugada “é”, que apresentou 456 ocorrências no período estudado. No que se refere às palavras gramaticais, destaca-se a classe dos pronomes (média de 32 tipos referentes e 155 ocorrências). O vocábulo mais prevalente dessa categoria no período é o pronome pessoal “eu”³⁷, com 180 ocorrências.

O quadro 3.3 resume esses dados, para melhor visualização.

Período	Entrevista	Palavras de Conteúdo			Palavras Gramaticais		
		Exemplo	Ocorrências período	Ocorrências corpus	Exemplo	Ocorrências período	Ocorrências corpus
1:2;05 1:4;06	1-2	nenê	13	25	aqui	53	398
1:7;13 2:3;00	3-9	bruxa	50	72	não	192	366
2:6;01 2:11;23	10-14	é	456	740	eu	180	260

Quadro 3.3: Palavras de conteúdo e palavras gramaticais mais frequentes por período (Ana)

A comparação entre o número, erro de ocorrências dos vocábulos no período e no *corpus* como um todo nos remete ao fato de que a prevalência de um elemento da classe das palavras de conteúdo – em especial dos substantivos – é um acontecimento isolado, que se constrói em um período estabelecido ou mesmo em uma entrevista particular. A palavra “cobra”, por exemplo, é o substantivo mais freqüente da entrevista 8 (2:1;16), com 13 ocorrências, sendo que ela nunca mais se repete no *corpus*. No caso das palavras gramaticais, ao contrário, o seu surgimento marca o início de um crescimento sólido, através do reiterado uso de seus elementos. Assim, mais uma vez se relaciona o crescimento do vocabulário, em termos de tipos, às palavras de conteúdo, enquanto o crescimento das ocorrências possui relação mais estreita com a categoria das palavras gramaticais e o conhecimento das regras da língua por parte do falante.

Esta constatação ainda não explica o fato do aumento da relação entre tipos e ocorrências no período entre 2:1 e 2:7. É óbvio que um aumento nos tipos,

³⁶ O fato de o vocábulo “coisa” ser tão freqüente pode estar relacionado à falta de um domínio completo do vocabulário por parte da informante.

³⁷ Sobre a aquisição do pronome pessoal “eu”, ver Issler (1993, 1997), dados que serão reunidos a esses em trabalhos futuros.

demonstrando um maior domínio desta categoria, irá influenciar a realização das ocorrências. Uma vez disponível um elemento gramatical no vocabulário de Ana, as chances de ele se repetir na sua fala são, teoricamente, maiores do que um elemento de uma classe de conteúdo. Então, para verificar esse fenômeno, passa-se à análise das palavras de conteúdo e das palavras gramaticais em termos de ocorrências.

Enquanto em termos de palavras de conteúdo a taxa de crescimento de ocorrências foi de 475%, no que se refere às palavras gramaticais este crescimento alcançou 1.143%. Portanto, pode-se atestar um grande índice de repetições desta categoria ao longo do período coletado.

Tomando-se, aleatoriamente, a quantidade de 100 repetições durante todo o período de coleta como um índice para definir uma palavra como freqüente, pode-se observar que, das 13 palavras mais freqüentes no vocabulário de Ana, nove são elementos da categoria das palavras gramaticais.

O quadro 3.4 ilustra os elementos mais freqüentes do *corpus* da informante Ana:

Palavra	Ocorrências	Categoria
é	740	Conteúdo
aqui	404	Gramatical
não	366	Gramatical
o	287	Gramatical
eu	260	Gramatical
a	228	Gramatical
esse	187	Gramatical
uma	164	Gramatical
tem	156	Conteúdo
tá	145	Conteúdo
vou	115	Conteúdo
que	114	Gramatical
ela	104	Gramatical

Quadro 3.4: Palavras mais freqüentes no *corpus* (Ana)

Deste pequeno levantamento, chega-se à conclusão de que 65% das palavras mais freqüentes no *corpus* de Ana são elementos que pertencem à classe das palavras gramaticais e que, portanto, o comportamento do vocabulário da

menina em termos de ocorrências deve estar fortemente influenciado por esta categoria.

Para que a hipótese anteriormente levantada, a saber, o fato de que o aumento do número de ocorrências do primeiro para o segundo período na fala de Ana esteja influenciado pelo uso de palavras gramaticais pela menina, seja corroborada (ou não) é preciso analisar a relação entre essas duas categorias em termos de ocorrências. O gráfico 3.4 ilustra essa hipótese.

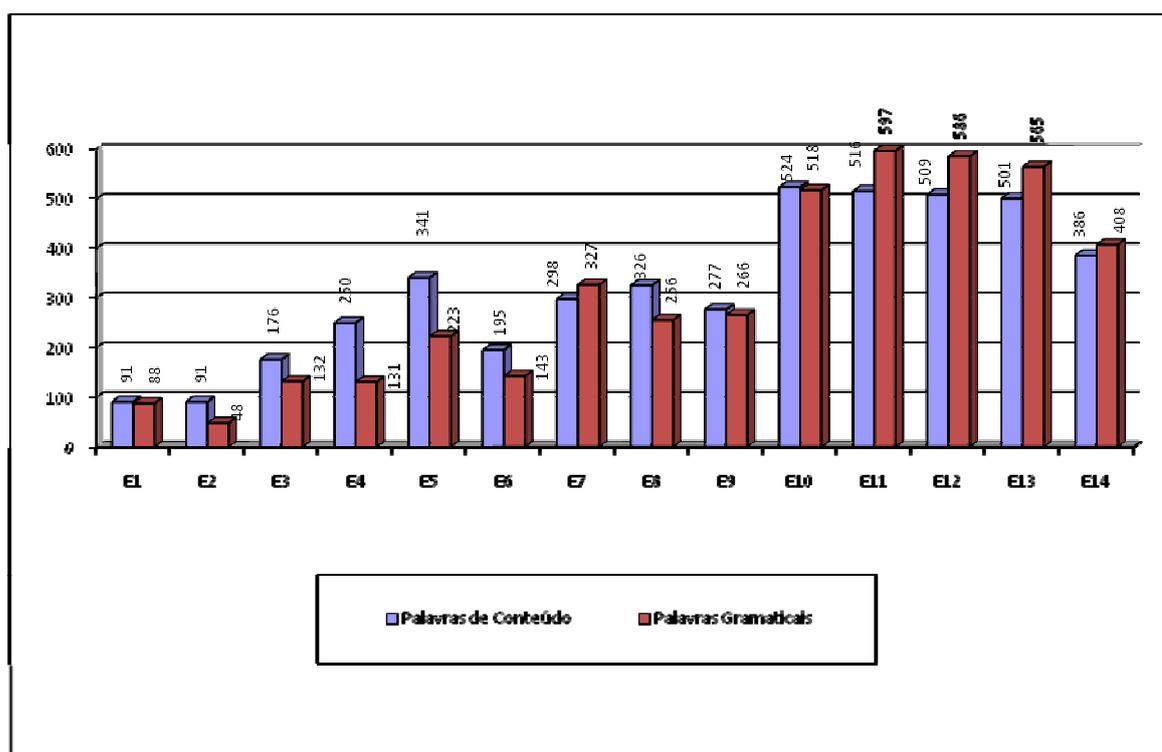


Gráfico 3.4: Ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Ana)

O gráfico mostra que, justamente após os 2 anos de idade de Ana (a partir da entrevista 7 – 2:00;26), o número de palavras gramaticais presentes no vocabulário da menina tem um comportamento diferente daquele observado durante o primeiro período de coleta.

Pode-se observar que, até a entrevista 10 (2:6;01), o número de ocorrências de palavras gramaticais vem crescendo continuamente, até extrapolar as ocorrências das palavras de conteúdo a partir da entrevista 11 (2:7;19), para não mais perder este padrão até o final da coleta (2:11;23). Neste caminho, pode-se estabelecer alguns pontos importantes: até a entrevista 6 (1:10;25), as ocorrências de palavras gramaticais estão sempre abaixo do número desta categoria em relação

às palavras de conteúdo. Neste período, registra-se uma média de 190 ocorrências de palavras de conteúdo e 127 ocorrências de palavras gramaticais. A relação entre as duas classes é de 1,4 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical. Isso significa que, nesse período, a categoria das ocorrências se comporta da mesma forma do que a dos tipos, demonstrando a existência e o uso mais efetivo de substantivos, verbos e adjetivos por parte da informante em sua fala do que de palavras gramaticais (pronomes, numerais, conjunções, advérbios, artigos, interjeições e preposições). A passagem da entrevista 6 (1:10;25) para a entrevista 7 (2:0;26) marca um incremento das palavras gramaticais em termos de tipos – taxa de crescimento de 74% - que resulta em um incremento nas ocorrências desta classe. Com mais elementos gramaticais à disposição, a repetição desta classe supera a das palavras de conteúdo pela primeira vez: 1,1 palavra gramatical para cada palavra de conteúdo. Apesar de este quadro não se estabilizar tanto em termos de tipos como de ocorrências nas duas entrevistas seguintes, marca um comportamento diferente das duas classes, iniciando a segunda etapa de aquisição das palavras gramaticais. Entre a entrevista 7 e a entrevista 9 (2:3;00), a média das ocorrências das palavras de conteúdo é de 300 palavras, enquanto a da classe das palavras gramaticais é de 283. Essa aproximação resulta em uma relação de pouco mais de uma palavra (1,06) de conteúdo para cada palavra gramatical. A partir da entrevista 10 (2:6;01), com o incremento em termos de tipos das palavras gramaticais, as ocorrências desta classe superam definitivamente as das palavras de conteúdo. Nesse período (entre 2:6;01 e 2:11;23), a média das palavras de conteúdo por entrevista é de 478, enquanto a das palavras gramaticais é de 539, ou seja, uma relação de 1,1 em favor das palavras gramaticais.

O Quadro 3.5 dá os exemplos das palavras mais prevalentes em cada uma das categorias, por entrevista.

O quadro revela que somente nas entrevistas 1 (1:2;05), 3 (1:7;13), 7 (2:0;26) e 13 (2:10;25) o item lexical mais prevalente é o pertencente à categoria das palavras gramaticais. No entanto, ao se levar em consideração os resultados explicitados anteriormente, pode-se inferir que tal comportamento é isolado. De fato, a frequência das palavras por entrevista apresentada nesse quadro está fortemente influenciada pela alta incidência da forma conjugada “é” – palavra mais prevalente do *corpus* de Ana, com 740 ocorrências. Comparando-se com os substantivos

apresentados no quadro - entrevista 1 (1:2;05) e entrevista 2 (1:04;06) – verifica-se a alta frequência dos itens da categoria das palavras gramaticais no *corpus*.

Entrevista	Idade	PALAVRAS GRAMATICAIS			PALAVRAS DE CONTEÚDO		
		Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências <i>Corpus</i>	Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências <i>Corpus</i>
E1	1:2;05	aqui	46	404	nenê	12	25
E2	1:4;06	a (art)	8	228	bruxa	10	72
E3	1:7;13	aqui	29	104	é	12	740
E4	1:8;12	a (art.)	21	228	é	20	740
E5	1:9;8	não	31	366	é	43	740
E6	1:10;25	a (art.)	17	228	é	30	740
E7	2:0;26	aqui	49	404	é	31	740
E8	2:1;16	não	25	366	é	70	740
E9	2:3;00	não	36	366	é	67	740
E10	2:6;01	não	58	366	é	94	740
E11	2:7;19	eu	63	260	é	140	740
E12	2:8;28	não	47	366	é	106	740
E13	2:10;25	aqui	52	404	é	50	740
E14	2:11;23	eu	32	260	é	66	740

Quadro 3.5: Palavras mais frequentes em cada categoria por entrevista (Ana)

Esta diminuição da relação entre ocorrências de palavras de conteúdo e de palavras gramaticais está, obviamente, influenciada pela taxa de crescimento destas categorias no decorrer da coleta. Entre a primeira e a segunda etapa a taxa de crescimento das palavras de conteúdo foi de 57%, enquanto a das palavras gramaticais foi de 122%. Contribuíram para este crescimento a elevação média das ocorrências em todas as classes da categoria das palavras gramaticais, em especial a das preposições (910%), a dos pronomes (826%) e a dos artigos (649%). Apesar desta superação, como o domínio das palavras gramaticais estava muito aquém daquele exibido pelas palavras de conteúdo desde o início da coleta, as últimas ainda continuaram prevalecendo sobre as primeiras. No entanto, na passagem da segunda para a terceira etapa, mesmo com a diminuição da taxa de crescimento das ocorrências - 90% -, as palavras gramaticais superaram o uso das palavras de conteúdo na fala de Ana, apesar do crescimento de 59% desta categoria entre um

período e outro. Neste ponto, destaca-se o crescimento de 472% da classe das conjunções, 166% dos numerais e 128% das interjeições³⁸.

Ao analisar-se a relação entre as palavras de conteúdo e as palavras gramaticais, pode-se ainda verificar que, enquanto em termos de tipos se encontra uma média de 2,2 palavras da primeira categoria em relação à segunda, variando entre 1,5 e 2,8, em termos de ocorrências essa média baixa para 1,1 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical, variando entre 0,8 e 1,8. O gráfico 3.5 ilustra estas relações em termos evolutivos, durante as 14 entrevistas do *corpus*.

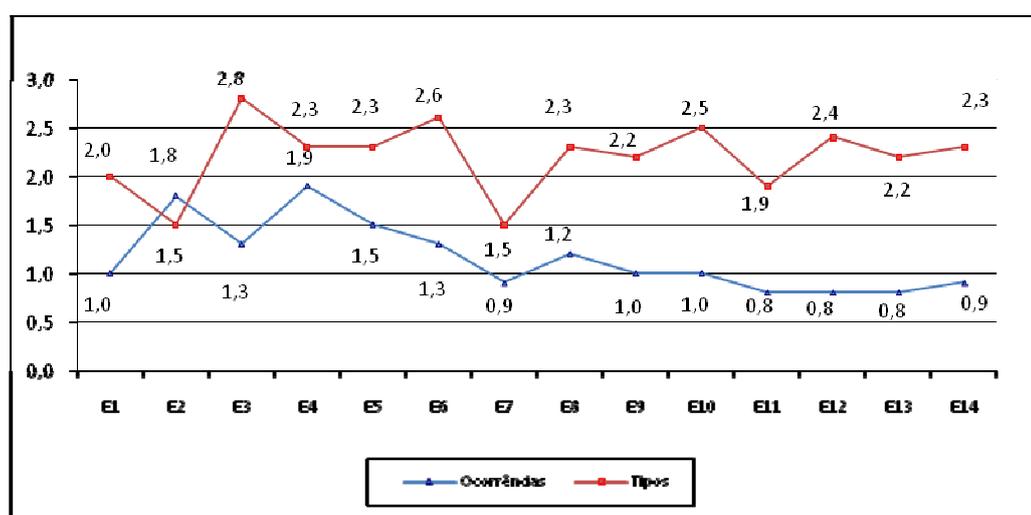


Gráfico 3.5: Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências (Ana)

Assim como nas demais análises feitas até este momento nos dados de Ana, as duas primeiras entrevistas apresentam um comportamento diferenciado em relação às demais, marcado principalmente pela instabilidade dos dados. Na análise dos tipos, a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais neste período varia em 0,5 (entre 1,5 e 2,0), ou seja, mais de um terço de variação total do período de coleta – 1,3. Em termos de ocorrências, esta instabilidade é ainda mais marcante: a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais é de 0,8 (entre 1,0 e 1,8), ou seja, 80% de variação total do período de coleta – 1,0. Note-se ainda que a entrevista 2 (1:4;06) marca o nível de variação mais baixo das palavras de conteúdo

³⁸ Poder-se-ia pensar em uma ordem de aquisição das classes das palavras gramaticais pela criança, sendo preposições, pronomes e artigos adquiridos primeiramente do que interjeições, numerais e conjunções. A classe dos advérbios parece ser a mais precocemente utilizada, sendo sua ocorrência já significativa desde o primeiro período de coleta, talvez por características da fala dirigida à criança pequena – vide significativa incidência de “aqui” e “não” já reportada.

em relação às gramaticais no que se refere aos tipos (1,5) e um dos mais altos (1,8) em relação às ocorrências.

No âmbito geral, este comportamento se deve, basicamente, à pequena quantidade de palavras no vocabulário de Ana neste período – em média, 61 tipos e 158 ocorrências. Especificamente em relação às palavras de conteúdo e palavras gramaticais, esta instabilidade é afetada principalmente por estas últimas. Enquanto na contagem dos tipos registra-se uma taxa de crescimento de 29% das palavras de conteúdo da entrevista 1 (1:2;05) para a entrevista 2 (1:4;06), na categoria das palavras gramaticais esta taxa é de 55%.

Pode-se dizer que esse crescimento se deu na amostra tanto de forma qualitativa quanto quantitativa. Qualitativamente, verificou-se o aparecimento, na entrevista 2 de Ana (1:4;06), de classes que fazem parte da categoria das palavras gramaticais e que não figuravam na amostra da entrevista 1 (1:2;05), tais como a presença das preposições – “em” e “para” em contrações com pronomes e artigos (“pra”, “pro”, “nessa”). Além disso, as classes dos pronomes, dos numerais, dos advérbios e dos artigos, que já figuravam na categoria das palavras gramaticais na entrevista 1 (1:2;05), tiveram seu número de elementos acrescidos na entrevista 2 (1:4;06), passando de 17 para 23 tipos, atestando o crescimento quantitativo da categoria. São exemplos de palavras desta categoria faladas por Ana nestas entrevistas os pronomes pessoais “ela”, “eu” e “me”, os advérbios de lugar – “ali”, “aqui”, “aí”- e os de negação – “não”- e afirmação – “sim”-, além dos artigos definidos e indefinidos e dos numerais cardinais.

Curiosamente, este comportamento da categoria das classes gramaticais em termos de tipos não se manifesta em termos de ocorrências. Enquanto os tipos registram um aumento de 55% da entrevista 1 (1:2;05) para a entrevista 2 (1:4;06), as ocorrências registram um decréscimo de 83% no mesmo período. Esse fato se justifica, em grande parte, pelo alto índice de repetição do vocábulo “aqui” na primeira entrevista (46 ocorrências), perfazendo 52% das ocorrências das palavras gramaticais desta amostra. A explicação para este comportamento talvez se faça através da conjugação de duas situações, uma de âmbito mais geral e outra particular. Do ponto de vista geral, refere-se aqui à imaturidade da aquisição do vocabulário da informante, como era de se esperar em tão tenra idade, ao utilizar uma mesma palavra diversas vezes, possivelmente para se referir a situações contextuais do momento da entrevista. Particularmente, poder-se-ia supor alguma

peculiaridade desta entrevista, como uma situação de brincadeira ou o direcionamento das perguntas por parte do entrevistador (ainda não familiarizado com a informante, vale lembrar) também pode estar contribuindo para este viés.

Da entrevista 3 (1:7;13) até a entrevista 6 (1:10;25) encontra-se um período marcado pela predominância das palavras de conteúdo em relação às palavras gramaticais, tanto em termos de tipos (em média 2,5) como de ocorrências (em média 1,5). O Quadro 3.5 (anterior) ilustra essa relação e aponta para a influência da ocorrência para forma conjugada “é” para o delineamento desse resultado.

A partir da entrevista 7 (2:0;26) observa-se um comportamento diferente desta relação, principalmente em termos de ocorrências. É nesta coleta que, pela primeira vez nos dados de Ana, o número de palavras gramaticais supera o das palavras de conteúdo (0,9). Embora esta relação volte a ser favorável a esta última categoria na entrevista seguinte (E8 – 2:1;26 – 1,2), este é um caminho sem volta, marcado por uma igualdade entre palavras gramaticais e palavras de conteúdo nas duas próximas entrevistas (E9 – 2:3;00 e E10 – 2:6;01) e pela superação destas primeiras em relação àquelas nas quatro entrevistas que completam o *corpus* (em média 0,8). Observa-se que esse comportamento acontece apesar de a forma conjugada “é”, pertencente à categoria das palavras de conteúdo, continuar sendo o vocábulo mais prevalente na fala de Ana (Quadro 3.5). Isso significa que outros elementos da classe das palavras gramaticais (pronomes, numerais, conjunções, advérbios, interjeições e artigo) também são muito prevalentes, em contraposição a outros elementos da categoria das palavras de conteúdo (ver comentário do quadro 3.2 onde já se discutia essa hipótese).

Esse comportamento favorece o aumento das ocorrências como um todo na fala de Ana neste período.

3.1.2.2 No *corpus*

Ao se observar os dados referentes a todas as entrevistas coletadas, verificam-se 738 tipos de palavras de conteúdo, que perfazem 4389 ocorrências, enquanto se registram 217 tipos e 4532 ocorrências de palavras gramaticais. Isso significa dizer que dos 955 tipos falados por Ana, 23% se referiam a palavras

gramaticais, enquanto 77% era formado por palavras de conteúdo. O Gráfico 3.6 ilustra esta relação no *corpus* de Ana.



Gráfico 3.6: Distribuição de tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Ana)

Por outro lado, das 8921 ocorrências do *corpus*, as duas categorias possuem igualdade de elementos. O Gráfico 3.7 ilustra a distribuição das palavras de conteúdo e das palavras gramaticais em termos de ocorrências.

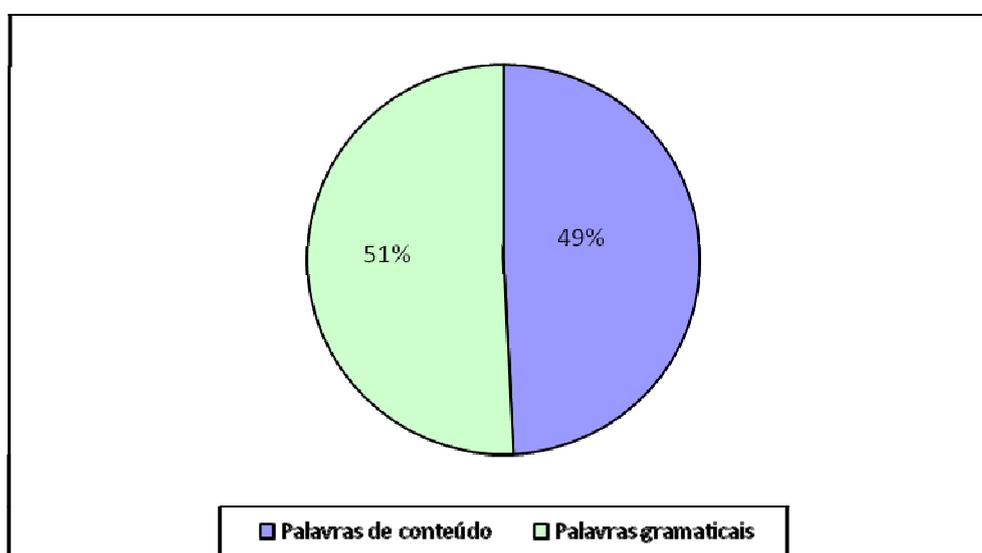


Gráfico 3.7: Distribuição de ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Ana)

Apesar de as palavras gramaticais representarem menos de uma quarta parte do vocabulário de Ana (23%), seu uso faz com que sejam responsáveis por mais da metade de seu discurso (51%). Este dado, embora não se compare com aqueles conseguidos por Biderman (2001) para a fala adulta – cerca de 80% do vocabulário

adulto é composto por palavras instrumentais, segundo a autora – mostra uma tendência para este comportamento. É preciso lembrar que este resultado final foi conseguido paulatinamente, conforme se pode observar pela análise das duas classes por entrevista, devido à aquisição mais tardia das palavras gramaticais em relação às palavras de conteúdo. Apesar do domínio tardio desta classe, ela já ocupa lugar de destaque na fala da informante, contribuindo para o desenvolvimento de seu vocabulário.

3.1.3 Análise semestral

Como se pode verificar pela observação das idades constantes no Quadro 3.1, os incrementos encontrados na análise acima referem-se justamente aos períodos de maior intervalo entre uma entrevista e outra (97 dias entre o primeiro e o segundo período e 91 dias entre o segundo e o terceiro períodos). Em nenhum outro momento de coleta os intervalos entre as entrevistas são tão grandes (variaram entre 26 e 61 dias). Assim, a fim de minimizar este efeito, propõe-se a análise dos dados de fala da menina Ana tomando-se como referência a idade, situando-se quatro pontos no período de coleta, distantes entre si com um intervalo de seis meses, iniciando-se pela entrevista 1, aos 1:02;05.

3.1.3.1 Relação entre tipos e ocorrências

Assim como na análise guiada pelos dados, a análise semestral se dará tanto em termos de tipos como de ocorrências.

O Gráfico 3.8 é, então, composto pela produção de Ana em termos de tipos nas quatro entrevistas do *corpus* que marcam o período de tempo de seis meses de coleta: 1:02;05; 1:08;12; 2:01;26 e 2:07;19.

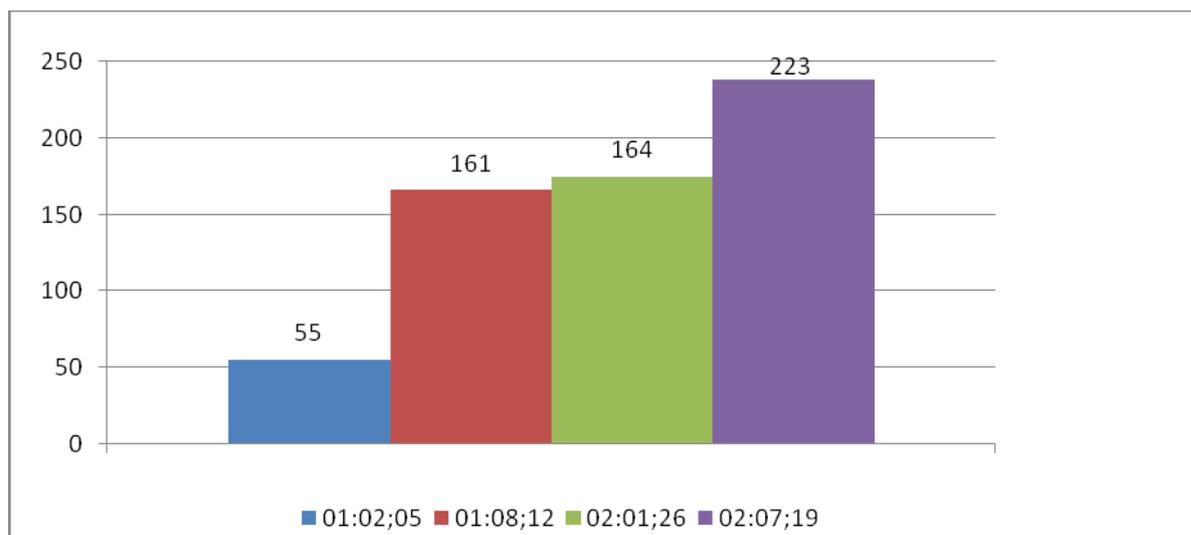


Gráfico 3.8: Tipos com intervalos de seis meses (Ana)

Pode-se verificar que a produção da menina, nestas entrevistas, mostra sempre um aumento de vocabulário, sendo a taxa de crescimento do mesmo assim distribuída: da entrevista 1 (1:02;05) para a entrevista 4 (1:08;12) houve um aumento de 192% no vocabulário de Ana; da entrevista 4 para a entrevista 8 (2:01;26) verifica-se um aumento de 2% e, desta para a entrevista 11 (2:07;19), há um incremento de 36%. Como essas entrevistas são apenas os marcos delimitantes dos semestres de coleta, será sempre proposta uma análise conjunta de todos os dados de cada período.

Fazendo-se uma média das palavras novas que se inserem no vocabulário de Ana nestes períodos, com base nos dados coletados em todas as entrevistas, tem-se o seguinte delineamento. No período que corresponde aos seis primeiros meses de coleta (entre 1:02;05 e 1:08;12), verifica-se uma média de 99 palavras diferentes por entrevista ditas pela menina. No período seguinte (entre 1:08;12 e 2:01;16) a média fica em 166 palavras por entrevista e, no terceiro período (entre 2:01;16 e 2:07;19), verifica-se uma média de 196 palavras por entrevista. Assim, a taxa de crescimento médio entre um período e outro é sempre positiva – 67% entre o primeiro e o segundo período e 18% entre o segundo e o terceiro período -, embora seja mais ascendente no início, conforme mostra o Gráfico 3.9.

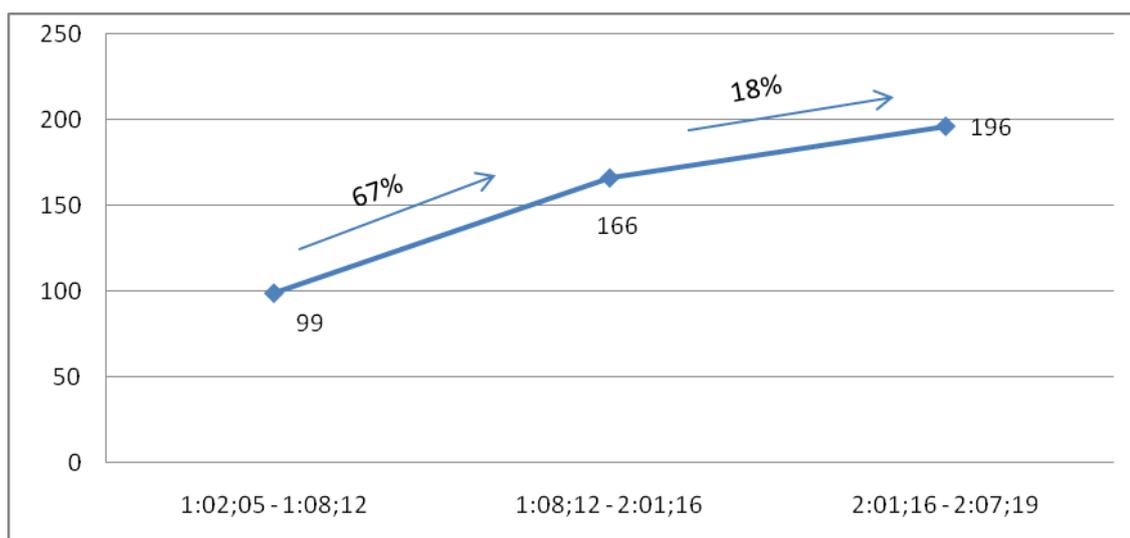


Gráfico 3.9: Taxa de crescimento a partir da média de tipos/mês por intervalos de seis meses (Ana)

De acordo com a caracterização da explosão do vocabulário descrita na metodologia deste trabalho, não se pode afirmar que Ana apresente o fenômeno da explosão de vocabulário quando se toma como base os períodos semestrais. Isso acontece porque o maior incremento de palavras no léxico da informante se dá justamente no período inicial da coleta, aos 1:7;13, minimizando o efeito desse crescimento ao se levar em conta todo o primeiro semestre de coleta. Apesar de não apresentar um incremento superior a 100% em nenhuma das passagens, é inegável que o crescimento entre o primeiro e o segundo semestre de coleta, entre 1 e 2 anos, é muito maior do que a partir dessa idade. Esse dado aponta para um maior incremento de itens lexicais justamente no período que antecede a faixa etária de dois anos de idade, preconizado na literatura como marco para a delimitação do fenômeno da explosão do vocabulário. Além disso, situa um aumento dos tipos (192% de taxa de crescimento) entre os 14 e os 20 meses de idade e na passagem do vocabulário de 50 para 100 palavras, de acordo com os resultados de Nelson (1973) e Fenson *et al.* (1993).

Ao se tomar como referência as mesmas entrevistas utilizadas na análise dos tipos (distantes seis meses umas das outras), ter-se-á uma evolução das ocorrências conforme mostra o Gráfico 3.10.

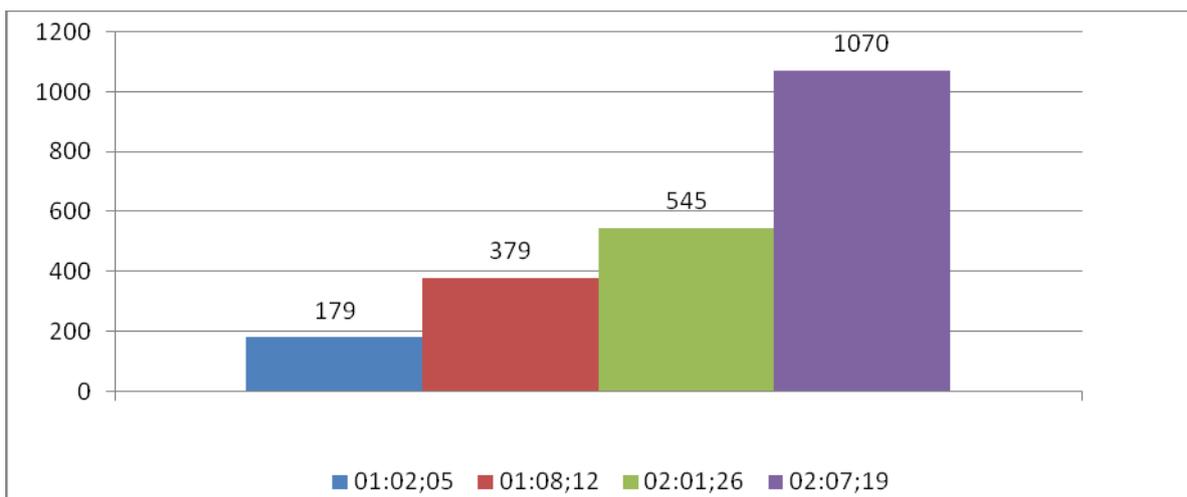


Gráfico 3.10: Ocorrências em intervalos de seis meses (Ana)

Da entrevista 1 (1:02;05) para a entrevista 4 (1:08;12) houve um aumento de 111%; desta para a entrevista 8 (2:01;26) registra-se um incremento de 43%, e desta para a última entrevista analisada, aos 2:07;19, verifica-se um aumento de 96% no número de palavras ditas por Ana.

Fazendo-se uma média das palavras ditas por Ana por intervalos de seis meses, obteve-se o seguinte delineamento. Entre 1:02;07 e 1:08;12, a informante falava, em média, 251 palavras por entrevista. No segundo período, entre 1:08;12 e 2:01;26, essa média elevou-se para 481 palavras por entrevista, tendo aumentado ainda mais no terceiro período, entre 2:01;26 e 2:7;19, com 785 palavras por entrevista. A taxa de crescimento do número de palavras ditas por Ana entre cada período foi de, respectivamente, 91 e 63%. O Gráfico 3.11 ilustra esse desenvolvimento.

A observação desses dados permite verificar um aumento maior do primeiro para o segundo período, com um acréscimo bem menor, mas contínuo, no número de palavras ditas por Ana do segundo para o terceiro período.

Estes dados condizem com aqueles encontrados para os tipos, demonstrando que, embora possuam desenvolvimentos diferentes, a aquisição do vocabulário e o uso das palavras no discurso da criança mantêm relações de influência entre si. O Gráfico 3.12 compara o desenvolvimento de tipos e ocorrências nas entrevistas semestrais.

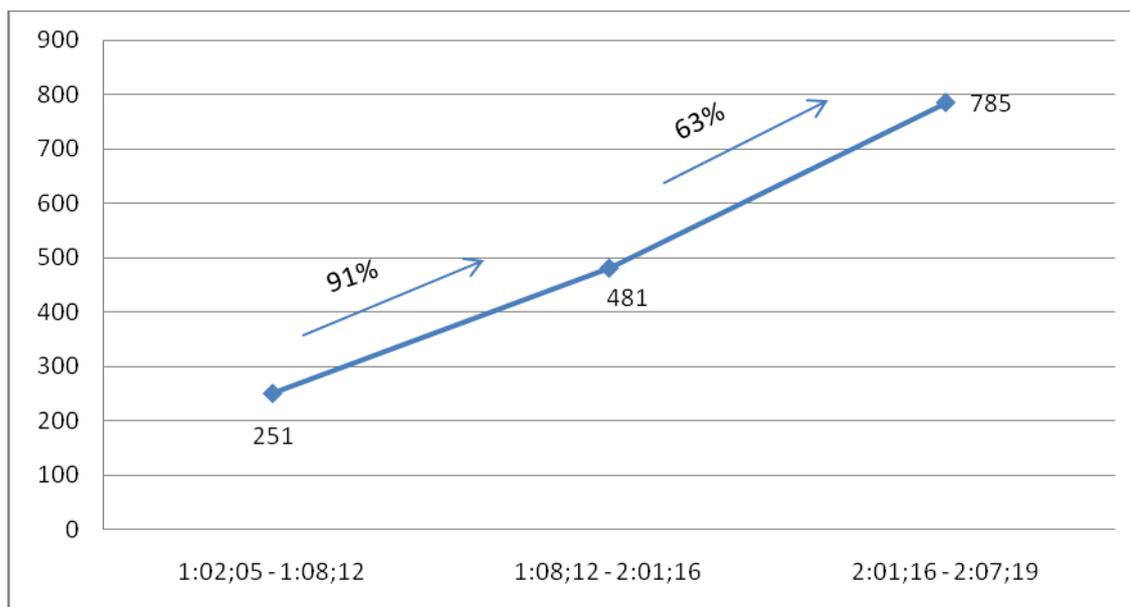


Gráfico 3.11: Taxa de crescimento a partir da média ocorrências/mês por intervalos de seis meses (Ana)

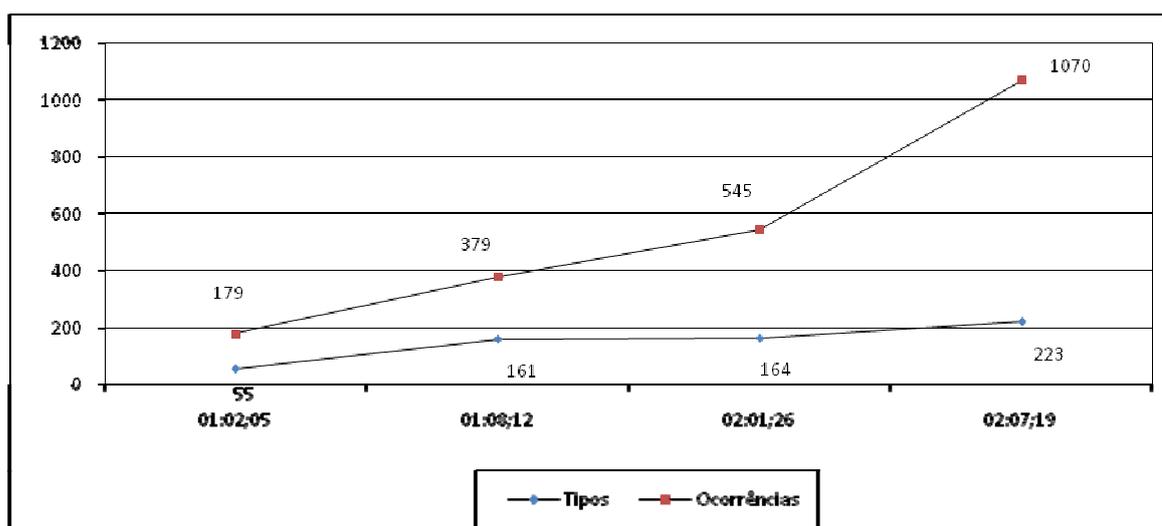


Gráfico 3.12: Comparação entre tipos e ocorrências em entrevistas semestrais (Ana)

A observação do gráfico acima permite ver que o desenvolvimento do vocabulário de Ana em termos de tipos e de ocorrências possui evoluções distintas. Enquanto o crescimento do vocabulário, representado pela contagem de tipos, sofre um incremento entre a entrevista 1 – 1:02;05 – e a entrevista 4 – 1:08;12, apresentando uma taxa de crescimento de 192%, o aumento no *corpus* da menina, em número de palavras, entre essas entrevistas, embora seja o mais expressivo, fica em 111%, ou seja, 81% abaixo da taxa de crescimento do vocabulário. Isto significa dizer que, nesse período, Ana incorporou muitas palavras novas ao seu vocabulário, mais do que expandiu sua conversação através da repetição dos mesmos vocábulos. Note-se que, em seguida, entre a entrevista 4 – 1:08;12 – e a entrevista 8

– 2:01;26, a taxa de crescimento das ocorrências (43%), embora menor do que no primeiro período, está bem acima da dos tipos (2%), com uma diferença de 41%. Entre a entrevista 8 – 2:01;26 - e a entrevista 11 – 2:07;19, a taxa de crescimento das ocorrências volta a ser maior do que a dos tipos, embora esta também sofra um crescimento: entre as ocorrências verifica-se 96% de aumento das palavras do *corpus*, enquanto, entre os tipos, o aumento de vocabulário é de 36% (60% de diferença).

Essa diferença entre as taxas de crescimento nesses períodos analisados é confirmada pela taxa de crescimento total no período de coleta de Ana (entre as 14 entrevistas): 494% de aumento dos tipos e 514% no aumento de ocorrências.

Ao se comparar tipos e ocorrências de Ana através da média de palavras em períodos de seis meses, teremos o seguinte delineamento, conforme ilustra o Gráfico 3.13, união dos Gráficos 3.9 e 3.11 acima.

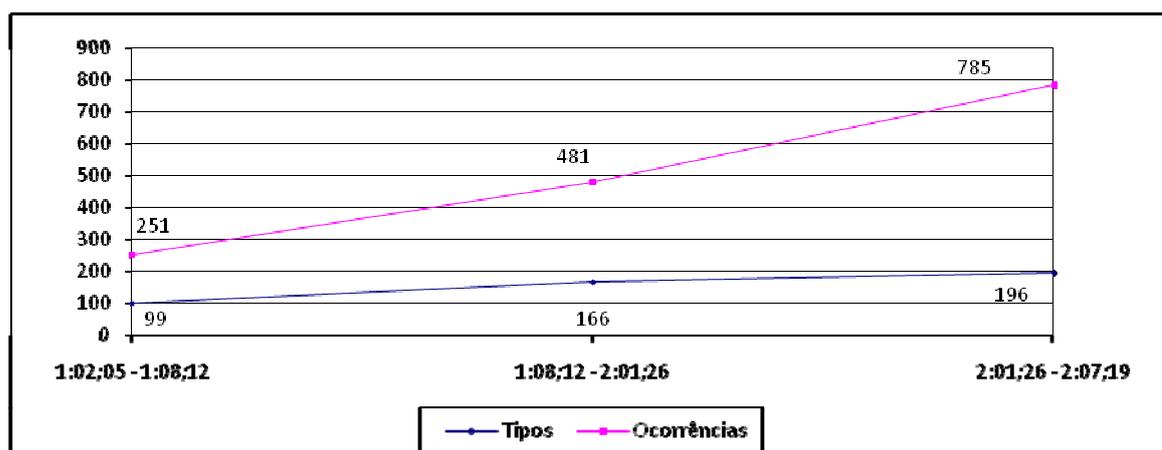


Gráfico 3.13: Comparação entre o crescimento de tipos e ocorrências em períodos semestrais (Ana)

Pode-se observar que, levando-se em conta todas as entrevistas do período (e não apenas aquelas selecionadas na descrição anterior), ainda é visível a superioridade do crescimento das ocorrências em relação aos tipos. Do primeiro período para o segundo a taxa de crescimento é de 67% para os tipos e 91% para as ocorrências, revelando um crescimento muito maior dessas últimas em relação aos primeiros (24% de diferença). Do segundo para o terceiro períodos, essa diferença é ainda maior. Enquanto a taxa de crescimento das ocorrências é de 63%, a taxa de crescimento dos tipos é de apenas 18% (45% de diferença). Note-se que isso não significa uma diminuição em termos de tamanho de vocabulário, mas sim

uma redução na taxa de incorporação de novas palavras ao repertório de Ana, com um uso cada vez mais constante dessas palavras.

Tomando-se o *corpus* em três períodos semestrais – entre 1:2;5 e 1:8; 12, entre 1:8;12 e 2:1;25, e entre 2:1;25 e 2:7;19, e realizando a relação dos tipos com as ocorrências, obtém-se o delineamento a seguir descrito. No primeiro período, referente aos seis primeiros meses de coleta, esta taxa é de 2,4 palavras repetidas; no segundo período, que engloba a segunda metade do primeiro ano da menina, esta taxa é de 2,8; e, no terceiro período de seis meses, a partir de aproximadamente 2 anos e 2 meses, esta taxa é de 3,9 palavras repetidas. Embora tenhamos que observar esses números cautelosamente, uma vez que a distribuição da repetição de palavras é muito variável no *corpus* da informante (ver quadro 3.2), eles denotam que, num primeiro momento, o índice de repetição de palavras no *corpus* é menor do que nas etapas seguintes, talvez caminhando para um padrão de estabilização da conversação, com cada vez menos palavras novas entrando no vocabulário da menina.

Esses achados revelam ainda que, assim como no primeiro período de coleta o aumento do número de tipos aponta para a existência do fenômeno da explosão do vocabulário, o incremento das ocorrências além de, obviamente, acompanhar esse crescimento, revela que a repetição de palavras por parte de Ana, principalmente no segundo e terceiro semestres de coleta de dados, sofre uma diferença qualitativa. Tal comportamento pode ser atribuído à incorporação de palavras gramaticais ao vocabulário da menina, como já foi visto anteriormente.

Enfim, os dados da análise semestral com relação ao estudo do fenômeno da explosão do vocabulário na fala da informante Ana corroboram os achados da análise feita anteriormente, guiada pelos dados, a saber, um incremento maior dos tipos em um primeiro momento (em torno dos 2 anos) e o subsequente incremento das ocorrências, minimizando os efeitos de um intervalo mais longo entre uma coleta e outra.

3.2 Hipótese do viés nominal

Segundo resultados de várias pesquisas citadas na fundamentação teórica deste trabalho, em especial para as línguas ocidentais, é preciso que a criança

domine um certo número de substantivos para, posteriormente, adquirir verbos. Esse fato, conhecido na literatura como hipótese do viés nominal, prevê, em sua versão fraca, que o número de substantivos seja superior ao dos verbos durante o período inicial de aquisição lexical.

A fim de verificar a atuação da hipótese do viés nominal no português brasileiro, far-se-á, neste momento, a comparação entre o número de substantivos e de verbos no *corpus* de Ana. Para computar o número de substantivos, foram somadas as categorias substantivos próprios e substantivos comuns classificadas de acordo com a metodologia desta pesquisa³⁹. Da mesma forma, para o cômputo dos verbos, foram somadas as categorias verbos e locuções verbais. No âmbito geral, Ana apresentou 442 palavras referentes a substantivos e 281 palavras referentes a verbos, revelando uma predominância dos nomes em relação aos verbos e apoiando a versão fraca da hipótese do viés nominal tal como apresentada na fundamentação teórica deste trabalho.

3.2.1 Tipos e ocorrências

3.2.1.1 Tipos

Quanto ao desenvolvimento dessas categorias em termos de tipos, o Gráfico 3.14 ilustra o número de verbos e substantivos em cada entrevista.

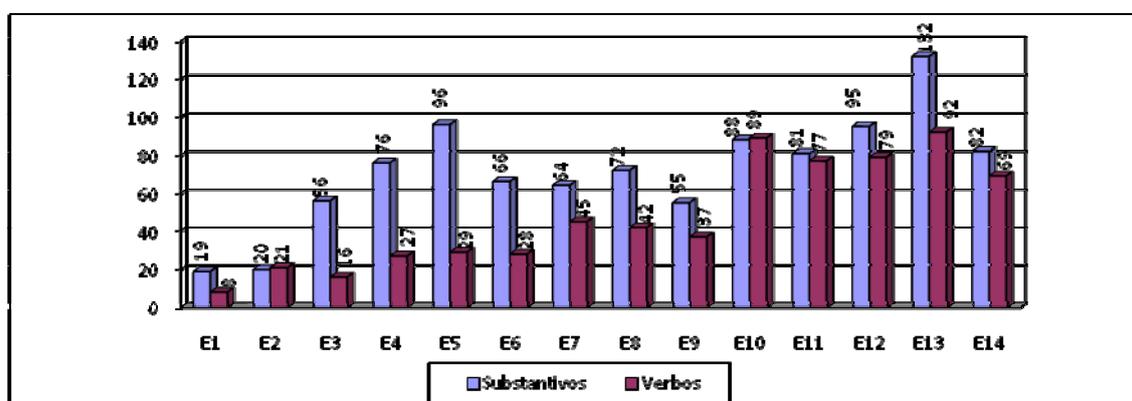


Gráfico 3.14: Tipos de substantivos e verbos por entrevista (Ana)

³⁹ Não foram aqui incluídas as onomatopéias, conforme o procedimento realizado para o cômputo das palavras de conteúdo, na tentativa de uniformizar este trabalho com os da literatura internacional.

Quanto ao comportamento dos substantivos, pode-se observar que há períodos de crescimento e de decréscimo na fala de Ana. Nota-se que, até a entrevista 5, aos 1:09;08, há um desenvolvimento gradual no número de substantivos falados pela menina a cada entrevista. Da entrevista 5 para a entrevista 6 (1:10;25), no entanto, verifica-se um decréscimo nesse desenvolvimento, que se mantém estável até a entrevista 9 (2:03;00), quando novamente começa a aumentar. Da entrevista 9 para a entrevista 10 (2:06;01), observa-se um novo incremento, que se mantém, em média, até o final da coleta.

Dividindo-se, então, o desenvolvimento dos substantivos na fala de Ana no que se refere aos tipos, tem-se o seguinte delineamento. As duas primeiras entrevistas (entre 1:2;05 e 1:4;06) apresentam uma média de 19 tipos de substantivos, variando entre 19 e 20 substantivos por entrevista. A partir da entrevista 2, o número de substantivos começa a aumentar gradativamente até a entrevista 5, exibindo as seguintes taxas de crescimento: da entrevista 2 (1:4;06) para a entrevista 3 (1:7;13), 180%; desta para a entrevista 4 (1:8;12), 35%; desta para a entrevista 5 (1:9;08), 26%. Em média, esse segundo período (entre 1:7;13 e 1:9;08) registrou 76 substantivos por entrevista (variando entre 56 e 96), apresentando uma taxa de crescimento de 300% em relação ao período anterior. Da entrevista 6 (1:10;25) até a entrevista 9 (2:3;00), observa-se uma regressão na taxa de crescimento dos substantivos. A média nesse período é de 64 tipos por entrevista (variando entre 55 e 72), registrando um decréscimo de 15% na taxa de crescimento desta classe. Da entrevista 10 (2:6;01) até a entrevista 14 (2:11;23), a média dos substantivos volta a subir, ficando em torno de 95 tipos por entrevista (entre 81 e 132) e registrando um aumento de 48% em relação à etapa anterior. O Quadro 3.6 ilustra os substantivos falados por Ana por entrevista. Ele foi montado com base nos dados iniciais dos substantivos na entrevista 1 (1:02;05) – 19 ocorrências e, a partir daí, são exemplificados somente os substantivos novos que se incorporaram ao vocabulário da menina a cada entrevista.

Entrevista	Idade	Palavra
E1	1:02;05	Água, bicho, bola, bruxa, carro, casa, cavalo, chave, estrela, flor, gol, maçã, mãe, nenê, porco, sapo, trator, urso.
E2	1:04;06	Bicicleta, bolsa, bota, cenoura, coelho, Muqui, papá, papai, saúde, tartaruga, vaca.
E3	1:07;13	Avião, balde, Bambi, banana, boi, borboleta, cabelo, café, cebola, chapéu, espelho, esquilo, foca, garfo, globo, macaco, mão, menina, milho, Mônica, moto, olho, orelha, palhaço, panda, passarinho, pé, pente, pepino, pijama, Pimpão, Pluto, roupa, sapato, tomate, vassoura, verso, xícara.
E4	1:08;12	Aranha, árvore, barata, barriga, blusa, boneca, braço, bunda, cadeira, calcinha, Cebolinha, chaleira, chinelo, chuchu, Clara, colher, cuca, bolacha, faca, fogão, girafa, lápis, leão, livro, medo, mel, Mickey, mundo, ovelha, panela, peça, pessoal, Pipo, princesa, rei, salsicha, tapete.
E5	1:09;08	Abóbora, Ana, bebê, bico, boca, cabide, cachorro, cebola, comida, dedo, Denise, escada, gato, guri, laranja, mamã, meia, nariz, onça, pá, página, Páscoa, pêra, perna, pérola, pimentão, pingüim, rabo, rádio, salsichão, sofá, telefone, tosse, vestido, xereca, xixi.
E6	1:10;25	Abelha, açúcar, areia, arma, batata, caminhão, cor, cravo, elefante, Gabriela, galinha, helicóptero, hora, Minnie, praça, praia, rosa, sacola, suco, tampa, tesoura, vacina, veado, viagem.
E7	2:00;26	Abacaxi, Ada, anel, arroz, Carla, carne, chiquinha, coisa, dente, Doti, formiga, forno, gafanhoto, mesa, ovo, papel, parede, perfume, príncipe, ralo, remédio, risoto, xampu, televisão.
E8	2:01;26	Borracha, caixa, chão, cobra, copo, escova, gigante, Giovanna, Holanda, mar, Margarida, pele, Pooh, rainha, rua, saia, sereia, sol, sopa, vaso, virgínia, vó.
E9	2:03;00	Amiga, beterraba, bicho, bolo, chocolate, esponja, farmácia, filho, filme, fio, lixo mosca, Papai Noel, porta, PUC, sítio, Susi, tromba, Woody.
E10	2:06;01	Arroz, asa, balanço, Barbie, barulho, cama, caminho, cinema, cobertor, colega, doce, feijão, frio, gripe, pia, prato, quarto, toalha, Vitória.
E11	2:07;19	Armário, banheiro, banho, batom, berço, cocô, dia, família, Jane, língua, margarina, massa, morango, pilha, rolo, Tarzan.
E12	2:08;28	Abajur, barco, Bourbon, cabeça, churrasco, fantasia, fermento, história, Linguado, mamadeira, peneira, presente, sangue, semente, surpresa, Tigrão, Xuxa.
E13	2:10;25	Amor, brilho, caracol, chicle, desenho, forma, gambá, ganso, gente, Isabel, janta, jarra, lagarto, luz, médico, nome, Pokemon, quadro, relógio, sala, talco, terneiro, travesseiro.
E14	2:11;23	Cascão, Franjinha, fruta, gota, guisado, ilha, jogo, leite, Magali, Maria, mingau, moço, pátio.

Quadro 3.6: Tipos de substantivos por entrevista (Ana)

Note-se que esse quadro ilustra de forma concreta os dados até aqui analisados do *corpus* da informante, revelando uma grande incorporação de substantivos nas entrevistas 3, 4 e 5 (entre 1:07;13 e 1:09;08), responsável pela delimitação do fenômeno de explosão de vocabulário nesse período, conforme já comentado anteriormente.

Em relação aos verbos, pode-se observar uma distribuição diferente daquela apresentada para os substantivos. A primeira entrevista (1:2;05) apresenta um número de verbos bem inferior ao apresentado no restante do desenvolvimento – 8 tipos, contra 21 tipos na entrevista 2 (1:04;06). Os verbos da entrevista 1 (1:2;05) são, a título de ilustração: “abriu” (2 ocorrências), “achei” (7 ocorrências), “achou” (1 ocorrência), “é” (10 ocorrências), “lembro” (1 ocorrência), “olha” (5 ocorrências), “quer” (1 ocorrência), “tá” (1 ocorrência).

Antes de se pensar em um comportamento isolado, é preciso lembrar que as duas primeiras entrevistas, em todas as demais análises realizadas, apresentavam o mesmo comportamento, funcionando como um grupo. A diferença apresentada pelos verbos entre essas duas entrevistas, embora não se possa comprovar, parece estar relacionada à atuação da hipótese do viés nominal, que prevê a prevalência dos substantivos sobre os verbos na aquisição inicial. Da entrevista 2 até a entrevista 6 (1:10;25), a média dos verbos é de 24 tipos (variando entre 16 e 29 verbos), apresentando uma taxa de crescimento de 200% em relação à entrevista 1. Da entrevista 7 (2:0;26) até a entrevista 9 (2:3;00), a média dos verbos é de 41 tipos por entrevista (variando entre 37 e 45), registrando um crescimento de 70%. Da entrevista 10 (2:6;01) até a entrevista 14 (2:11;23), a média dos verbos é de 81 tipos (variando entre 77 e 92), registrando uma taxa de crescimento de 97% em relação ao período anterior. A fim de concretizar esses valores, propõe-se o Quadro 3.7, que expõe os verbos falados pela informante Ana, por entrevista. Esse quadro foi montado seguindo o mesmo padrão estabelecido para a confecção do Quadro 3.6 referente aos substantivos.

Partindo-se dos dados da entrevista 1 (1:2;05) foram sendo adicionados, a cada entrevista, os novos elementos da categoria dos verbos na fala da menina. Importante ainda ressaltar que exemplos, sendo ilustrativos dos vocábulos ditos pela informante, estão na forma infinitiva, ao contrário das demais análises.

Entrevista	Idade	Palavra
E1	1:02;05	Abrir, achar, estar, lembrar, olhar, querer, ser.
E2	1:04;06	Beber, botar, comer, dar, fazer, papar, passar, pegar, poder, puxar, sentar, ter, vir, voar.
E3	1:07;13	Bater, brincar, cair, chegar, cortar, gostar, pular, ver.
E4	1:08;12	Ajudar, buscar, desenhar, ir, mexer, nanar, saber, subir, tampar, tirar.
E5	1:09;08	Alcançar, assustar, chorar, dormir, estragar, falar, fazer.
E6	1:10;25	Acabar, brigar, deixar, descer, dizer, pentear, virar.
E7	2:00;26	Amarrar, apertar, arrumar, caber, colocar, esfriar, guardar, incomodar, ligar, parar, por, precisar, prender, rir sair, sossegar, tomar.
E8	2:01;26	Aceitar, assistir, atender, cansar, esquecer, fechar, ficar, nadar, telefonar, trancar.
E9	2:03;00	Doer, escolher, matar.
E10	2:06;01	Andar, aprender, balançar, comprar, crescer, demorar, desenrolar, enrolar, escovar, ganhar, grudar, levar, procurar, secar, trabalhar, tratar.
E11	2:07;19	Amassar, apagar, conseguir, encostar, esconder, lamber, mostrar, queimar.
E12	2:08;28	Aparecer, cavar, dever, engolir, fantasiar, ouvir, peneirar, pescar, rolar, segurar.
E13	2:10;25	Contar, desaparecer, desarrumar, emprestar, empurrar, faltar, haver, molhar, parecer, servir, terminar.
E14	2:11;23	Chamar, correr, entrar, latir, machucar, mamar, morar, morder, voltar.

Quadro 3.7: Tipos de verbos por entrevista (Ana)

Assim como no caso dos substantivos, a observação do quadro permite situar uma maior incorporação de tipos de verbos a partir dos dois anos de idade (entrevista 7 – 2:0;26), corroborando as demais análises realizadas até aqui.

Para melhor visualizar a relação entre substantivos e verbos na fala de Ana, construiu-se o Gráfico 3.15, abaixo.

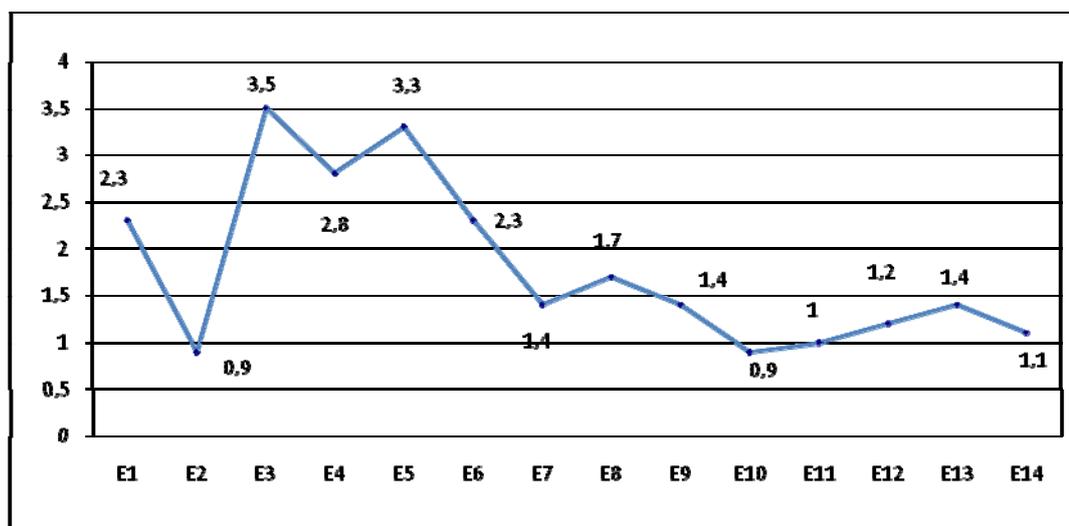


Gráfico 3.15: Relação de tipos de substantivos e verbos (Ana)

Ao se comparar o desenvolvimento dos substantivos em relação aos verbos na fala de Ana, podemos observar que, em termos de tipos, os substantivos são, invariavelmente, mais numerosos do que os verbos (exceção feita às entrevistas 2 – 1:04;06- e 10 -2:06;01-, quando há um verbo a mais do que o número de substantivos).

Pode-se verificar que no período inicial de coleta dos dados de Ana há uma maior prevalência de substantivos em relação aos verbos, que tem seus picos máximos nas entrevistas 3 (1:07;13) e 5 (1:09;08), decaindo até a entrevista 9 (2:03;00), estabilizando-se, a partir daí, entre 1 e 1,4 substantivos para cada verbo.

Esses dados corroboram a versão fraca da hipótese do viés nominal, apresentando elementos que comprovam que a relação entre substantivos e verbos não é homogênea ao longo do desenvolvimento, o que pode atestar a facilidade de aquisição da classe dos substantivos sobre a dos verbos conforme a hipótese da partição natural (Gentner, 1982). Em outras palavras, se a relação entre substantivos e verbos na fala da informante fosse linear, poder-se-ia dizer que os substantivos são, por exemplo, mais numerosos do que os verbos e, por isso, eles prevalecem sobre esses últimos. A aproximação entre o número de tipos de

substantivos e verbos no decorrer da coleta, conforme a idade vai incrementando, mostra que a aquisição inicial dos substantivos pode não estar relacionada à oferta desses elementos no *corpus* que serve de *input* à aquisição da linguagem da criança, mas sim a fatores de ordem cognitiva que tornam a classe dos substantivos mais fácil de ser adquirida, em virtude de sua concretude para a criança.

Analisando-se todos os dados disponíveis até aqui a respeito dos tipos na fala de Ana e separando-os em períodos conforme as dimensões de seu vocabulário, tem-se um quadro como 3.8, abaixo.

Idade	Entrevistas	Vocabulário estimado	Média Tipos	Média Subst		Média Verbos	
					%		%
1:2 – 1:4	1 – 2	50 palavras	61	19	31%	14	22%
1:7 – 2:3	3 – 9	100 – 200 palavras	155	69	44%	32	20%
2:6 – 2:11	10 – 14	+ 200 palavras	261	95	36%	81	31%

Quadro 3.8: Tipos conforme faixa etária e tamanho do vocabulário (Ana)

Estes dados permitem com que se façam algumas comparações do vocabulário de Ana com resultados de pesquisas apresentadas na fundamentação teórica desta tese.

Primeiramente, analisando-se os números absolutos, verifica-se uma clara prevalência dos substantivos em relação aos verbos em termos de tipos. No entanto, como se pode observar pelas porcentagens, esta categoria (substantivos) nunca perfaz mais da metade do léxico de Ana, conforme atestaram Nelson (1973) para um vocabulário de 50 palavras e Bates *et al.* (1994) para um vocabulário de 100 – 200 palavras.

Ainda em termos absolutos, não se pode também corroborar os resultados de Fenson *et al.* (1993) e Bates *et al.* (1994) a respeito do desenvolvimento destas duas categorias. Segundo o primeiro estudo, o número de substantivos aumenta entre 0 – 100 palavras para estabilizar-se entre 100 – 200 palavras e, a partir daí, sofrer um decréscimo. Da mesma forma, Bates *et al.* (1994) postulam um aumento dos substantivos entre 0 – 100 palavras para um decréscimo posterior. O que se observa nos dados de Ana é um crescimento contínuo desde um vocabulário de 50 palavras até mais de 200 palavras. No entanto, pode-se afirmar que a taxa de crescimento dos substantivos é inversamente proporcional ao tamanho do vocabulário de Ana: enquanto do primeiro para o segundo período registra-se um crescimento de 263%, do segundo para o terceiro este é de 37% apenas. Quanto à porcentagem de

substantivos em relação ao léxico como um todo, pode-se observar o comportamento previsto pelos autores: um crescimento inicial (mais largo, até 200 palavras) e um menor uso dos substantivos a partir daí.

Quanto aos verbos, os dados de Ana corroboram os resultados de Bates *et al.* (1994), mas não os de Fenson *et al.* (1993). Embora em termos absolutos, observa-se um crescimento contínuo desta categoria na fala da menina, as taxas de crescimento entre os períodos – 128% e 153%, respectivamente – demonstram que o maior incremento se dá na passagem de um vocabulário de até 200 palavras para um de mais de 200 palavras, e não entre 50 – 100 palavras como atestam Fenson e seus colaboradores.

É importante ainda salientar que a taxa de crescimento entre o segundo e o terceiro período só não é maior em relação à anterior porque, conforme descrito anteriormente, a entrevista 2 (1:4;06), pertencente ao primeiro período, apresenta um comportamento diferenciado em relação aos verbos. Este fato também colaborou para uma maior porcentagem de verbos em relação ao léxico da menina como um todo no primeiro período em relação ao segundo.

Importante ainda mencionar que os dados da menina Ana corroboram os achados de Bassano (1998), Bassano *et al.* (1998) e Bassano (2000), embora a idade em que os mesmos se verificarem na fala da informante seja um pouco superior àquelas encontradas nestes trabalhos. Nestes, verifica-se uma prevalência dos substantivos em relação aos verbos até a idade de 1:8, para uma posterior igualdade entre as classes em termos de tipos ao redor dos dois anos de idade. Aqui, um esboço desta equivalência começa a se desenhar a partir de 2:6 – entrevista 10, pelo menos no que se refere ao lugar ocupado por estas duas classes no léxico de Ana.

3.2.1.2 Ocorrências

Para verificar a atuação da hipótese do viés nominal, além de analisarem-se os tipos, é preciso realizar uma análise da aquisição em relação às ocorrências, uma vez que se sabe, de antemão, que nem sempre essas duas categorias andam juntas. Sendo assim, o Gráfico 3.16 ilustra a distribuição das ocorrências dos

substantivos e dos verbos na fala de Ana, conforme a metodologia aplicada a este trabalho, durante as 14 entrevistas do *corpus*.

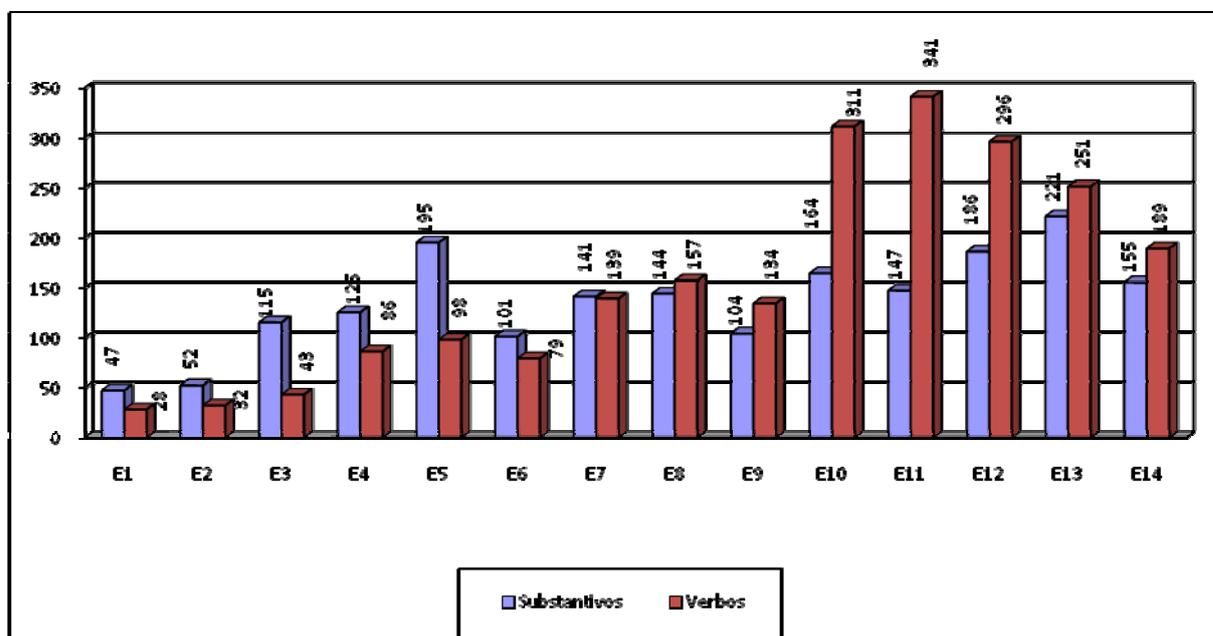


Gráfico 3.16: Ocorrências de substantivos e verbos por entrevista (Ana)

Note-se como a distribuição dessas classes gramaticais, em termos de ocorrências, varia na fala de Ana. Até a entrevista 7 (2:00;26), há um predomínio dos substantivos no discurso da menina. A partir daí, há uma inversão em termos das palavras faladas por Ana, prevalecendo a categoria dos verbos na fala da menina. Estes dados corroboram os achados de Bassano (2000), que prevê que, por volta dos dois anos de idade as ocorrências dos verbos superem as dos substantivos.

No que se refere aos substantivos, pode-se dividir o crescimento em termos de ocorrências em quatro períodos distintos:

- 1) Entre 1:2;05 e 1:4;06, correspondente às duas primeiras entrevistas, a média das ocorrências dos substantivos gira em torno de 39 ocorrências (entre 32 e 47).
- 2) A partir da entrevista 3 (1:7;13) observa-se um incremento substancial desta classe em relação ao período anterior. A taxa de crescimento entre a entrevista 2 e a entrevista 3 é de 259%. Levando-se em conta o período que vai até a entrevista 5 (1:9;08), que ainda registra um crescimento em relação às ocorrências dos substantivos, obtém-se uma média de 141 palavras por entrevista (variando entre 115 e 195). A taxa de crescimento deste período

em relação ao anterior é de 261%. É importante notar que este crescimento em termos de ocorrências está vinculado a um aumento de tipos de substantivos neste período que, por sua vez, parece também estar relacionado com o fenômeno da explosão de vocabulário na fala de Ana. Isso significa dizer que os substantivos, dentro da classe das palavras de conteúdo, têm papel fundamental na aquisição de novos vocábulos pela criança, corroborando também a atuação da hipótese do viés nominal.

3) Entre a entrevista 6 (1:10;25) e a entrevista 11 (2:7;19) verifica-se, ao mesmo tempo, uma diminuição do número de ocorrências de substantivos e uma oscilação das mesmas nesta classe gramatical. Ao contrário do período anterior, estes comportamentos nem sempre se vinculam às mesmas características em termos de tipos, confirmando a evolução distinta destas duas categorias na aquisição lexical. Neste período, a média das ocorrências dos substantivos é de 133 palavras (entre 101 e 164), registrando um decréscimo de 5% na taxa de crescimento.

4) Da entrevista 12 (2:8;28) até a entrevista 14 (2:11;23), a média aumenta um pouco – 180 ocorrências -, mas a oscilação continua (o número de ocorrências de substantivos varia entre 135 e 221). Em relação ao período anterior, registra-se um aumento de 35% na taxa de crescimento.

O Quadro 3.9 ilustra os substantivos mais freqüentes em cada período aqui delimitado.

Período	Entrevistas	Idade	Palavra	Ocorrências
1	1 – 2	1:2;05 a 1:4;06	nenê	13
2	3 – 5	1:7;13 a 1:9;08	bruxa	32
3	6 – 11	1:10;25 a 2:7;19	tomate	33
4	12 – 14	2:8;28 a 2:11;23	coisa	18

Quadro 3.9: Ocorrências de substantivos por período (Ana)

Em relação aos verbos, o comportamento das ocorrências é um pouco diferenciado. Entre a entrevista 1 (1:2;06) e a entrevista 4 (1:8;12), há um aumento contínuo das ocorrências, assim delineado.

- 1) Da entrevista 1 para a entrevista 2 (1:4;06), o aumento é de 14%;
- 2) Da entrevista 2 para a entrevista 3 (1:7;13), registra-se um aumento de 34%;

3) Da entrevista 3 para a entrevista 4 (1:8;12), a taxa de crescimento é de 100%.

Desta forma, pode-se delimitar o primeiro período entre a entrevista 1 (1:2;06) e a entrevista 3 (1:7;13), com média de 34 ocorrências de verbos por entrevista.

Entre a entrevista 4 (1:8;12) e a entrevista 5 (1:9;08), o número de ocorrências é quase idêntico – taxa de crescimento de 8% –, decaindo um pouco na entrevista 6 (1:10;25) – menos 15%. Essas três entrevistas formam o segundo período, que apresenta uma média de 86 ocorrências de verbos por entrevista e a taxa de crescimento de 152% em relação ao período anterior.

O período entre as entrevistas 7 (2:0;26) e 9 (2:3;00) apresenta um novo incremento em relação às ocorrências de verbos. A média neste período é de 143 verbos por entrevista, registrando-se uma taxa de crescimento de 66% em relação ao período anterior. Apesar de o crescimento não ser tão expressivo neste período, ele se torna importante porque estabelece, pela primeira vez, a prevalência das ocorrências dos verbos sobre os substantivos (relação de 1,1).

Esta relação aumenta no período seguinte, entre 2:6;01 e 2:11;23. Nestas cinco entrevistas, a média das ocorrências dos verbos é de 275 palavras, 92% mais alta do que no período anterior. Este crescimento resulta em uma maior prevalência dos verbos, registrando uma ocorrência de 1,6 verbos para cada substantivo. Esta prevalência é maior nas primeiras entrevistas do período (entre 2:6;01 e 2:8;28) e seu surgimento coincide com um aumento do número de tipos desta classe, embora o comportamento das demais entrevistas do período nem sempre coincida nas duas categorias.

O Quadro 3.10 ilustra os verbos mais freqüentes em cada período aqui delimitado.

Período	Entrevistas	Idade	Palavra	Ocorrência
1	1 – 3	1:2;06 a 1:7;13	achei	7
2	4 – 6	1:8;12 a 1:10;25	é	93
3	7 – 9	2:0;26 a 2:3;00	é	168
4	10 – 14	2:6;01 a 2: 11;23	é	456

Quadro 3.10: Ocorrências de verbos por entrevista (Ana)

Para melhor estudar a relação entre estas classes na fala de Ana, construiu-se o Gráfico 3.17, que mostra a relação entre substantivos e verbos a cada entrevista da coleta.

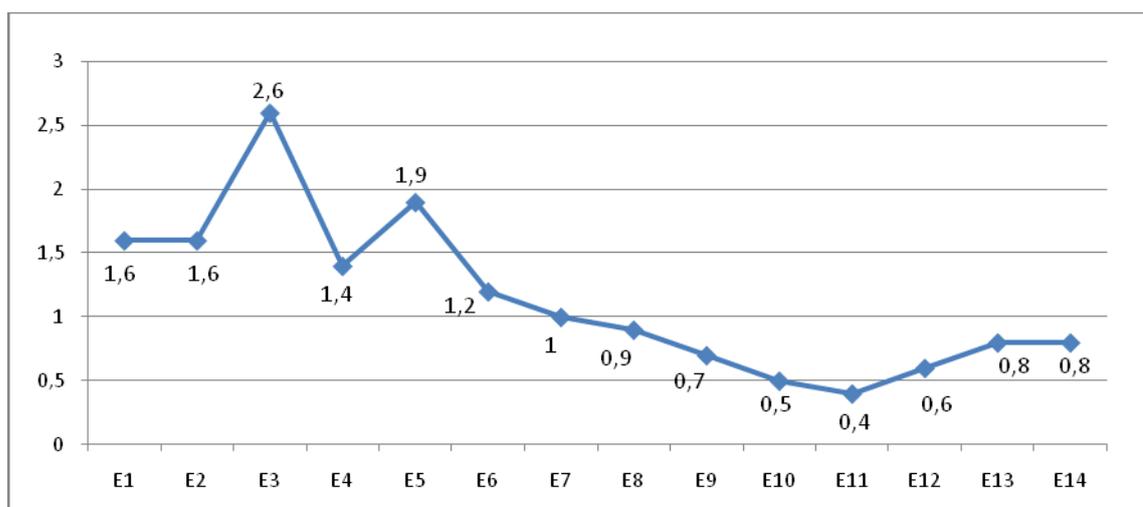


Gráfico 3.17: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Ana)

A observação do gráfico divide claramente o desenvolvimento desta relação em dois períodos distintos, cuja divisão se dá justamente na entrevista 7 (2:0;26), quando há uma igualdade entre os elementos das duas classes. No período anterior (entre a entrevista 1 – 1:2;05 – e a entrevista 6 – 1:10;25), observa-se a prevalência dos substantivos na fala de Ana e, no período posterior (entre a entrevista 8 – 2:1;26 – e a entrevista 14 – 2:11;23), são os verbos que se sobressaem na categoria das ocorrências.

Além de corroborar a verificação da atuação da hipótese do viés nominal na fala da informante, constatada na análise por tipos, este resultado aponta para o início da aquisição da sintaxe, embora não se possa comprovar, no escopo deste trabalho, tal hipótese.

O quadro 3.11 exemplifica o comportamento dos elementos dessas duas classes, por meio da exposição dos elementos mais prevalentes em cada uma, por entrevista.

3.2.2 Análise semestral

A fim de minimizar possíveis interferências de períodos muito longos de intervalo entre as entrevistas, podendo comprometer a análise dos dados, propõe-se, novamente, na análise da atuação da hipótese do viés nominal, a seleção das entrevistas de Ana em períodos de seis meses, iniciando-se pela entrevista 1. Para

a análise semestral far-se-á a descrição dos dados a partir das classes gramaticais envolvidas na atuação da hipótese do viés nominal, a saber os substantivos e verbos, enfatizando-se, em cada sub-capítulo, primeiramente os tipos e, na seqüência, as ocorrências e a relação entre estas duas categorias.

Entrevista	Idade	Subst.	Entrevista	Corpus	Verbos	Entrevista	Corpus
E1	1:02;05	nenê	12	25	é	10	740
E2	1:04;06	bruxa	10	72	quero	5	78
E3	1:07;13	pente	10	34	é	12	740
E4	1:08;12	bruxa	12	72	é	20	740
E5	1:09;08	bruxa	19	72	é	43	740
E6	1:10;25	banana	8	44	é	30	740
E7	2:00;26	tomate	12	52	é	31	740
E8	2:01;26	cobra	13	13	é	70	740
E9	2:03;00	chapéu	7	20	é	67	740
E10	2:06;01	boneca	12	37	é	94	740
E11	2:07;19	coisa	17	41	é	140	740
E12	2:08;28	filha	14	16	é	106	740
E13	2:10;25	massa	9	12	é	50	740
E14	2:11;23	Magali	6	6	é	66	740

Quadro 3.11: Substantivos e verbos mais freqüentes por entrevista (Ana)

3.2.2.1 Substantivos

O Gráfico 3.18 ilustra o desenvolvimento dos substantivos nas quatro entrevistas distantes seis meses entre si em termos de tipos.

Pode-se observar que, em um primeiro momento, a taxa de crescimento dos substantivos é muito elevada: 300% entre as idades de 1:02;05 e 1:08;12. Entre esta entrevista e a próxima, aos 2:01;26, verifica-se um decréscimo de 5% na taxa de crescimento de substantivos na fala de Ana, que volta novamente a crescer entre 2:01;26 e 2:07;19 (12%), embora em muito menor escala do que no primeiro período.

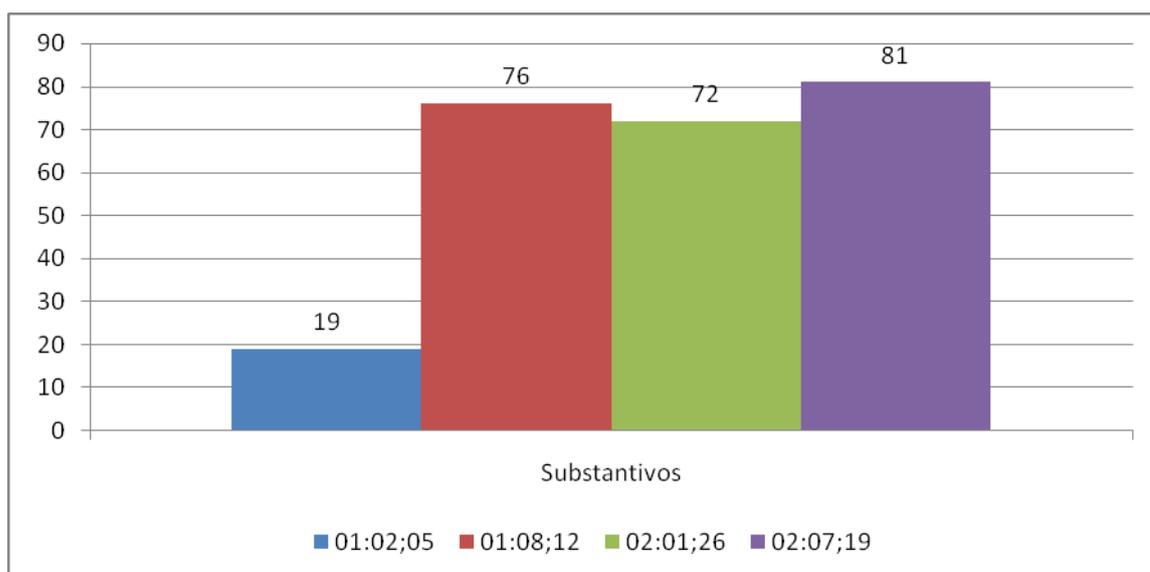


Gráfico 3.18: Tipos de substantivos em entrevistas semestrais (Ana)

Realizando-se uma média dos tipos de substantivos nesses períodos, teremos um delineamento conforme o Gráfico 3.19, abaixo.

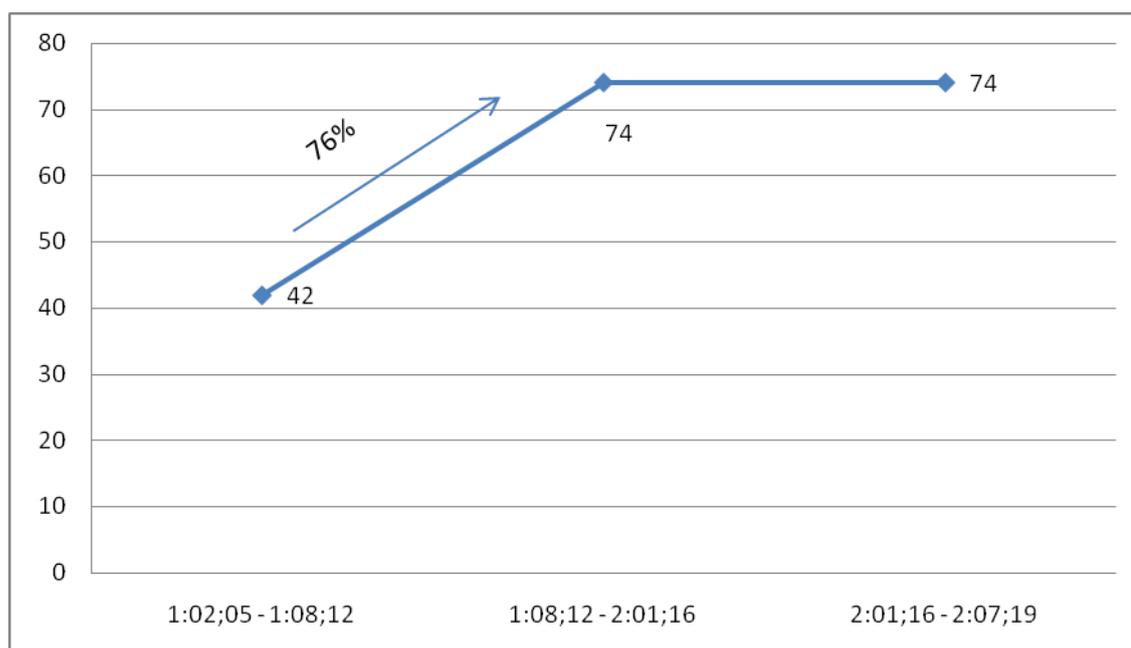


Gráfico 3.19: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de substantivos em períodos semestrais (Ana)

Enquanto nos primeiros seis meses de coleta se obteve uma média de 42 substantivos por entrevista, nos próximos seis meses essa média subiu para 74 substantivos por entrevista, perfazendo um crescimento de 76%. Do segundo para o terceiro período semestral a média de tipos de substantivos ditos por Ana nas entrevistas foi de 74 palavras, mantendo-se a média do período anterior.

Esse fato se justifica porque, quando da seleção das entrevistas semestrais, a passagem do primeiro para o segundo semestre se dá justamente na entrevista anterior àquela que apresenta o segundo maior número de tipos de substantivos da coleta, elevando a média deste período. O terceiro semestre de coleta, embora compreenda duas das três entrevistas que representam um acréscimo em relação ao período anterior, não consegue, na média, sobressair sobre o segundo. Além disso, como já visto anteriormente, um acréscimo mais expressivo em termos de tipos de substantivos no período final na coleta de dados se dá justamente nas 3 últimas entrevistas, as quais não fazem parte desta análise.

A despeito desses problemas, e apesar de não registrar nenhum crescimento acima de 100%, é inegável que a passagem do primeiro para o segundo semestre representa o maior incremento desta classe, corroborando os estudos que atestam a prevalência dos substantivos na fase inicial de aquisição.

Para tentar explicar esta estagnação na taxa de crescimento dos substantivos podemos recorrer à hipótese levantada por Vidor, Andersen, Lamprecht e Pacheco (2004), em estudo de caso apresentado no 6º CELSUL - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. Ao estudar a aquisição dos substantivos de uma menina entre 1;1;22 e 3;9;13 anos, as autoras verificaram que havia uma queda no uso de substantivos e hipotetizaram que esse fenômeno poderia ser causado por um aumento no uso dos pronomes substantivos na fala da criança. É sabido, pelas descrições realizadas a respeito da aquisição da linguagem em várias línguas, que a criança, em um primeiro momento, nomeia todos os seres, inclusive a si mesma, sem recorrer ao uso de pronomes em sua fala. Com o tempo, porém, esta categoria gramatical vai sendo adquirida pela criança, a qual começa a substituir os nomes pelos seus correspondentes gramaticais. A fim de verificar se a hipótese levantada pelas autoras acima citadas corresponde à realidade, propõe-se a comparação da aquisição dos substantivos e dos pronomes substantivos na fala de Ana, conforme ilustra o Gráfico 3.20.

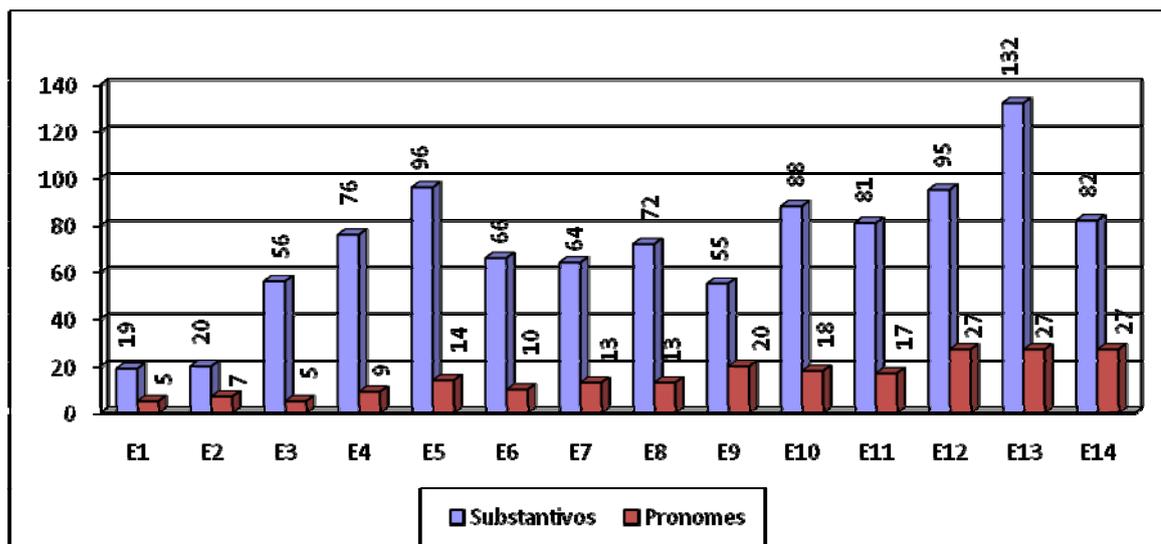


Gráfico 3.20: Tipos de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Ana)

A análise do gráfico permite verificar uma evolução distinta na relação das duas classes. Enquanto em termos de substantivos as duas primeiras entrevistas (entre 1:2;05 e 1:4;06) apresentam comportamento diferenciado em relação ao período seguinte, conforme já foi visto no comentário a respeito do gráfico 3.14, o desenvolvimento dos pronomes substantivos neste período é praticamente idêntico. Entre 1:2;05 e 1:4;06 a média de tipos de substantivos é de 19 palavras, enquanto a média de pronomes substantivos é de 6 palavras, registrando uma relação de 3 substantivos para cada pronome.

Como o período seguinte (entre 1:7;13 e 1:9;08) exibe um crescimento gradual a cada entrevista em relação aos substantivos, a taxa de crescimento é de 300% nesta classe. Os pronomes substantivos, no entanto, apesar de apresentarem o mesmo desenvolvimento gradual, não apresentam uma taxa de crescimento tão marcante – 50%. Isso faz com que a relação substantivos x pronomes substantivos aumente ainda mais: registram-se 8 substantivos para cada pronome substantivo neste período.

A terceira etapa (entre 1:10;25 e 2:7;09) é caracterizada por uma regressão na taxa de crescimento dos substantivos, com muitas oscilações desta classe no período, e um aumento lento, mas contínuo, dos pronomes substantivos. Em média, nesta etapa, registram-se 72 tipos de substantivos (variando entre 55 e 88) e 15 tipos de pronomes substantivos (variando entre 10 e 20). A taxa de crescimento em relação ao período anterior registra um decréscimo de 5% na primeira classe e um

aumento de 66% na segunda⁴⁰. Este comportamento faz com que a relação entre as duas classes caia bastante, ficando em torno de 4,8 substantivos para cada pronome substantivo. Este comportamento pode estar indicando a aquisição desta última classe e, por conseguinte, sua maior utilização, contribuindo para o fenômeno estudado.

Em relação às três últimas entrevistas, entre 2:8;28 e 2:11;23, que não fazem parte da análise semestral, verifica-se um domínio ainda maior dos pronomes substantivos – 27 tipos em cada entrevista – registrando 80% de crescimento em relação ao período anterior. Na classe dos substantivos esse aumento é de 45%, resultado que reduz ainda mais a prevalência dos substantivos – 3,8 para cada pronome substantivo.

Apesar de estes resultados corroborarem a hipótese levantada, sabe-se que os pronomes, por pertencerem à classe das palavras gramaticais, são muito repetidos durante o discurso. Isso significa que, uma vez adquirido em forma de tipo, a tendência é que o número de ocorrências destes elementos apresente um crescimento ainda mais expressivo.

Para verificar este comportamento analisar-se-á, a seguir, os dados da informante em termos de ocorrências, iniciando pela observação do Gráfico 3.21, que ilustra o desenvolvimento dos substantivos nas entrevistas selecionadas.

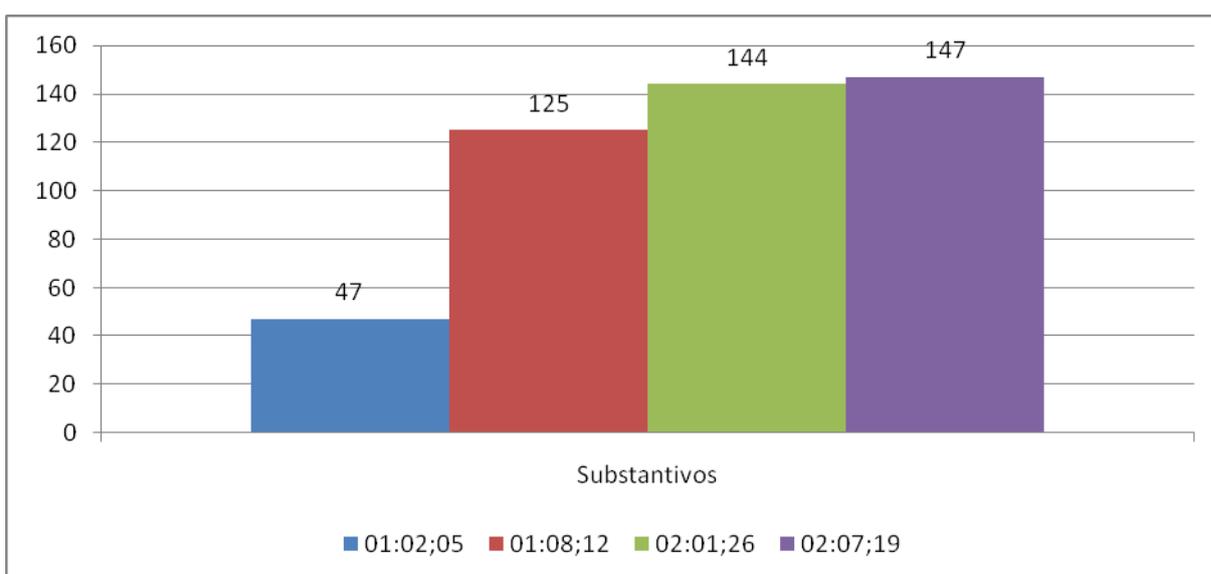


Gráfico 3.21: Ocorrências de substantivos em entrevistas semestrais (Ana)

⁴⁰ Exemplos desses pronomes substantivos são as palavras “eu” e “ela”, que estão entre as mais freqüentes no vocabulário de Ana.

Ao contrário do que acontecia com os tipos, não se verifica aqui uma queda no uso dos substantivos, embora se possa ver com clareza uma queda na taxa de crescimento entre uma entrevista e outra. Da entrevista 1 (01:02;05) para a entrevista 4 (1:08;12), a taxa de crescimento dos substantivos, levando-se em conta as ocorrências, é de 165%. Desta para a entrevista 8 (2:01;26), a taxa de crescimento é de apenas 15% e daí para a entrevista 11 (2:07;19) é menor ainda: 2%.

Fazendo-se a média de palavras ditas por Ana neste período, no entanto, observa-se um delineamento muito semelhante ao dos tipos, conforme ilustra o Gráfico 3.22.

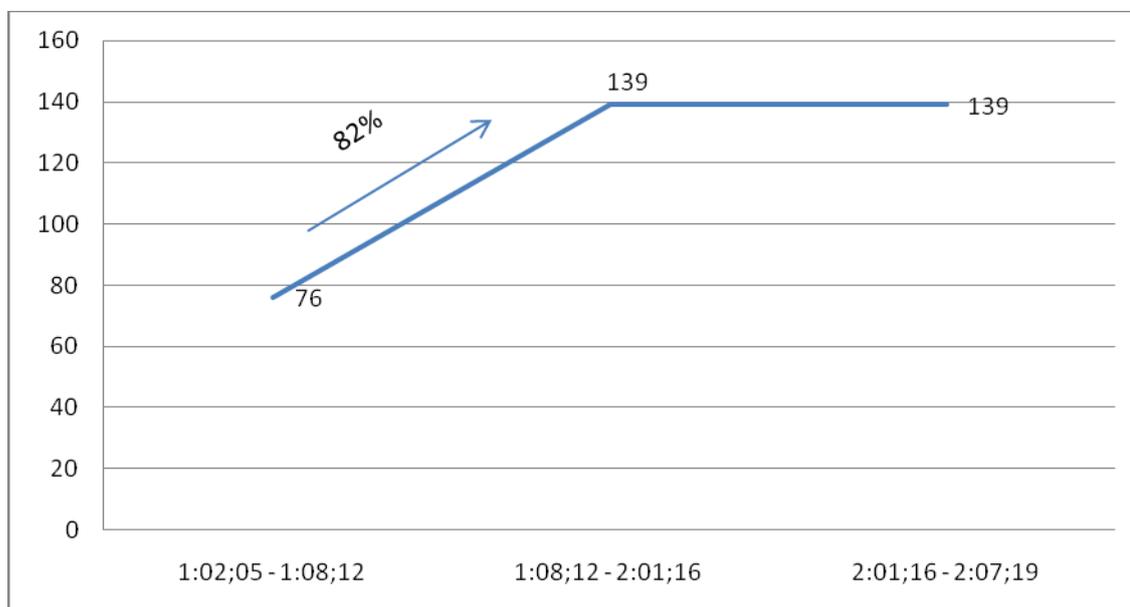


Gráfico 3.22: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de substantivos em intervalos semestrais (Ana)

Apesar da mesma situação evidenciada para os tipos - uma ascendência no semestre inicial de coleta e uma estagnação na taxa de crescimento entre o segundo e o terceiro semestre - em relação às ocorrências dos substantivos, as razões para este resultado são um pouco diferentes. Embora a entrevista 5 (19:08) ainda influencie no aumento da média no segundo período, o que se observa é uma maior homogeneidade entre este e o terceiro período semestral, conforme é apontado no gráfico.

Assim como no caso dos tipos, acredita-se que tal comportamento tenha relação com a aquisição da classe dos pronomes substantivos, elementos que

substituem os substantivos e, portanto, acabam por inputar-lhes uma diminuição quanto ao número de tipos e, principalmente, de ocorrências.

O Gráfico 3.23 ilustra, a fim de verificar tal hipótese, a distribuição das ocorrências dos substantivos e dos pronomes substantivos por entrevista.

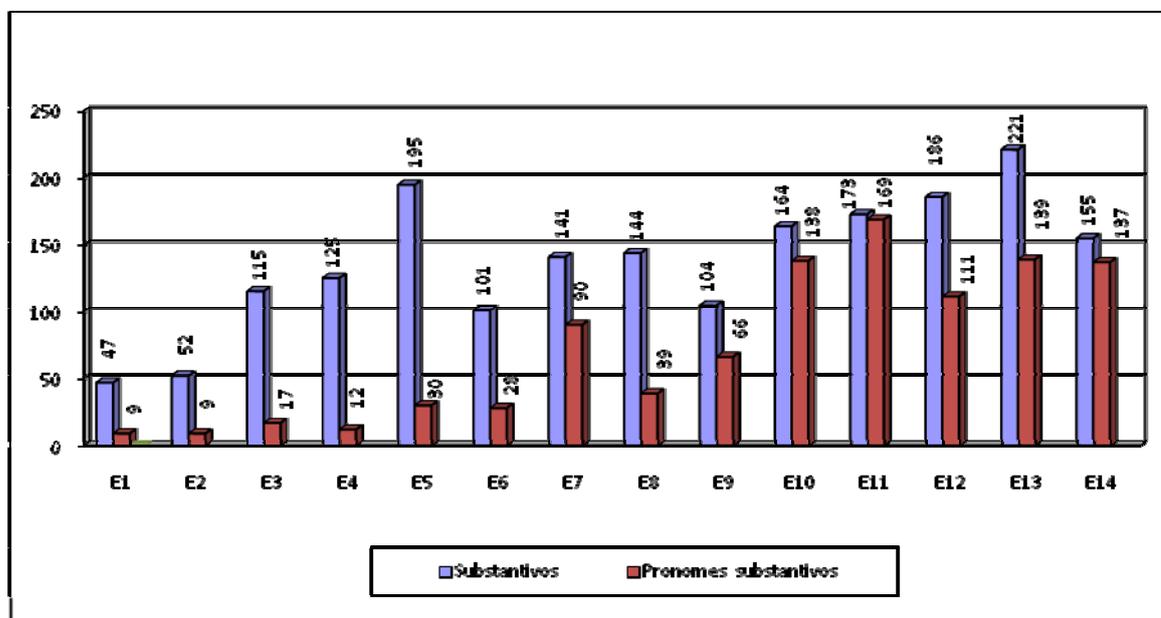


Gráfico 3.23: Ocorrências de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Ana)

Quando se compara os substantivos e os pronomes substantivos quanto às ocorrências, observa-se a confirmação da hipótese.

Nota-se, no período que compreende as seis primeiras entrevistas (entre 1:2;05 e 1:10;25), que a classe dos pronomes substantivos ainda apresenta uma aquisição incipiente. Em média, neste período, Ana falou 17 pronomes substantivos por entrevista, revelando um índice de repetição de 2 elementos por entrevista. A relação com as ocorrências dos substantivos revela uma ocorrência de 6 elementos desta classe para cada pronome produzido.

Entre a entrevista 7 (2:0;26) e a entrevista 9 (2:3;00), observa-se uma elevação na taxa de crescimento dos pronomes substantivos na ordem de 282%, apesar das oscilações do período (entre 39 e 90 ocorrências). Esse crescimento em termos de ocorrências não é influenciado por um crescimento vertiginoso no que se refere aos tipos – 87%. A consequência é um aumento de 100% na relação entre tipos e ocorrências desta classe, registrando uma repetição de 4 vezes cada pronome substantivo por entrevista. Embora se tenha visto que a aquisição dos pronomes se dê de forma gradual (Gráfico 3.20), verifica-se que sua utilização, a

partir de certa idade, vai bem além da taxa de incorporação destes elementos no vocabulário da criança. Este fato corrobora duas características que têm sido explicitadas ao longo deste trabalho:

- 1) O desenvolvimento das ocorrências, embora seja obviamente influenciado pela incorporação de novos elementos à fala da criança, possui comportamento diferenciado em relação ao dos tipos;
- 2) As palavras gramaticais, apesar de sua aquisição mais tardia em relação às palavras de conteúdo e, principalmente, aos substantivos, aproximam a aquisição lexical da criança ao padrão adulto, pela repetição de seus elementos que, com o passar do tempo, vão se tornando mais e mais freqüentes no discurso da criança.

No que se refere à relação com os substantivos, este período registra uma ocorrência de, em média, 1,9 substantivos para cada pronome substantivo. Essa diminuição vertiginosa está associada, por um lado, ao declínio da taxa de crescimento dos substantivos em relação ao período anterior e, por outro, à elevação na taxa de crescimento dos pronomes substantivos.

Entre a entrevista 10 (2:6;01) e a entrevista 14 (2:11;23) observa-se uma maior estabilidade das ocorrências dos pronomes substantivos, com novo aumento na taxa de crescimento desta categoria. Em média, registram-se 138 ocorrências de pronomes substantivos por entrevista, variando entre 111 e 169. O índice de crescimento desta classe em relação à etapa anterior é de 112%, enquanto a classe dos substantivos cresceu apenas 38%. Esta diferença faz com que a relação entre as duas classes caia ainda mais, registrando 1,2 substantivo para cada ocorrência de pronome substantivo. Essa aproximação, resultado, por um lado, da aquisição e da utilização dos pronomes substantivos, também é influenciada, como visto até aqui, pela diminuição na taxa de crescimento dos substantivos, indicando que esta primeira classe vem tomando seu papel no discurso da criança, evitando a repetição desnecessária de palavras que podem ser substituídas pelos elementos gramaticais, sem prejuízo da conversação.

A fim de ilustrar o desenvolvimento da classe dos pronomes substantivos na fala de Ana ao longo da coleta, o Quadro 3.12 expõe os elementos mais freqüentes dessa classe, por entrevista.

Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências Entrevistas	Ocorrência Corpus
E1	1:02;05	quem	3	20
E2	1:04;06	eu	2	260
E3	1:07;13	isso	4	65
E4	1:08;12	eu	2	260
E5	1:09;08	ele	5	50
E6	1:10;25	eu	7	260
E7	2:00;26	ela	14	104
E8	2:01;26	ela	5	104
E9	2:03;00	eu	12	260
E10	2:06;01	eu	43	260
E11	2:07;19	eu	63	260
E12	2:08;28	eu	38	260
E13	2:10;25	eu	47	260
E14	2:11;23	eu	32	260

Quadro 3.12: Pronomes substantivos mais freqüentes por entrevista (Ana)

3.2.2.2 Verbos

No que se refere aos verbos, pode-se observar um comportamento diferente destes em relação aos substantivos. Em termos de tipos, observa-se um desenvolvimento gradual e ascendente, com pouquíssimas regressões durante o período coletado. Tomando-se como base a aquisição dos verbos pela informante em períodos de seis meses, temos o seguinte delineamento, ilustrado no Gráfico 3.24.

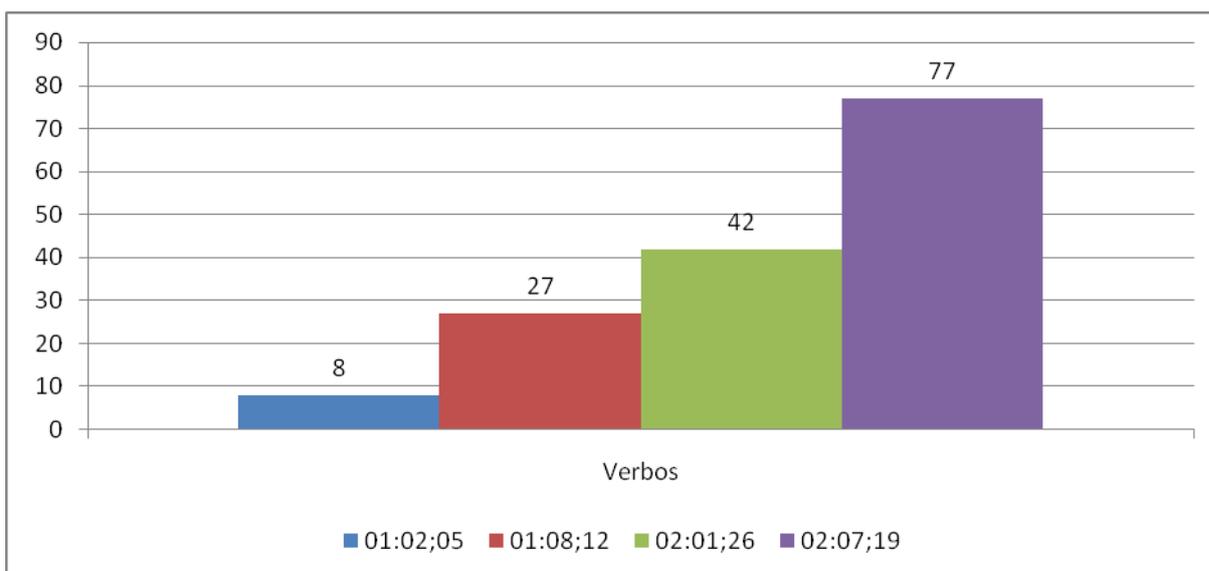


Gráfico 3.24: Tipos de verbos em entrevistas semestrais (Ana)

Da entrevista 1 (1:02;05) para a entrevista 4 (1:08;12) verifica-se um crescimento da ordem de 237%. Nos próximos seis meses, até a idade de 2:01;26, essa taxa é de 55% e, a seguir, nos seis meses seguintes, verifica-se uma taxa de crescimento de 83%. Estes dados revelam o crescimento gradual já verificado anteriormente.

Se levarmos em conta a média de palavras contabilizadas em todas as entrevistas dos períodos acima, obter-se-á uma linha de desenvolvimento conforme a ilustrada no Gráfico 3.25.

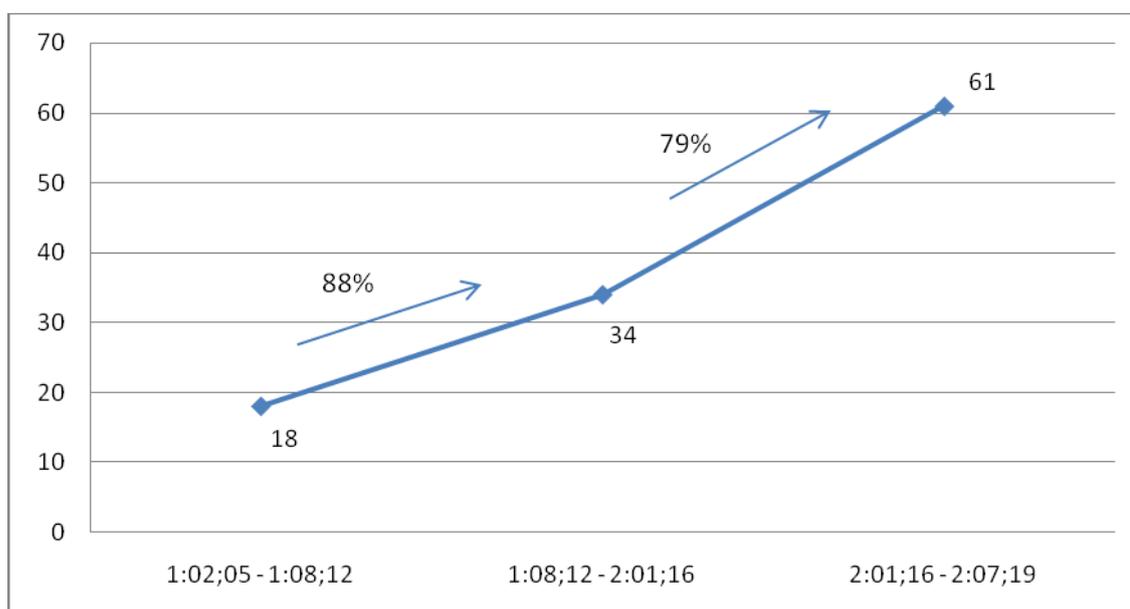


Gráfico 3.25: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de verbos em períodos semestrais (Ana)

A linha ascendente revela um crescimento que vai de 18 verbos por entrevista no primeiro período para 34 no segundo, indicando uma taxa de crescimento de 88%. Do segundo para o terceiro período a média de verbos passa de 34 para 61, denotando uma taxa de crescimento de 79%.

No que se refere às ocorrências, a evolução desta classe na fala de Ana é assim delineada, ao se tornar como base as entrevistas distantes 6 meses uma da outra (Gráfico 3.26).

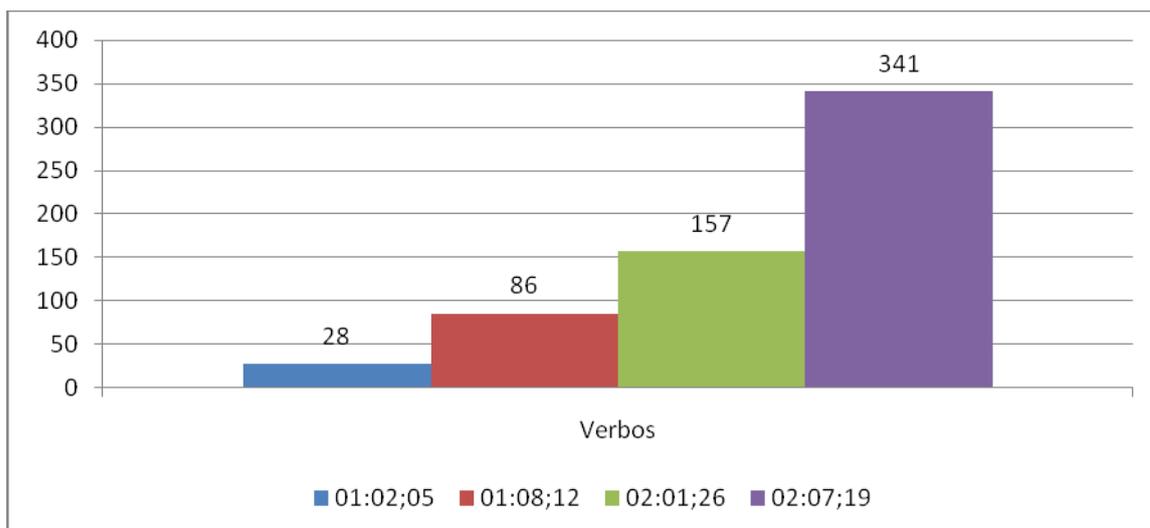


Gráfico 3.26: Ocorrências de verbos em entrevistas semestrais (Ana)

Verifica-se aqui, em relação às ocorrências, situação semelhante àquela encontrada em relação aos tipos: um uso gradual e ascendente desta categoria na fala de Ana. Da entrevista 1 para a entrevista 4 a taxa de crescimento fica em 207%. Desta para a entrevista 8, o crescimento registrado é de 82%, aumentando para 117% da entrevista 8 para a entrevista 11.

Levando-se em conta todas as palavras ditas por Ana nas entrevistas coletadas nestes períodos semestrais e fazendo-se uma média dos verbos ditos pela informante, obtém-se um gráfico como em 3.27.

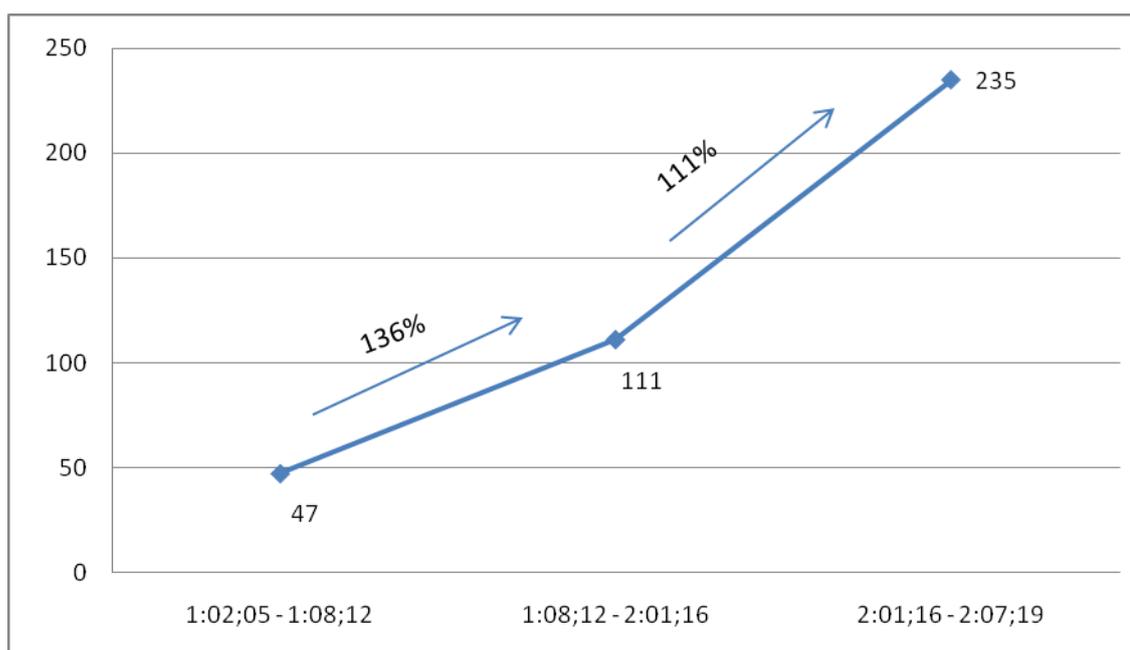


Gráfico 3.27: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de verbos em períodos semestrais (Ana)

Novamente, os dados confirmam a aquisição gradual dos verbos em termos de ocorrências quando se analisa os períodos semestrais. O primeiro semestre de coleta indica uma média de 47 verbos por entrevista, que passa a 111 no período seguinte (entre 1:8;12 e 2:1;26), registrando um crescimento de 136% entre um período e outro. Entre o segundo e o terceiro período (2:1;12 – 2:7;19), a taxa de crescimento é de 111%, elevando-se a média de ocorrências de verbos para 235 por entrevista.

Em termos de ocorrências, a análise por períodos semestrais não consegue captar a evolução dos verbos após os 2:6 de Ana, pois deixa de fora os dados das três últimas entrevistas. Essa distribuição também não deixa clara a maior ocorrência de verbos na fala de Ana a partir dos 2:0 anos de idade.

A fim de detalhar ainda mais as relações entre os substantivos e verbos, buscando verificar a atuação da hipótese do viés nominal no português brasileiro, propõe-se, a seguir, a comparação destas duas classes nas entrevistas semestrais. O Gráfico 3.28 evidencia esta comparação em termos de tipos e o Gráfico 3.29 o faz em termos de ocorrências.

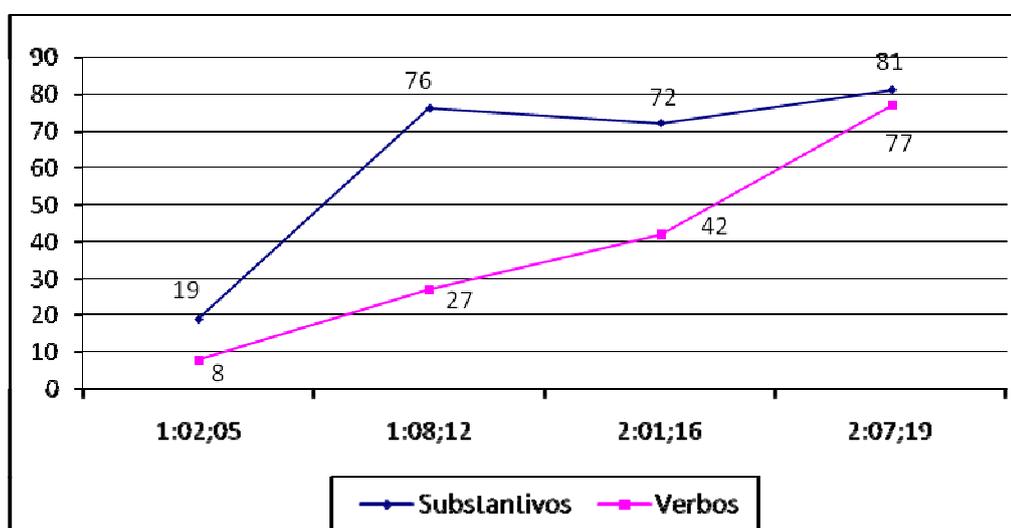


Gráfico 3.28: Relação entre tipos de substantivos e verbos (Ana)

Em termos de tipos, pode-se observar em ambas as classes um crescimento contínuo no decorrer da coleta, iniciando-se com um crescimento maior no primeiro semestre (330% para os substantivos e 237% para os verbos) em relação aos demais, confirmando a participação destas classes no aumento expressivo do número de itens lexicais na fala de Ana neste período. Por outro lado, observa-se uma prevalência dos substantivos nas fases iniciais de aquisição, corroborando a

versão fraca da hipótese do viés nominal, que prevê a aquisição precoce dos substantivos em relação aos verbos devido a questões cognitivas, que facilitaríamos o aprendizado desta primeira categoria. Observa-se, ainda, uma aproximação do número de verbos em relação ao número de substantivos no final da coleta, evidenciando que esta classe sofre um incremento posterior no desenvolvimento lexical, corroborando a hipótese de uma dificuldade maior de sua aquisição que se desfaz com o amadurecimento da criança.

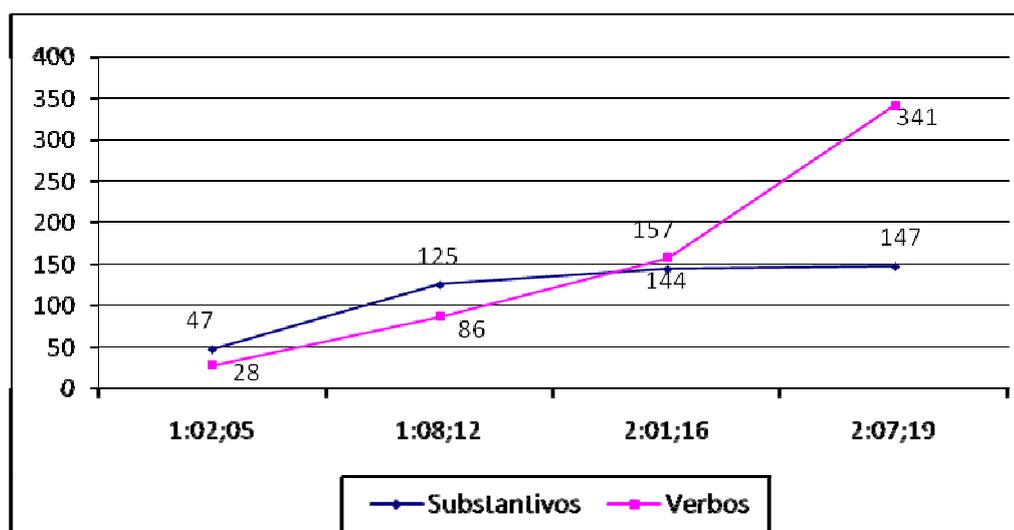


Gráfico 3.29: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Ana)

A análise por ocorrências, por sua vez, revela duas características. Uma que diz respeito à relação desta categoria com os tipos: embora influenciada pela primeira (o aumento de ocorrências, em geral, está vinculado a um aumento de tipos, uma vez que há maiores oportunidades matemáticas de se registrar uma repetição), as ocorrências demonstram comportamento próprio, vinculado às características das classes que vêm compondo o vocabulário da criança. Neste gráfico, podemos ver claramente um comportamento diferente das ocorrências em relação aos tipos (Gráfico 3.28), principalmente após os dois anos de idade, quando a fase de maior incorporação de novos itens lexicais parece já estar estabilizada. Isso leva à segunda característica: a utilização dos verbos na fala de Ana é muito superior ao seu domínio (em termos de tipos) e à classe dos substantivos. Esse comportamento se manifesta duplamente. Primeiro, quando se compara o crescimento dos tipos dos verbos com a superioridade das ocorrências desta classe, principalmente após os dois anos de idade, possivelmente alavancados pela aquisição da sintaxe. Além disso, pode-se verificar a mudança de comportamento

das ocorrências nas duas classes conforme o desenvolvimento do léxico da informante. Os substantivos crescem até aproximadamente dois anos para então estagnarem seu desenvolvimento. Os verbos, ao contrário, crescem durante toda a coleta, ultrapassando a classe dos substantivos, justamente neste período. Esses dados desenham curvas de aquisição semelhantes àquelas postuladas por Fenson *et al.* (1993), Bates *et al.* (1994) e Bassano (1998, 2000) embora os incrementos das duas classes nem sempre coincidam com os tamanhos do vocabulário e número de palavras preconizados por estes autores, como já referido anteriormente.

Novamente, a análise semestral corrobora os achados na análise guiada pelos dados, minimizando os efeitos de períodos de intervalo na coleta.

3.3 Considerações finais (Ana)

A análise dos dados de fala de Ana possibilita que se tenham algumas respostas parciais em relação às questões levantadas por essa tese.

Primeiramente, em relação ao fenômeno da explosão do vocabulário, ficou evidenciado que o maior incremento de palavras novas na fala de Ana se dá em um período anterior aos dois anos de idade, coincidindo com a passagem de um período inicial de aquisição lexical, no qual o vocabulário da criança gira em torno de 50 palavras, para um período posterior, no qual se verifica um domínio maior do léxico, proporcionando também o desenvolvimento fonêmico (Yavas, 1988; Jardim-Azambuja, 2004)

Nesse período, destaca-se o incremento da categoria das palavras de conteúdo, em especial a classe dos substantivos. Mais tarde, por volta dos dois anos de idade, registra-se um novo incremento desta categoria, não tão substancial, agora também alavancado pelos verbos, num período que coincide com a aquisição da sintaxe, tal como previsto na literatura.

Este fato aponta para a atuação da hipótese do viés nominal no português brasileiro, no que se refere aos dados de Ana, em sua versão fraca: uma prevalência inicial do número de substantivos em relação aos verbos. Essa prevalência se evidencia, em um primeiro momento, tanto em termos de tipos como de ocorrências. No que se refere aos tipos, essa maior frequência dos substantivos é verificada em toda a coleta; no que tange às ocorrências, no entanto, verifica-se uma prevalência

dos verbos em relação a esta classe a partir dos 2 anos de idade, corroborando os dados de Bassano (2000). Aliado ao domínio da classe dos verbos, pode estar também contribuindo para esse quadro uma estagnação no crescimento da classe dos substantivos. Como visto nos dados de Ana, esse fenômeno está influenciado pela entrada, na fala da informante, dos pronomes substantivos, que substituem os nomes, gerando economia na conversação, tal como hipotetizaram Vidor, Andersen, Lamprecht e Pacheco (2004).

A partir dos dois anos e meio verifica-se um novo incremento no vocabulário de Ana, desta vez fortemente influenciado pelo crescimento expressivo da categoria das palavras gramaticais, tanto em termos de tipos como de ocorrências. Pelas características intrínsecas desta categoria, devido ao seu número finito de elementos, ela nunca chega a superar a categoria das palavras de conteúdo, em termos de tipos. Em termos de ocorrências, porém, esta superação se dá, justamente neste período. Isso não significa dizer que Ana não dominava esta categoria precocemente. Desde as primeiras entrevistas, todas as classes que compõem o grupo das palavras gramaticais estavam presentes no *corpus* da informante. Porém, seu uso efetivo não se compara ao padrão adulto estabelecido por Biderman (2001). A autora revela que cerca de 80% das palavras do discurso adulto se referem à categoria das palavras gramaticais. Do vocabulário total de Ana, apenas 53% das ocorrências se referem às palavras gramaticais. Apesar de apontar para uma diferença entre a composição do léxico infantil e adulto, o que justifica trabalhos nessa área, é importante ressaltar que a aquisição gradual e contínua das palavras gramaticais no *corpus* de fala de Ana aponta para uma aproximação entre eles. Esse crescimento mais marcante desta categoria também corrobora para o incremento das ocorrências em relação aos tipos neste período.

4 INFORMANTE 2: LEONARDO

Os dados do menino Leonardo foram coletados especialmente para a elaboração desta tese. Ele é filho único de um casal de contabilistas e vive em sua casa com os pais, os avós e um tio. Durante o período de coleta, Leonardo era cuidado pela família, por uma tia avó e iniciou a escolinha.

No início do período de coleta Leonardo falava muito pouco, mas com o tempo foi se acostumando com a atividade e foi se tornando mais expressivo. Como as entrevistas com o menino, ao contrário das entrevistas de Ana e de Gabriela, foram coletadas com fins de apreender o vocabulário da criança, além dos momentos lúdicos envolvendo brincadeiras com objetos levados pela entrevistadora dentro de uma sacola, todos os momentos eram aproveitados, utilizando-se o interesse de Leonardo com os seus brinquedos, a interação dele com os familiares e a realização de atividades rotineiras, como a hora da comida.

Ao todo, foram realizadas 18 entrevistas entre 1:5;05 e 2:10;22, conforme ilustra o Quadro 4.1. O período de intervalo entre uma entrevista e outra foi, em média, de 30 dias, variando entre 13 e 79 dias.

Nessas entrevistas, Leonardo produziu 5242 palavras, referentes a 761 tipos.

4.1 Explosão de vocabulário

Muitas vezes, durante o processo de aquisição da linguagem pelas crianças, observa-se que, no que se refere à incorporação de novas palavras ao seu vocabulário, elas passam por um período em que esse desenvolvimento transforma-se gradual a abrupto, proporcionando a incorporação de muitas palavras novas em um curto espaço de tempo. A esse fenômeno denomina-se, na literatura sobre o tema, explosão de vocabulário.

ENTREVISTA	IDADE
E1	1:5;05 (um ano, cinco meses e cinco dias)
E2	1:5;28 (um ano, cinco meses e vinte e oito dias)
E3	1:6;10 (um ano, seis meses e dez dias)
E4	1:6;25 (um ano, seis meses e vinte e cinco dias)
E5	1:7;09 (um ano, sete meses e nove dias)
E6	1:8;21 (um ano, oito meses e vinte e um dias)
E7	1:9;24 (um ano, nove meses e vinte e quatro dias)
E8	1:10;15 (um ano, dez meses e quinze dias)
E9	1:11;04 (um ano, onze meses e quatro dias)
E10	1:11;22 (um ano, onze meses e vinte e dois dias)
E11	2:1;01 (dois anos, um mês e um dia)
E12	2:3;17 (dois anos, três meses e dezessete dias)
E13	2:5;21 (dois anos, cinco meses e vinte e um dias)
E14	2:6;10 (dois anos, seis meses e dez dias)
E15	2:7;08 (dois anos, sete meses e oito dias)
E16	2:9;02 (dois anos, nove meses e dois dias)
E17	2:10;00 (dois anos e dez meses)
E18	2:10;22 (dois anos, dez meses e vinte e dois dias)

Quadro 4.1: Entrevistas utilizadas por idade (Leonardo)

A fim de verificar a existência do fenômeno da explosão de vocabulário, definida como um período de crescimento vertiginoso no processo de incorporação de palavras novas ao léxico da criança, no *corpus* do informante Leonardo, propõe-se a análise das entrevistas em termos de tipos e ocorrências.

O Gráfico 4.1 mostra o desenvolvimento lexical do menino, nestas categorias, por entrevista.

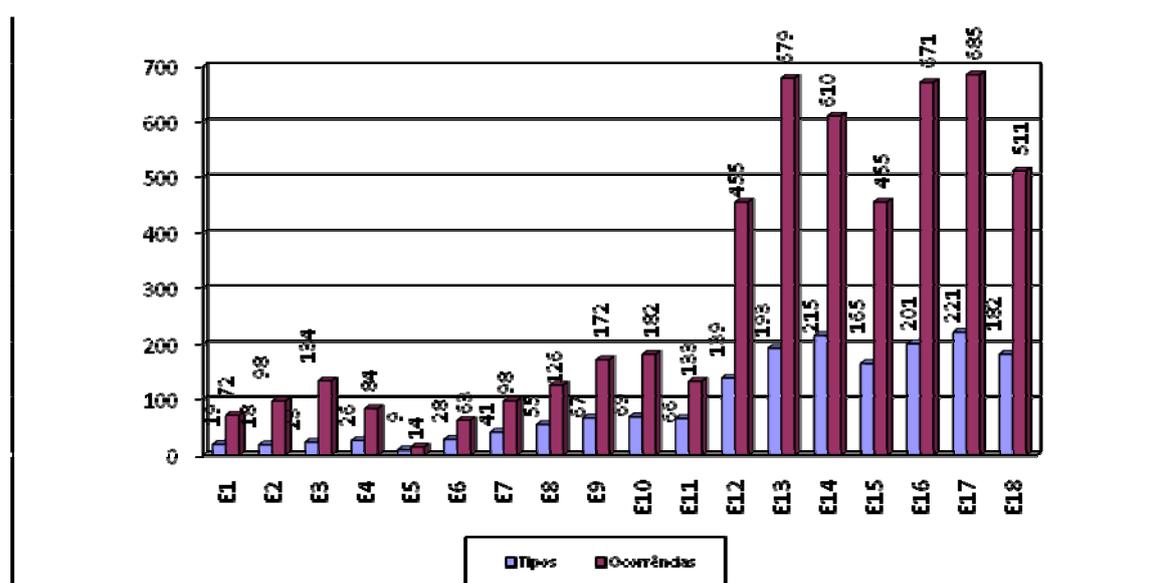


Gráfico 4.1: Número de tipos e ocorrências por entrevista em valores absolutos (Leonardo)

A observação do gráfico nos permite notar que, embora a aquisição do vocabulário de Leonardo revelada através desta coleta de dados sofra uma série de incrementos e regressões durante o período, a tendência é ascendente, demonstrando um crescimento extraordinário tanto em termos de incremento de vocabulário (tipos) como em organização do seu discurso (ocorrências).

Além disso, é possível observar que o crescimento do vocabulário do informante se deu muito mais em termos de ocorrências do que de tipos. Embora relacionados, uma vez que um incremento em termos de tipos certamente proporcionará uma oportunidade maior do aumento de ocorrências, as duas categorias apresentam desenvolvimentos diferentes. Esse comportamento se evidencia, sobretudo, na fala de Leonardo, a partir da entrevista 12 (2:3;17), quando o número de ocorrências sofre crescimento considerável em relação aos tipos.

4.1.1 Relação entre tipos e ocorrências

A descrição por tipos, definidos nessa pesquisa como a expressão de cada item lexical diferente que figura na fala do informante a cada entrevista, tem como objetivo verificar o aumento no número de palavras novas ditas por cada informante, tentando buscar, assim, uma amostra do incremento de seu vocabulário. No geral, pode-se verificar um incremento de vocabulário, em termos de tipos, de 1063% entre a primeira entrevista e a penúltima (E17 – 2:10;00), entrevista em que Leonardo apresentou maior número de tipos.

No que se refere às ocorrências, ou seja, o número de palavras efetivamente produzidas pelo falante por entrevista, levando-se em conta as repetições, no período entre a primeira entrevista (1:5;05) e a penúltima (2:10;00), aquela em que Leonardo mais falou, pode-se verificar um crescimento da ordem de 851% em termos de ocorrências.

Guiando-se pelos dados, pode-se dividir o desenvolvimento lexical de Leonardo em três etapas: da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 6 (1:8;21); da entrevista 7 (1:9;24) até a entrevista 11 (2:1;01) e da entrevista 12 (2:3;17) até a entrevista 18 (2:10;22).

Na primeira etapa (entre 1:5;05 e 1:8;21) registra-se um vocabulário muito restrito em termos de tipos: em média, neste período, Leonardo falou 20 palavras diferentes a cada entrevista, variando entre 9 e 28 tipos. O tamanho do vocabulário

parece ser a explicação para uma grande oscilação entre os tipos e ocorrências: registra-se uma média de 3,6 ocorrências para cada tipo (variando entre 1,5 e 5,8). Essa reiteração de alguns vocábulos se dá sobretudo na classe das interjeições, mostrando que o desenvolvimento lexical de Leonardo está em uma fase muito inicial, onde ele ainda não domina grande número de palavras, mas já se percebe uma intenção comunicativa através da interação dele com a entrevistadora.

A segunda etapa (entre 1:9;24 e 2:1;01) é marcada por um aumento expressivo do número de tipos em relação ao período anterior. Neste momento da coleta, registra-se um incremento na taxa de crescimento dos tipos de 194%, com uma média de 59 tipos por entrevista (variando entre 41 e 69). Antes de delinear uma explosão de vocabulário (uma vez que, em termos matemáticos, pode-se registrar este fenômeno aqui), este aumento caracteriza esta etapa como aquela descrita na literatura como o período das cinquenta primeiras palavras (Yavas, 1988). Efetivamente, é neste momento da coleta que Leonardo deixa de usar reiteradamente as interjeições para iniciar a nomeação dos objetos de seu cotidiano, o que resulta em um aumento dos substantivos nesta fase, com o conseqüente decréscimo do uso de palavras gramaticais (leia-se, neste caso, de interjeições). Este fenômeno, que será analisado detalhadamente mais adiante, contribui para a diminuição das ocorrências neste período, reduzindo em 36% a relação entre tipos e ocorrências. Nesta etapa, Leonardo fala, em média, 2,3 ocorrências para cada tipo.

Na terceira etapa (entre 2:3;17 e 2:10;22), a característica marcante se refere ao incremento marcante tanto de tipos como de ocorrências em relação à etapa anterior: enquanto a taxa de crescimento dos tipos é de 218%, a das ocorrências é de 308%. O número de tipos por entrevista é de 188 palavras, demonstrando que é neste período que o incremento na taxa de crescimento dos tipos condiz com o fenômeno da explosão do vocabulário, tal qual descrito na literatura. A relação entre tipos e ocorrências é agora de 3:1, ou seja, registra-se um incremento se comparado à etapa anterior.

Como já reportado anteriormente, Leonardo produziu 5242 palavras, referentes a 761 tipos. Isso quer dizer que ele repetiu aproximadamente 7 vezes cada palavra do *corpus*. É claro que uma melhor análise dessa relação merece um estudo mais pormenorizado.

Nos dados de Leonardo, por exemplo, a palavra mais repetida foi a forma conjugada “é”, com 477 ocorrências. Esse dado vai ao encontro daquele obtido nos

dados de Ana e, embora surpreendente, pelos motivos já expostos no capítulo anterior, sua reiteração denota que esta freqüência revela características da aquisição lexical inicial que precisam ser mais bem estudadas.

O Gráfico 4.2 ilustra a relação entre tipos e ocorrências em todas as entrevistas e dá uma melhor idéia do desenvolvimento lexical de Leonardo no que se refere a esta relação.

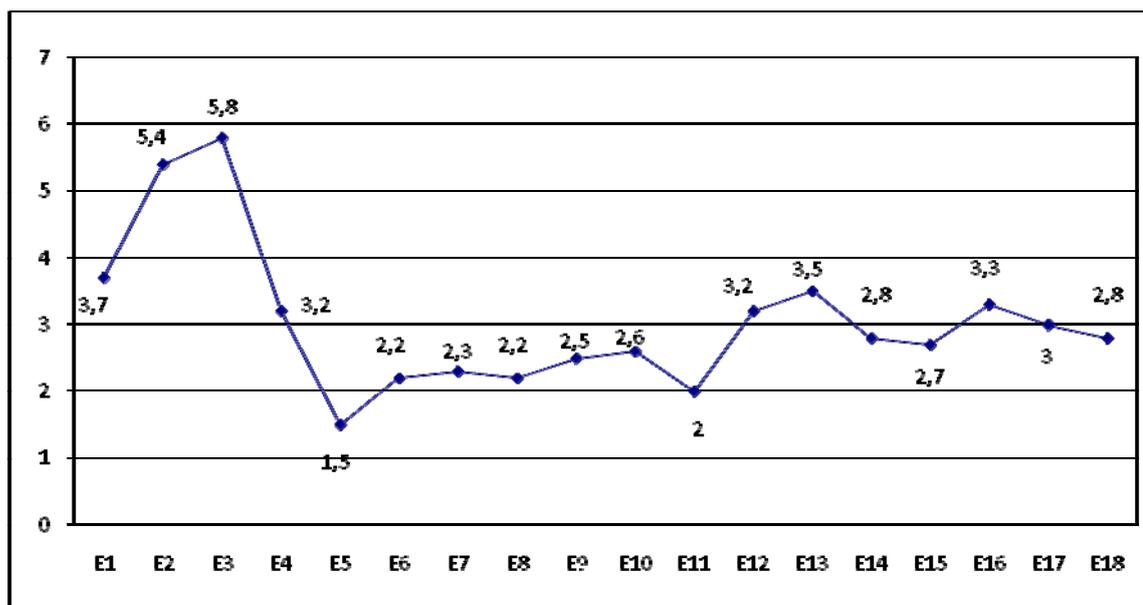


Gráfico 4.2: Relação de ocorrências e tipos por entrevista (Leonardo)

Ao se observar o comportamento das categorias no gráfico, pode-se notar três etapas distintas na relação entre tipo x ocorrência no desenvolvimento lexical de Leonardo. Da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 4 (1:6;25), verifica-se uma grande repetição dos itens lexicais por parte do informante, caracterizada pela utilização constante de poucos vocábulos, com média de 4,5 palavras repetidas por entrevista. Note-se que as entrevistas 5 e 6, que pela análise anterior faziam parte desta primeira etapa, agora encontram-se na etapa seguinte. Este fato se deve, por um lado, ao pequeno número de palavras registradas na entrevista 5 (9 tipos e 14 ocorrências), o que a distancia do comportamento esperado em ambas as etapas. De outro lado, a entrevista 6 (1:8;21), embora já estabeleça um padrão de relação entre tipos e ocorrências, em termos de tipos ainda se identifica com as entrevistas anteriores. Essa mudança também pode ser explicada pela diminuição do uso de interjeições por parte do falante nessas duas entrevistas. Enquanto da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 4 (1:6;25) a média de ocorrências dessa classe era a de 49

repetições por entrevista, nas entrevistas 5 (1:7;09) e 6 (1:8;21) passam a ser de, em média, 10 repetições.

Da entrevista 5 (1:7;09) até a entrevista 11 (1:1;04), há uma diminuição do número de repetições, respeitando uma média de 2,1 palavras repetidas por entrevista. Conforme se pode observar no Gráfico 4.1, esta média cai muito mais por razão da diminuição do número de ocorrências do que do aumento do número de tipos neste período. Esse fato pode, novamente, ser explicado pela mudança da atuação do comportamento das interjeições nesse período em relação ao período anterior.

Por fim, da entrevista 12 (2:3;17) até a entrevista 18 (2:10;22), verifica-se, em média, 3 palavras repetidas por entrevista. Novamente, pode-se creditar esta mudança de comportamento às ocorrências que, neste período, aumentaram muito mais do que os tipos na fala de Leonardo, talvez devido à inclusão, a partir dos meses iniciais do segundo ano de vida, de palavras gramaticais na fala da criança, classe caracterizada justamente pela repetição constante de uma quantidade limitada de itens lexicais.

O Quadro 4.2 ilustra a frequência das palavras faladas por Leonardo por entrevista e por período analisado.

Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências
E1	1:05;05	Hã?	26
E2	1:05;28	o (art)	51
E3	1:6;10	Alô	45
E4	1:6;25	Uh!	29
Primeiro período		alô	46
E5	1:7;09	Deisi	5
E6	1:8;21	Não	7
E7	1:9;24	A (art)	12
E8	1:11;22	é	17
E9	1:10;15	Não	15
E10	1:11;04	O (art)	20
E11	2:1;01	Caiu/ovo	8
Segundo período		caiu	44
E12	2:3;17	É	55
E13	2:5;21	É	60
E14	2:6;10	Aqui	56
E15	2:7;08	É	50
E16	2:9;02	é/eu	46
E17	2:10;00	É	67
E18	2:10;22	É	49
Terceiro período		É	337

Quadro 4.2: Palavras mais freqüentes por entrevista (Leonardo).

A observação do quadro permite visualizar de forma concreta a influência das interjeições no primeiro período analisado, como já havia sido reportado anteriormente.

No que se refere ao segundo período, já se vislumbra, através dos exemplos, o domínio das palavras gramaticais, como os artigos – “o” e “a” – e os advérbios – “não”. Apesar da frequência ainda relativamente baixa dessas palavras (em média 13 ocorrências por entrevista), já se revela a característica marcante dessa categoria: a repetição exaustiva de alguns elementos, tornando-se conforme Biderman (2001), 80% do vocabulário adulto. Ainda no segundo período deve-se ressaltar a presença de palavras de conteúdo como os vocábulos mais frequentes das entrevistas 5 – 1:7;09 – e 11 - 2:1;01. Esse comportamento atesta a influência de uso dessa categoria na fala de Leonardo no período em análise, apesar das características opostas desse grupo em relação ao grupo das palavras gramaticais em termos de ocorrências.

Quanto ao terceiro período, destaca-se a frequência da forma conjugada “é” que, assim como nos dados da informante anterior – Ana -, também é o vocábulo mais frequente na fala de Leonardo, conforme já reportado anteriormente. O alto índice de repetição desse elemento condiz com um aumento no uso dos verbos após os dois anos de idade, possivelmente influenciado pelo início da aquisição da sintaxe. Apesar da alta frequência de uma palavra de conteúdo nesse período, o registro de palavras gramaticais como as mais frequentes nas entrevistas 14 (2:6;10) – o advérbio “aqui” - e 16 (2:9;02) – o pronome pessoal “eu”, ainda aponta para uma possível interferência dessa classe no aumento de ocorrências registrado do segundo para o terceiro períodos.

Dessa forma, passa-se a analisar, a seguir, a relação entre essas duas categorias nos dados coletados do informante Leonardo.

4.1.2 Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais

A hipótese acima levantada está baseada na diferença esperada entre o comportamento das palavras de conteúdo e das palavras gramaticais em um *corpus* de fala. Entende-se, nessa pesquisa, a categoria das palavras de conteúdo como a soma dos vocábulos classificados como substantivos (próprios e comuns), verbos

(simples e compostos - locuções verbais) e adjetivos, segundo os critérios apresentados na metodologia. Compõem ainda essa categoria os elementos classificados nessa pesquisa como onomatopéias, por se ter verificado que, na maioria das vezes em que os mesmos apareceram na fala de Leonardo, eles estavam no lugar de substantivos.

A categoria das palavras gramaticais, por sua vez, é composta pelos elementos das classes dos pronomes (substantivos e adjetivos), dos numerais, das conjunções, dos advérbios, das interjeições, dos artigos e das preposições, definidas conforme critérios expostos na metodologia desse trabalho. Por um lado, espera-se que a criança domine primeiramente as palavras que remetem a objetos concretos, em função de seu desenvolvimento cognitivo (Nelson, 1973; Plunkett, 1997), o que resultaria em um domínio anterior das palavras de conteúdo em relação às palavras gramaticais. Por outro lado, pesquisas referentes à fala adulta revelam que as palavras gramaticais perfazem a grande maioria dos vocábulos utilizados pelo falante (Biderman, 2001). Desta forma, seria de se esperar que, com o desenvolvimento de seu léxico, a criança passasse a utilizar mais as palavras gramaticais, que, por sua própria definição, são elementos mais suscetíveis à repetição no discurso de qualquer falante.

4.1.2.1 Por entrevista

A taxa de crescimento das palavras de conteúdo durante a coleta foi de 2550%, enquanto a das palavras gramaticais foi de 762%. Essa discrepância pode ser explicada pelo aspecto ainda imaturo do *corpus* de Leonardo, que, como pode ser evidenciado pelos dados, falava muito pouco no início da coleta e só superou a marca do vocabulário das primeiras cinqüenta palavras após os dois anos de idade. Considerando que a categoria das palavras gramaticais apresenta um desenvolvimento mais tardio, essa taxa de crescimento menor em relação às palavras de conteúdo pode ser explicada.

De fato, na primeira entrevista de Leonardo (1:5;05), apenas a classe das interjeições figura entre as palavras gramaticais. As primeiras conjunções (última classe gramatical a aparecer na fala do informante) só irão aparecer na entrevista 7 (1:9;24) e referem-se a uma ocorrência de “porque” e uma de “que”. Da entrevista 1

(1:5;05) até a entrevista 11 (2:1;01), a média dos tipos de palavras gramaticais é de cerca de 16 palavras por entrevista, e se refere a 42% do vocabulário do menino nesse período. No entanto, metade das ocorrências da categoria das palavras gramaticais se refere à classe das interjeições (em média, 7,6 tipos por entrevista), sendo que as classes dos numerais, das preposições e das conjunções apresentam média de menos de um tipo por entrevista (0,8; 0,6 e 0,2, respectivamente). Por isso, antes de entender a quase metade do vocabulário do menino composta por palavras gramaticais como um indício do seu conhecimento desta categoria e, portanto, de um vocabulário maduro, entende-se que tal resultado é enviesado pelas características de análise desta tese. A classificação aqui escolhida para a análise dos dados é de caráter morfológico, levando-se em conta o contexto no qual o vocábulo aparece. As interjeições na fala de Leonardo parecem ser de caráter discursivo, em uma tentativa de buscar comunicação com seu interlocutor, na falta de conhecimento, seja de ordem lexical ou fonológica, de produzir a palavra correta. Uma análise diferente dos dados, de caráter mais pragmático, certamente reduziria essa frequência.

Para se ter uma idéia do desenvolvimento dessas duas categorias na fala de Leonardo, o Gráfico 4.3 ilustra o número de palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos absolutos durante as dezoito entrevistas, no que se refere aos tipos.

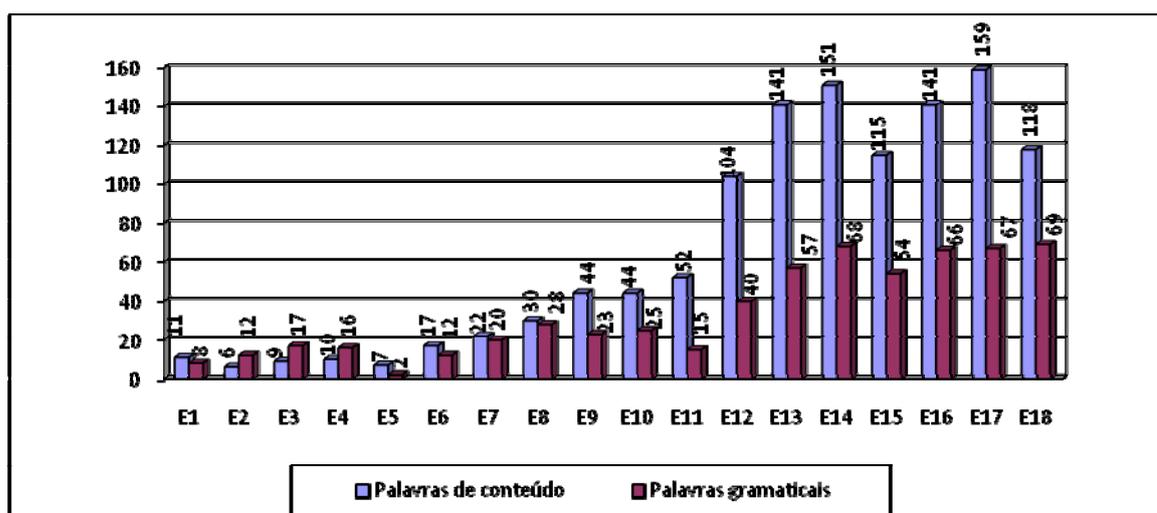


Gráfico 4.3: Tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Leonardo)

O gráfico mostra, num primeiro momento, uma certa instabilidade na relação estudada, provavelmente devido ao pequeno número de tipos registrados nas

primeiras entrevistas. Da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 4 (1:6;25), a média de palavras de conteúdo por entrevista é de 9 palavras, enquanto a de palavras gramaticais é de 13 palavras. Essa diferença surpreendente em favor das palavras gramaticais, como já referido anteriormente, se deve ao comportamento da classe das interjeições. Durante as quatro primeiras entrevistas da coleta, todas as classes das palavras de conteúdo estão representadas. A mais prevalente em termos de tipos é a dos substantivos comuns, com média de 3 palavras por entrevista, sendo o vocábulo “gol” o mais freqüente, com 8 ocorrências. Excluindo-se as interjeições, a classe das palavras gramaticais que mais elementos possui na fala de Leonardo é a dos advérbios, com média de 1,5 tipos para cada entrevista. O vocábulo mais freqüente dessa classe é “aqui”, com 6 ocorrências. As classes das conjunções e das preposições não aparecem na fala de Leonardo nesse período.

A partir da entrevista 5 (1:07;09), o número de tipos de palavras de conteúdo é sempre superior ao das palavras gramaticais, como se esperaria nesta relação, devido à própria caracterização destas duas classes. Para o delineamento desse quadro corrobora, de forma significativa, o aumento de palavras de conteúdo diferentes ditas por Leonardo a cada entrevista. Enquanto no período anterior a média era de 9 palavras, passa a ser de 19 nesse período, registrando um crescimento de 117% dessa categoria. No que se refere às palavras gramaticais, embora se registre um aumento do vocabulário nessa categoria, (17 palavras, em média, por entrevista), a taxa de crescimento entre um período e outro é bem menor: 30%. A classe gramatical que mais aparece na fala de Leonardo nesse período é a dos substantivos comuns, com média de 11 tipos por entrevista, o que significa um aumento de 266% em relação ao período anterior. O vocábulo mais freqüente foi “vovó”, com 12 ocorrências⁴¹. Dentre as palavras gramaticais, excluindo-se ainda as interjeições⁴², a classe que mais dispõe de elementos no *corpus* do informante é a dos pronomes, com média de 2,4 tipos por entrevista. O vocábulo mais freqüente dessa classe no período é “esse”, com 5 ocorrências.

No entanto, é só a partir da entrevista 9 (1:11;04) que se evidencia a superioridade esperada das palavras de conteúdo. Desta entrevista até a entrevista

⁴¹ As palavras mais freqüentes nessa fase inicial da aquisição lexical por parte do menino Leonardo se referem às pessoas que convivem com ele: “vovó”, “vovô”, “papai”, “mamãe”, “titia” e “nenê” (na maior parte das vezes para se referir a ele próprio). Dentre os substantivos próprios também é freqüente o nome “Deisi”, da entrevistadora.

⁴² Embora tenham sofrido um decréscimo na sua taxa de crescimento de 20% em relação ao período anterior, as interjeições ainda são a classe mais prevalente na fala de Leonardo nesse período, com média de 7 tipos por entrevista.

11 (2:1;01), as palavras de conteúdo representam, em média, 69% dos tipos de Leonardo, enquanto na etapa anterior este grupo perfazia apenas 57% do *corpus*. A taxa de crescimento das palavras de conteúdo em relação ao período anterior é de 142%, passando de 19 para 46 tipos, em média, por entrevista. Contribuem para esse aumento a classe dos substantivos comuns, que registra um crescimento de 145% (de 11 para 27 tipos, em média), e a dos verbos, que registra um crescimento de 120% (de 5 para 11 tipos, em média). O vocábulo mais freqüente na classe dos substantivos nesse período é “ovo”, com 12 ocorrências e na dos verbos é a forma conjugada “é”, com 22 ocorrências. Por outro lado, a categoria das palavras gramaticais cresce muito menos: 50%, registrando uma freqüência média de 21 tipos de palavras gramaticais por entrevista. A classe das interjeições ainda é a mais numerosa, mantendo uma média de 7 tipos por entrevista. A classe dos pronomes é a segunda na categoria das palavras gramaticais, registrando uma média de 5 palavras por entrevista (taxa de crescimento de 108% em relação ao período anterior). O vocábulo mais freqüente dessa classe no período é “tudo”, com 12 ocorrências.

A partir da entrevista 12 (2:3;17), com o incremento substancial no número de tipos, que demarca a passagem de um vocabulário de 50 palavras para um de mais de 100 palavras, a prevalência das palavras de conteúdo em relação às palavras gramaticais não se altera: as palavras de conteúdo representam 70% do vocabulário de Leonardo até o final da coleta. Isso significa que, apesar do aumento substancial dos tipos nesse período, a taxa de crescimento das duas categorias se deu uniformemente. Enquanto a categoria das palavras de conteúdo cresceu 186% em relação ao período anterior, a das palavras gramaticais cresceu 185%. Dentre as classes gramaticais da categoria das palavras de conteúdo destaca-se a dos verbos que, embora não seja a mais numerosa em termos de tipos nesse período (a dos substantivos comuns apresenta uma média de 59 tipos por entrevista) é a que registrou a maior taxa de crescimento em relação ao período anterior: 381%, passando de 11 para 53 tipos por entrevista, em média. Dentre a categoria das palavras gramaticais destaca-se o decréscimo da taxa de crescimento da classe das interjeições – na ordem de 45% - passando de 7 para 4,8 tipos por entrevista, em média, nesse período. A classe gramatical que apresenta maior número de tipos na categoria das palavras gramaticais nesse período é a dos pronomes, com média de

16 palavras por entrevista, seguida da dos advérbios, com 13 tipos por entrevista, em média.

O quadro 4.3 resume esses dados, para melhor visualização.

Período	Entrevistas	Palavras de Conteúdo Ocorrências			Palavras Gramaticais Ocorrências		
		Exemplo	Período	Corpus	Exemplo	Período	Corpus
1:5;05–1:6;25	1 – 4	gol	8	16	aqui	6	159
1:7;09-1:10;15	5 – 8	vovó	12	16	esse	5	77
1:11;04-2:1;01	9 – 11	é	22	477	tudo	12	15
2:3;17-2:10;22	12 - 18	é	337	477	não	159	273

Quadro 4.3: Palavras de conteúdo e palavras gramaticais mais freqüentes por período

Observa-se, pelo quadro, que, em um momento inicial da coleta, o vocabulário de Leonardo é fortemente influenciado pela presença de substantivos, sendo palavras dessa classe as que mais predominam em sua fala até a entrevista 8 (1:10;15). A partir desse ponto até o final da coleta, o vocabulário do menino continua a estar caracterizado pelo uso de palavras de conteúdo, mas agora destacam-se os verbos, principalmente a forma conjugada 'é'. Os exemplos ainda apontam para o extraordinário crescimento do vocabulário do menino a partir da entrevista 12 (2:3;17), como se pode verificar pela elevação surpreendente do número de ocorrências dos vocábulos do último período em análise com os dos períodos anteriores, tanto em uma categoria como em outra. Verifica-se, ainda, que, com exceção da forma conjugada 'é' na categoria das palavras de conteúdo e do vocábulo 'tudo' na categoria das palavras gramaticais, a comparação entre as ocorrências na entrevista e no *corpus* revela que, enquanto a repetição das palavras de conteúdo está ligada a eventos locais, relacionados a entrevistas particulares, a freqüência das palavras gramaticais revela o processo de apropriação desses itens lexicais por parte da criança.

A comparação desses dados com aqueles relatados anteriormente, que colocam a classe dos substantivos comuns como a mais prevalente em termos de tipos nos quatro períodos analisados, reforça a presença, na fala da criança, das características dessas duas categorias na língua portuguesa.

Da análise destes dados da fala do informante conclui-se, ainda que o aumento no número de tipos nesse período não está intrinsecamente relacionado à

diferenciação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais. Como se pode observar pelos dados, a passagem da entrevista 8 (1:10;15) para a entrevista 9 (1:11;04), que marca o estabelecimento da superioridade dos tipos das palavras de conteúdo em relação às gramaticais na fala de Leonardo, não revela nenhum aumento em termos de crescimento de vocabulário. Enquanto as palavras de conteúdo exibem uma taxa de crescimento de 46% entre uma coleta e outra, a taxa de crescimento dos tipos como um todo não passa de 21%. Fenômeno inverso se observa na passagem da entrevista 11 (2:1;01) para a entrevista 12 (2:3;17): os tipos têm um crescimento de 110%, enquanto as palavras de conteúdo exibem uma taxa de crescimento de 89%. Neste mesmo ponto, as palavras gramaticais exibem um crescimento de 116%, corroborando para o aumento do número de tipos nesse ponto. O que se percebe, na fala de Leonardo, é que, postulando-se a explosão de vocabulário nesse ponto, deve-se admitir que ela se dá tanto em uma classe como em outra.

Como já referido anteriormente, a classe das palavras gramaticais é uma classe fechada e, por isso, teoricamente deve possuir menos elementos no léxico do falante, em termos de tipos, do que as palavras de conteúdo, que se caracterizam por ser um grupo aberto, sempre em expansão. No entanto, estudos que se voltaram para a fala do adulto, no que se refere à composição do seu léxico (Biderman, 2001; Albano, 2001), são unânimes em apontar a classe das palavras gramaticais como aquelas que mais se repetem durante o discurso. Portanto, espera-se que, em termos de ocorrências, essa relação de palavras de conteúdo x palavras gramaticais se encaminhe para a mesma distribuição, ao contrário do que se evidencia em relação aos tipos.

Por isso, a fim de verificar se o aumento da taxa de crescimento das ocorrências durante o segundo semestre de coleta se deve à entrada de um maior número de palavras gramaticais no vocabulário de Leonardo, descrever-se-á a relação entre a categoria das palavras de conteúdo e a das palavras gramaticais em termos de ocorrências, através do Gráfico 4.4.

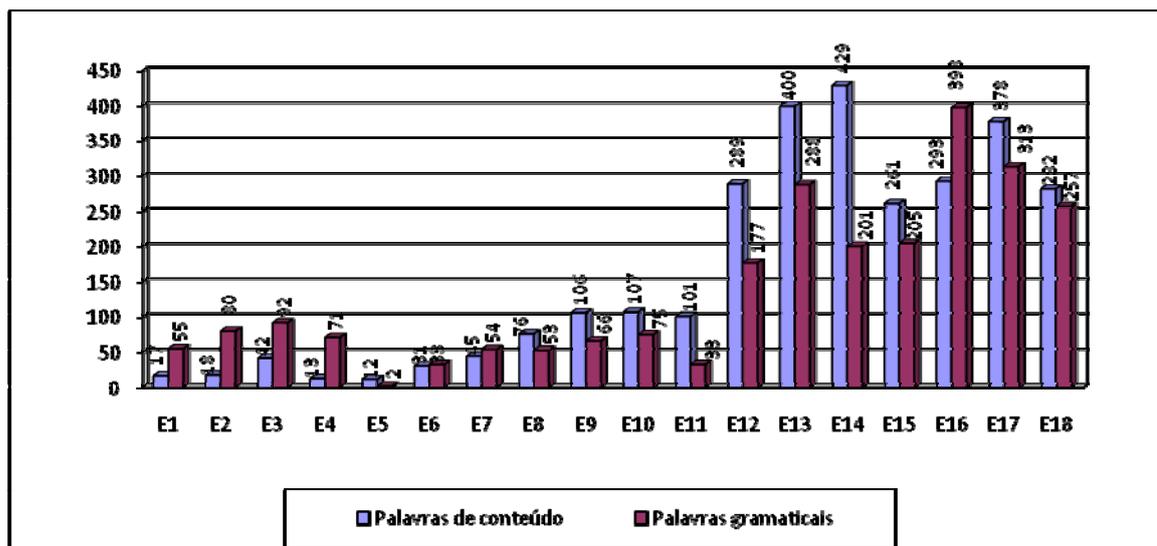


Gráfico 4.4: Ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Leonardo)

A observação do gráfico não nos remete ao padrão esperado: um maior número de ocorrências de palavras gramaticais do que de palavras de conteúdo a partir da aquisição mais consistente desta classe. Apesar disso, a partir da entrevista 16 (2:09;02), onde se verifica uma superioridade das ocorrências das palavras gramaticais em relação às palavras de conteúdo, parece haver um encaminhamento para a estabilização desta relação nas proporções esperadas. Na verdade, essa hipótese, no caso do informante Leonardo, só poderia ser testada com um acompanhamento mais longo, o que não é proposta desta tese. A hipótese mais provável é que Leonardo ainda esteja adquirindo a classe das palavras gramaticais, em termos de tipos e até mesmo das categorias que compõem este grupo e, por isso, o número de palavras de conteúdo na sua fala ainda seja superior ao destas.

O gráfico mostra ainda que o padrão de relação destas categorias durante o desenvolvimento lexical de Leonardo se dá em etapas distintas. Em um primeiro momento, da entrevista 1 (1:05;05) até a entrevista 4 (1:06;25), se verifica uma prevalência das palavras gramaticais sobre as palavras de conteúdo. No conjunto destas quatro entrevistas, estas últimas correspondem a menos de 24% do vocabulário utilizado pelo menino. Esse fenômeno, a princípio não esperado, pode ser explicado pelo pequeno número de palavras coletadas durante as entrevistas e o uso reiterado de interjeições, vocábulos pertencentes à classe das palavras gramaticais e muito utilizados por Leonardo nestas entrevistas iniciais.

A entrevista 5 (1:07;09) revela, pela primeira vez, a superioridade das ocorrências de palavras de conteúdo sobre as palavras gramaticais. Nas entrevistas

6 (1:8;21) e 7 (1:09;24) há um equilíbrio entre as palavras de conteúdo e as palavras gramaticais no léxico de Leonardo que, a partir da entrevista 8 (1:10;15), começa a se estabilizar para uma prevalência das palavras de conteúdo sobre as gramaticais. Este padrão só se quebra na entrevista 16 (2:09;02), única, desde a entrevista 4, em que o número de ocorrências de palavras gramaticais supera o número de ocorrências de palavras de conteúdo.

Apesar das oscilações verificadas, pode-se dizer que o desenvolvimento lexical de Leonardo, no que se refere à relação entre ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais, respeita o seguinte traçado. Num primeiro momento, devido a um vocabulário restrito caracterizado pela repetição das interjeições, o número de ocorrências de palavras gramaticais é superior ao das palavras de conteúdo. Logo após, com a entrada no período das primeiras cinquenta palavras, a superioridade das palavras de conteúdo se manifesta, perdendo gradualmente espaço para o uso cada vez mais efetivo das palavras gramaticais, que pode ser parcialmente observado a partir da entrevista 16 (2:9;02).

Nesta primeira etapa, entre a entrevista 1 (1:5;05) e a entrevista 4 (1:6;25), como já referido anteriormente, as palavras gramaticais perfazem 76% do vocabulário de Leonardo. Entre a entrevista 5 (1:7;09) e a entrevista 15 (2:7;08), este grupo representa 39% do vocabulário do informante e, nas três últimas entrevistas (entre 2:9;02 e 2:10;22), este percentual sobe para 51% das palavras utilizadas pelo menino. Esse último dado aproxima o *corpus* de Leonardo ao padrão esperado: a supremacia das ocorrências das palavras gramaticais sobre as palavras de conteúdo.

Tomando-se como princípio de freqüência o número aleatório de 100 repetições no *corpus*, vê-se que, das seis palavras mais freqüentes na fala de Leonardo, cinco são palavras gramaticais. O Quadro 4.4 ilustra as palavras mais freqüentes do vocabulário de Leonardo.

Palavra	Ocorrências	Categoria
é	477	conteúdo
não	273	gramatical
o (art)	243	gramatical
eu	182	gramatical
aqui	159	gramatical
a (art)	137	gramatical

Quadro 4.4: Palavras mais freqüentes no *corpus* (Leonardo)

Desta forma, pode-se afirmar que 60% das ocorrências das palavras mais freqüentes no vocabulário de Leonardo se referem a palavras gramaticais. O substantivo comum mais freqüente na fala do informante é “papai”, com 71 ocorrências.

Esses dados, aliados aos já apresentados sobre o desenvolvimento das ocorrências na fala de Leonardo apontam que, embora as palavras gramaticais sejam as que mais se repetem no *corpus*, a quantidade superior de tipos de palavras de conteúdo ainda consegue promover uma supremacia das ocorrências destas em relação àquelas. Novamente, deve-se apontar para um comportamento imaturo do vocabulário de Leonardo, ao se comparar essas características com aquelas traçadas para o vocabulário adulto (Biderman, 2001). O Quadro 4.5 dá exemplos das palavras mais freqüentes em cada uma das categorias por entrevista.

Ent.	Idade	PALAVRAS GRAMATICAIS			PALAVRAS DE CONTEÚDO		
		Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências <i>Corpus</i>	Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências <i>Corpus</i>
E1	1:5;05	hã?	26	42	boi	3	13
E2	1:5;28	o (art)	51	243	au-au	10	58
E3	1:6;10	alô	45	57	au-au	12	58
E4	1:6;25	uh?	29	64	gol/au-au piui	2	16/58/2
E5	1:7;09	o (art)	1	243	Deisi	5	13
E6	1:8;21	não	7	273	acabou da/pocotó	3	15/16/8
E7	1:9;24	a (art)	12	243	caiu	7	92
E8	1:10;15	tudo	8	25	é	17	477
E9	1:11;04	não	7	273	caiu	13	92
E10	1:11;22	o (art)	20	243	au-au/caiu	11	58/92
E11	2:1;01	não/o	6	273/243	caiu/ovo	8	92/36
E12	2:3;17	não	26	273	é	55	477
E13	2:5;21	o	33	243	é	60	477
E14	2:6;10	aqui	56	159	Chico	22	22
E15	2:7;08	não	21	273	é	50	477
E16	2:9;02	eu	46	182	é	46	477
E17	2:10;00	não	40	273	é	67	477
E18	2:10;22	não	31	273	é	49	477

Quadro 4.5: Palavras mais freqüentes em cada categoria por entrevista (Leonardo)

O quadro revela que, em um primeiro momento, que vai da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 9 (1:11;07), a maioria das palavras mais freqüentes a cada

entrevista pertencem à categoria das palavras gramaticais, com exceção feita à entrevista 5 (1:7;09), que registrou o substantivo próprio “Deisi” como o mais freqüente – 5 ocorrências. Os exemplos também apontam para a prevalência já referida da classe das interjeições no início do processo de aquisição lexical por parte do menino Leonardo, como se pode verificar pelas entrevistas 1 (1:5;05), 3 (1:6;10) e 4 (1:6;25), que apresentam elementos dessa classe como os mais freqüentes.

A partir da entrevista 10 (1:11;22), a situação se inverte, sendo que a maioria das entrevistas (10,12,13,14,15,16,17 e 18) apresenta como vocábulo mais freqüente a forma conjugada “é”, pertencente à categoria das palavras de conteúdo. A exceção a esse comportamento se dá somente nas entrevistas 14 (2:6;10) e 16 (2:9;02) que registram palavras gramaticais – o advérbio “aqui” e o pronome “eu”, respectivamente – como os mais freqüentes.

O gráfico 4.5 reúne estas informações e ilustra a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências no desenvolvimento lexical de Leonardo.

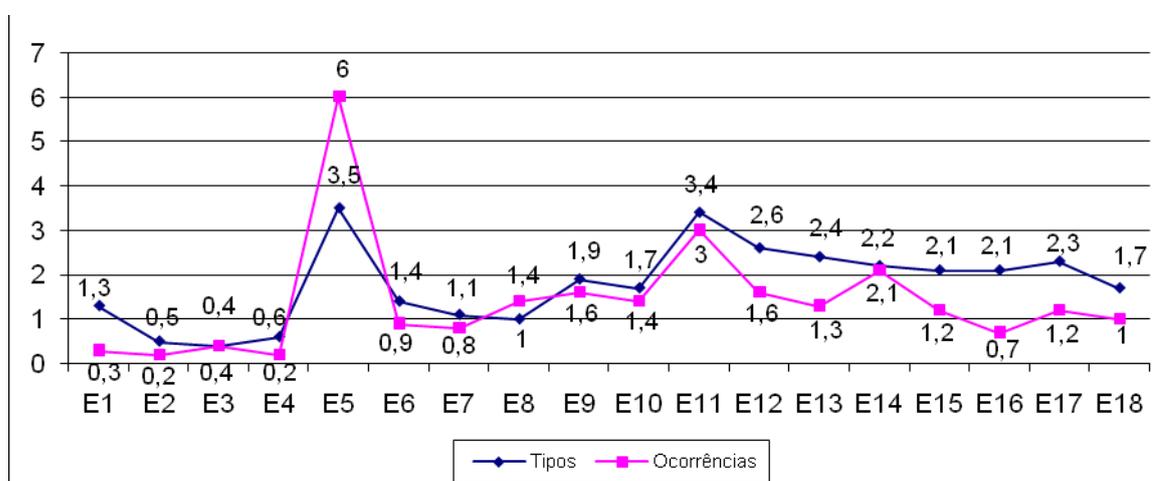


Gráfico 4.5: Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências (Leonardo)

No que se refere aos tipos, excetuando-se as entrevistas 2, 3 e 4, por razões já comentadas, verifica-se uma prevalência das palavras de conteúdo sobre as palavras gramaticais, distribuída como segue. Na entrevista 1 (1:05;05) a relação é de 1,3 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical, da entrevista 2 (1:5;28) até a entrevista 4 (1:6;25), a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais é, em média, 0,5, ou seja, registra-se o dobro de palavras gramaticais

em comparação com as de conteúdo no léxico coletado nestas três entrevistas. Este resultado está fortemente influenciado por duas características específicas do *corpus* do informante Leonardo nesse período. Por um lado, um vocabulário muito reduzido em termos de tipos, com média de 21 palavras diferentes ditas por entrevista, o que configura um vocabulário ainda imaturo, inferior em termos de número de palavras ao primeiro período de aquisição proposto por Yavas (1988) – o das primeiras 50 palavras. Por outro lado, e talvez em razão desse pouco domínio do vocabulário, o informante Leonardo faz uso de uma série de interjeições – “oh!”, “ah!”, “hã?”, “bah!”, “uh!” – na intenção de estabelecer um diálogo com a entrevistadora. Devido aos limites metodológicos dessa pesquisa, na qual se optou, por razões já comentadas anteriormente, por se estabelecer uma classificação de base morfológica, através da categorização das palavras em classes gramaticais, esse uso, marcadamente discursivo, acabou por engrossar a classe das interjeições, que faz parte da categoria das palavras gramaticais. Dessa forma, nesse primeiro período é justificada a prevalência da classe das palavras gramaticais sobre as de conteúdo, embora esse não seja o comportamento esperado durante a aquisição lexical precoce.

Na verdade, além das interjeições, outras classes de palavras gramaticais só aparecem a partir da entrevista 2 (1:5;28), com a produção de pronomes – “eu”, “minha”, numerais – “um”, advérbios – “lá”, “ali”, e artigos – “a”, “o”. Até a entrevista 4 (1:6;25), as classes das conjunções e das preposições ainda não estão representadas na fala de Leonardo, o que só vai acontecer na entrevista 6 (1:8;21) para essa última classe – através da contração da preposição “de” com o artigo “o” – e na entrevista 7 (1:9;24) para a classe das conjunções, com a produção da explicativa “porque”. Excetuando-se as interjeições, as palavras gramaticais perfazem apenas 20% do *corpus* do informante Leonardo no período entre 1:5;05 e 1:6;25. Na entrevista 5 (1:7;09), há um incremento no número de palavras de conteúdo em relação às palavras gramaticais (3,5); no entanto, isto não está relacionado a um aumento no léxico destas palavras, mas ao registro de apenas 9 tipos nesta entrevista, sendo 7 referentes a palavras de conteúdo (‘au-au’, ‘Deisi’, ‘é’, ‘miau’, ‘o’, ‘oh’, ‘pai’, ‘piu-piu’, ‘vrum’ – carro).

Da entrevista 6 (1:8;21) até a entrevista 10 (1:11;22), a média da relação entre as palavras de conteúdo e as palavras gramaticais gira em torno de 1,5, ou seja, para cada duas palavras gramaticais no léxico de Leonardo neste período,

encontram-se três palavras de conteúdo. Embora se verifique a prevalência esperada das palavras de conteúdo sobre as gramaticais, ela ainda não é muito grande: isso se deve, provavelmente ao tamanho do vocabulário de Leonardo em termos de tipos neste período (52 palavras)⁴³. Na entrevista 11 (2:1;01) verifica-se novo incremento da relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais: 3,4. Ao se observar o gráfico 4.3, pode-se verificar que este incremento está muito mais relacionado ao decréscimo de tipos de palavras gramaticais nesta entrevista (40%)⁴⁴ do que ao aumento do número de palavras de conteúdo (18%) em relação à entrevista anterior. No entanto, a partir da entrevista 12 (2:3;17) até o final da coleta (entrevista 18 – 2:10;22), verifica-se uma relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais de, em média, 2,2 (cinco palavras gramaticais para cada grupo de onze palavras de conteúdo). Neste período, pode-se dizer que o incremento desta relação esteja relacionado com o incremento no número de itens lexicais na fala do informante.

É importante salientar que, no caso de Leonardo, a explosão de vocabulário se dá tanto em termos de palavras de conteúdo quanto de palavras gramaticais, embora o aumento das primeiras seja mais evidente. Ao se comparar a taxa de crescimento do vocabulário de Leonardo da entrevista 12 (2:3;17) – que parece marcar início deste fenômeno – com o período anterior (da entrevista 6 – 1:8;21 até a entrevista 11 – 2:1;01), verifica-se um aumento de 157% no número de tipos; neste mesmo ponto, o aumento da taxa de crescimento das palavras de conteúdo é de 205%, enquanto em termos de palavras gramaticais é de 100%.

Ao se comparar o desempenho de Leonardo em termos de vocabulário em três períodos distintos: da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 5 (1:7;09); da entrevista 6 (1:8;21) até a entrevista 11 (2:1;01) e da entrevista 12 (2:3;17) até a entrevista 18 (2:10;22), percebe-se o seguinte padrão de crescimento de vocabulário em termos de tipos. Do primeiro para o segundo período a taxa de crescimento dos tipos foi de 184%, sendo a das palavras de conteúdo de 325% e a de palavras gramaticais de 81%; do segundo para o terceiro período a taxa de crescimento dos tipos é de 248%, sendo a média de crescimento das palavras de conteúdo de 288% e a das palavras gramaticais de 200%. Desta descrição conclui-se:

⁴³ Este vocabulário pequeno indica a imaturidade do desenvolvimento lexical do informante, marcada pelo uso reiterado de interjeições.

⁴⁴ Influenciado fortemente pela diminuição de elementos na classe das interjeições.

1. Que o aumento de vocabulário em termos de tipos no desenvolvimento lexical de Leonardo é mais significativo a partir dos primeiros meses do segundo ano de vida, podendo se caracterizar o fenômeno da explosão do vocabulário nesta faixa etária, conforme os estudos apresentados na revisão da literatura,
2. Que, apesar deste fenômeno ser marcado pelo maior incremento na taxa de crescimento das palavras de conteúdo, o aumento da aquisição das palavras gramaticais contribui para seu estabelecimento neste período (observe-se extraordinário incremento da taxa de crescimento das palavras de conteúdo entre o primeiro e o segundo períodos).

No que se refere às ocorrências, o desenvolvimento do vocabulário de Leonardo em termos da relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais não alcança o padrão esperado (de acordo com os relatos de Biderman, 2001 para o PB) até o final da coleta de dados, a saber, a prevalência de uso das palavras gramaticais sobre as palavras de conteúdo.

A observação do gráfico revela alguns dados acerca desta relação. Primeiramente, observe-se que, do início da coleta (aos 1:5:05) até a entrevista 11 (2:1:01), há uma equivalência entre o comportamento dos tipos e das ocorrências, revelando que a relação entre estas duas classes está relacionada ao aumento do vocabulário como um todo, independentemente de suas características. Da entrevista 1 (1:5:05) até a entrevista 4 (1:6:25) verifica-se uma alta prevalência de palavras gramaticais em relação ao uso das palavras de conteúdo (0,2 em média, ou seja, cinco palavras gramaticais para cada palavra de conteúdo). Esse fato pode ser explicado pelo alto índice de reiteração das interjeições, revelando um discurso ainda truncado por parte do informante.

A entrevista 5 apresenta uma relação de seis palavras de conteúdo usadas para cada palavra gramatical, mas, como já referido anteriormente esse resultado se deve ao pequeno número de palavras registrado nesta entrevista (14 ocorrências). Da entrevista 6 (1:8:21) até a entrevista 8 (1:10:15), a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais caminha para uma relação de igualdade (0,9). As entrevistas 9 (1:11:04) e 10 (1:11:22) apresentam uma média de 1,5 palavra de conteúdo para cada palavra gramatical.

A entrevista 11 (2:1;01) revela uma relação de 3:1, aumento novamente influenciado pela queda do uso de palavras gramaticais nesta entrevista (127%). As entrevistas 12 (2:3;17) e 13 (2:5;21) apresentam uma média de 1,4 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical, mantendo-se a média do período anterior. A entrevista 14 (2:6;10) apresenta um aumento no índice de relação para pouco mais de duas palavras de conteúdo para cada palavra gramatical e, novamente, este fato se deve a uma diminuição brusca do uso de palavras gramaticais. Enquanto as palavras de conteúdo registram um aumento na sua taxa de crescimento desta entrevista em relação à anterior de 7%, as palavras gramaticais registram um decréscimo de 43%. É interessante notar, porém, que o número de ocorrências de palavras gramaticais quase não muda na entrevista seguinte (201 na entrevista 14 e 205 na entrevista 15), mas a relação entre estas e as palavras de conteúdo diminui: passa de 2,1 para 1,2 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical. Nesta entrevista, este fato se deve a uma diminuição do uso das palavras de conteúdo, que apresentam um decréscimo de 39% na sua taxa de crescimento, resultado de uma diminuição de 155 ocorrências entre uma entrevista e outra.

A entrevista 16 (2:9;02) parece então iniciar a entrada de Leonardo no padrão adulto, com uma maior prevalência de palavras gramaticais sobre as palavras de conteúdo, mas tal situação não se verifica nas entrevistas seguintes. Enquanto na entrevista 16 a relação é influenciada pelo crescimento de uso das palavras gramaticais (94%, enquanto as palavras de conteúdo cresceram somente 12% em relação à entrevista anterior), as entrevistas 17 (2:10;00) e 18 (2:10;22) revelam um uso de 46%, em média, de palavras gramaticais no vocabulário de Leonardo.

Como já referido anteriormente, no caso do informante Leonardo, não se pode relacionar o aumento do número de ocorrências em seu vocabulário no segundo semestre de coleta a um aumento expressivo de uso das palavras gramaticais em relação às palavras de conteúdo. O que se pode verificar, em termos de ocorrências é que, a partir da entrevista 12 (2:3;17) tanto uma classe como a outra aumentam suas taxas de crescimento, a despeito das oscilações verificadas no interior de cada período. Tomando-se por base os períodos analisados em termos de ocorrências, obtém-se o seguinte delineamento. Do primeiro período (da entrevista 1 – 1:5;05 até a entrevista 5 – 1:7;09) para o segundo (da entrevista 6 – 1:8;21 até a entrevista 11 – 2:1;01) a taxa de crescimento das ocorrências é de 61%, sendo que a classe das palavras de conteúdo registram uma taxa de crescimento de

285%, enquanto a das palavras gramaticais registra um decréscimo de 13%. Do segundo para o terceiro período (da entrevista 12 – 2:3;17 até a entrevista 18 – 2:10;22), a taxa de crescimento das ocorrências é de 349%, sendo a taxa de crescimento das palavras de conteúdo de 285% e a das palavras gramaticais de 403%. Disso conclui-se que:

1. O aumento do vocabulário de ocorrências no segundo semestre de coleta de dados de Leonardo está relacionado tanto ao acréscimo de ocorrências de palavras gramaticais como de conteúdo em seu vocabulário;
2. Em uma fase inicial, Leonardo já produz algumas palavras gramaticais e as utiliza reiteradamente em seu discurso, isso se verifica especificamente pelo uso de interjeições do tipo “ah!”, “ãh?”, “ó”, que, posteriormente são substituídos pelos seus rótulos específicos, principalmente substantivos e verbos;
3. Essa substituição é verificada pelo decréscimo do uso de palavras gramaticais na passagem do primeiro para o segundo período; observe-se que, em termos de tipos, esta classe obteve uma taxa de crescimento de 100% nesta mesma fase.
4. O aumento da taxa de crescimento das palavras gramaticais em termos de ocorrências do segundo para o terceiro período bem acima da taxa de crescimento das palavras de conteúdo pode indicar para uma relação entre as duas classes pela sobreposição deste fenômeno com a explosão do vocabulário.

4.1.2.2 No *corpus*

Ainda falando acerca da relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais, os gráficos 4.6 e 4.7 ilustram a relação entre tipos e ocorrências, respectivamente, destas duas classes no âmbito da coleta de dados como um todo.

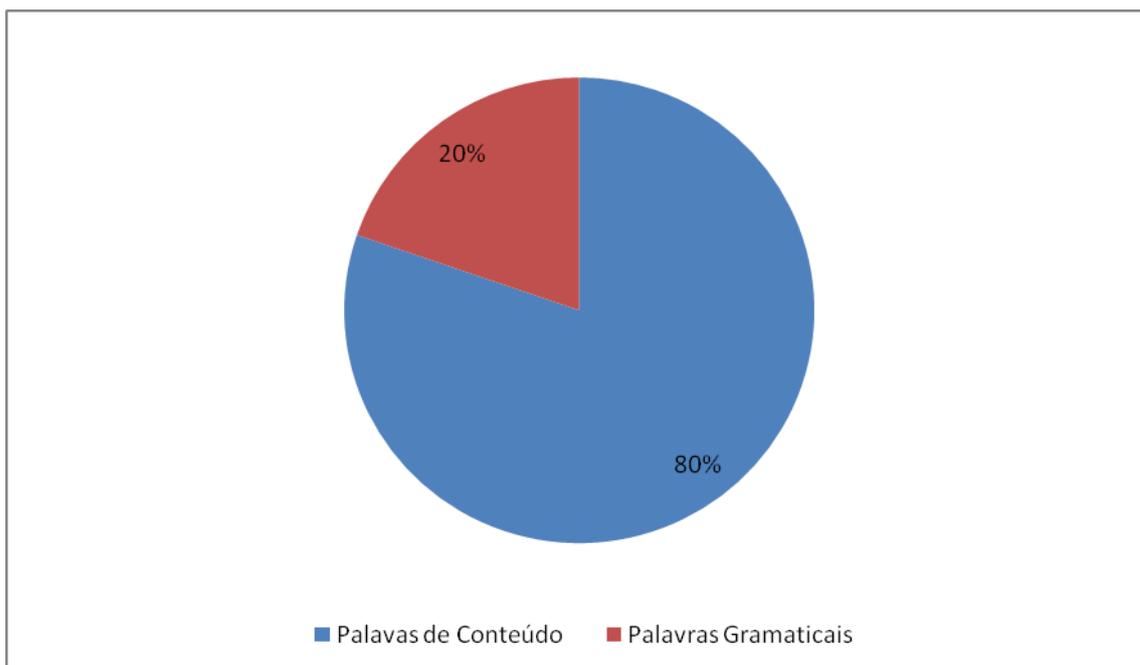


Gráfico 4.6: Distribuição de tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Leonardo)

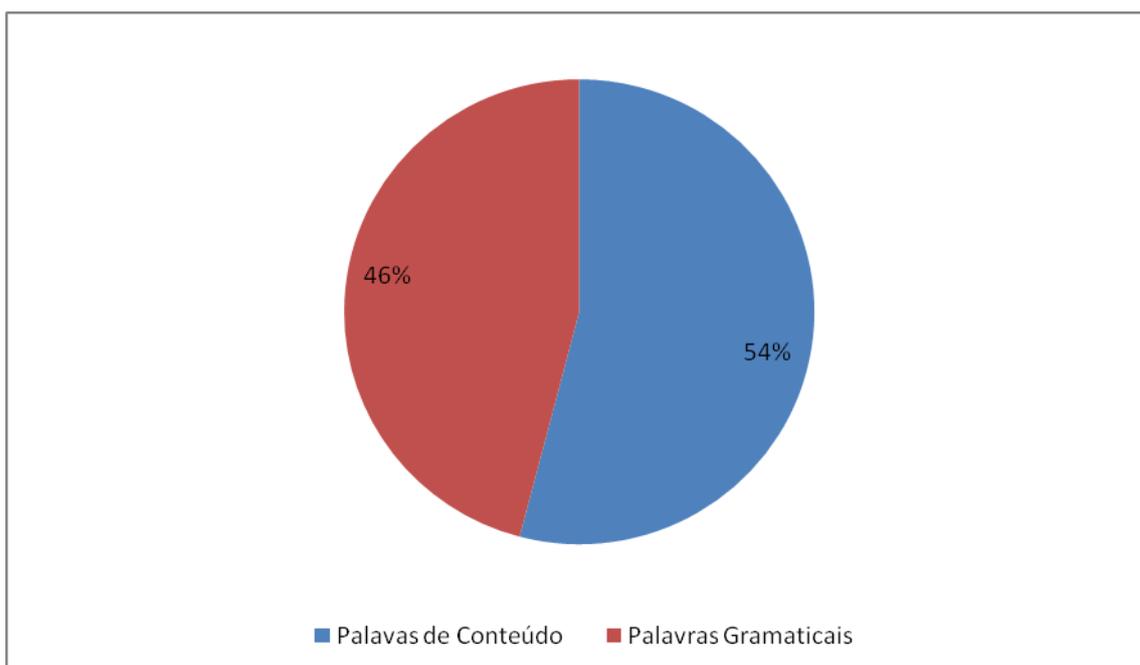


Gráfico 4.7: Distribuição de ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Leonardo)

Tomando-se o *corpus* coletado do menino Leonardo ao longo das 18 entrevistas utilizadas nessa pesquisa verifica-se a produção de 617 tipos de palavras de conteúdo referentes a 3426 ocorrências dessa categoria. Em relação às palavras gramaticais (pronomes, numerais, conjunções, advérbios, interjeições, artigos e preposições), registrou-se 152 tipos referentes a 2907 ocorrências.

A observação dos gráficos mostra com clareza a prevalência das palavras de conteúdo sobre as palavras gramaticais tanto em termos de tipos como de ocorrências. Embora tal padrão fosse esperado na primeira situação (tipos), uma vez que o número de palavras de conteúdo para qualquer falante é superior aos da palavras gramaticais, por ser uma classe que relaciona cada referente a um rótulo, esse não é o padrão esperado para as ocorrências.

Justamente por relacionar vários objetos e situações do mundo real a um número limitado de vocábulos, a classe das palavras gramaticais é muito maior em termos de ocorrências do que de tipos, no âmbito da língua.

Essa relação está parcialmente evidenciada nos dados de Leonardo, uma vez que a classe das palavras gramaticais representa apenas 20% dos tipos do *corpus*, mas quase a metade (46%) das ocorrências. Embora se esperasse uma superioridade nesta última relação, em conformidade com os estudos realizados na fala adulta (Biderman, 2001), deve-se considerar que Leonardo ainda está em pleno desenvolvimento lexical e que o acompanhamento de sua evolução mostra uma aproximação ao padrão esperado com o aumento da idade.

4.1.3. Análise semestral

A fim de buscar um padrão para os intervalos entre as entrevistas e poder comparar o desempenho entre os informantes, dividir-se-á a coleta de dados de Leonardo em períodos de seis meses, evidenciando, primeiramente, as relações entre as entrevistas que marcam o início de cada período e, a seguir, o conjunto de dados referentes a cada período de seis meses que se obteve no intervalo destas entrevistas.

4.1.3.1 Relação entre tipos e ocorrências

Assim como na análise guiada pelos dados na busca de uma delimitação para o período da explosão do vocabulário (se é que ele acontece), a análise semestral se dará primeiramente em termos de tipos, seguido das ocorrências.

Desta forma, o Gráfico 4.8 apresenta o desempenho de Leonardo nas entrevistas 1 (1:5;05), 9 (1:11;04), 13 (2:5;21) e 18 (2:10;22), em termos de tipos.

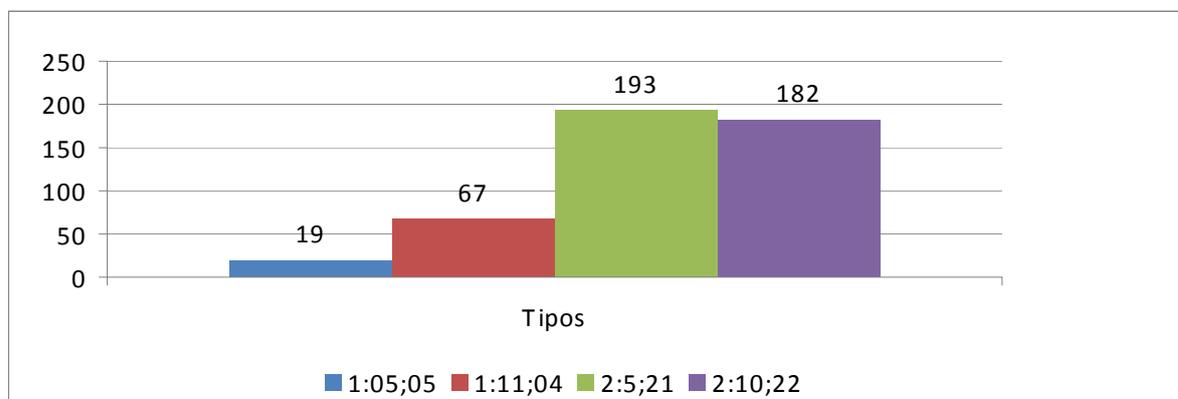


Gráfico 4.8: Tipos com intervalos de seis meses (Leonardo)

Da entrevista 1 (1:5;05) para a entrevista 9 (1:11;14), verifica-se um crescimento de 252% no vocabulário e, desta para a entrevista 13 (2:5;21), este crescimento é de 188%. Da entrevista 13 (2:5;21) para a entrevista 18 (2:10;22), há um decréscimo de 5% na taxa de crescimento dos tipos.

A produção de Leonardo, nas três primeiras entrevistas, denota um crescimento ascendente em termos de tipos, indicando um grande aumento no vocabulário em função da idade do informante. Na última entrevista, no entanto, verifica-se um decréscimo no número de tipos, ainda que mínimo. Novamente chama-se a atenção para que estas regressões verificadas em várias categorias entre os informantes não se devem a uma regressão no conhecimento destes em termos de vocabulário, mas sim a fatores externos ao conhecimento lingüístico da criança que se fazem presentes durante a coleta e os quais não se pode isolar. É fato que o humor da criança, seu estado de saúde, sua motivação e atenção podem influenciar no número de palavras ditas na entrevista e, por isso, se propõe aqui, ao lado da análise por entrevista, a análise pela média das palavras ditas no período, na tentativa de minimizar estes fatores que sempre estarão presentes.

Ao se realizar a média de palavras ditas em cada intervalo entre estas entrevistas, a fim de se considerar todos os dados coletados, obteve-se os seguintes resultados, conforme ilustra o Gráfico 4.9.

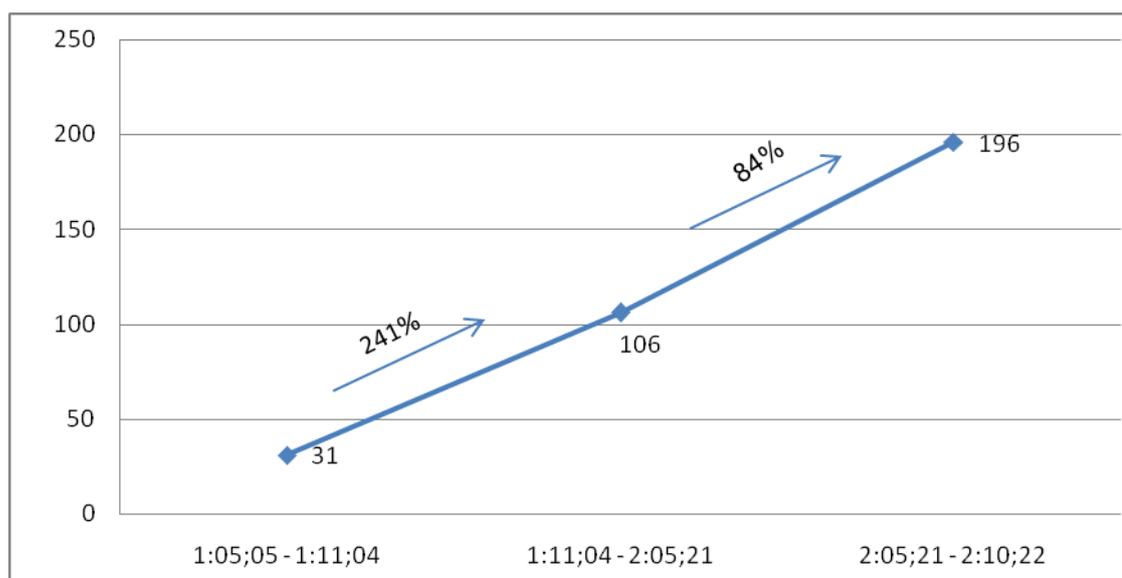


Gráfico 4.9: Taxa de crescimento a partir da média de tipos/mês por intervalos de seis meses (Leonardo)

A média de palavras por entrevista subiu de 31 no primeiro semestre de coleta para 106 no segundo semestre, revelando um crescimento de 241% em termos de vocabulário. O incremento de vocabulário de Leonardo, após os dois anos e meio, embora constante, é inferior ao encontrado para as etapas anteriores (84%), indicando que a presença do fenômeno de explosão de vocabulário, tal qual definido para esta pesquisa poderia ser indicada, justamente em torno dos dois anos de idade. Mais precisamente, no caso de Leonardo, podemos situá-lo aos 2:3 de idade (entrevista 12), quando o vocabulário do menino faz uma passagem do período de 50 palavras para uma média de 100 palavras por entrevista, corroborando os resultados de Nelson (1973) e Fenson *et al.* (1993).

A fim de se verificar as relações existentes entre a aquisição do vocabulário de Leonardo e o modo como ele vai incrementando seu discurso propõe-se, a seguir, a análise semestral da produção do informante durante o período de coleta em termos de ocorrências, a partir da descrição dos mesmos.

Ao se realizar a descrição tomando-se como base as entrevistas que marcam a passagem da coleta de dados em períodos semestrais, tem-se o seguinte delineamento, conforme ilustrado no Gráfico 4.10.

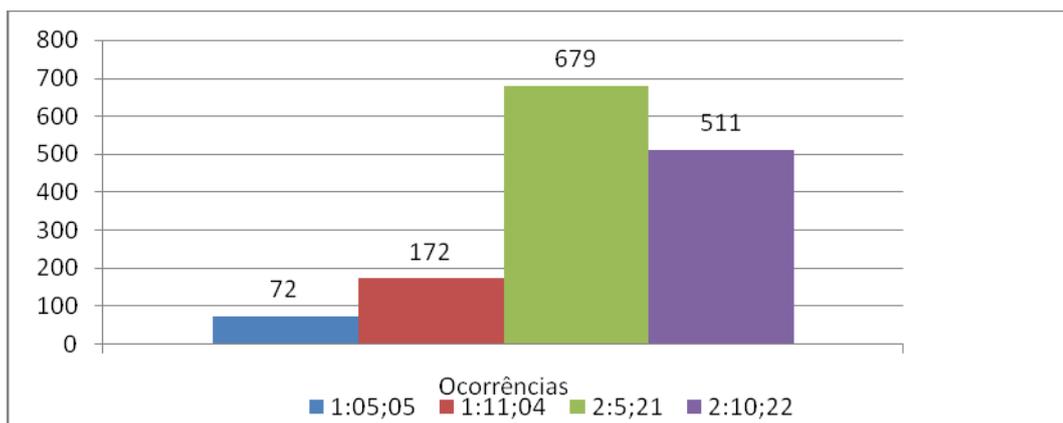


Gráfico 4.10: Ocorrências em intervalos de seis meses (Leonardo)

O Gráfico 4.10 mostra um crescimento muito maior da entrevista 9 (1:11;04) para a entrevista 13 (2:5;21) – 294% - do que da entrevista 1 (1:5;05) para a entrevista 9 (1:11;04) – 138%. Isso significa dizer que, na passagem do primeiro para o segundo semestre de coleta o discurso de Leonardo estava bem aquém, em termos de desempenho, do que deste para o período subsequente. Além disso, também em termos de ocorrências, verificamos um decréscimo no crescimento entre a entrevista 13 (2:5;21) e a entrevista 18 (2:10;22) – 24%.

Fazendo-se a média das palavras ditas por Leonardo nestes intervalos semestrais, tem-se o Gráfico 4.11 abaixo.

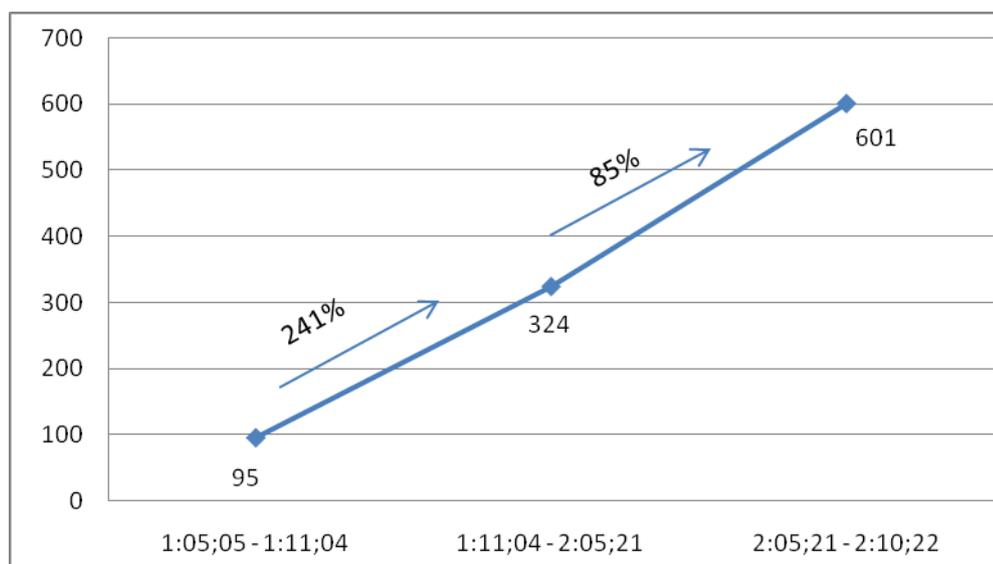


Gráfico 4.11: Taxa de crescimento a partir da média ocorrências/mês por intervalo de seis meses (Leonardo)

A observação nos permite verificar que Leonardo passa de uma média de 95 palavras ditas por entrevista no primeiro semestre para 324 palavras/entrevista no

segundo semestre, revelando um crescimento de 241%. Deste para o terceiro semestre (entre 2:5;21 e 2:10;22), a média de palavras por entrevista vai para 601, revelando um aumento de 85% na taxa de crescimento.

Embora a linha ascendente no Gráfico 4.11 permita dizer que o desenvolvimento do discurso de Leonardo continue se dando de forma contínua após os dois anos e meio, pode-se verificar, pelas taxas de crescimento entre um período e outro, que tal incremento é bem maior no intervalo entre o primeiro e o segundo períodos (241%) do que entre o segundo e o terceiro (85%).

Estes resultados condizem com aqueles encontrados para os tipos, revelando que o desenvolvimento do vocabulário de Leonardo, em linhas gerais, é semelhante nestas duas categorias.

O Gráfico 4.12 compara o desenvolvimento dos tipos e ocorrências nestas entrevistas semestrais.

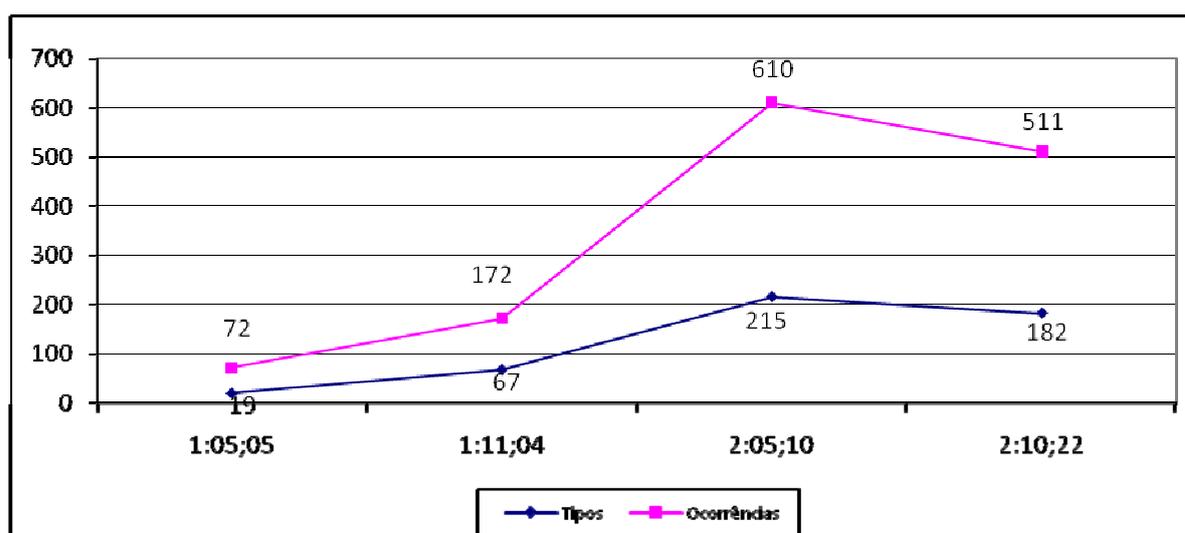


Gráfico 4.12: Comparação entre tipos e ocorrências em entrevistas semestrais (Leonardo)

A observação do gráfico permite ver que o desenvolvimento dos tipos e das ocorrências na fala de Leonardo apresenta comportamentos distintos em função da idade. Enquanto para os tipos o maior incremento se registra no primeiro semestre de coleta (de 1:5;05 para 1:11;04), com 252% de taxa de crescimento, para as ocorrências o maior incremento se dá no decorrer do segundo semestre de coleta – 254% de taxa de crescimento entre 1:11;04 e 2:5;21.

Esta diferença está relacionada ao fato de que, nos dois primeiros meses de coleta, Leonardo ainda fazia uso de muitas interjeições, elevando o número total de ocorrências do período e diminuindo a diferença do número de ocorrências entre

este e o período seguinte, fato não evidenciado entre os tipos, que revelaram um crescimento mais contínuo e gradual. Além disso, pode-se observar, no gráfico, que, embora a linha de aquisição lexical em termos de ocorrências seja influenciada pelo desenvolvimento lexical em termos de tipos, elas possuem taxas de crescimento diferentes, evidenciadas pela distância diferenciada das ocorrências em relação aos tipos nos quatro pontos de coleta estudados. Além disso, a maior taxa de crescimento dos tipos do primeiro para o segundo semestre de coleta parece estar relacionada ao fenômeno da explosão de vocabulário.

Como se pode verificar um decréscimo da produção de Leonardo na última entrevista, tanto em termos de tipos como de ocorrências, é importante observar o desempenho do informante em termos da média de palavras produzidas por entrevista para cada intervalo pesquisado, a fim de minimizar possíveis interferências de fatores externos à coleta de dados, buscando sempre o comportamento mais geral e que melhor caracteriza o objeto em estudo. Desta forma, o Gráfico 4.13, abaixo, reúne os Gráficos 4.9 e 4.11 para fins de comparação.

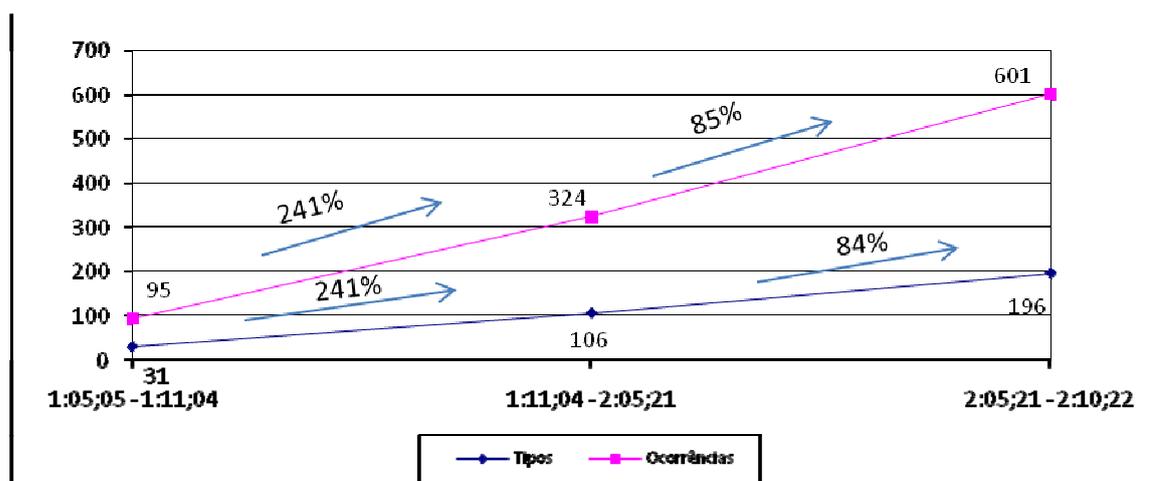


Gráfico 4.13: Comparação entre o crescimento de tipos e ocorrências em períodos semestrais (Leonardo)

Observe-se que, em primeiro lugar, o decréscimo caracterizado pela última entrevista não se faz presente quando se leva em conta todos os dados coletados no período. Além disso, quando avaliamos a taxa de crescimento entre as médias dos períodos estudados, podemos notar um comportamento diferente tanto para tipos quanto para ocorrências daquele observado quando se analisa somente as entrevistas iniciais destes. Quanto às médias de palavras faladas por entrevista, nota-se um incremento maior tanto dos tipos como das ocorrências do primeiro para

o segundo semestre de coleta (241% contra 84% e 85%, respectivamente) do que do segundo para o terceiro.

Nesse caso, os dados da análise semestral do menino Leonardo mostraram de forma mais clara a existência do fenômeno da explosão do vocabulário na passagem do primeiro para o segundo semestre de coleta justamente por volta dos dois anos de idade, tal como preconizado na literatura.

4.2 Hipótese do viés nominal

De acordo com a versão fraca da hipótese nominal, a criança mostrará uma preferência pela aquisição dos substantivos em relação aos verbos durante o período inicial do seu desenvolvimento lexical.

A fim de verificar a atuação da hipótese do viés nominal na fala de Leonardo descrever-se-á a relação entre os substantivos e verbos ao longo das dezoito entrevistas em termos de tipos e ocorrências.

Da mesma forma que para a informante Ana, para o cômputo dos substantivos foram levados em conta os vocábulos classificados como substantivos comuns e próprios de acordo com os critérios traçados na metodologia dessa pesquisa. No que se refere aos verbos, foram somados os tipos e as ocorrências dos verbos e das locuções verbais. No âmbito geral, Leonardo produziu 319 tipos de substantivos referentes a 1354 ocorrências e 232 tipos de verbos referentes a 1723 ocorrências. Esses números já dão uma idéia do comportamento dessas duas classes na fala de Leonardo: uma prevalência dos substantivos em termos de tipos, não acompanhada desse comportamento em termos de ocorrências.

4.2.1 Tipos e ocorrências

4.2.1.1 Tipos

O Gráfico 4.14 resume a distribuição destas duas classes gramaticais no *corpus* do informante em termos de tipos.

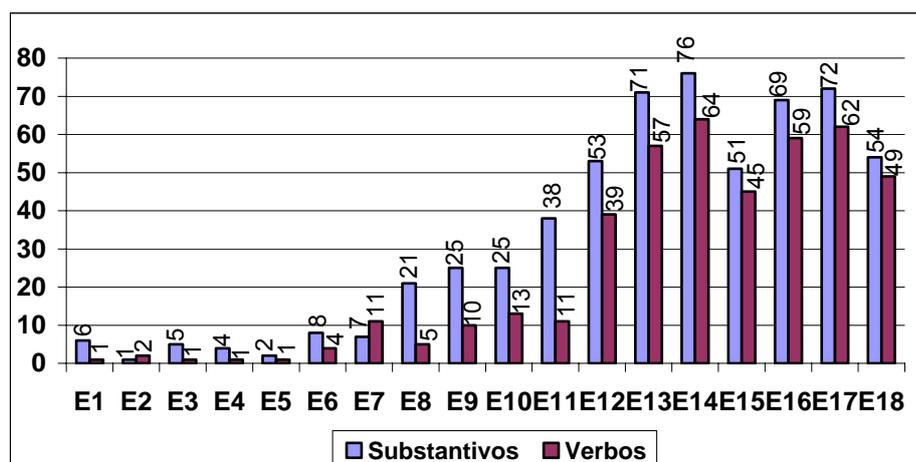


Gráfico 4.14: Tipos de substantivos e verbos por entrevista (Leonardo)

Ao se observar o gráfico é possível ver uma certa instabilidade na distribuição destas duas classes até a entrevista 7 (1:9;24). Essa instabilidade não esperada pela hipótese do viés nominal se deve, por um lado, ao pequeno número de palavras que fazem parte do vocabulário de Leonardo neste período de coleta. Por outro, nas entrevistas em que se verifica uma prevalência de verbos em relação aos substantivos (entrevista 2 – 1:5;28 – e entrevista 7 – 1:9;24), se pode observar um alto índice de onomatopéias em substituição a esta última classe, fato que também influencia a relação entre substantivos e verbos nas demais entrevistas deste período. Especificamente na entrevista 2 (1:5;28), tomada aqui como exemplo dessa situação, observa-se a realização de 1 substantivo comum (“coisas”), mas 3 onomatopéias utilizadas para nomear objetos e, portanto, atuando como substantivos (“brum-brum” – carro, “au-au” – cachorro e “cocó” – galinha). Somados, esses itens lexicais ultrapassam o número de verbos (2 tipos – “é” e “olha”) na entrevista, apontando para o padrão esperado nessa fase inicial pela hipótese do viés nominal. Da entrevista 8 (1:10;15) até a entrevista 18 (2:10;22) verifica-se sempre uma prevalência dos substantivos em relação aos verbos, em maior ou menor grau. Essa estabilidade na relação das duas classes se deve, por um lado, ao grande aumento do número de substantivos na fala de Leonardo a partir de 1:10;15 (entrevista 8) – taxa de crescimento de 200% em relação à entrevista anterior (1:9;24), com gradual diminuição do uso de onomatopéias em substituição aos substantivos. Nas cinco últimas entrevistas (E14 – 2:6;10 a E18 – 2:10;22), a média de tipos de onomatopéias fica abaixo de 1 (0,6), sendo que as ocorrências dessa classe também diminuem consideravelmente com o desenvolvimento do vocabulário

do informante, passando de 8 ocorrências nas cinco primeiras entrevistas (E1 – 1:5;05 a E5 – 1:7;09) para 2 ocorrências, em média, nesse período.

Analisando-se o desenvolvimento dos substantivos no *corpus* do informante, pode-se delinear o seguinte caminho:

- 1) Da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 7 (1:9;24), há um período de grande oscilação, marcado pelo uso de poucos vocábulos desta classe. Em média registra-se, neste período, 4 tipos de substantivos (variando entre 1 e 7).
- 2) A partir da entrevista 8 (1:10;15), inicia-se a prevalência dos substantivos em relação aos verbos. Deste ponto até a entrevista 10 (1:11;22), a média dos tipos de substantivos fica em torno de 23 palavras, apontando para um crescimento de 475% em relação ao período anterior.
- 3) A entrevista 11 (2:1;01) mostra um novo incremento desta classe em relação ao período anterior – 65%.
- 4) Da entrevista 11 (2:1;01) para a entrevista 12 (2:3;17), os substantivos continuam a crescer – 39% - e, daí em diante, oscilam dentro de uma média de 63 tipos (variando entre 51 e 76 tipos), revelando uma taxa de crescimento de 65% ao se comparar este período (entre 2:3;17 e 2:10;22) com a entrevista 11.

O Quadro 4.6 expõe os substantivos falados por Leonardo a cada entrevista. Para sua confecção, foram listadas as formas gerais dos substantivos produzidos pelo informante na entrevista 1 (1:5;05) e, a partir daí, listados os substantivos diferentes que foram se incorporando ao léxico do menino a cada entrevista.

A observação do quadro deixa claro que o período entre 24 e 30 meses de idade é o responsável pela incorporação de um grande número de substantivos ao léxico do informante, conforme já havia sido descrito em termos numéricos nos gráficos anteriores.

Substantivos		
Entrevista	Idade	Substantivos
E1	1:5;05	boi, cocô, Deisi, gol, mãe, titia
E2	1:5;28	coisas
E3	1:6;10	Minie
E4	1:6;25	olho, porta, trem, vovó
E5	1:7;09	pai
E6	1:8;21	bola, Camila, nenê, rabo
E7	1:9;24	creche, papá, vovô
E8	1:10;15	Cacá, feijão, mamãe, mão, sapato, Pu, parafuso
E9	1:11;04	água, arroz, café, chá, colher, dado, índio, léo, maçã, milho, ovo, pipoca, sorvete, titio, urso, uva
E10	1:11;22	bolacha, rato, banana, canguru, coelho, gato, ônibus, palhaço, peixe, rã, sabonete, xixi
E11	2:1;01	barco, bolo, bunda, dedo, Dino, filha, fogão, Laika, moto, Nemo, pato, pepino, pirulito, pudim, sopa, tigre, tomate, trator
E12	2:3;17	amigo, avião, barriga, barulho, bicicleta, bico, boca, bombeiro, braço, cadeira, carne, cavalo, chapéu, dia, faca, favor, folha, grama, helicóptero, homem. Inter, jacaré, lápis, máquina, mar, mesa, moeda, navio, ovelha, osso, real, roda, rua, sapo, sol, telhado, mamá
E13	2:5;21	amendoim, asinhas, babá, bala, beijo, bicho, boneco, buraco, cabelo, cadela, céu, chinelo, chuva, copo, fábrica, Felipe, formiga, foto, guarda-chuva, idéia, martelo, medo, meia, menino, Mickey, panela, papagaio, pena, prato, refri, rei, relógio, roupa, Taís, tampa, trovão, xampu
E14	2:6;10	abacaxi, brinquedo, bolsa, botão, bruxa, cachorro, carro, casa, cebola, cenoura, chão, Chico, competição, doce, elefante, estrela, ferro, flor, fogão, garagem, girafa, Japão, Keka, laranja, mamão, Mano, melancia, melão, mochila, nave, pão, pé, pêssego, pilha, piscina, rádio, serrote, serviço, telefone, tênis, vaca, vampiro, Vilma, Xuxa
E15	2:7;08	Beto Carrero, bota, cabeça, comida, dragão, dor, chave, Guga, lua óculos, papel, pedaço, Pooh, professora, remédio, suco, xícara
E16	2:9;02	aranha, bandeira, Brasil, chocolate, colo, dentes, dinossauro, fita, guaraná, lixo, mamute, meleca, ovelha, pimenta, porco, quartel
E17	2:10;00	açúcar, banho, batata, borboleta, caneca, chulé, espinho, Fanta, frio, hipopótamo, lata, luz, massa, passador, passarinho, pedaço, pente, presente, sorvete, torneira, trabalho
E18	2:10;22	almofada, burro, camisa, cara, chimarrão, guria, lanterna, leão, licença, Madagascar, MacDonald's, minhoca, pastel, pau, praia, quarto, tartaruga, televisão, vento

Quadro 4.6: Tipos de substantivos por entrevista (Leonardo)

No que se refere aos verbos, pode-se observar um comportamento desenvolvimental semelhante àquele observado para os substantivos, embora ainda guarde algumas peculiaridades.

- 1) Da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 5 (1:7;09), registra-se um número muito pequeno de verbos na fala de Leonardo: em média 1,2 por entrevista, variando entre 1 e 2.
- 2) Da entrevista 6 (1:8;21) até a entrevista 8 (1:10;15), registra-se um aumento do número de tipos de verbos – 450% - em relação ao período anterior. Porém, a média de 6 tipos de verbos ainda oscila entre uma entrevista e outra (entre 4 e 11 palavras).
- 3) Da entrevista 9 (1:11;04) até a entrevista 11 (2:1;01), esta instabilidade acaba, sendo que a média dos tipos de verbos deste período fica em torno de 11 palavras (variando entre 10 e 13). Em termos de crescimento, no entanto, não há um tão aumento expressivo: 83% em relação ao período anterior.
- 4) A partir da entrevista 12 (2:3;17) é que os verbos aumentam de forma expressiva no vocabulário de Leonardo. A média desta entrevista até o final da coleta (2:10;22) fica em 53 tipos de verbos, revelando uma taxa de crescimento de 381% em relação ao período anterior. Além de contribuir para o crescimento do vocabulário como um todo neste ponto, o incremento desta categoria, neste ponto, pode estar vinculado ao início da sintaxe na fala de Leonardo, embora, no escopo desta tese, seja impossível provar tal hipótese.

Para exemplificar o desenvolvimento dessa classe na fala de Leonardo, o Quadro 4.7 expõe os verbos produzidos pelo informante por entrevista. O quadro foi montado nos mesmos moldes que aquele apresentado para os substantivos, incorporando-se, a cada entrevista, somente os novos elementos da classe que se somaram ao léxico do menino. Além disso, como a finalidade do quadro é fornecer elementos representativos, os verbos são apresentados somente em sua forma infinitiva.

Os dados no quadro revelam aquilo que já estava exposto em termos numéricos: é só a partir da entrevista 12 (2:3;17) que a incorporação de novos itens lexicais da classe dos verbos se faz notória na fala do informante.

Verbos		
Entrevista	Idade	Verbos
E1	1:5;05	ser
E2	1:5;28	olhar
E3	1:6;10	cair
E4	1:6;25	-
E5	1:7;09	-
E6	1:8;21	acabar, dar, nanar, tirar
E7	1:9;24	falar, ir, morder, querer
E8	1:10;15	ter
E9	1:11;04	achar, capotar
E10	1:11;22	abrir, caber, chutar, morrer, apertar
E11	2:1;01	botar, comer, pôr, soprar, vir
E12	2:3;17	cantar, deixar, doer, estar, fazer, ficar, gostar, poder, puxar, saber, sair, torcer, trazer, ver, virar
E13	2:5;21	ajudar, brincar, cantar, chover, consertar, empurrar, entrar, fechar, guardar, montar, ouvir, pegar, quebrar, secar, sujar, tampar, tomar
E14	2:6;10	andar, apagar, buscar, chegar, colocar, conseguir, descer, desligar, empinar, estragar, faltar, girar, lavar, ligar, mostrar, passar, pular, trabalhar, voar, voltar
E15	2:7;08	aparecer, apertar, arrumar, esperar, gravar, jogar
E16	2:9;02	babar, caminhar, cortar, desmontar, levar, pagar, pensar, mexer, quebrar, queimar, viajar
E17	2:10;00	acender, amarrar, esquecer, esconder, ganhar, limpar, pentear, sobrar
E18	2:10;22	acontecer, bater, brilhar, descansar, funcionar, grudar, nadar, parecer, pisar

Quadro 4.7: Tipos de verbos por entrevista (Leonardo)

Além de caracterizar o desenvolvimento destas duas classes na fala de Leonardo, a descrição da hipótese do viés nominal se torna mais evidente ao se estabelecer a relação entre os substantivos e os verbos no *corpus* do informante. Desta forma, o Gráfico 4.15 ilustra esta relação no decorrer das 18 entrevistas coletadas.

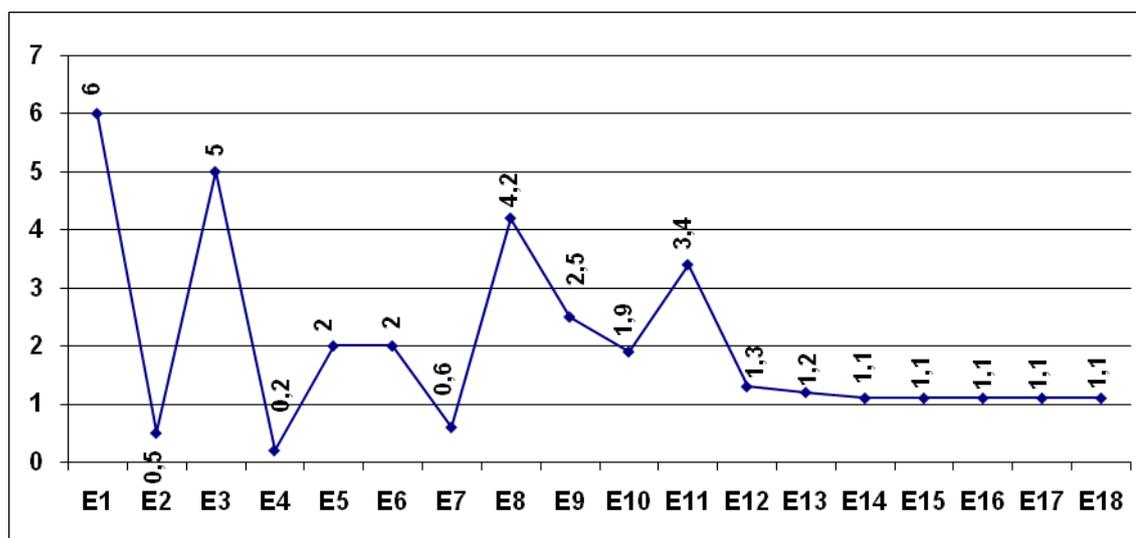


Gráfico 4.15: Relação de tipos de substantivos e verbos (Leonardo)

A observação do gráfico revela uma instabilidade inicial no desenvolvimento da relação entre substantivos e verbos na aquisição lexical de Leonardo no período estudado. Enquanto nas entrevistas 1 (1:5;05), 3 (1:6;10), 4 (1:6;25), 5 (1:7;09) e 6 (1:8;21) há uma prevalência dos substantivos em relação aos verbos, como prescreve a atuação da hipótese do viés nominal em sua versão fraca, nas entrevistas 2 (1:5;28) e 7 (1:9;24) essa situação se inverte, podendo-se verificar um maior número de verbos em relação aos substantivos. Esta instabilidade pode ser explicada pelo pequeno número de tipos destas classes nestas sete primeiras entrevistas (7,3,6,6,3,12 e 18, respectivamente). A partir do momento em que o vocabulário de Leonardo parece começar a estruturar-se, a partir da entrevista 8 (1:10;15), se verifica sempre a prevalência dos substantivos em relação aos verbos.

A partir daí, pode-se separar o desenvolvimento da relação entre tipos de substantivos e verbos na fala de Leonardo em dois períodos: um que vai da entrevista 8 (1:10;15) até a entrevista 11 (2:1;01) onde, apesar da instabilidade, se pode verificar uma alta taxa de prevalência de substantivos (em média 3 substantivos para cada verbo) e outro que vai da entrevista 12 (2:3;17) até o final da coleta (entrevista 18 – 2:10;22), onde a relação entre tipos de substantivos e verbos

começa a se estabilizar, com pouco mais de um item da classe dos substantivos para cada item da classe dos verbos (em média 1;1).

O primeiro período parece estar caracterizado pelo aumento do número de substantivos: entre a entrevista 7 (1:9;24) e a entrevista 8 (1:10;15) verifica-se uma taxa de crescimento de 200% destes, enquanto que a taxa de crescimento dos verbos é de 54% no mesmo período.

Já a passagem da entrevista 11 (2:1;01) para a entrevista 12 (2:3;17) é marcada pelo aumento das duas classes. No entanto, enquanto a classe dos substantivos apresenta uma taxa de crescimento de 39%, a dos verbos cresce 254%. Isso porque o crescimento da classe dos substantivos já vem acontecendo nas entrevistas anteriores e, no caso dos verbos, é abrupto. Esta constatação mostra que, se ficar estabelecido que o fenômeno da explosão do vocabulário do informante se deu aos 2:3;17, assim como este estava influenciado pelo aumento das palavras gramaticais, dentro da classe das palavras de conteúdo se refere mais ao incremento dos verbos do que dos substantivos.

Ao se levar em consideração a média de substantivos e verbos por entrevista entre os períodos, ter-se-á o seguinte delineamento: entre a entrevista 1 (1:5;05) e a entrevista 7 (1:9;24), a média dos tipos de substantivos é de 4 palavras e a de verbos é de 3 palavras. Entre a entrevista 8 (1:10;15) e a entrevista 11 (2:1;01), a média dos tipos dos substantivos é de 27 palavras, enquanto a dos verbos é de 9 palavras. Sendo assim, a taxa de crescimento dos substantivos entre um período e outro é de 575% e a de verbos é de 200%. Já na passagem do segundo para o terceiro período de análise (o segundo período em que se verifica uma prevalência dos substantivos em relação aos verbos), a relação diminui (em torno de 1,1) pelo aumento do número de tipos de verbos neste período. Enquanto a média de tipos dos substantivos é de 27 no período anterior, passando a 63 neste; a média de tipos de verbos, que era de 9 no período anterior, passa a 53 neste período. Assim, enquanto a taxa de crescimento dos substantivos é de 133%, a taxa de crescimento dos verbos é de 488%. Com base nestes dados, é inegável a contribuição do aumento de tipos dos verbos no contexto geral do aumento do vocabulário do informante. Por outro lado, uma demonstração da atuação da hipótese do viés nominal na fala de Leonardo, mesmo em sua versão fraca, só é possível após a idade de 1:09, quando o vocabulário do menino parece se estabilizar a respeito desta relação.

Analisando-se todos os dados disponíveis até aqui a respeito dos tipos na fala de Leonardo e separando-se em períodos, conforme a dimensão de seu vocabulário, tem-se o Quadro 4.8, abaixo.

Idade	Entrevistas	Vocabulário estimado	Média Tipos	Média Subst		Média Verbos	
					%		%
1:5 – 1:8	1 -6	0 – 50 pal.	20	4	20%	1,6	8%
1:9 – 2:1	7 – 11	50 pal.	59	23	29%	10	17%
2:3 – 2:10	12 - 18	100 – 200 pal	188	64	34%	53	28%

Quadro 4.8: Tipos conforme faixa etária e tamanho do vocabulário (Leonardo)

Esses dados permitem que se façam algumas comparações do vocabulário de Leonardo com resultados de pesquisas apresentadas na fundamentação teórica desse trabalho.

Apesar de os substantivos serem mais numerosos do que os verbos, nunca chegam a perfazer 50% do vocabulário de Leonardo, conforme Nelson (1973) propôs para um vocabulário de 50 palavras e Bates *et al.* (1994) para um de 100 – 200 palavras. Note-se ainda semelhança com os dados de Ana, com aumento da porcentagem de substantivos no vocabulário em um primeiro momento para posterior decréscimo, talvez provocado pela entrada da classe dos pronomes substantivos na fala do informante, embora os tamanhos de vocabulário ou idade não sejam as mesmas.

Ainda em termos absolutos, também não se podem corroborar os resultados de Fenson *et al.* (1993) e Bates *et al.* (1994) a respeito do desenvolvimento da categoria dos substantivos na fala de Leonardo. De acordo com o primeiro estudo, o número de substantivos aumenta entre 0 – 100 palavras para se estabilizar entre 100 – 200 palavras e, a partir daí, sofrer um decréscimo. Bates *et al.* (1994) também postulam um aumento inicial (entre 0 -100 palavras) para um decréscimo posterior. Embora em termos absolutos os dados do menino Leonardo não corroborem esses achados, uma vez que se verifica uma média de tipos de substantivos sempre maior à medida que o tamanho do vocabulário aumenta, a participação dessa classe no vocabulário como um todo diminui de 39 para 34% na passagem do período de 50 palavras para aquele entre 100-200 palavras. Os dados de Leonardo ainda divergem nessa classe em relação àqueles observados para a menina Ana. Nesta informante, verificou-se que a taxa de crescimento dos substantivos era inversamente proporcional ao número de tipos e ocorrências registrados nas entrevistas, ou seja,

quanto maior o vocabulário da menina menos elementos novos se agregavam ao seu léxico. No caso de Leonardo, os tipos dos substantivos exibem uma taxa de crescimento de 195% entre um vocabulário de 0 – 50 palavras e um período no qual gira em torno de 50 palavras e de 218% entre este período e um em que o vocabulário está entre 100 – 200 palavras. Antes de demonstrar uma diferença marcante entre esses dois informantes, esse dado revela a variabilidade individual na aquisição do léxico por parte das crianças. Enquanto a menina Ana já revela um vocabulário de 50 palavras entre 1:2 e 1:4, tal situação só se configurará na fala de Leonardo entre 1:9 e 2:1. Por esse motivo, não se observa, nos dados desse informante, um vocabulário de mais de 200 palavras até o final da coleta, justamente o período em que a taxa de crescimento da classe dos substantivos na fala de Ana sofre um decréscimo.

Da mesma forma, o comportamento da classe dos verbos sofre influências dessa característica mais geral do processo de aquisição lexical de Leonardo. Enquanto do primeiro para o segundo período a taxa de crescimento dessa classe é de 525%, deste para o terceiro é de 435%. O crescimento inicial certamente é resultado de um vocabulário muito restrito do menino no período inicial de coleta, quando a média dos tipos de substantivos era de menos de dois itens lexicais por entrevista – registram-se, nesse período, os verbos “ser”, “olhar”, “cair”, “acabar”, “dar”, “nanar” e “tirar”, sendo os quatro últimos incorporados somente a partir da entrevista 6 (1:8;21). O alto índice de crescimento registrado para os verbos na passagem de um vocabulário de 50 para um de mais de 100 palavras – 435% -, talvez possa corroborar os resultados de Fenson *et al.* (1993), embora se necessitasse de dados a respeito de um vocabulário maior (+ 200 palavras) para afirmar tal hipótese.

É inegável, porém, a maior participação dessa classe na composição do léxico do informante à medida que o tamanho de seu vocabulário aumenta, ao contrário do que se verifica para os substantivos. Nesse ponto, os resultados apresentados para os dois informantes até aqui analisados convergem. No entanto, os dados de Leonardo, não apresentam uma prevalência dos verbos sobre os substantivos em termos de tipos, conforme Bassano (1998), Bassano *et al.* (1998) e Bassano (2000) postularam a partir de uma idade de 1:8, embora a partir da entrevista 12 (2:3;17) a quantidade de verbos comece a se aproximar da dos substantivos.

4.2.1.2 Ocorrências

A descrição dos dados relativos ao desenvolvimento das classes de substantivos e verbos na fala dos informantes em termos de ocorrências possibilita uma análise da relação da qualidade do vocabulário dos mesmos, em termos da distribuição das ocorrências por classes, e do aspecto quantitativo, buscando verificar o uso que o falante faz dos itens que vão se incorporando ao seu léxico.

O gráfico 4.16 ilustra a distribuição das classes de substantivos e verbos em termos de ocorrências.

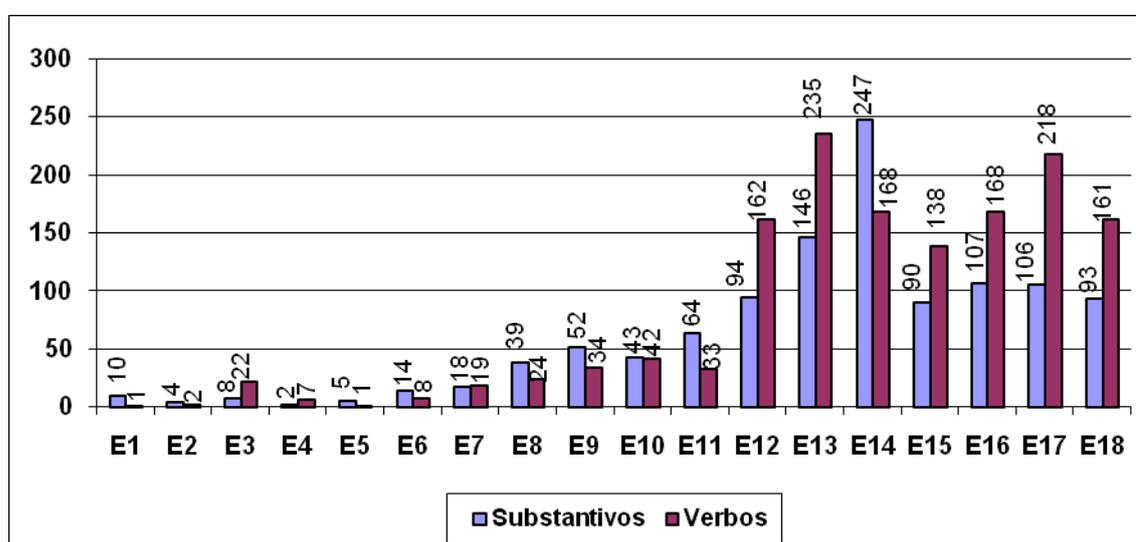


Gráfico 4.16: Ocorrências de substantivos e verbos por entrevista (Leonardo)

A observação do gráfico permite separar a aquisição das classes de substantivos e verbos de Leonardo em três períodos distintos: um período inicial, que vai da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 7 (1:9;24), onde há uma instabilidade na relação entre as duas classes; um período intermediário, que vai da entrevista 8 (1:10;15) até a entrevista 11 (2:1;01), no qual há uma prevalência de substantivos em relação aos verbos, e um período posterior, que vai da entrevista 12 (2:3;17) até a entrevista 18 (2:10;22), onde, exceção feita à entrevista 14 (2:6;10), há uma prevalência do número de verbos em relação aos substantivos.

Nota-se que essa inversão não está atrelada a uma mudança de comportamento na classe dos verbos, que registra 168 ocorrências nessa entrevista, enquanto a média do período é de 178 ocorrências de itens lexicais dessa classe. Ela está vinculada, isso sim, com uma prevalência inexplicável da ocorrência de

substantivos nessa entrevista específica (registra 247 ocorrências enquanto a média do período é de 126 ocorrências). Embora não seja possível, aqui, explicitar os motivos que levaram a esse quadro, provavelmente oriundo de alguma especificidade do momento da coleta, pode-se constatar tal situação pelos dados da entrevista. Em média, nessa entrevista, cada tipo correspondente a um substantivo foi repetido três vezes (76 tipos e 247 ocorrências). Porém registram-se ocorrências bem acima da média de alguns itens dessa classe, que podem explicar o comportamento das ocorrências dos substantivos nessa entrevista específica.

Comparando-se a ocorrência dos 8 substantivos mais freqüentes dessa entrevista com sua ocorrência no *corpus* com um total, verifica-se tal situação. O vocábulo mais freqüente é Chico, com 22 ocorrências, todas as registradas no *corpus*, perfazendo uma média de 1,2 ocorrências por entrevista. Logo após, as palavras mais freqüentes dessa entrevista são 'banana', 'carro' e 'casa', com 19 ocorrências cada; no *corpus*, registra-se 23, 23 e 26 ocorrências desses vocábulos, respectivamente, perfazendo uma média de 1,2, 1,2 e 1,4 por entrevista. Ainda acima de 10 ocorrências na classe dos substantivos, nessa entrevista, estão os vocábulos 'amigo' e 'fogão', com 14 ocorrências (total de 19 e 17 no *corpus*, com média de 1,0 e 0,9 por entrevista, respectivamente), 'bola', com 13 ocorrências (22 no total e média de 1,2 por entrevista) e 'bolsa', com 12 ocorrências (todas as do *corpus*).

Analisando-se separadamente as duas classes, pode-se observar o desenvolvimento lexical das ocorrências na fala de Leonardo.

Quanto aos substantivos, pode-se traçar quatro etapas distintas:

- 1) Da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 5 (1:7;09), a característica marcante refere-se ao pequeno número de vocábulos (5, em média) aliado a uma grande oscilação no seu uso (variação entre 2 e 10 ocorrências).
- 2) Nas entrevistas 6 (1:8;21) e 7 (1:9;24), apesar do número ainda pequeno de vocábulos (16, em média), registra-se um crescimento em relação à etapa anterior – 220% - e uma estabilidade no uso dos substantivos (variando entre 14 e 18 ocorrências).
- 3) Da entrevista 8 (1:10;15) até a entrevista 11 (2:1;01) esta estabilidade é preservada, porém girando em torno de outra média – 49 ocorrências, variando entre 39 e 64. Este aumento na média revela um crescimento na ordem de 206% em relação ao período anterior.

- 4) Da entrevista 12 (2:3;17) até o final da coleta (2:10;22), apesar das oscilações apresentadas (variação entre 90 e 247), o número de ocorrências de substantivos parece estabilizar em uma média de 126 palavras, registrando um crescimento de 157% em relação ao período anterior.

O Quadro 4.9 ilustra os substantivos mais freqüentes em cada etapa descrita.

Etapa	Entrevistas	Idades	Palavra	Ocorrências
1	1 – 5	1:5;05 a 1:7;09	gol	8
2	6 – 7	1:8;21 a 1:9;24	vovô	4
3	8 – 11	1:10;15 a 2:1;.01	ovo	16
4	12 – 18	2:3;17 a 2:10;22	papai	50

Quadro 4.9: Ocorrências de substantivos por período (Leonardo)

Quanto aos verbos, o delineamento do desenvolvimento das ocorrências, embora semelhante ao dos substantivos, apresenta outras etapas.

- 1) Da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 6 (1:8;21) revela-se o período da instabilidade. A média de ocorrências de verbos neste período é de 6 palavras, variando entre 1 e 22 ocorrências.
- 2) A partir da entrevista 7 (1:9;24) percebe-se uma estabilidade maior desta categoria, com média de 30 ocorrências verbais entre esta entrevista e a entrevista 11 (2:1;01), variando entre 19 e 42. A taxa de crescimento em relação ao período anterior é de 400%.
- 3) Da entrevista 12 (2:3;17) até o final da coleta (2:10;22), essa média sofre um aumento expressivo – taxa de crescimento de 493% - girando em torno de 178 palavras (variação entre 138 e 235).

O Quadro 4.10 ilustra os verbos mais freqüentes em cada etapa descrita.

Etapa	Entrevistas	Idades	Palavra	Ocorrências
1	1 – 6	1:5;05 a 1:8;21	caiu	22 ⁴⁵
2	7 – 11	1:9;24 a 2:1;.01	caiu	44
3	12 – 18	2:3;17 a 2:10;22	é	337

Quadro 4.10: Ocorrências de verbos por período (Leonardo)

A fim de elucidar a relação entre o comportamento das ocorrências de substantivos e verbos, propõe-se o Gráfico 4.17, que mostra a relação entre estas duas classes ao longo das 18 entrevistas da coleta.

⁴⁵ Essas 22 ocorrências aconteceram em uma única entrevista – 3 (1:6;10).

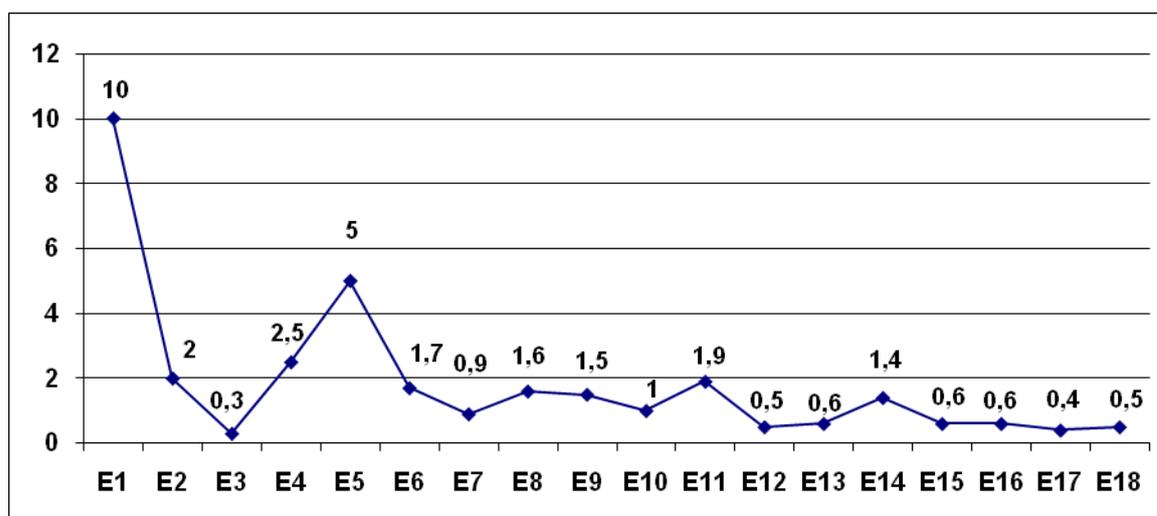


Gráfico 4.17: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Leonardo)

Em um primeiro momento, verifica-se uma grande instabilidade desta relação, provavelmente vinculada a um vocabulário restrito, com influência do uso de onomatopéias pelo informante na contagem dos substantivos, o que, de certa forma, poderia estar atuando em favor da prevalência dos verbos.

Da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 5 (1:7;09), a média desta relação é de 3,9, mas a variação é enorme (0,3 a 10 substantivos para cada verbo), revelando que, neste período, cada entrevista é uma situação única, não havendo nenhum padrão a ser descrito. Da entrevista 6 (1:8;21) até a entrevista 11 (2:1;01), apesar das oscilações, pode-se observar uma certa tendência da relação estudada. Neste período, verifica-se, em média, 1,4 substantivos para cada verbo, demonstrando uma prevalência destes primeiros em relação aos últimos. Da entrevista 12 (2:3;17) em diante, até a entrevista 18 (2:10;22), esta situação se inverte. A média da relação entre as duas classes, neste período, fica em torno de 0,6 substantivos para cada verbo, sendo a prevalência, portanto, dos verbos sobre os substantivos.

O Quadro 4.11 exemplifica o comportamento dos elementos dessas duas classes, por meio da exposição dos substantivos e dos verbos mais frequentes por entrevista.

Ent	Idade	Subst	Ent	Corpus	Verbos	Ent	Corpus
1	1:05;05	boi	3	13	é	1	477
2	1:05;28	coisas	4	4	é/olha	1	477/40
3	1:6;10	gol	4	16	caiu	22	92
4	1:6;25	olho	2	4	é	2	477
5	1:7;09	Deisi	4	13	é	1	477
6	1:8;21	vovó	3	16	acabou/dá	3	15/16
7	1:9;24	vovô	4	13	caiu	7	92
8	1:10;15	mamãe	8	20	é	17	477
9	1:11;04	gol	7	16	caiu	13	92
10	1:11;22	ovo	5	36	caiu	11	92
11	2:1;01	ovo	8	36	caiu	8	92
12	2:3;17	mesa	5	6	é	55	477
13	2:5;21	ovo/pá	10	36/10	é	60	477
14	2:6;10	Chico	22	22	coloca	21	24
15	2:7;08	pai	7	45	é	50	477
16	2:9;02	roupa	5	7	é	46	477
17	2:10;00	uva	7	20	é	67	477
18	2:10;22	pai	10	45	é	49	477

Quadro 4.11: Substantivos e verbos mais freqüentes por entrevista (Leonardo)

4.2.2 Análise semestral

Para melhor traçar estas considerações analisar-se-á, a seguir, a evolução do desenvolvimento dos substantivos e dos verbos em separado, levando-se em consideração os períodos semestrais de coleta: entrevista 1 (1:5;05), entrevista 9 (1:11;04), entrevista 13 (2:5;21) e entrevista 18 (2:10;22).

4.2.2.1 Substantivos

O Gráfico 4.18 ilustra este desenvolvimento em relação aos tipos dos substantivos.

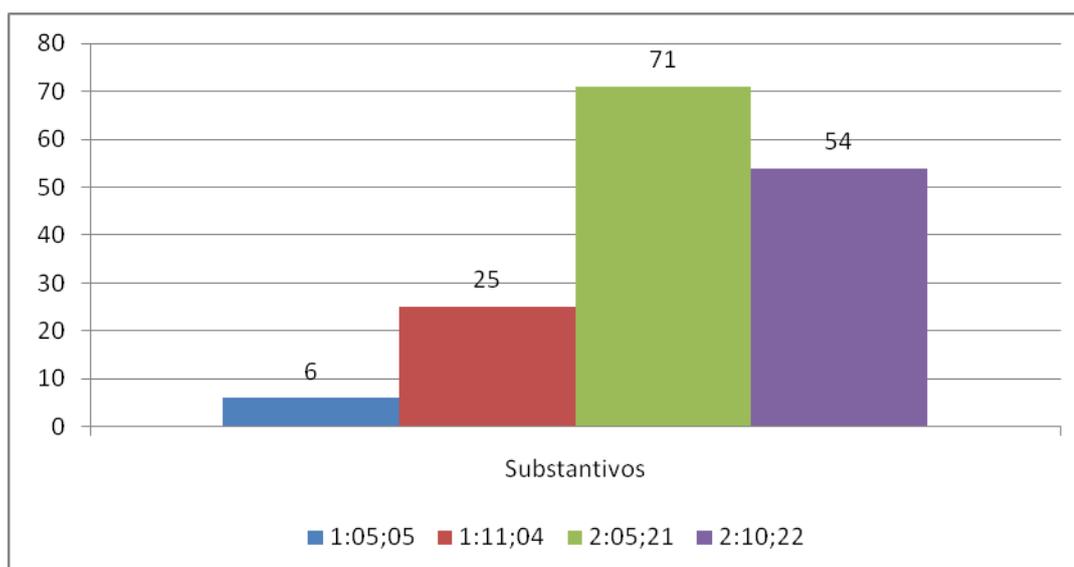


Gráfico 4.18: Tipos de substantivos em entrevistas semestrais (Leonardo)

A observação do gráfico permite verificar um aumento no número de substantivos da entrevista 1 (1:5;05) para a entrevista 9 (1:11;04). A taxa de crescimento entre estas duas entrevistas é de 316%. Da mesma forma, da entrevista 5 (1:11;04) para a entrevista 13 (2:5;21) registra-se uma taxa de crescimento de 184% no número de substantivos na fala de Leonardo. Desta entrevista para a entrevista 18 (2:10;22), registra-se um decréscimo da taxa de crescimento de 23%, o qual, no entanto, não se reflete em um comportamento de todo período, como se pode observar no Gráfico 4.19.

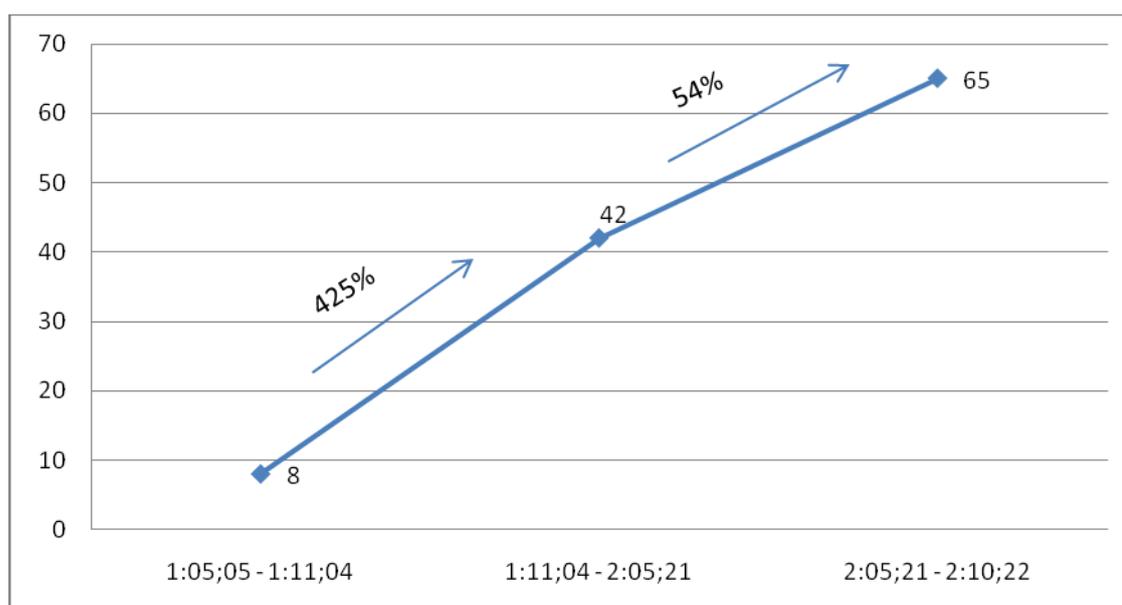


Gráfico 4.19: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de substantivos em períodos semestrais (Leonardo)

Como se pode observar, a taxa de crescimento dos substantivos do segundo período (entre 1:11;04 e 2:5;21) para terceiro (entre 2:5;21 e 2:10;22) – 54% - é bem menor do que aquela apresentada entre o primeiro período (entre 1:5;05 e 1:11;04) e o segundo – 425% - revelando um crescimento extraordinário dos substantivos em termos de tipos na fala de Leonardo neste período.

Embora este comportamento esteja de acordo com aquele observado para os tipos como um todo – taxa de crescimento de 241% e 84% nos dois períodos, respectivamente – no caso dos substantivos pode-se observar dois aspectos interessantes.

O primeiro se refere ao fato de que o crescimento dos substantivos entre o primeiro e o segundo período é bem maior do que o do vocabulário como um todo no mesmo período. Isso revela que os substantivos colaboram para este crescimento extraordinário, apesar da verificação de sua influência diminuída em relação aos verbos na segunda onda de reorganização lexical do informante.

De forma inversa, o crescimento dos substantivos entre o segundo e o terceiro períodos é menor do que aquele apresentado para o vocabulário como um todo (54 e 84%, respectivamente). Neste caso, este fato pode estar relacionado à aquisição da classe dos pronomes substantivos. Por ser uma classe aberta, espera-se da classe dos substantivos um crescimento contínuo ao longo de toda a vida, obviamente que em proporções cada vez menores à medida que o léxico se estabiliza. Uma redução tão grande na taxa de crescimento neste período inicial da aquisição pode estar relacionada à entrada de pronomes substantivos na fala do informante. Os pronomes substituem os rótulos substantivos, diminuindo principalmente as ocorrências desta classe. Para testar esta hipótese, o Gráfico 4.20 ilustra o desenvolvimento destas duas classes ao longo do *corpus* de Leonardo.

A observação do gráfico permite traçar algumas considerações a respeito da evolução destas duas classes no vocabulário de Leonardo. Primeiramente, verifica-se um período de grande instabilidade no número de substantivos que vai da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 7 (1:9;24), marcado pela pequena quantidade de tipos desta classe. Em média registram-se 4 substantivos diferentes utilizados a cada entrevista (variando entre 1 e 8 tipos), enquanto que a média dos pronomes substantivos neste período é de 0,5 (variando entre 0 e 1). Essa pouca utilização revela que Leonardo ainda não domina o uso de palavras desta classe gramatical, fato esperado durante a aquisição da linguagem, uma vez que se sabe que, em um

período inicial, as crianças utilizam os rótulos substantivos no lugar dos pronomes até mesmo para se auto-designar⁴⁶. No caso de Leonardo o pronome substantivo coletado neste período é justamente aquele que se refere à primeira pessoa: ‘eu’.

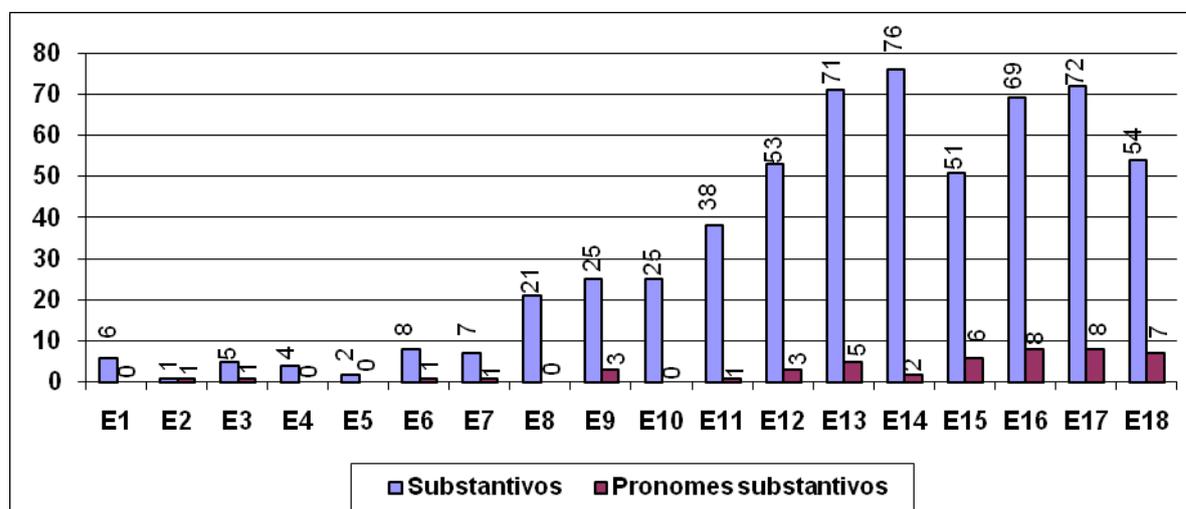


Gráfico 4.20: Tipos de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Leonardo)

Da entrevista 8 (1:10;15) até a entrevista 14 (2:6;10) verifica-se um aumento contínuo no número de tipos de substantivos a cada entrevista. Em média, Leonardo fala 44 substantivos por entrevista, variando entre 21 tipos na primeira entrevista do período e 76 tipos na última. O uso de pronomes substantivos, nesta fase, fica em torno de 2 tipos, variando entre 0 e 5. Essa variabilidade demonstra que Leonardo ainda não adquiriu o domínio desta classe gramatical, apesar de seu crescimento. Enquanto a taxa de crescimento dos substantivos cresce em 1000%, a taxa de crescimento dos pronomes substantivos entre um período e outro é de 300%. Embora extraordinário, esse crescimento está bem aquém daquele revelado pelos substantivos. Os pronomes substantivos produzidos por Leonardo nesse período são: “isso” “tu”, “tudo”, “ele”, “eu”, “ela”, “mim”.

A partir da entrevista 15 (2:7;08) até a entrevista 18 (2:10;22) verifica-se uma diminuição dos tipos dos substantivos enquanto o número de pronomes substantivos diferentes utilizados em cada entrevista aumenta. A média dos tipos dos substantivos nestas quatro últimas entrevistas é de 61, revelando, ainda assim, uma média mais elevada do que a alcançada no período anterior (44), mas com uma taxa de crescimento bem inferior: 38%. Por outro lado, a média de tipos de

⁴⁶ A aquisição dos pronomes ‘eu’ e ‘tu’, por exemplo, já foi alvo de pesquisa na área do desenvolvimento da linguagem, revelando que, além do conhecimento lingüístico, o uso destes pronomes também é determinado por fatores psicológicos (Issler, 1993, 1997).

pronomes substantivos nestas quatro entrevistas é de 7, bem acima da média anterior (2) e com uma taxa de crescimento de 250%. São pronomes substantivos produzidos por Leonardo nesse período: “ela”, “ele”, “eu”, “me”, “ti”, “tu”, “mim”, “te”, “tudo”, “você”. Embora a taxa de incorporação de pronomes substantivos ao léxico de Leonardo resulte, ainda, em um número muito reduzido de itens nesta classe gramatical, incapaz de ser apontado como a causa de redução do número de tipos substantivos, em termos de vocabulário em uso (ocorrências), é possível que este fenômeno se consolide, uma vez que, por se tratar de uma classe fechada, os pronomes substantivos, embora em número reduzido em termos de tipos, podem estar sendo reiteradamente utilizados na fala do informante. Sendo assim, a verificação deste comportamento em termos de ocorrências poderá confirmar a hipótese anteriormente levantada.

Para detalhar mais esta relação proceder-se-á à descrição das ocorrências, iniciando-se pelos substantivos, tomando-se como base as entrevistas da coleta em intervalos de seis meses. Desta forma, o Gráfico 4.21 ilustra o desenvolvimento das ocorrências dos substantivos nas entrevistas 1 (1:5;05), 9 (1:11;04), 13 (2:5;21) e 18 (2:10;22).

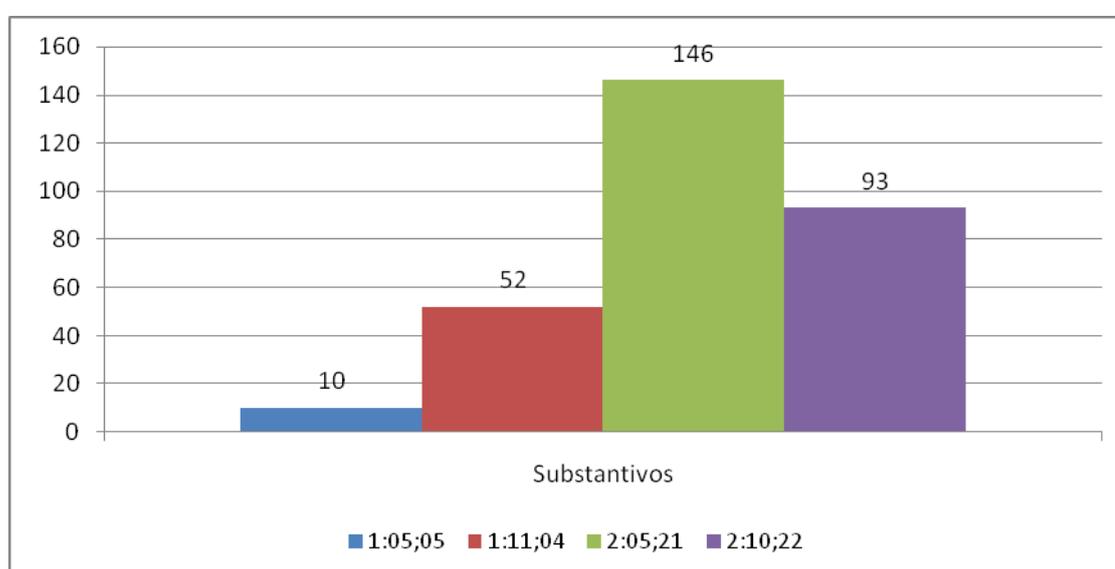


Gráfico 4.21: Ocorrências de substantivos em entrevistas semestrais (Leonardo)

O gráfico permite visualizar um crescimento contínuo do uso dos substantivos por Leonardo da entrevista 1 (1:5;05) para a entrevista 9 (1:11;04), com uma taxa de crescimento de 420% e desta para a entrevista 13 (2:5;21), com uma taxa de crescimento menor, mas ainda assim extraordinário, de 180%. Da entrevista 13

(2:5;21) para a entrevista 18 (2:10;22) percebe-se uma diminuição do número de ocorrências de substantivos, sendo a taxa de crescimento negativa, na ordem de 36%. Antes de representar uma tendência, esta diminuição está associada às características de coleta da entrevista 18, que, no seu todo, apresenta um decréscimo de 25% das ocorrências em relação à entrevista imediatamente anterior a ela.

Este fato pode ser comprovado pela visualização do Gráfico 4.22, que ilustra o desenvolvimento do uso dos substantivos por Leonardo em termos das médias de ocorrências por entrevista nos períodos estudados.

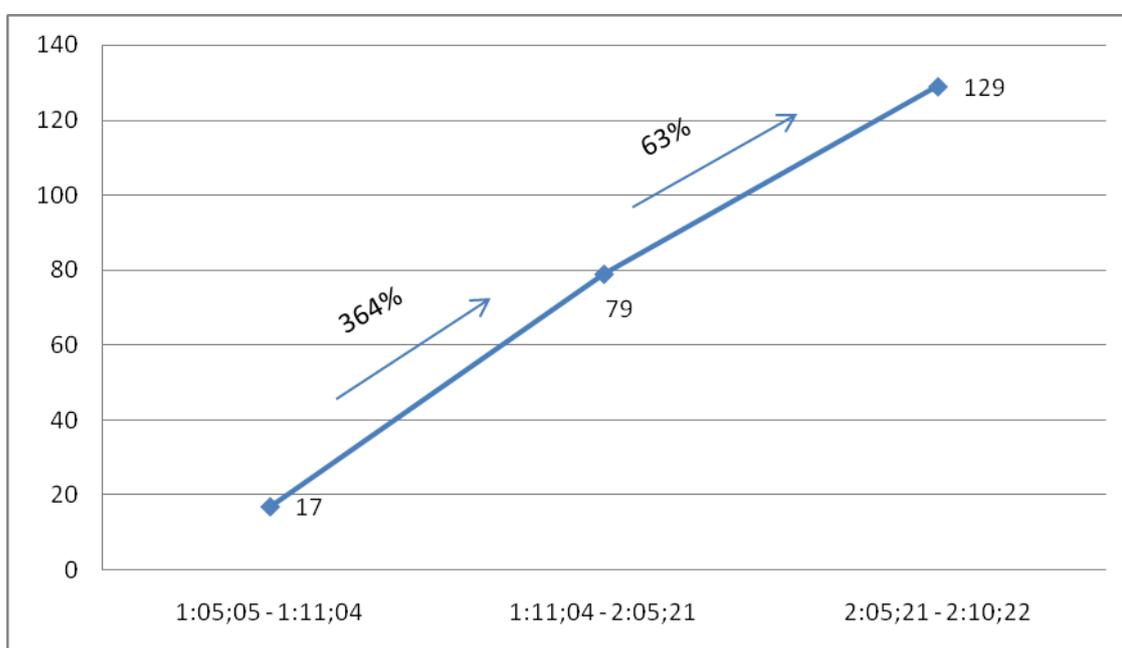


Gráfico 4.22: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de substantivos em intervalos semestrais (Leonardo)

O gráfico permite observar que o aumento do uso de substantivos no discurso do informante é contínuo, indo de uma média de 17 substantivos por entrevista no primeiro período (entre 1:5;05 e 1:11;04) para 79 substantivos no segundo período (entre 1:11;04 e 2:5;21) e para 129 no terceiro período (entre 2:5;21 e 2:10;22). Esses dados revelam um aumento de 364% no uso de substantivos entre o primeiro e o segundo períodos, sendo a taxa de crescimento deste último para o terceiro período bem menor (63%).

Novamente estes resultados, assim como no caso dos tipos, revelam um comportamento das ocorrências dos substantivos em relação às ocorrências como um todo que pode ser lido da seguinte forma:

- 1) Entre o primeiro período e o segundo de coleta, o crescimento das ocorrências dos substantivos (364%) é superior ao das ocorrências como um todo (241%), salientando a importância desta classe neste resultado geral. No entanto, o crescimento das ocorrências é inferior ao dos tipos (425%), revelando que o incremento do vocabulário é a marca desta passagem.
- 2) Entre o segundo e o terceiro períodos registra-se uma taxa de crescimento menor do que a do primeiro em ambas as categorias, sendo a das ocorrências como um todo (85%) maior do que a das ocorrências dos substantivos (63%), revelando uma queda mais acentuada desta classe em relação às demais nesta categoria.

Assim como no caso dos tipos, verificar-se-á se esta diminuição na taxa de crescimento está relacionada à entrada de pronomes substantivos na fala de Leonardo. O Gráfico 4.23 mostra a distribuição das ocorrências de substantivos e pronomes substantivos ao longo das 18 entrevistas da coleta.

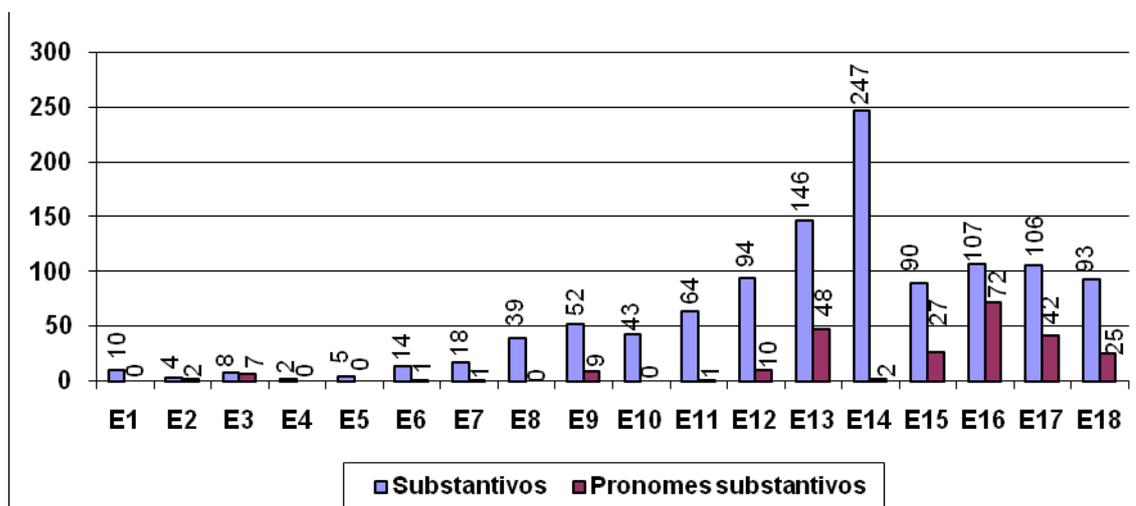


Gráfico 4.23: Ocorrências de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Leonardo)

Observa-se da entrevista 1 (1:5;05) até a entrevista 11 (2:1;01), uma grande oscilação no número de pronomes substantivos, variando de 0 a 9 palavras neste período (média de 1,9). No período que se segue, entre a entrevista 12 (2:3;17) e a entrevista 18 (2:10;22), a oscilação das ocorrências de pronomes substantivos continua (variando de 2 a 72), porém em torno de uma média bem mais alta: 32 pronomes substantivos por entrevista.

Da entrevista 1 (1:5;05) até entrevista 5 (1:7;09), a média das ocorrências dos substantivos é de 5 palavras por entrevista. No que tange aos pronomes substantivos, a média é de 2 por entrevista. Neste período, a relação entre os substantivos e os pronomes substantivos é de 3 elementos da primeira classe para cada elemento da segunda.

Nas entrevistas 6 (1:8;21) e 7 (1:9;24), a média das ocorrências de substantivos sobe consideravelmente: 220% e começa a se estabilizar; a média das ocorrências dos pronomes substantivos, no entanto, continua baixa: 1 palavra por entrevista. Neste período, a relação entre as duas classes é de 16 substantivos para 1 pronome substantivo.

Da entrevista 8 (1:10;15) até a entrevista 11 (2:1;01), a média dos substantivos é de 49 por entrevista, enquanto a dos pronomes substantivos fica em 3 ocorrências por entrevista. Em relação ao período anterior, nota-se um aumento na taxa de crescimento das duas classes em estudo: 206% para os substantivos e 200% para os pronomes substantivos. No entanto, enquanto percebe-se uma estabilização por parte da primeira classe, a taxa de crescimento dos pronomes substantivos é influenciada por uma única entrevista, que registra 9 das 10 ocorrências registradas no período. 'isso' (4 ocorrências), 'tudo' (4 ocorrências) e 'tu' (1 ocorrência).

Da entrevista 12 (2:3;17) até a entrevista 14 (2:6;10) observa-se um aumento contínuo e expressivo dos substantivos. Comparando-se este período com o anterior, a taxa de crescimento é de 230%. Com os pronomes substantivos observa-se um grande aumento na taxa de crescimento (700%!) em relação ao período anterior; porém, a instabilidade continua (variação entre 2 e 48 ocorrências desta classe neste período). A relação entre uma classe e outra neste período é de 8 substantivos para cada pronome substantivo.

Da entrevista 15 (2:7;08) até a entrevista 18 (2:10;22) observa-se, pela primeira vez, uma certa estabilidade nas duas classes em estudo. Neste período, a média dos substantivos é de 99 ocorrências, enquanto a dos pronomes substantivos é de 41 ocorrências. Em relação ao período anterior, verifica-se uma queda na taxa de crescimento dos substantivos de 63%, enquanto a dos pronomes substantivos cresce em torno de 105%. A relação entre uma classe e outra, neste período, é de 2,4 substantivos para cada pronome substantivo.

Esse comportamento pode explicar o fato de que, isoladamente, a entrevista 18 apresentou uma queda na taxa de crescimento dos substantivos, enquanto que, no conjunto de todas as entrevistas do período semestral, esta queda não se verifica, pois o aumento da relação entre os substantivos e pronomes substantivos se dilui na variação encontrada nas entrevistas do período.

Apesar das oscilações entre o número de ocorrências de pronomes substantivos no período entre 2:5;21 e 2:10;22, observa-se um incremento expressivo desta classe em relação aos períodos anteriores (em média, registra-se 36 ocorrências de pronomes substantivos neste período). O vocabulário ainda pequeno, ainda que minimize o efeito da diminuição da taxa de crescimento das ocorrências dos substantivos, contrasta com a relação desta classe com a dos substantivos: 3 elementos desta última para cada elemento da primeira. Efetivamente, pode-se afirmar que a aquisição dos pronomes substantivos, em termos de ocorrências, por parte de Leonardo, está parcialmente relacionada à diminuição da taxa de crescimento das ocorrências na classe dos substantivos.

O Quadro 4.13 ilustra os pronomes substantivos mais freqüentes em cada entrevista de Leonardo, comparando a incidência por entrevista de cada um desses elementos com sua ocorrência no *corpus* como um todo.

Entrevistas	Idade	Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências Corpus
1	1:05;05	-	-	-
2	1:05;28	eu	2	182
3	1:6;10	eu	7	182
4	1:6;25	-	-	-
5	1:7;09	-	-	-
6	1:8;21	eu	1	182
7	1:9;24	eu	1	182
8	1:10;15	-	-	-
9	1:11;04	isso/tudo	4	55/25
10	1:11;22	-	-	-
11	2:1;01	ele	1	22
12	2:3;17	eu	8	182
13	2:5;21	eu	20	182
14	2:6;10	eu/tu	1	182/37
15	2:7;08	eu	17	182
16	2:9;02	eu	46	182
17	2:10;00	eu	28	182
18	2:10;22	eu	14	182

Quadro 4.12: Pronomes substantivos mais freqüentes por entrevista (Leonardo)

4.2.2.2 Verbos

A seguir, passar-se-á à análise do comportamento dos verbos em separado, em entrevistas distantes seis meses uma da outra, conforme ilustra o Gráfico 4.24, em termos de tipos.

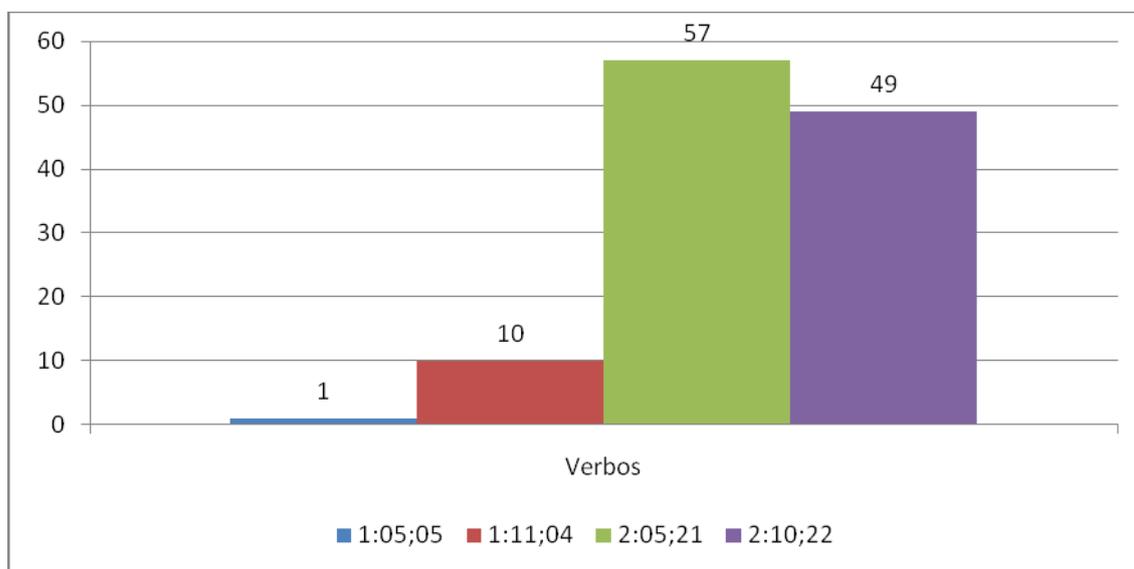


Gráfico 4.24: Tipos de verbos em entrevistas semestrais (Leonardo)

A observação do gráfico permite descrever um crescimento contínuo entre a primeira e a segunda entrevista, bem como desta em relação à terceira entrevista, com uma queda na produção de verbos desta para a quarta e última entrevista da coleta. Da entrevista 1 (1:5;05) para a entrevista 9 (1:11;04) verifica-se um aumento na taxa de crescimento dos tipos de verbos em torno de 900%. Da entrevista 9 para a entrevista 13 (2:5;21) esse aumento é de 470%. Apesar da taxa de crescimento entre a primeira e a segunda entrevista ser maior do que aquela encontrada entre o segundo e o terceiro período, deve-se salientar que tal crescimento se deve a um número muito reduzido de verbos na entrevista inicial. Enquanto isso, da entrevista 13 para a entrevista 18 (2:10;22) verifica-se um decréscimo de 14%. Este fenômeno, no entanto, parece estar mais ligado às características da última entrevista, que reduziu seu número de tipos em 17% se comparada com a entrevista imediatamente anterior (entrevista 17 – 2:10;00), do que com o comportamento geral dos verbos. A fim de minimizar esta influência, o Gráfico 4.25 ilustra a média de tipos de verbos nos três períodos estudados, levando-se em consideração todas as entrevistas coletadas no período.

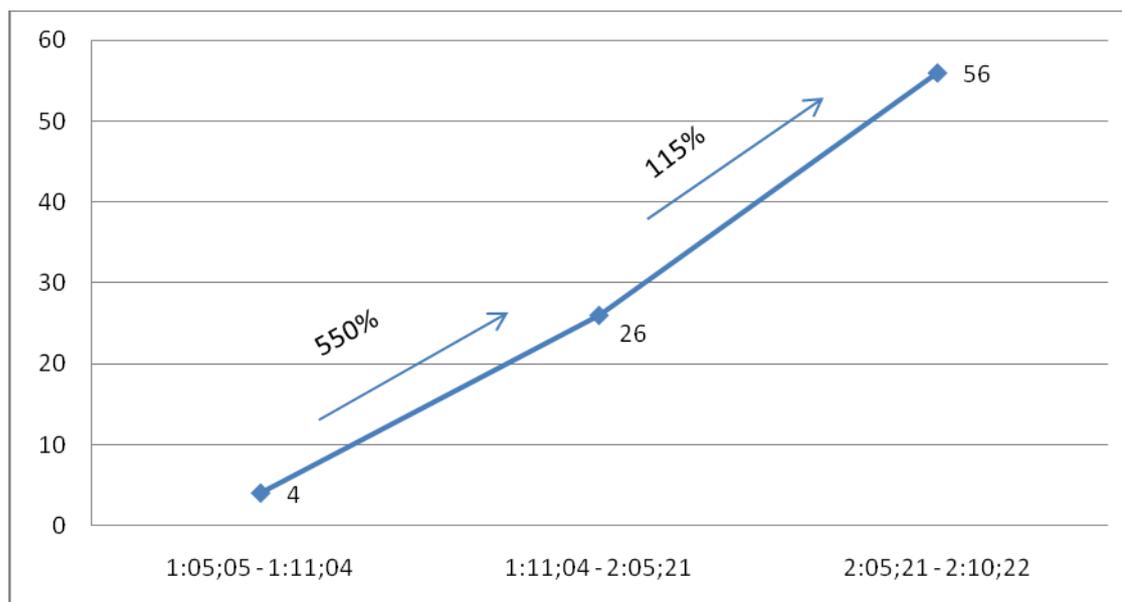


Gráfico 4.25: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de verbos em períodos semestrais (Leonardo)

O gráfico mostra que o crescimento dos tipos dos verbos é extraordinário entre um período e outro, sempre ascendente. Enquanto do primeiro (1:5;05 – 1:11;04) para o segundo (1:11;04 – 2:5;21) período a taxa de crescimento é de 550%, deste para o terceiro período (2:5;21 – 2:10;22) é de 115%. Esta taxa de crescimento tão alta, registrada inicialmente, é parcialmente influenciada pelo pequeno número de verbos nos dois meses iniciais de coleta.

Quando observamos as ocorrências dos verbos nas entrevistas selecionadas a cada seis meses, temos o delineamento mostrado no Gráfico 4.26.

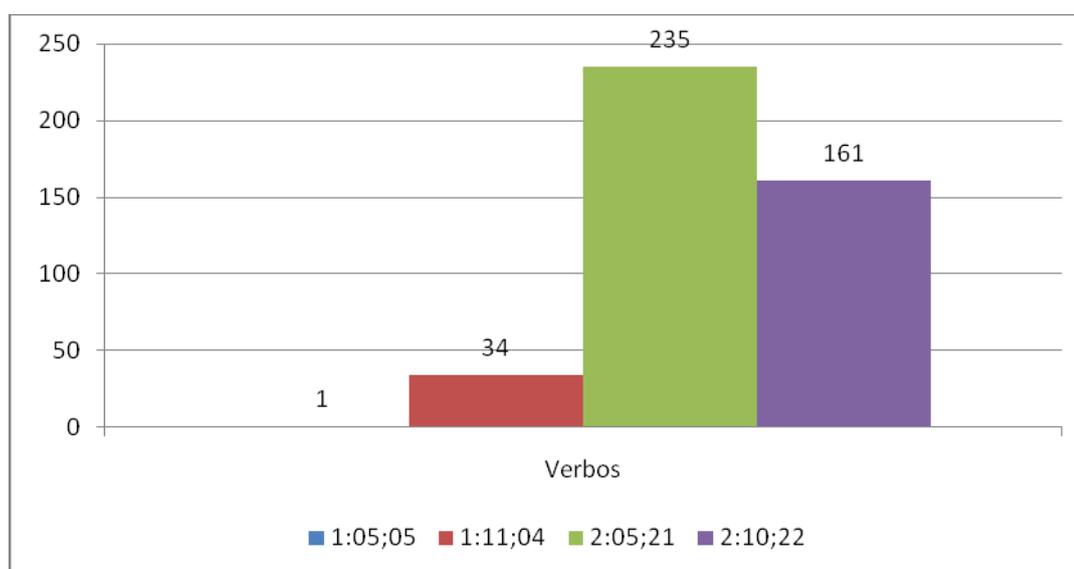


Gráfico 4.26: Ocorrências de verbos em entrevistas semestrais (Leonardo)

Da entrevista 1 (1:5;05) para a entrevista 9 (1:11;04), observa-se um aumento na taxa de crescimento de 3.300%, marcado pela presença de um único verbo na primeira entrevista da coleta. Da entrevista 9 para a entrevista 13 (2:5;21), a taxa de crescimento é de 591%. Desta última para a entrevista 18 (2:10;22), registra-se uma queda na taxa de crescimento de 31%, influenciada por uma queda geral do número de ocorrências nesta entrevista (-25% em relação à entrevista anterior).

Quando tomadas todas as entrevistas dos períodos semestrais em análise, tal comportamento não se verifica. O Gráfico 4.27 ilustra esta situação.

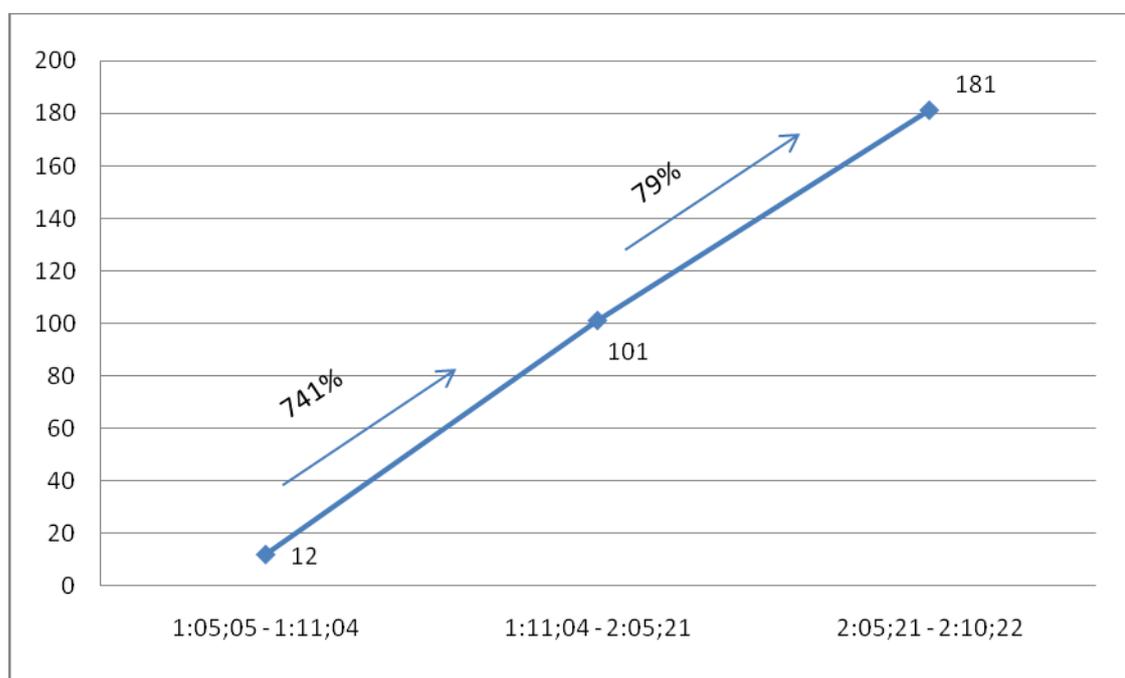


Gráfico 4.27: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de verbos em períodos semestrais (Leonardo)

O primeiro semestre da coleta de dados (entre 1:5;05 e 1:11;04) registra uma média de 12 verbos por entrevista. No segundo período semestral da coleta (entre 1:11;04 e 2:5;21) a média de ocorrências de verbos é de 101 por entrevista, registrando um aumento de 741% na taxa de crescimento desta categoria. Este aumento espetacular novamente é influenciado, em parte, pelo uso restrito de verbos por parte de Leonardo nos dois meses iniciais de coleta. No terceiro período semestral de coleta (entre 2:5;21 e 2:10;22) a média das ocorrências de verbos é de 181 por entrevista, e a taxa de crescimento diminui consideravelmente: 79%.

Em resumo, quando comparados os desenvolvimentos dos tipos de substantivos e verbos em períodos semestrais, tem-se o delineamento esperado pela atuação da hipótese do viés nominal: uma prevalência dos primeiros sobre os

segundos, que se manifesta de forma mais efetiva no início do período de aquisição da linguagem. O Gráfico 4.28 ilustra este raciocínio.

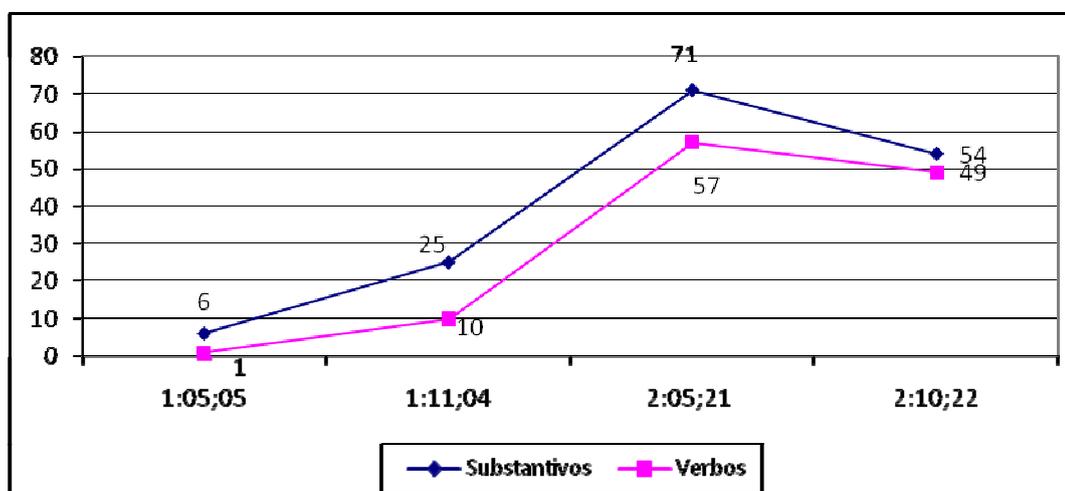


Gráfico 4.28: Relação entre tipos de substantivos e verbos (Leonardo)

Enquanto na entrevista 1 (1:5;05) a relação é de 6 substantivos para cada verbo, na entrevista 9 (1:11;04) esta relação passa a 2,5. Na terceira entrevista (2:5;21) esta relação se aproxima ainda mais: 1,2. Na entrevista 18 (2:10;22), apesar de ambas as classes sofrerem uma queda, a dos substantivos é 10% maior, resultando em uma relação de 1,1 substantivo para cada verbo. Esta tendência comprova, por um lado, a prevalência dos substantivos sobre os verbos em termos de tipos na fala de Leonardo. Mas, por outro lado, evidencia o crescimento da classe dos verbos, que, com a concomitante desaceleração do crescimento dos substantivos acaba por aproximar o número de itens lexicais das duas classes.

Esses fatos apontam para a atuação da hipótese do viés nominal na fala de Leonardo, com dados que evidenciam a teoria da partição natural, proposta por Gentner (1982), uma vez que a prevalência dos substantivos em relação aos verbos no período inicial de aquisição lexical não está vinculada ao tamanho do *corpus* dessa classe na fala do informante. Em outras palavras, se a baixa incidência dos verbos no período inicial de aquisição lexical tivesse relação com o tamanho dessa classe no vocabulário, não seria de se esperar uma aproximação entre essa e a classe dos substantivos com o passar do tempo e o aumento do vocabulário. Tal comportamento evidencia que o domínio da classe dos verbos por parte do informante deve estar relacionado a uma dificuldade cognitiva para a compreensão e a conseqüente produção de palavras desta classe em contraposição à classe dos substantivos, que se desfaz com o amadurecimento da criança.

No caso das ocorrências, esta prevalência inicial dos substantivos aparece, devido ao pequeno número de verbos utilizados por Leonardo. No entanto, já na segunda entrevista (1:11;04) o número de palavras usadas das duas classes se aproxima. Na entrevista 13 (2:5;21) esta situação se inverte, passando os verbos a serem mais numerosos do que os substantivos em termos de ocorrências, comportamento que permanece inalterado na entrevista 18 (2:10;22). O Gráfico 4.29 ilustra esta tendência, demonstrando que o uso dos verbos a partir de 2:5, apesar de sua inferioridade em termos de tipos, supera o uso dos itens da classe dos substantivos. Estes dados corroboram os resultados encontrados por Bassano (2000) no que se refere ao desenho da aquisição das duas classes.

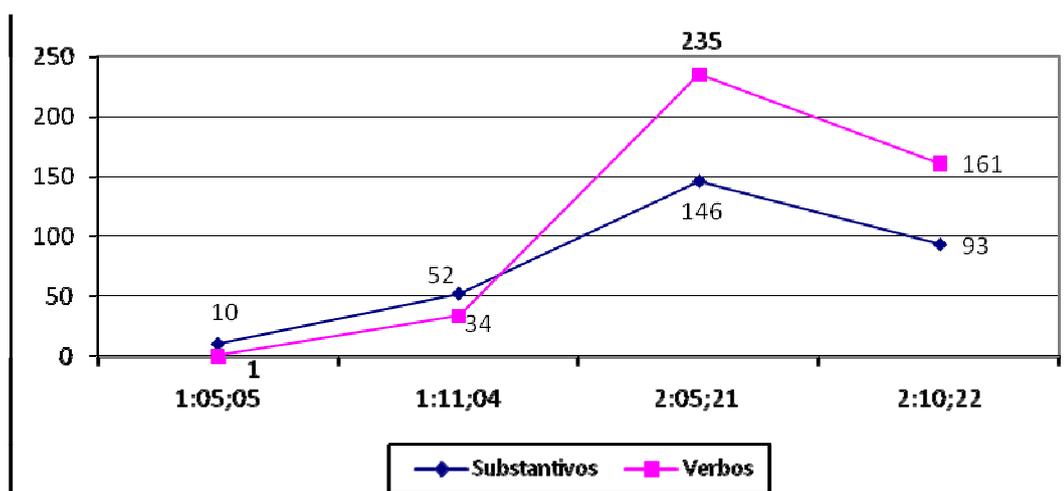


Gráfico 4.29: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Leonardo)

No primeiro período (entre 1:5;05 e 1:11;04), os substantivos são 41% mais numerosos do que os verbos. No entanto, a partir do segundo período (entre 1:11;04 e 2:5;21), os verbos prevalecem sobre os substantivos, sendo 27% mais numerosos do que estes neste período e 40% no período seguinte (entre 2:5;21 e 2:10;22).

Estes dados levam à conclusão de que, embora sejam mais numerosos do que os verbos em termos de tipos, principalmente no período inicial da aquisição, uma vez estabelecido o domínio da classe verbal (a partir do segundo período), estes são mais usados na fala do que os primeiros, apesar da sua superioridade qualitativa. Muito deste comportamento é influenciado pelo uso reiterado da forma verbal “é” que, no caso de Leonardo, é responsável por 477 de suas ocorrências (7% de sua fala total e 27% das ocorrências de verbos), sendo a palavra mais freqüente de seu *corpus*.

Apesar disso, a utilização mais precoce dos substantivos em relação aos verbos tanto em termos de tipos como de ocorrências corrobora a atuação da hipótese do viés nominal na fala de Leonardo.

Novamente, a análise semestral corrobora os dados da análise guiada pelos dados a fim de verificar a atuação da hipótese do viés nominal na fala de Leonardo.

4.3 Considerações finais (Leonardo)

A análise dos dados do informante Leonardo permite que se tracem algumas conclusões parciais a respeito das questões levantadas nessa tese.

Primeiramente, no que se refere à existência da explosão do vocabulário, é preciso considerar que o *corpus* de Leonardo revela algumas particularidades a respeito desse processo. É possível estabelecer, matematicamente, a ocorrência de tal fenômeno em dois pontos da coleta de dados: entre a entrevista 6 (1:8;21) e a entrevista 7 (1:9;24) e entre a entrevista 11 (2:1;01) e a entrevista 12 (2:3;17).

Na primeira passagem, quando a média do tamanho do vocabulário por entrevista passa de 20 palavras para 59 palavras, a categoria responsável por este crescimento é a das palavras de conteúdo, em especial a classe dos substantivos. Se, por um lado, fenômeno da explosão de vocabulário não pode ser definido nesse ponto em virtude do fato de a criança não ter superado a marca das cinquenta primeiras palavras, por outro, pode-se supor que a média de tipos por entrevista não seja um índice confiável para medir o efetivo tamanho do vocabulário do menino, revelando apenas uma parcialidade do mesmo. Essa hipótese é levantada devido às características do crescimento lexical registrado nesse ponto. Embora o tamanho do vocabulário de Leonardo não coincida com aquele esperado para o acontecimento da explosão de vocabulário, é nesse ponto que o aumento dos tipos está vinculado ao aumento do número de substantivos. Essa é uma marca importante desse fenômeno, o qual Goldfield e Reznick (1990) chegam a denominar explosão de nomeação. Esse atrelamento entre o fenômeno da explosão do vocabulário e a capacidade infantil de nomear e categorizar objetos já foi alvo de muitas pesquisas que tentam aproximar o desenvolvimento lexical inicial e o desenvolvimento cognitivo das crianças (desde Brown, 1973; passando por Bates *et al.*, 1979;

Tomasello e Farrar, 1984; Gopnick e Meltzoff (1987) até o estudo citado de Goldfield e Reznick, 1990).

Se, de forma diversa, a existência do fenômeno da explosão de vocabulário for apontado na segunda passagem, quando o número médio de tipos passa de 59 para 188 por entrevista, ter-se-á que admitir que esse fenômeno, embora apresente uma colaboração extraordinária do aumento do número de substantivos só se localiza nesse ponto em função do também extraordinário crescimento dos verbos (na categoria das palavras de conteúdo) e das palavras gramaticais (pronomes, conjunções, advérbios, artigos, preposições, conjunções e interjeições).

Como nem todos os autores concordam a respeito da relação entre a aquisição lexical inicial e o desenvolvimento cognitivo e, além disso, a passagem apontada entre 2:1 e 2:3 na fala de Leonardo esteja mais de acordo com a definição de explosão de vocabulário defendida aqui (em termos de idade, tamanho de vocabulário e taxa de crescimento), opta-se por estabelecer esse ponto como aquele em que o informante passou de um crescimento lento e contínuo da aquisição de seu vocabulário para um desenvolvimento abrupto, quando várias palavras novas se agregaram ao seu léxico de forma rápida e irreversível.

Postulado isso, é preciso admitir que tal situação foi ocasionada pela imaturidade do vocabulário de Leonardo, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Em todas as análises realizadas no decorrer desse capítulo foi possível observar que, principalmente nos dois primeiros meses de coleta de dados, por volta dos 18 meses de idade, o número de palavras ditas por Leonardo era restrito e variava muito entre uma entrevista e outra. Além disso, em termos qualitativos, registra-se o alto índice de interjeições (com intenção comunicativa) e de onomatopéias, principalmente até a entrevista 6 (1:8;21). Esse comportamento acabou por mascarar algumas análises realizadas nos dados. Com a grande quantidade de uso das palavras gramaticais e o posterior decréscimo dessa categoria (em função do grande número de interjeições ditas nos períodos iniciais por parte do falante), ficava praticamente impossível traçar um crescimento dessa categoria antes da entrevista 12 (2:3;17). Ainda com relação à categoria das palavras gramaticais, o ingresso tardio (em relação ao tamanho da amostra, embora dentro dos padrões de normalidade traçados pela literatura) de Leonardo em um vocabulário maior (entre 100 – 200 palavras) não deixou evidente a prevalência esperada dessa categoria sobre as palavras de conteúdo em termos de ocorrências,

seja na análise por entrevista, seja na análise realizada levando-se em consideração o *corpus* como um todo. Dito isso, é preciso pressupor que o aumento do número de ocorrências em relação aos tipos na passagem do segundo para o terceiro período de análise está condicionado tanto pela taxa de crescimento de ocorrências dos verbos (493%) quanto das palavras gramaticais (403%).

No que se refere à atuação da hipótese do viés nominal, mais uma vez o uso restrito inicial do vocabulário por parte do informante torna a análise confusa. Embora se possa evidenciar, no primeiro período (entre 1:5;05 e 1:8;21), ocasiões nas quais a classe dos verbos apresenta supremacia sobre a classe dos substantivos, essa rapidamente se desfaz, se se apela para o fato de que muitas onomatopéias utilizadas pelo menino funcionam como substantivos. No segundo período, quando o vocabulário de Leonardo parece se estabilizar em torno das cinquenta primeiras palavras, observa-se a clara superioridade dos substantivos sobre os verbos, corroborando a versão fraca da hipótese do viés nominal. Na passagem do segundo para o terceiro período (entre 2:1 e 2:3) evidencia-se o que Bates *et al.* (1994) chamou de segunda onda de reorganização lexical: após um aumento expressivo dos substantivos em um primeiro momento, a incidência dos verbos começa a crescer de forma expressiva.

Por fim, é necessário comparar os dados obtidos para a coleta de Leonardo com aqueles obtidos na fala de Ana. Especificamente, aponta-se para a aquisição mais precoce do vocabulário por parte da menina, já que a mesma exibe um *corpus* de 50 palavras aos 1:2;05, teve sua explosão de vocabulário aos 1:7;13 e, por isso, teve todos os seus dados mais compatíveis com os padrões esperados do que o menino Leonardo, embora seus resultados também não fujam do desenvolvimento previsto na literatura. Antes de se pensar em diferenças devido ao sexo dos informantes, apoiada no estudo de Fenson *et al.* (1993), que propõe uma aquisição do léxico ligeiramente mais rápida por parte das meninas, prefere-se falar em variações individuais. Barrett (1997) alerta que a magnitude da diferença em relação ao sexo é pequena se comparada à grande variabilidade exibida entre indivíduos do mesmo sexo. De fato, Bates, Dale e Thal (1997) argumentam que a variação individual na produção do vocabulário está intrinsecamente relacionada com a questão da explosão de vocabulário, fenômeno controverso e que não apresenta tendências em relação ao sexo.

5 INFORMANTE 3: GABRIEL

O menino Gabriel teve sua coleta de dados iniciada aos 1:08 de idade. Porém, por problemas técnicos do material utilizado que só foram percebidos tardiamente, os dados utilizados nesta pesquisa referem-se à faixa etária entre 1:10;09 e 2:11;27. Neste período, foram coletadas 25 entrevistas de 30 minutos cada, com intervalo médio de 16 dias (entre 7 e 55 dias) entre cada uma delas.

Gabriel é o segundo filho de um casal de nível universitário (à época da coleta, a mãe havia concluído o ensino superior e o pai estava cursando a faculdade). A irmã de Gabriel é cinco anos mais velha do que o irmão e ficava com ele, aos cuidados da avó, no turno em que não estava na escola. No turno inverso, Gabriel tinha, em geral, companhia de outras crianças, pois sua avó e cuidadora mantinha uma creche em sua residência.

Os dados de Gabriel foram coletados especialmente para esta tese por sua tia (também pesquisadora do CEAAL), o que pode explicar sua grande eloquência desde o início da coleta, pela sua proximidade com a entrevistadora.

O Quadro 5.1 mostra o conjunto das entrevistas utilizadas nesta pesquisa com a respectiva idade do informante no momento da coleta.

Durante este período, foram contabilizadas 23.785 ocorrências, relativas a 1427 tipos de palavras ditas por Gabriel.

ENTREVISTA	IDADE
E1	1:10;09 (um ano, dez meses e nove dias);
E2	1;10;23 (um ano, dez meses e vinte e três dias);
E3	1:11;07 (um ano, onze meses e sete dias);
E4	2:01;02 (dois anos, um mês e dois dias);
E5	2:01;14 (dois anos, um mês e quatorze dias)
E6	2;02;00 (dois anos e dois meses)
E7	2:02;14 (dois anos, dois meses e quatorze dias)
E8	2:02;27 (dois anos, dois meses e vinte e sete dias)
E9	2:03;11 (dois anos, três meses e onze dias)
E10	2:03;25 (dois anos, três meses e vinte e cinco dias)
E11	2:04;09 (dois anos, quatro meses e nove dias)
E12	2:4;24 (dois anos, quatro meses e vinte e quatro dias)
E13	2:05;06 (dois anos, cinco meses e seis dias)
E14	2:05;20 (dois anos, cinco meses e vinte dias)
E15	2:06;03 (dois anos, seis meses e três dias)
E16	2:06;18 (dois anos, seis meses e dezoito dias)
E17	2:07;10 (dois anos, sete meses e dez dias)
E18	2:07;17 (dois anos, sete meses e dezessete dias)
E19	2:08;07 (dois anos, oito meses e sete dias)
E20	2:08;22 (dois anos, oito meses e vinte e dois dias)
E21	2:9;04 (dois anos, nove meses e quatro dias)
E22	2:10;22 (dois anos, dez meses e vinte e dois dias)
E23	2:10;29 (dois anos, dez meses e vinte e nove dias)
E24	2:11;14 (dois anos, onze meses e quatorze dias)
E25	2:11;27 (dois anos, onze meses e vinte e sete dias)

Quadro 5.1: Entrevistas utilizadas por idade (Gabriel)

5.1 Explosão de vocabulário

Estudos sobre o processo de aquisição da linguagem apontam que, muitas vezes, o número de palavras que se incorpora ao léxico da criança passa de gradual a abrupto, caracterizado pela entrada de um grande número de palavras ao seu vocabulário, durante um curto espaço de tempo. Esse fenômeno é conhecido como explosão de vocabulário

A fim de verificar a existência do fenômeno da explosão de vocabulário na fala de Gabriel, passar-se-á à descrição dos tipos e ocorrências coletados ao longo das entrevistas do *corpus*. O Gráfico 5.1. aponta para a distribuição dos tipos e ocorrências por entrevista.

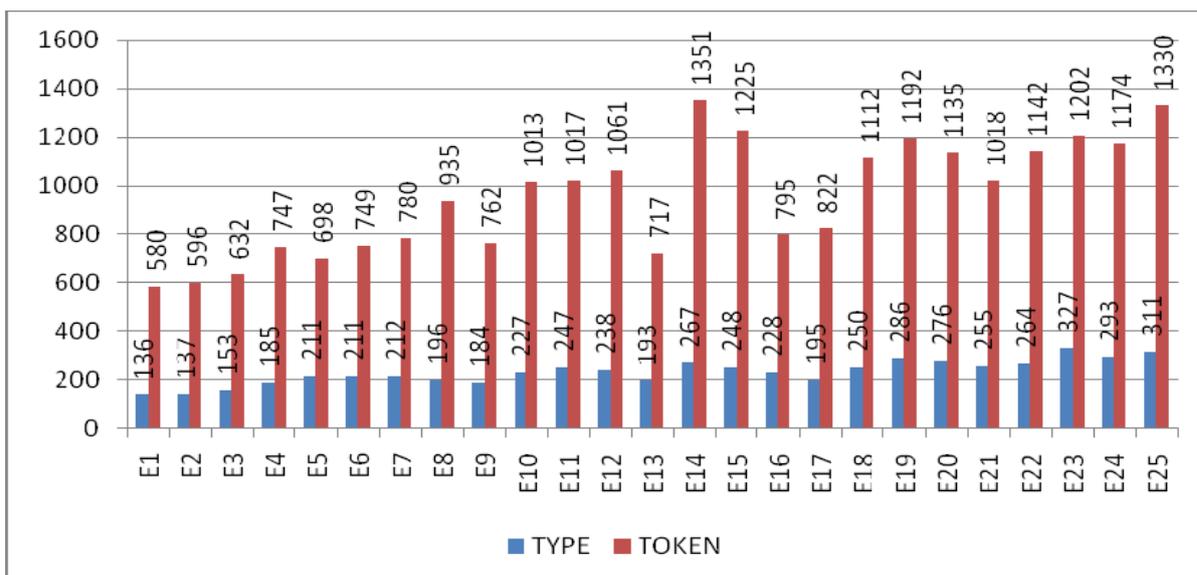


Gráfico 5.1: Número de tipos e ocorrências por entrevista, em valores absolutos (Gabriel)

É interessante notar que, diferentemente dos outros dois informantes analisados até aqui – Ana e Leonardo – a distribuição dos tipos e ocorrências na fala do informante Gabriel já apresenta um padrão que vai se estender do início ao final da coleta, sem diferenças marcantes em relação ao processo de aquisição lexical durante todo o percurso. Além disso, a relação entre tipos e ocorrências também já está posta desde a primeira entrevista, com essa última categoria sobressaindo-se em relação à primeira. Esse comportamento se deve, provavelmente, a alguns fatores típicos dessa coleta: a idade mais avançada do informante e sua proximidade com a entrevistadora, como já referido anteriormente.

Essa estabilidade do padrão tanto de tipos quanto de ocorrências ao longo do período de coleta leva a supor que o fenômeno da explosão de vocabulário na fala de Gabriel (se é que ocorreu) se deu antes do início das entrevistas.

5.1.1 Relação entre tipos e ocorrências

A análise por tipos é o parâmetro que fornecerá os dados necessários para a verificação da existência de um período, na fala de Gabriel, em que um número expressivo de palavras tenha se incorporado ao seu léxico. Ao se tomar a entrevista com menor número de tipos (entrevista 1 – 1:10;09) – 136 – e aquela na qual a quantidade de tipos foi maior (entrevista 23 – 2:10;29) – 327 – obtém-se um crescimento total de 140%. Apesar de ser extraordinário, não se pode dizer que

represente o fenômeno de explosão de vocabulário, uma vez que este crescimento ocorreu gradualmente, ao longo de um ano de coleta, sem períodos de desenvolvimento vertiginoso. Apesar disso, se nota um crescimento contínuo com o passar da idade, demonstrando que a expansão do vocabulário acontece sempre.

Duas são as hipóteses para este acontecimento. Primeiramente, é preciso considerar que alguns autores citados na fundamentação teórica deste trabalho (Nelson, 1973; Barret, 1989; Goldfield e Reznick, 1990; 1992) consideram que a explosão de vocabulário não é um fenômeno que atinge todas as crianças de uma mesma língua ou das línguas faladas no mundo. Para eles, há crianças, como pode ser o caso de Gabriel, que apresentam um crescimento contínuo e uniforme de seu vocabulário ao longo da aquisição lexical, sem períodos de ascensão vertiginosa. Porém, como outra hipótese, devido ao fato de a coleta de dados do informante só ter iniciado aos 1:10, deve-se considerar que talvez o fenômeno de explosão de vocabulário já tenha ocorrido na fala de Gabriel. Esta hipótese é reforçada pela proximidade do início da coleta com o período considerado na literatura (e verificado aqui nos demais informantes) como aquele em que o fenômeno acontece (ao redor dos dois anos de idade) e pelo elevado número de palavras diferentes empregadas por Gabriel desde a primeira entrevista, ao contrário do que se verifica com os demais informantes.

Por estes motivos, não se considerará, por ora, os dados do informante Gabriel como refutadores da existência da explosão de vocabulário no português brasileiro, sendo tecidas considerações a este respeito mais adiante, quando a descrição dos quatro informantes que formam o *corpus* deste trabalho estiver completa.

No que se refere às ocorrências, ou seja, o número total de palavras ditas pelo informante por entrevista, o índice de crescimento total durante a coleta de dados foi de 132%, muito semelhante ao exibido pelos tipos. Apesar das oscilações ocorridas durante o período de gravação, novamente não se podem delinear períodos que exibam comportamentos diferentes. O crescimento se dá de forma gradual e contínua.

A observação do gráfico permite ainda verificar que, desde o início da coleta, Gabriel já tem uma boa estruturação de seu discurso, o que pode ser visto por uma certa regularidade na relação entre tipos e ocorrências durante todas as entrevistas. Melhor dizendo, pode-se verificar, nos dados de Gabriel, ao contrário dos outros

informantes analisados até aqui, uma grande superioridade de ocorrências em relação aos tipos desde as primeiras entrevistas, fato esse justificado pelo tamanho do vocabulário do menino no início da coleta, reflexo, possivelmente, de sua idade mais avançada.

De modo geral, tomando-se todas as entrevistas de Gabriel e separando-se os tipos e ocorrências, o menino repete pouco mais de 16 vezes cada palavra. Como já referido anteriormente, este dado é um dado quantitativo que, para ser realmente valorizado, precisa de uma análise qualitativa adequada. No entanto, já se pode perceber, pelo Gráfico 5.1, que não há crescimento notório desta relação ao longo da coleta, indicando uma estabilidade entre tipos e ocorrências desde o início da mesma até o seu final. Em média, a relação entre ocorrências e tipos a cada entrevista foi de 4,1 (variando entre 3,4 e 5).

Assim como nos demais informantes coletados, a palavra mais freqüente no vocabulário de Gabriel é a forma conjugada 'é', com 1042 ocorrências.

O Quadro 5.2 exhibe os itens lexicais mais repetidos a cada entrevista da coleta de Gabriel.

Pode-se verificar, pelos exemplos do quadro, que as palavras mais freqüentes na fala de Gabriel pertencem ou à categoria das palavras gramaticais (representada pelos artigos 'o' e 'a', pelo advérbio de negação 'não', pelo de lugar 'aqui' e pelo pronome pessoal 'ele') ou por alguns verbos de alta incidência na fala do informante (como as formas conjugadas 'é' e 'tem' aqui expostas). Exceção a essa regra é o aparecimento do substantivo próprio 'Nemo' que, como se pode observar pelas ocorrências do item lexical na entrevista e no *corpus* como um todo se refere a um fenômeno isolado, provavelmente decorrente de uma situação específica durante esta entrevista relacionada a este nome.

As palavras elencadas no Quadro 5.2 também apontam para diferenças entre o vocabulário desse informante e das demais crianças desta pesquisa. Isso pode ser visto pela ausência de substantivos comuns como palavras freqüentes no período inicial da coleta. Antes de representar uma peculiaridade do vocabulário do informante, esse dado reforça o fato de que a coleta, no caso de Gabriel, já iniciou em um estágio mais avançado do processo de aquisição lexical, quando as palavras de conteúdo, em especial os nomes, já não representam a maioria do vocabulário da criança. O único substantivo que aparece entre as palavras mais freqüentes – 'Nemo' (entrevista 20 – 2:8;22) – reforça a idéia de que o uso reiterado de

substantivos, ao contrário da frequência das palavras gramaticais, está ligado a questões específicas do momento da coleta.

Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências Corpus
E1	1:10;09	a (art.)	47	443
E2	1;10;23	o (art.)	51	688
E3	1:11;07	é	74	1042
E4	2:01;02	é	69	1042
E5	2:01;14	é	67	1042
E6	2;02;00	é	105	1042
E7	2:02;14	é	85	1042
E8	2:02;27	é	106	1042
E9	2:03;11	não	66	767
E10	2:03;25	é	79	1042
E11	2:04;09	é	54	1042
E12	2:04;24	é	62	1042
E13	2:05;06	é	59	1042
E14	2:05;20	o	81	688
E15	2:06;03	tem	69	224
E16	2:06;18	não	46	767
E17	2:07;10	não	80	767
E18	2:07;17	ele	62	280
E19	2:08;07	não	60	767
E20	2:08;22	Nemo	61	68
E21	2:09;04	é	59	1042
E22	2:10;22	aqui	59	351
E23	2:10;29	aqui	57	351
E24	2:11;14	o	60	688
E25	2:11;27	a	54	443

Quadro 5.2: Palavras mais freqüentes por entrevista (Gabriel)

Essa discrepância estrutural entre as classes gramaticais faz com que o conhecimento lingüístico da criança expresso em seu léxico apresente características diferentes. Enquanto as palavras de conteúdo – em especial os substantivos, mas também os adjetivos e verbos – devem apresentar uma variedade

de itens lexicais com baixos níveis de ocorrência, as chamadas palavras gramaticais – pronomes, advérbios, conjunções, numerais, artigos, preposições e interjeições -, apesar do número reduzido de vocábulos, aumentam gradativamente sua ocorrência no vocabulário da criança, demonstrando o domínio das regras que regulam sua língua materna.

Para melhor entender essa relação, o Gráfico 5.2 ilustra a relação entre tipos e ocorrências a cada entrevista.

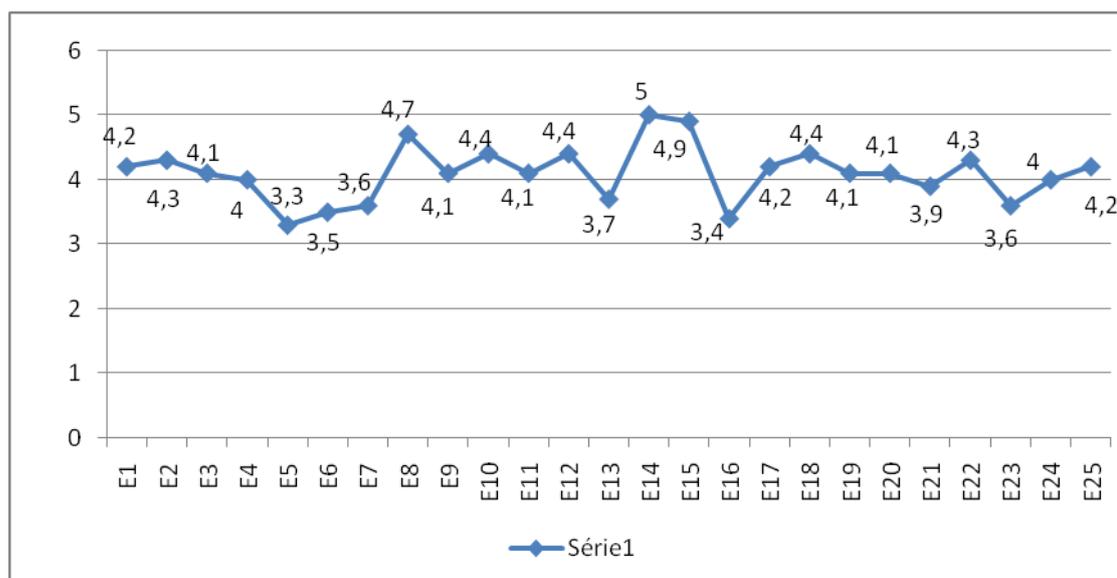


Gráfico 5.2: Relação de ocorrências e tipos por entrevista (Gabriel)

A observação do gráfico permite verificar que:

1) A relação entre ocorrências e tipos inicia, aos 1:10;09 e termina aos 2:11;27, com a mesma taxa : 4,2. Antes de ser uma coincidência, este fato evidencia a regularidade desta relação ao longo da coleta.

2) O ponto máximo desta relação é somente 0,8 acima deste patamar inicial (5,0 aos 2:5;20 – entrevista 14) e se deve, por um lado, ao aumento do número de tipos (38%) bem inferior ao número de ocorrências (88%) se comparado com a entrevista anterior. Embora a elevação da relação entre ocorrências e tipos neste ponto se deva a um aumento de ocorrências, não podemos esquecer que a entrevista anterior (entrevista 13 – 2:5;06) evidencia uma queda destas (-32%), o que auxiliou na obtenção deste pico.

3) O registro mais baixo da relação (3,3 na entrevista 5 - 2:1;14) se deve também ao comportamento das ocorrências. Enquanto a taxa de crescimento dos tipos em relação à entrevista anterior foi de 14%, as ocorrências registraram um

decréscimo de 6,5% no mesmo período, fato isolado durante as oito primeiras entrevistas.

4) Em média, há uma repetição de 3,9 palavras por entrevista, evidenciando um gama de variação muito pequena entre o pico máximo (variação de 1,1) e mínimo (variação de 0,6) desta relação. A maioria das entrevistas (18) registra esta relação acima da média (maior ou igual a 4,0).

5) Esta regularidade evidencia que o informante, desde o início da coleta, já estrutura seu discurso, através da repetição dos itens lexicais de seu vocabulário de forma equilibrada. Ainda assim, necessita-se de uma análise mais minuciosa desta relação em termos de classes gramaticais. Por este motivo, far-se-á, a seguir a análise do léxico de Gabriel em termos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais.

5.1.2 Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais

A análise do *corpus* coletado do menino Gabriel para esta pesquisa em termos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais tem como objetivo verificar a influência destas duas classes na composição e no desenvolvimento de léxico do informante.

As palavras de conteúdo são assim chamadas porque trazem ao discurso o seu significado. Nessa pesquisa, essa categoria é formada pela união dos elementos da classe dos substantivos (comuns e próprios), dos verbos (simples e compostos – locuções verbais), dos adjetivos e das onomatopéias, uma vez que se verificou que elas são usadas na maior parte das vezes no lugar dos substantivos, principalmente nos períodos mais precoces da aquisição do léxico, como já discutido anteriormente.

As palavras gramaticais, por sua vez, têm como função estabelecer relações entre os elementos do discurso e, nessa pesquisa, são contabilizadas para a análise os elementos da classe dos pronomes (substantivos e adjetivos), dos numerais, das conjunções, dos advérbios, das interjeições, dos artigos e das preposições.

O fato de as palavras de conteúdo serem um grupo aberto, em permanente expansão até mesmo na vida adulta, e as palavras gramaticais formarem um grupo fechado, mas que se repete continuamente no discurso, inclusive substituindo

elementos da primeira categoria, faz com que a análise de sua evolução no processo de aquisição lexical por parte da criança dê pistas importantes sobre esse desenvolvimento.

5.1.2.1 Por entrevista

Para iniciar esta análise, observe-se o Gráfico 5.3, que mostra a relação entre tipos das duas categorias em análise por entrevista.

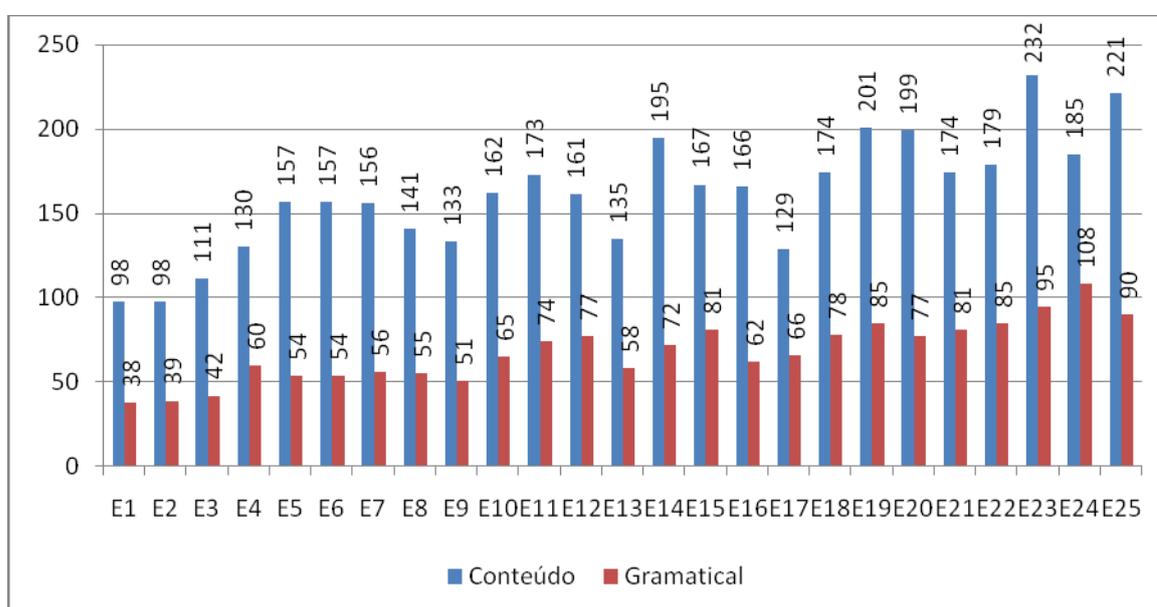


Gráfico 5.3: Tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Gabriel)

Primeiramente, observa-se um incremento semelhante no número de palavras das duas categorias ao longo da coleta. Enquanto a classe das palavras de conteúdo apresenta um taxa de crescimento de 125% entre a entrevista 1 (1:10;09) e a entrevista 25 (2:11;27), a classe das palavras gramaticais cresceu 136% no mesmo período, apesar do número limitado de seus elementos. Esse dado denota um crescimento substancial da classe das palavras gramaticais, demonstrando o seu domínio por parte do informante.

Apesar deste crescimento, é impossível traçar algum período de explosão tanto em uma categoria como em outra: o acréscimo de palavras em ambas vai se dando gradualmente ao longo da coleta. Além disso, pode-se observar uma prevalência (óbvia!) das palavras de conteúdo sobre as palavras gramaticais, pelas próprias características destas duas classes já explicitadas anteriormente.

Ao se tomar a coleta como um todo, pode-se verificar uma relação de 2,3 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical. Na entrevista 1 (1:10;09) essa relação é de 2,5 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical. Apesar dessa superioridade em termos de tipos, já aqui se registram elementos em todas as classes de palavras que compõem a categoria das palavras gramaticais, a saber, pronomes, numerais, conjunções, advérbios, interjeições, artigos e preposições. Já nessa entrevista também se observa a prevalência dessa categoria sobre as palavras de conteúdo em termos de ocorrências, sendo o artigo “a” a palavra mais repetida, com 47 ocorrências. A classe mais prevalente dessa categoria, no entanto é a das interjeições, com 27 tipos, o que pode ser um indício da imaturidade do vocabulário de Gabriel, apesar de sua superioridade em relação aos demais informantes já analisados até aqui e das demais características de seu vocabulário já comentadas que fazem crer o contrário. Comparando intra-sujeito, no entanto, verifica-se que essa classe vai perdendo espaço na fala de Gabriel, sendo que na entrevista 1 – 1:10;09 – registram-se 27 tipos dessa classe, enquanto na entrevista 25 – 2:11;27 – são apenas 7 tipos. Na categoria das palavras de conteúdo, destaca-se a classe dos substantivos comuns, com 50 tipos, sendo a palavra “moto” a mais prevalente, com 39 ocorrências. Embora a coleta de dados com Gabriel tenha iniciado um pouco tardiamente se comparado aos demais informantes, seus dados também apontam para um domínio muito precoce (1:10;09, pelo menos) de elementos da classe das palavras gramaticais, embora se concorde ainda parcialmente com as conclusões de Nelson (1973) sobre o desenvolvimento tardio dessa categoria em relação às palavras de conteúdo. Esse aparente paradoxo pode ser explicado da seguinte forma: em um período inicial, embora elementos de todas as classes da categoria das palavras gramaticais já estejam presentes no vocabulário de Gabriel, a sua apropriação do léxico em função do tempo leva a um domínio muito maior dessa categoria. Em termos de tipos, exemplifica-se esse fato comparando-se o crescimento das palavras gramaticais entre a primeira entrevista – 1:10;09 – e a última – 2:11;27. Enquanto a primeira registra 38 tipos de palavras gramaticais, a última registra 90 elementos diferentes nessa categoria, revelando um crescimento de 136%, já referido anteriormente.

Expoente exemplar dessa situação é a classe dos pronomes: enquanto na primeira entrevista registram-se 4 elementos dessa classe, na última entrevista são

23 elementos, representando um crescimento de 475% dessa classe. O Quadro 5.3 ilustra os pronomes falados por Gabriel nas duas entrevistas.

Entrevista	Idade	Tipos	Pronomes
E1	1:10;09	4	Eu, meu, minha , teu
E25	2:11;25	23	Aquela, aquele, aquilo, esse, ela, elas, ele, eles, essa, esses, eu, isso, me, meu, mim, ninguém, onde, outra, outro, por que, te, teu, tu

Quadro 5.3: Pronomes falados por Gabriel nas entrevistas 1 (1:10;09) e 25 (2:11;25)

Esse domínio de elementos da classe das palavras gramaticais em termos de tipos, certamente remete a um uso maior dessas palavras por parte do informante, por dois motivos já explicados nesta tese. O primeiro se refere à relação entre tipos e ocorrências: uma vez adquirido pela criança, a probabilidade de um vocábulo se repetir se torna maior, estabelecendo, assim, uma relação entre essas duas categorias – toda vez que o número de tipos aumenta, o número de ocorrências também tende a aumentar. O segundo motivo se refere à própria natureza das palavras gramaticais: por estabelecerem relações no discurso, elas podem ser utilizadas, com muito menos restrição do que as palavras de conteúdo, em vários contextos de conversação. Sendo assim, sua tendência a se repetir no discurso, uma vez adquiridas pelo falante, é infinitamente maior.

Tomando-se aleatoriamente o número de 100 repetições durante o período de coleta para definir uma palavra como freqüente, têm-se os dados explicitados na Quadro 5.4 abaixo.

Das 34 palavras freqüentes selecionadas do *corpus* de Gabriel por esse critério, 26 são da categoria das palavras gramaticais. Além disso, essa categoria perfaz 75% das ocorrências das palavras mais freqüentes do vocabulário do menino.

Esses dados evidenciam que a prevalência das palavras de conteúdo sobre as palavras gramaticais se perde quando se observa o *corpus* em termos de ocorrências. O Gráfico 5.4 explicita essa relação ao longo da coleta.

Palavra	Ocorrências	Categoria Gramatical
é	1042	conteúdo
não	767	gramatical
o (art)	688	gramatical
a (art.)	443	gramatical
aqui	351	gramatical
ta (está)	307	conteúdo
ele	280	gramatical
eu	265	gramatical
sim	239	gramatical
tem	224	conteúdo
ai	219	gramatical
que (conj.)	202	gramatical
e	193	gramatical
do	173	gramatical
vai	151	conteúdo
hã?	150	gramatical
cadê	134	gramatical
quero	133	conteúdo
uma	132	gramatical
porque (conj).	131	gramatical
Chico	129	conteúdo
oh!	127	gramatical
tem	126	gramatical
meu	117	gramatical
na	117	gramatical
vou	117	conteúdo
outro	115	gramatical
de	109	gramatical
da	108	gramatical
esse	107	gramatical
agora	105	gramatical
Gabriel	104	conteúdo
lá	103	gramatical
ali	101	gramatical

Quadro 5.4: Palavras freqüentes no *corpus* (Gabriel)

Levando-se em consideração as taxas de crescimento dessas duas categorias ao longo da coleta, evidencia-se um crescimento de 63% nas ocorrências das palavras de conteúdo e de 216% nas ocorrências das palavras gramaticais. Isso significa dizer que essa última classe teve seus itens lexicais cada vez mais repetidos à medida que o vocabulário do informante foi se ampliando.

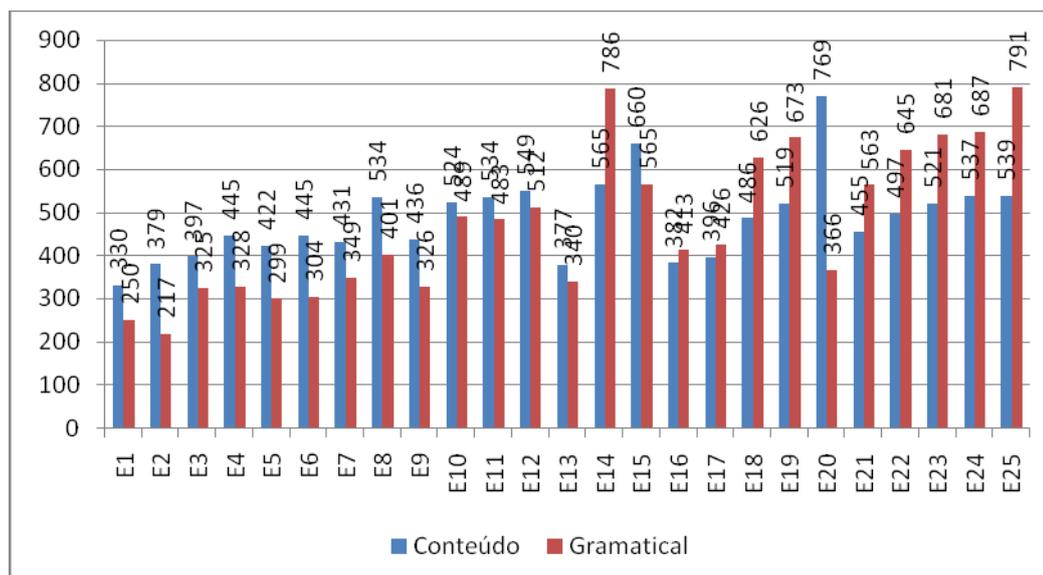


Gráfico 5.4: Ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Gabriel)

Até a entrevista 13 (2:5;06) apesar de a prevalência das palavras de conteúdo ainda ser maior do que as gramaticais, sua relação com estas é bem mais estreita do que aquela verificada para os tipos. Enquanto levando-se em consideração os tipos, no mesmo período, verifica-se uma ocorrência de 2,5 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical, esta relação cai para 1,2 quando se consideram as ocorrências. A partir da entrevista 14 há uma inversão desta prevalência, que só não se evidencia nas entrevistas 15 (2:6;03) e 20 (2:8;22). Neste período, registra-se uma média de 0,7 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical, ou seja, para cada 10 palavras gramaticais, encontram-se 7 palavras de conteúdo.

Esses resultados denotam que, apesar de o vocabulário das palavras gramaticais ter sido adquirido por Gabriel de forma gradual e contínua ao longo da coleta, o uso desta classe se dá de forma bastante diversa. A inversão da prevalência de uso das palavras de conteúdo em relação às gramaticais a partir do segundo semestre do segundo ano de vida de Gabriel marca uma aproximação entre o discurso infantil e o discurso adulto, conforme preconizava a pesquisa de Biderman (2001) já explicitada anteriormente.

O Quadro 5.5 dá os exemplos das palavras mais frequentes em cada uma das entrevistas, por categoria.

Entrevista	Idade	PALAVRAS GRAMATICAIS			PALAVRAS DE CONTEÚDO		
		Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências <i>Corpus</i>	Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências <i>Corpus</i>
E1	1:10;09	a (art.)	47	443	moto	39	79
E2	1;10;23	o (art.)	51	688	porco	30	43
E3	1:11;07	o	56	688	é	74	1042
E4	2:01;02	o	41	688	é	64	1042
E5	2:01;14	não	33	767	é	67	1042
E6	2;02;00	não	46	767	é	105	1042
E7	2:02;14	o	47	688	é	85	1042
E8	2:02;27	não	42	767	é	106	1042
E9	2:03;11	não	66	767	é	53	1042
E10	2:03;25	aqui	46	351	é	79	1042
E11	2:04;09	não	50	767	é	54	1042
E12	2:04;24	não	49	767	é	62	1042
E13	2:05;06	não	29	767	é	59	1042
E14	2:05;20	o	81	688	tem	34	224
E15	2:06;03	a	54	443	tem	69	224
E16	2:06;18	não	46	767	é	44	1042
E17	2:07;10	não	80	767	tá	21	307
E18	2:07;17	ele	62	280	é	40	1042
E19	2:08;07	não	60	767	vai	46	151
E20	2:08;22	ela	28		Nemo	61	68
E21	2:09;04	não	38	767	é	59	1042
E22	2:10;22	aqui	59	351	Chico	37	129
E23	2:10;29	aqui	57	351	é	43	1042
E24	2:11;14	a	60	443	é	27	1042
E25	2:11;27	o	54	688	é	35	1042

Quadro 5.5: Palavras mais freqüentes em cada categoria por entrevista (Gabriel)

Observando o quadro, verifica-se que a distribuição das palavras mais freqüentes em cada entrevista está igualmente dividida entre a duas categorias. Das 25 entrevistas, 13 apresentam uma palavra de conteúdo como a mais freqüente e 12 apresentam uma palavra gramatical.

Assim como nos demais informantes, essa distribuição está fortemente influenciada pela alta incidência da forma conjugada 'é', também o vocábulo mais freqüente na fala de Gabriel com 1042 ocorrências. A despeito disso, porém, o informante apresenta outros vocábulos como freqüentes na categoria das palavras de conteúdo, fato que merece ser comentado.

Primeiramente, a frequência dos vocábulos 'moto' e 'porco' nas duas primeiras entrevistas do *corpus* (1:10;09 e 1:10;23, respectivamente), denota a importância da classe dos substantivos nesse período inicial de aquisição, embora, como já se tenha comentado, tal situação não se mostre tão clara nos dados de Gabriel, provavelmente devido à sua idade avançada em relação aos demais informantes quando do início da coleta.

Apesar de não serem as palavras mais frequentes das entrevistas, esses substantivos estão bem próximos do número de ocorrências dessas (os artigos 'a' e 'o', respectivamente), embora se possa verificar, pela comparação com o número de ocorrências no *corpus*, que tal situação é isolada, como sempre se tem verificado para esse tipo de palavra.

Por falar em comportamento isolado, merece ser apontada a alta incidência de substantivos próprios na fala de Gabriel. Como comentado anteriormente, especula-se que tal fato tenha relação com a proximidade entre entrevista e entrevistador, fazendo com que nomes próximos a eles apareçam com naturalidade do discurso. Assim, destaca-se a entrevista 20 (2:8;22), em que a palavra de conteúdo mais frequente foi 'Chico' (nome do cachorrinho da entrevistadora), com 37 ocorrências. Observa-se ainda que, apesar de a frequência de 'Nemo' estar claramente relacionada a um evento particular, como se pode verificar pela comparação entre as ocorrências deste vocábulo na entrevista e no *corpus* como um todo, a ocorrência da palavra 'Chico' se dá ao longo da coleta, fato evidenciado pela mesma comparação, justamente pela familiaridade que o entrevistado possui com ela.

Além disso, merece destaque a ocorrência dos verbos 'tem' (entrevistas 14 e 15 – 2:5;20 e 2:6;03, respectivamente), 'tá' (entrevista 17 – 2:7;10) e 'vai' (entrevista 19 – 2:8;07) como as palavras de conteúdo mais frequentes nestas entrevistas, evidenciando a influência dos verbos no aumento tanto qualitativo (em termos de tipos) quanto quantitativo (em termos de ocorrências) do vocábulo de Gabriel.

Quanto às palavras gramaticais, destaca-se, novamente, a alta incidência de certos vocábulos desta categoria no *corpus*, fazendo com que os mesmos se revezem como os elementos mais frequentes em várias entrevistas.

Essas características particulares aqui descritas, fazem com que se pense na relação que se estabelece entre elas na fala de Gabriel.

Assim o gráfico 5.5, abaixo, resume a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências.

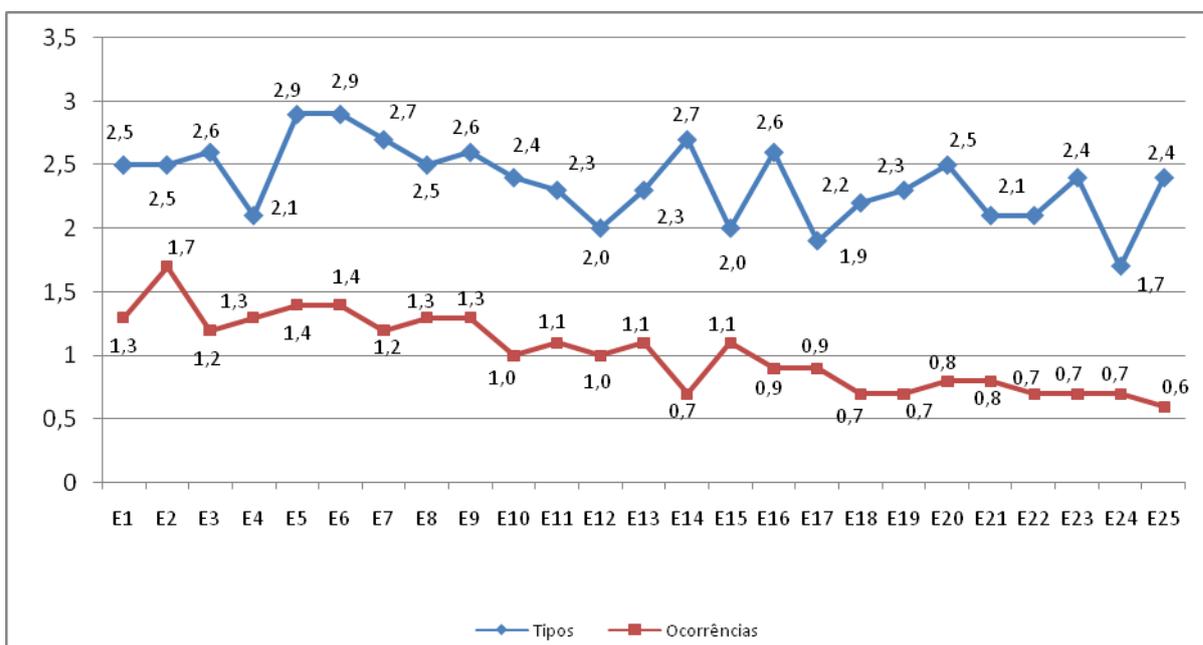


Gráfico 5.5: Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências (Gabriel)

Pelo gráfico se confirma os comportamentos diferentes da relação entre essas duas categorias em termos de tipos e de ocorrências.

Enquanto a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos varia entre 2,9 e 1,7 (1,2 de diferença), a mesma relação em termos de ocorrências varia entre 1,7 e 0,6 (1,1 de diferença). Apesar da similaridade entre esses intervalos, no caso dos tipos é impossível estabelecer uma tendência ao longo do tempo de coleta: a relação parece já estar posta desde a primeira entrevista e as oscilações devem ser fruto de vicissitudes de cada momento de coleta, sendo a prevalência do primeiro grupo (palavras de conteúdo) sobre as palavras gramaticais a marca desse ponto de vista da análise. No caso das ocorrências, no entanto, percebe-se uma clara tendência da supremacia das palavras gramaticais sobre as palavras de conteúdo conforme o período de coleta avança, sendo que essa primeira classe supera a última em torno dos 2:6 de idade (entrevista 15).

Esses resultados apontam para a aquisição precoce do grupo das palavras gramaticais, embora seu uso, em termos de ocorrências só se estabilize no decorrer do tempo, conforme já havia sido apontado anteriormente.

5.1.2.2 No *corpus*

Ainda discutindo esta relação, os Gráficos 5.6 e 5.7 demonstram a composição do léxico de Gabriel considerando-se a análise das entrevistas de uma forma geral em relação às classes estudadas.

Ao se analisar o número de tipos de Gabriel ao longo de todo o período de coleta, verifica-se que 85% de seu vocabulário é formado por palavras de conteúdo: a classe aberta que reúne substantivos – próprios e comuns -, verbos e locuções verbais, adjetivos e, nesta pesquisa, onomatopéias, por razões já explicitadas anteriormente. Somente 15% dos tipos referem-se à classe das palavras gramaticais, justamente por ser uma classe fechada, ou seja, com número de itens lexicais limitado e, portanto, reduzido quando comparada com a classe das palavras de conteúdo.

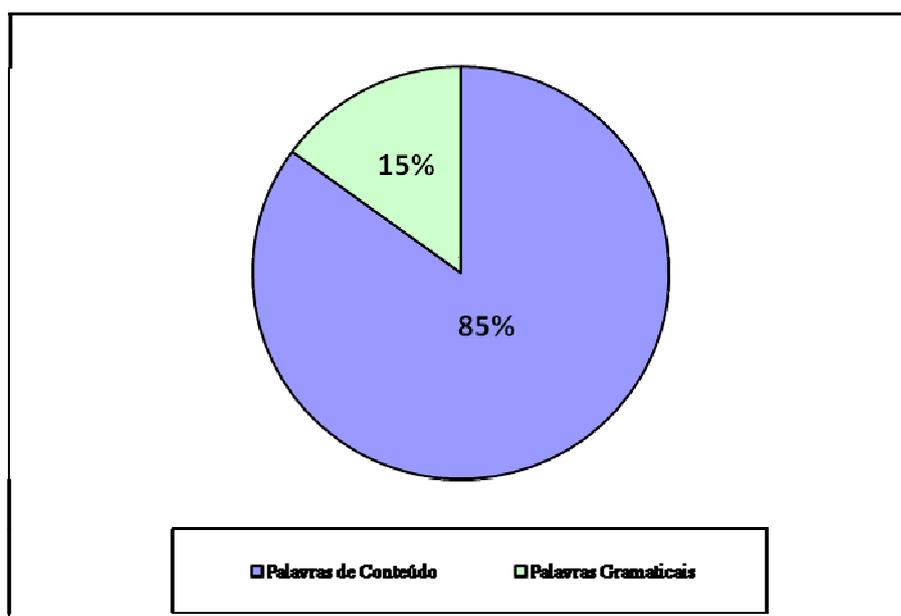


Gráfico 5.6: Distribuição de tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Gabriel)

Além disso, como se pode verificar, pelo Gráfico 5.4, a aquisição deste grupo é mais tardia, o que pode justificar o fato de que, em termos de uso (ocorrências), o número de palavras gramaticais ainda não supere o das palavras de conteúdo quando se analisa a coleta de dados como um todo, conforme preconizado para a fala adulta por Biderman (2001). Pode-se afirmar isso pela tendência que o desenvolvimento das ocorrências vem apresentando com o avanço da idade e do tamanho do vocabulário do informante. Embora não se possa falar aqui em uma

igualdade com o padrão adulto desenhado pela autora em seu estudo – segundo ela, 80% do discurso adulto se refere ao uso de palavras gramaticais – observa-se, na última entrevista da coleta (2:11;25), o uso de 60% de palavras gramaticais em comparação com as palavras de conteúdo ditas na mesma entrevista. Além disso, essa é uma tendência que evolui com ampliação de vocabulário do menino, começando a se estabelecer já na entrevista 14 (2:05;20), quando pela primeira vez esse padrão de maior uso de palavras gramaticais do que palavras de conteúdo se manifesta na fala do informante.

Tomando-se o *corpus* de Gabriel como um todo, verifica-se que, do início ao fim da coleta de dados, 52% das palavras ditas pelo menino referiam-se ao grupo das palavras gramaticais, conforme ilustra o Gráfico 5.7.

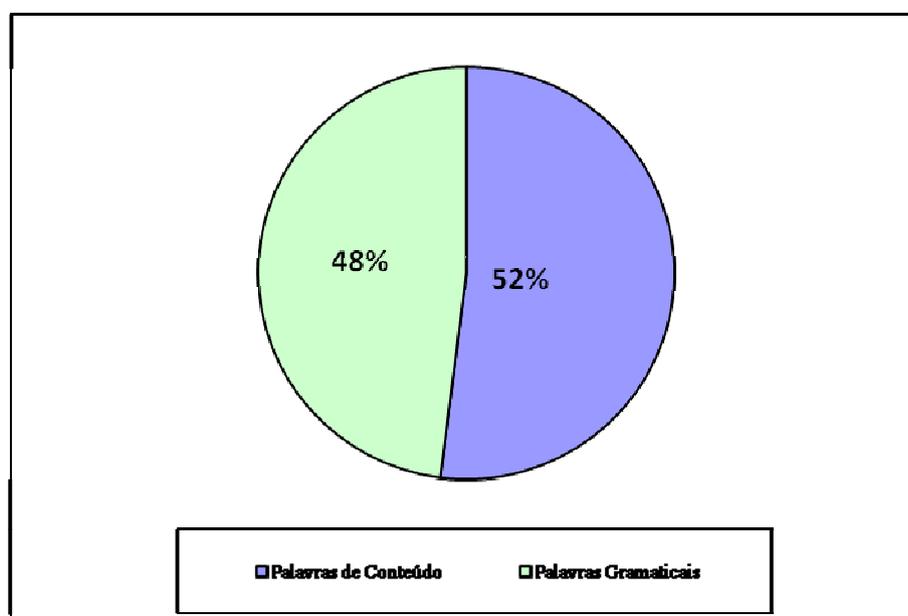


Gráfico 5.7: Distribuição de ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Gabriel)

Pela tendência demonstrada no Gráfico 5.5, o índice de ocorrências de palavras gramaticais certamente seria maior se fosse considerado um período mais longo de coleta, com uma idade mais avançada.

5.1.3 Análise semestral

A fim de manter a mesma padronização utilizada para os demais informantes, buscar-se-á a verificação da explosão de vocabulário nos dados de Gabriel através

da seleção de entrevistas-chaves, distantes seis meses uma da outra. No caso de Gabriel, embora se tenha um grande número de entrevistas, o período coberto pela coleta é menor do que nos demais casos, o que culminou com a seleção de somente três entrevistas pela obediência ao critério acima descrito: entrevista 1 - 1:10;09, entrevista 13 - 2:5;06 e entrevista 24 - 2:11;14.

5.1.3.1 Relação entre tipos e ocorrências

Com base nessas três entrevistas, realizar-se-á, a seguir a análise em termos de tipos e de ocorrências. O Gráfico 5.8 ilustra a distribuição dos tipos de Gabriel nestas três entrevistas.

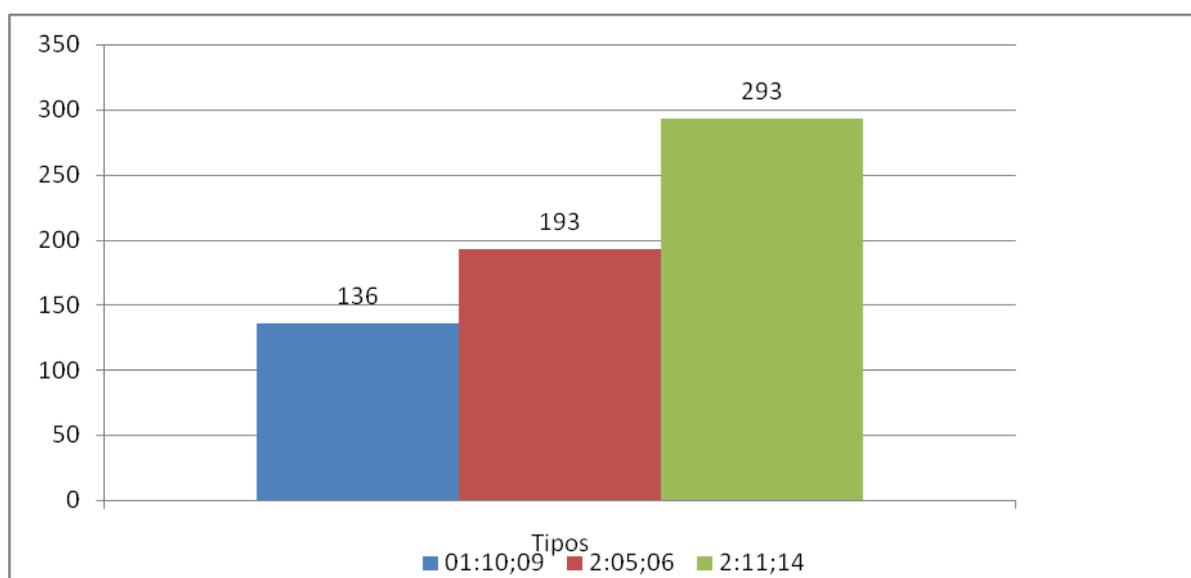


Gráfico 5.8: Tipos com intervalos de seis meses (Gabriel)

Apesar de o vocabulário de Gabriel já no início da coleta ser bem expressivo (139 tipos na entrevista 1), pode-se observar um crescimento contínuo do mesmo ao longo da coleta. Da entrevista 1 (1:10;09) para a entrevista 13 (2:5;06) verifica-se uma taxa de crescimento de 41%, enquanto desta para a entrevista 24 (2:11;14) a taxa de crescimento do vocabulário de Gabriel é de 51%.

Para manter o padrão de descrição que vem sendo realizado até aqui, Gráfico 5.9 ilustra a taxa de crescimento em termos de tipos entre o período de 1:10; 09 - 2:5;06 e o período de 2:5;06 - 2:11;14, levando-se em consideração todas as entrevistas realizadas nos períodos indicados.

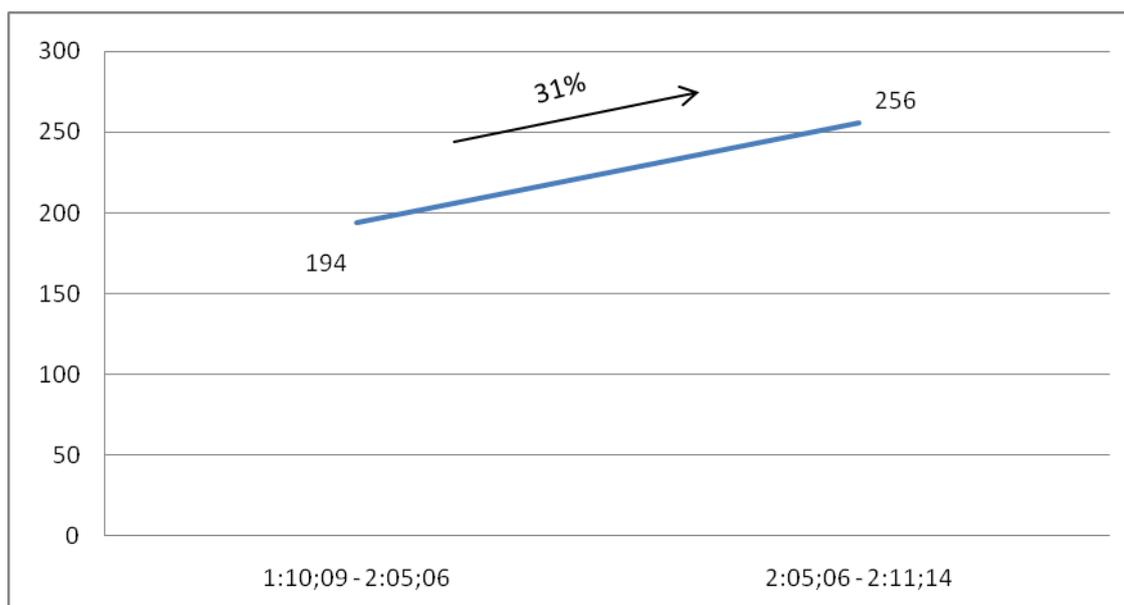


Gráfico 5.9: Taxa de crescimento a partir da média de tipos/mês por intervalos de seis meses (Gabriel)

Pode-se verificar que, ao realizar a média de tipos por entrevista nos intervalos semestrais a taxa de crescimento entre um período e outro é de apenas 31%, o que demonstra que o incremento verificado no vocabulário do informante Gabriel se dá de forma contínua. De fato, quando tomadas em conjunto todas as entrevistas do período, a taxa de crescimento verificada entre as entrevistas marcos dos períodos semestrais de coleta fica diluída, indicando que o crescimento se dá ao longo da coleta.

Como um todo, a descrição por tipos, no caso do informante Gabriel, não traz resultados que possam ser discutidos no âmbito do fenômeno da explosão de vocabulário, uma vez que tal fenômeno não acontece no período estudado.

Como já verificado anteriormente, o comportamento lexical de Gabriel em termos de ocorrências é muito semelhante ao apresentado para os tipos. O Gráfico 5.10. dá uma melhor idéia deste crescimento tomando como base as entrevistas selecionadas a partir do intervalo de seis meses.

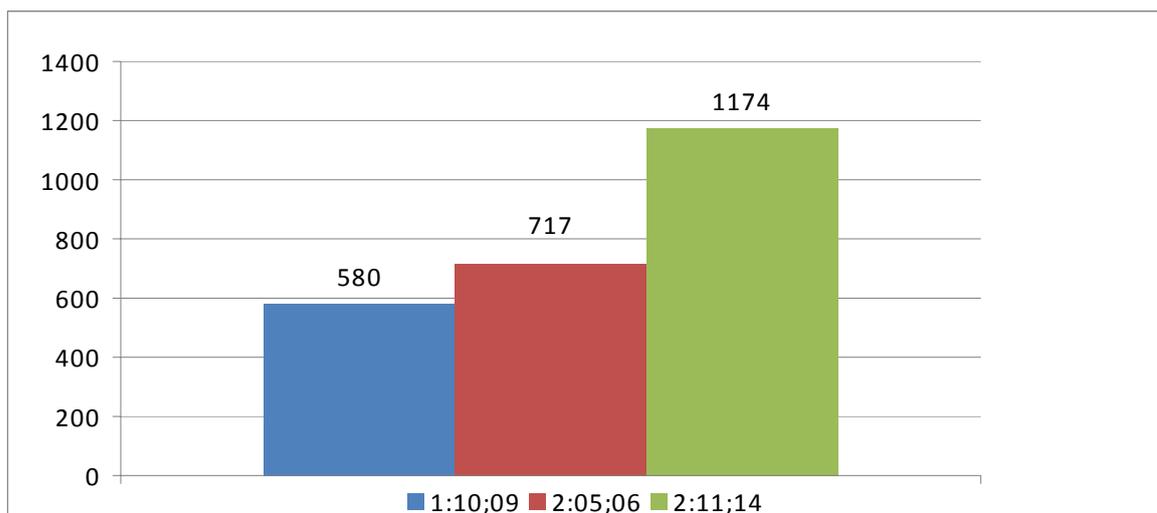


Gráfico 5.10: Ocorrências em intervalos de seis meses (Gabriel)

Embora se possa verificar um crescimento contínuo em termos de ocorrências, a passagem da entrevista 1 (1:10;09) para a entrevista 13 (2:5;06) revela uma taxa de crescimento bem menor (23%) do que a alcançada entre esta e a entrevista 24 (2:11;24) – 63%. Antes de demonstrar uma tendência, tal fato se deve a uma queda no número de ocorrências justamente na entrevista 13, provavelmente devido a alguma peculiaridade do informante naquele momento. Para reforçar este raciocínio, veja-se a relação entre tipos e ocorrências das entrevistas: enquanto o número médio de repetições de palavras por entrevista nas 12 primeiras entrevistas é de 4 e, nas doze últimas, de 4,1, a relação entre ocorrências e tipos na entrevista 13 é de 3,7. Essa diminuição, associada também a uma queda no número de palavras como um todo nesta entrevista específica, leva a este resultado.

Uma análise mais completa, porém, levando-se em consideração todas as entrevistas compreendidas entre as entrevistas-chaves selecionadas, revela que a taxa de crescimento entre um período e outro é de 35%, minimizando qualquer diferença entre os dois períodos, como se pode verificar pelo Gráfico 5.11.

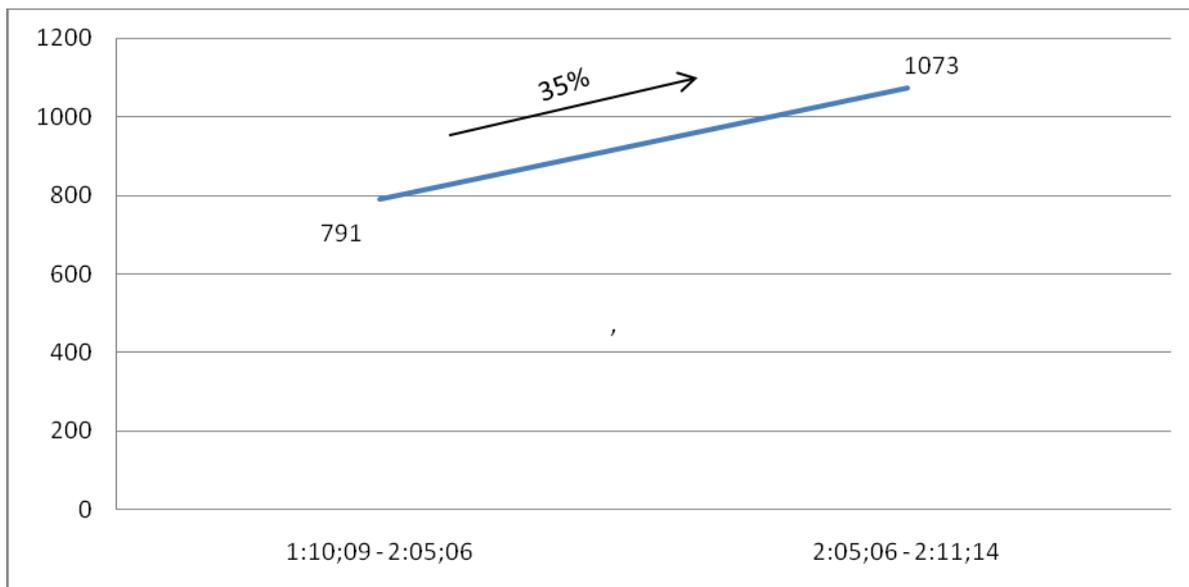


Gráfico 5.11: Taxa de crescimento a partir da média ocorrências/mês por intervalos de seis meses (Gabriel)

Novamente, essa taxa de crescimento menor apresentada quando se tomam para a análise todas as entrevistas do período, assim como se viu em relação aos tipos, demonstra um crescimento contínuo dos dados em termos de ocorrências ao longo da coleta, reforçando ainda mais a relação entre tipos e ocorrências evidenciada anteriormente.

Para melhor visualizar esta relação nos intervalos semestrais, far-se-á a comparação entre os tipos e as ocorrências descritos acima. O Gráfico 5.12 reúne os gráficos 5.8 e 5.10 anteriores para melhor visualização.

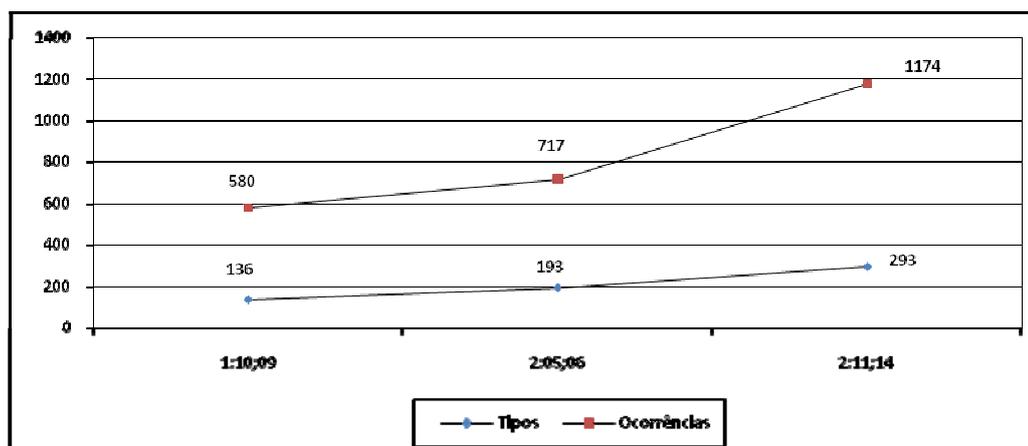


Gráfico 5.12: Comparação entre tipos e ocorrências em entrevistas semestrais (Gabriel)

Como já verificado anteriormente, pela análise da taxa de crescimento destes dois aspectos nestas entrevistas, se poderia concluir que a evolução do crescimento

lexical em relação aos tipos seja diferente daquela apresentada pelas ocorrências, uma vez que a primeira se mostra mais contínua e a segunda apresenta uma taxa de crescimento bem maior do segundo para o terceiro semestre do que do primeiro para o segundo. No entanto, a diferença entre as taxas de crescimento para tipos e ocorrências (41% e 23% entre a entrevista 1 - 1:10;09 e a entrevista 13 - 2:6;06 – respectivamente, e 51% e 63% entre a entrevista 13 - 2:05;06 e a entrevista 24 - 2:11;14, também respectivamente) se deve ao comportamento diferenciado da entrevista 13 (tomada como base para a descrição semestral), como já explicitado anteriormente. Prova disso é que este comportamento diferenciado não se verifica ao se levar em conta todas as entrevistas do período. O gráfico 5.13 ilustra esta situação.

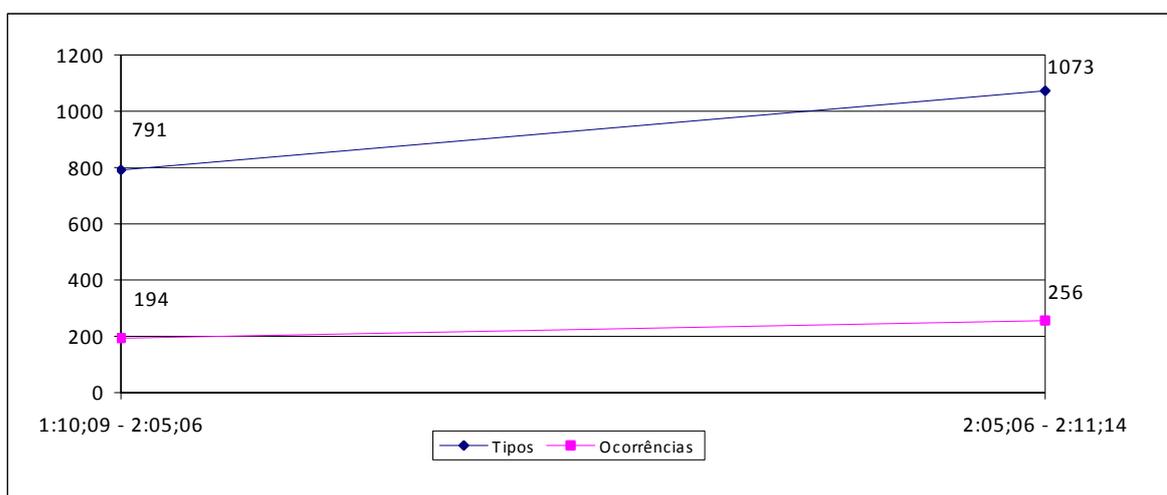


Gráfico 5.13: Comparação entre o crescimento de tipos e ocorrências em períodos semestrais (Gabriel)

No período que compreende o intervalo entre 1:10; 09 e 2:5;06, Gabriel falou uma média de 194 tipos por entrevista (utilizando-se como base para este cálculo a soma de todas as entrevistas do período), e produziu 791 ocorrências/entrevista. Isso resulta em uma relação de quatro ocorrências para cada tipo por entrevista no período estudado. No período entre 2:5;06 e 2:11;14, ou seja, os seis meses seguintes, o número da média de ocorrências por entrevista foi de 1073 palavras, revelando uma taxa de crescimento de 35%, muito próxima à taxa de crescimento dos tipos (31%) que registraram uma média de 256 por entrevista. Essa variação na taxa de crescimento fez com que a relação entre as duas categorias subisse um pouco neste período, registrando uma média de 4,1 ocorrências para cada tipo, em média, por entrevista.

A proximidade destes resultados reforça a idéia de que a relação entre tipos e ocorrências já está estabelecida desde o início da coleta na fala de Gabriel, indicando que seu discurso já está articulado neste período. Este dado reforça a idéia de que o fenômeno da explosão de vocabulário já ocorreu, uma vez que se verificou, nos demais informantes analisados até aqui, que esta estruturação só é conseguida após este acontecimento. Além do mais, partindo-se do pressuposto de que a evolução da aquisição do léxico de Gabriel se dá de forma contínua e gradual, sem períodos de maior incremento, e, tomando-se como base o crescimento apresentado durante o ano de coleta – 140% -, ter-se-ia que prever que o informante apresentava um vocabulário em torno de 52 palavras aos 10 meses de idade. Embora tal fato não seja impossível e esta seja somente uma projeção matemática, crê-se que é mais um ponto a favor da segunda hipótese, a saber, de que o fenômeno da explosão de vocabulário ocorreu antes do início do período de coleta, para explicar o comportamento do vocabulário do menino no período estudado.

Dessa forma, os dados analisados por períodos semestrais na fala de Gabriel reforçam aqueles encontrados quando a análise foi guiada pelos dados.

A literatura acerca da aquisição da linguagem atesta que, na maioria das línguas estudadas, o número de substantivos durante o período inicial da aquisição lexical é maior do que a dos verbos, inferindo-se que aquisição desses primeiros é necessária para que os últimos surjam no vocabulário da criança.

5.2 Hipótese do viés nominal

A fim de verificar a atuação da hipótese do viés nominal na fala de Gabriel, propõe-se a análise dos substantivos e verbos em separado, tanto em termos de tipos como de ocorrências.

Para computar os substantivos foram somadas as classes dos substantivos próprios e comuns classificadas de acordo com a metodologia dessa pesquisa. Da mesma forma, para o cômputo dos verbos, foram somadas as classes dos verbos e locuções verbais.

Ao todo, Gabriel produziu 607 tipos de substantivos referentes a 3836 ocorrências dessa classe e 517 tipos de verbos, referentes a 4657 ocorrências dessa classe. Esses números já demonstram a prevalência dos substantivos em

termos de tipos, por um lado, em contraposição à prevalência da classe dos verbos em termos de ocorrências.

A análise a seguir, realizada por meio do acompanhamento do desenvolvimento dessas classes ao longo da coleta, irá demonstrar como se chegou a esse resultado.

5.2.1 Tipos e ocorrências

5.2.1.1 Tipos

O Gráfico 5.14 ilustra a distribuição dos tipos de substantivos e verbos ao longo das 25 entrevistas do *corpus*.

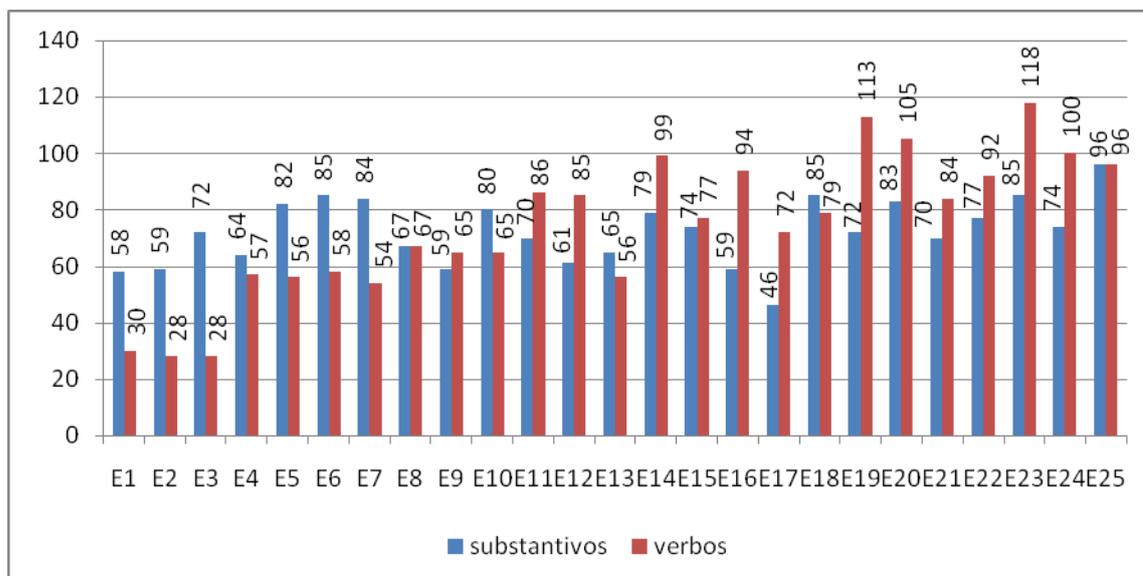


Gráfico 5.14: Tipos de substantivos e verbos por entrevista (Gabriel)

Como se pôde verificar nas análises anteriores do *corpus* do informante Gabriel, o período de coleta já inicia com um número expressivo de vocábulos nas duas classes em análise. No entanto, observa-se que, da entrevista 1 (1:10;09) até a entrevista 7 (2:2;14) há uma prevalência de substantivos em relação aos verbos, corroborando, desta forma, a versão fraca da hipótese do viés nominal. O fato de tal prevalência se inverter após este período, revela que a sobressaliência dos substantivos durante o período inicial de aquisição lexical não é uma característica desta classe em relação aos verbos, mas sim uma predominância que deve ser explicada em termos de maior facilidade de aquisição daqueles em relação a estes.

Esses dados estão de acordo com aqueles preconizadas por Bassano (1998, 2000), que encontrou em seus estudos uma predominância dos substantivos em um período inicial (tanto em termos de tipos como ocorrências) para uma equalização entre as duas classes entre 18 e 24 meses em termos de tipos.

Durante este período inicial de coleta (até 2:2;14), o *corpus* de Gabriel, levando-se em consideração somente estas duas classes, é composto de 75% de substantivos. A partir da entrevista 8 (2:2;27), onde se registra uma igualdade de elementos entre ambas, há uma prevalência dos verbos que só não se verifica nas entrevistas 10 (2:3;25), 13 (2:5;06) e 18 (2:7;17). Na entrevista 10 a relação é de 1,2 substantivos para cada verbo. A inversão se explica, neste caso, pelo aumento do número de substantivos em relação à entrevista anterior (taxa de crescimento de 35%), enquanto o número de vocábulos de verbos permaneceu idêntico de uma entrevista para outra. Na entrevista 13, a relação é de 1,1 substantivo para cada verbo. Esse descompasso se deve mais à diminuição dos verbos em relação à entrevista anterior (decréscimo de 34% na taxa de crescimento) do que a um eventual aumento do número de substantivos (apenas 6% de crescimento em relação à entrevista 12). De forma geral, a entrevista em questão é atípica dentro deste período, tanto em termos de tipos como de ocorrências (fato já comentado anteriormente), o que minimiza a regressão dos verbos aqui verificada. Na entrevista 18, a relação entre substantivos e verbos fica pouco acima da igualdade (1,07), justificada pelo aumento isolado dos substantivos em relação à entrevista anterior (84%, contra apenas 9% de crescimento dos verbos).

Descartando tais entrevistas, a relação dos verbos em relação aos substantivos a partir da entrevista 8 (2:2;27) é sempre de igualdade ou superioridade. Neste período, os verbos perfazem 54% do total destas duas classes nos dados de Gabriel. Esses dados corroboram os achados de Nelson (1973) e Bates *et al.* (1994), que encontram mais da metade do vocabulário das crianças de seus estudos composto por substantivos em uma fase inicial de aquisição do léxico, embora a prevalência dessa classe na fala de Gabriel seja maior e aconteça quando seu vocabulário tem um número maior de itens lexicais do que o preconizado pelos autores. Parece óbvio relacionar este comportamento dos verbos com o início da aquisição da sintaxe por parte do menino, período que, na literatura, inicia em torno dos dois anos de idade. No entanto, no escopo desta tese, embora se acredite nesta relação, não há meios de comprová-la através dos dados. A fim de ilustrar os itens

lexicais produzidos por Gabriel nessas duas classes, para que o leitor tenha uma idéia mais concreta da composição de seu léxico e da forma como os itens lexicais foram se incorporando a ele, propõe-se os Quadros 5.6. e 5.7. abaixo, que expõem os substantivos e os verbos, respectivamente, ditos por Gabriel ao longo das 25 entrevistas do *corpus*. Os quadros foram montados a partir dos elementos de cada classe em estudo na entrevista 1 (1:10;09), sendo posteriormente adicionados, a cada entrevista, os itens lexicais que se incorporaram ao vocabulário do menino.

Apesar de ser ilustrativo, o Quadro 5.6 dá uma idéia concreta do que os números do Gráfico 5.14 representam por entrevista. Partindo-se de um número de 50 substantivos na primeira entrevista (1:10;09), obtém-se uma média de incorporação de 28 novos substantivos por entrevista até a entrevista 8 (2:2;27), média que cai para 16 novos substantivos por entrevista entre a entrevista 9 (2:3;11) e a entrevista 15 (2:6;03), para cair ainda mais – 11 novos vocábulos de substantivos, em média, por entrevista – entre a entrevista 16 (2:6:03) e a entrevista 25 (2:11;27), demonstrando que, apesar das peculiaridades de cada coleta, a incorporação de novos substantivos na fala de Gabriel decai à medida que seu vocabulário aumenta. No caso dos verbos, temos a mesma situação de desenvolvimento apresentada pelos substantivos: à medida que a idade avança e o vocabulário aumenta, verifica-se uma incorporação cada vez menor de novos vocábulos dessa classe ao *corpus* de Gabriel. Partindo-se da entrevista 1 (1:10;09), que apresenta 25 tipos de verbos, verifica-se uma incorporação de, em média, 10 novos verbos a cada entrevista até 2:3;25 – entrevista 10. Apartir daí, essa média não se repete em nenhuma outra entrevista do *corpus*, registrando uma média de 5 novos verbos incorporados a cada entrevista até o final da coleta (2:11;27). O fato dessa constatação não combinar com os dados apresentados numericamente no Gráfico 5.14 se deve ao fato de que lá os tipos são contabilizados por entrevista, conforme descrito na metodologia desse trabalho. Isso significa que os verbos, ao contrário dos substantivos, são mais repetidos nas diversas entrevistas, contabilizando tipos a cada entrevista e não no *corpus* como um todo, o que explica a relação entre tipos e ocorrências dessa classe no *corpus* de Gabriel, conforme já comentado anteriormente. Além disso, outro fato que pode explicar esse descompasso entre a informação numérica e os dados aqui representados é que, assim como nos substantivos, os verbos foram lematizados, fato que não ocorreu na contagem dos tipos. Assim, esse descompasso pode estar indicando um uso cada

Entrevista	Idade	Substantivo
E1	1:10;09	amiga, areia, avião, barco, Biel, bola, bombeiro, bunda, caixa, Camila, caminhão, carro, cavalo, chapéu, chave, circo, Coca, Cuca, escada, flor, fogo, Gabriel, gol, guri, Inter, Laura, leão, lua, Lulu, mamãe, mana, meia, moto, óculos, pai, palhaço, pão, papai, pé, pedal, peixe, pente, porco, rua, sapato, sereia, titio, trem, vaca, vovó ⁴⁷
E2	1;10;23	alô, bala, bota, botão, cabelo, carne, casaco, chuva, dinda, elefante, gato, geléia, João, Leonardo, noite, pantufa, papel, Pooh, roda, selva, sopinha, sorvete, tia, titia, violão, vovô
E3	1:11;07	banana, bebê, brinquedo, boca, bumbum, cabeça, capacete, casa, Celo, cestinha, céu, Chico, coleira, copo, Dumbo, Dunga, festa, gelo, leite, língua, maçã, mama, mão, nenê, Nescau, olho, ovo, panela, pato, pingüim, pulseira, rato, suco, sucrilhos, sujeira, urso, uva
E4	2:01;02	abraço, arroz, beijo, bicho, boi, bruxa, cachorro, cadeira, cano, cara, careta, coelho, colher, comida, criança, estrela, filha, fogão, fralda, macacos, monstros, mula, mula-sem-cabeça, osso, perna, Pernalonga, Rafa, relógio, roupa, sol, vida
E5	2:01;14	aguinha, armário, árvore, balão, banheiro, Boca Juniors, Brasil, chão, colégio, corda, dedo, Deisi, filhote, fita, Fogaça, folha, foto, gaiola, gaveta, Grêmio, Hello Kitty, Julia, lápis, menina, Neca, negrinho, passarinho, quarto, sandalinha, tênis, tubarão, xixi
E6	2;02;00	bandeira, batata, Branca de Neve, cerveja, coruja, dedeira, doce, docinho, Hawai, homem, joelho, Lobo Mau, loja, mar, margarina, Meninas Poderosas, nome, orelha, palma, pescoço, pracinha, rabo, rádio, refri, salada, sapo, skate.
E7	2:02;14	anjinho, bicho-papão, Bob, cama, Carol, carreteiro, CD, coco, colo, dinheiro, fantasma, igreja, Mickey, Nina, padre, papai do céu, pimenta, Poli, Power Rangers, praia, telefone, Udi, vinho
E8	2:02;27	almofadas, berro, bóia, braço, chocolate, cinto, compasso, controle, escudo, espada, esquilo, He-Man, machado, martelo, música, pau, pirulito, poeira, sala, shopping, tapete, tartaruga
E9	2:03;11	Banco, bolacha, bolo, Elias, escola, luz, mágica, Nora, parede, Rei Leão, sangue, trabalhinho, unha, ventilador
E10	2:03;25	aranha, bolsa, café, cigarro, cola, colchão, corda, formiga, grama, Gustavo, Kombi, lenço, livro, Lizoca, Maika, mesa, Miojo, Mônica, mosquito, nariz, Natal, Nezinho, noite, roller, soldado,
E11	2:04;09	Adriano, Ana, bagunça, cobra, cocô, esgoto, gente, girafa, janela, lagartixa, minhoquinha, remédio, sunga, trovão, veneno
E12	2:04;24	bermuda, bicicleta, biscoitinho, calor, camiseta, carinho, chinelo, cozinha, dente, espelho, ginástica, Pepsi, piratas, ração
E13	2:05;06	Anastácia, Babi, barba, barriga, carroça, chupeta, coca-cola, gás, geladeira, lobo, Mailow, Marcelo, máscara, ondas, piolho, pratos.

⁴⁷ O número de substantivos elencados aqui não necessariamente correspondem ao número de tipos que aparecem no Gráfico 5.14 porque, conforme descrito na metodologia desse trabalho, para contagem dos tipos as palavras não foram lematizadas, fato que ocorreu aqui, em virtude do quadro ser meramente ilustrativo

E14	2:05;20	blusa, Chapeuzinho, fantasia, Jéferson, louro José, mochila, Nemo, pauzinho, picolé, pomada, porta, portão, travesseiro, vaso
E15	2:06;03	bateria, Bruninho, capa, carteira, desenho, futebol, Henri, jogo, Mirela, moeda, pijama, Rudi, sofá
E16	2:06;18	brincos, churrasco, farinha, fome, gilete, lâmpada, laranjas, lixo, planta, samambaia,
E17	2:07;10	apê, boliche, chulé, Cinderela, Dálmatas, Mad Maria, Manu, sacola, sereia
E18	2:07;17	borracha, caderno, caneta, capim, churrasqueira, costas, dinossauro, esponja, jacaré, Jussara, mochila, pipoca, quadrado, robôs, Rodrigo
E19	2:08;07	computador, cravo, Duduis, fronha, lençol, mamute, microfone, sabão, sacada, tatu
E20	2:08;22	Carrefour, foguete, gira-gira, Mac, namorado, nuvem, Paulinho, porção.
E21	2:09;04	Batman, cartas, laço, rei.
E22	2:10;22	baleia, blusão, burro, Buzz, calça, caracol, chiclete, cowboy, foca, goma, lavanderia, margarida, pilha, pote, Pumba, Shrek, Timão, Woody
E23	2:10;29	Açúcar, aniversário, calçada, celular, cheiro, galera, Juca, Matheus, peão, raio laser, repolho, Simba, Super-Homem, Thiago, Vanessa
E24	2:11;14	Airton, aquário, arraia, caranguejo, colega, DMAE, DVD, golfinho, peixe palhaço, polvo, primo, Teca, Selma
E25	2:11;27	Cascão, Cebolinha, duende, filme, frutas, guarda-roupa, Magali, mingau, quartinho, revistas, terra, trilho, verdade, Xuxa

Quadro 5.6: Tipos de substantivos por entrevista (Gabriel)

Entrevista	Idade	Verbos
E1	1:10;09	Andar, apagar, arrumar, brincar, buscar, caber, cair, dar, ser, entrar, ir, levantar, morar, olhar, papar, poder, quebrar, querer, rasgar, rodar, sentar, estar, ter, tocar, ver
E2	1;10;23	Abrir, achar, avisar, botar, comer, conseguir, fechar, jogar, levar, passar, pôr, sumir, tomar
E3	1:11;07	Babar, doer, dormir, empurrar, esmagar, ganhar, guardar, molhar, mostrar, nadar, puxar, raspar, sair, trabalhar
E4	2:01;02	Acabar, cantar, chegar, cuidar, deixar, faltar, fazer, gostar, lambear, melar, morder, nanar, pegar, rir, tentar, tirar
E5	2:01;14	Acontecer, assustar, balançar, brigar, cansar, dançar, derrubar, desligar, escrever, ficar, gravar, gritar, levar
E6	2;02;00	Apertar, ouvir, queimar.
E7	2:02;14	Amarrar, bater, colocar, fritar, limpar, marcar, mergulhar, subir, trazer, falar
E8	2:02;27	Acertar, atirar, berrar, esconder, escutar, lutar, matar, montar, passar, peidar, virar
E9	2:03;11	Chorar, comprar, derrubar, desligar, falar, fritar, pintar, saber, sumir
E10	2:03;25	Ajudar, assoprar, cuidar, dirigir, doer, encostar, entrar, estragar, juntar, mexer, morder, parar, procurar, trazer, voar
E11	2:04;09	Aguardar, aparecer, bagunçar, coçar, emprestar, esperar, perder, voltar
E12	2:04;24	Beijar, casar, deitar, descer, mandar, tapar
E13	2:05;06	Afundar, arrotar, desenhar, estourar, largar
E14	2:05;20	Fugir, obedecer, trancar, usar
E15	2:06;03	Acordar, correr, ensinar, grudar, machucar, mijar, roncar, trocar, arranjar
E16	2:06;18	Apanhar, assustar, caber, encher, lavar, plantar, trocar
E17	2:07;10	colar, furar, preparar.
E18	2:07;17	começar, convidar, imaginar, latir, pescar, segurar, sumir
E19	2:08;07	despedaçar, engolir, fumar, lembrar, roubar, valer, viajar
E20	2:08;22	Carregar, chover, costurar, derramar, esquecer, girar, namorar, pular, soltar
E21	2:09;04	Errar.
E22	2:10;22	Agarrar, alcançar, cheirar, dever, jantar.
E23	2:10;29	Acender, controlar, crescer,.
E24	2:11;14	organizar, pendurar.
E25	2:11;27	Devolver, espiar, feder

Quadro 5.7: Tipos de verbos por entrevista (Gabriel)

vez maior de tempos verbais por parte do menino, sem necessariamente a incorporação de novas raízes verbais.

Observando-se os dados relativos aos tipos de substantivos e verbos, chega-se às seguintes conclusões:

1) Embora tanto os substantivos como os verbos tenham crescido em termos absolutos ao longo da coleta, a taxa de crescimento dos verbos foi superior a dos substantivos. A quantidade mínima de tipos de verbos foi registrada nas entrevistas 2 (1:10;23) e 3 (1:11;07), com 28 palavras. A quantidade máxima foi de 118 tipos, na entrevista 23 (2:10;29). Com isso, a taxa de crescimento verificada foi de 321% para os verbos. Os tipos de substantivos variaram entre 46 e 96 tipos, sendo a taxa de crescimento global de 108%;

2) A partir da entrevista 7 (2:2;14) a prevalência dos substantivos em relação aos verbos passa a não ser mais a regra. Enquanto até esta data a relação era de 1,7 substantivos para cada verbo, da entrevista 8 (2:2;27) até o final da coleta essa relação cai para 0,8 substantivos para cada verbo. Embora em ambos os períodos oscilações aconteçam, o que se percebe é uma estabilização desta relação, com os tipos de verbos superando os dos substantivos. O Gráfico 5.15 ilustra esta tendência.

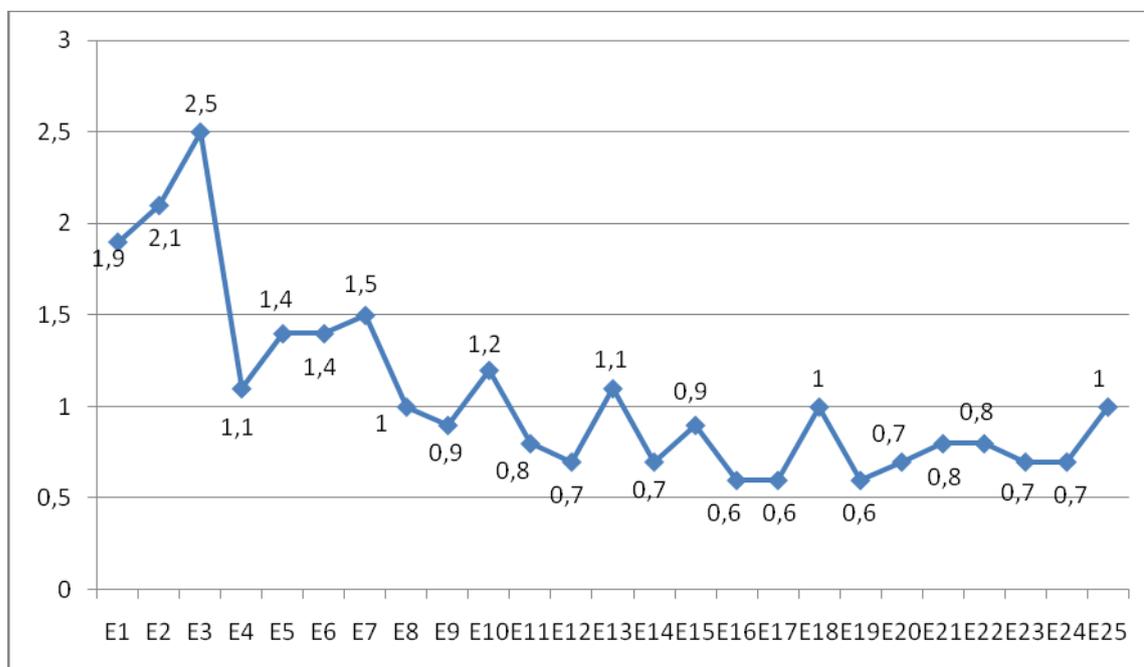


Gráfico 5.15: Relação de tipos de substantivos e verbos (Gabriel)

Pela observação do gráfico, pode-se ver mais claramente que as três entrevistas iniciais (entre 1:10;09 e 1:11;07) apresentam uma prevalência bem mais

alta dos substantivos do que as entrevistas seguintes. Neste primeiro período, a relação entre substantivos e verbos é de 2,1 em média, reduzindo para 1,3 no período seguinte, entre 2:1;02 e 2:2;14, até chegar à igualdade na idade de 2:2;27 e, daí, à superação dos verbos em relação aos substantivos. Esses dados reforçam ainda mais a atuação da hipótese do viés nominal em sua versão fraca na fala de Gabriel.

Analisando-se todos os dados disponíveis até aqui a respeito dos tipos na fala de Gabriel e separando-os em períodos conforme as dimensões do seu vocabulário tem-se o Quadro 5.8 abaixo.

Idade	Entrevista	Vocabulário estimado	Média Tipos	Média Subs.		Média Verbos	
					%		%
1:10 – 2:3	1 – 9	100 – 200 pal	180	70	38%	49	37%
2:3 – 2:10	10 – 22	+ 200 pal	244	71	29%	85	34%
2:10 – 3:00	23 – 24	+ 300 pal	310	88	28%	104	33%

Quadro 5.8: Tipos conforme faixa etária e tamanho do vocabulário (Gabriel)

Conforme já comentado anteriormente, os dados expostos no Quadro 5.8 revelam que os resultados encontrados pela análise do vocabulário do menino Gabriel corroboram alguns trabalhos expostos na fundamentação teórica desta tese.

No entanto, uma comparação mais direta dos dados expostos na literatura com esses encontrados na fala do informante se torna incompleta, uma vez que não se possui dados do vocabulário inicial do menino (entre 0 – 100 palavras) por questões já comentadas.

Apesar disso, é possível inferir que Gabriel esteja compondo seu vocabulário da forma descrita por Fenson *et al.* (1993) e Bates *et al.* (1994), ou seja, através da atuação do que alguns autores denominam de “ondas” de reorganização. Primeiramente, embora os dados iniciais não estejam disponíveis, é possível estabelecer uma prevalência dos substantivos em relação aos verbos (e mesmo às demais classes de palavras que formam o grupo das palavras gramaticais) até a idade de 2:3, quando o vocabulário do menino está entre 100 e 200 palavras. Essa prevalência pode ser atestada tanto em termos absolutos quanto percentuais. Enquanto nesse período a média de tipos de substantivos gira em torno de 70 palavras por entrevista, perfazendo 38% do vocabulário de Gabriel, os verbos perfazem 27% desse total, deixando cerca de 35% do léxico composto por palavras

gramaticais (pronomes, numerais, conjunções, advérbios, interjeições, artigos e preposições)⁴⁸

A seguir a essa apropriação do léxico em termos de substantivos (provavelmente vinculada ao fenômeno de explosão do vocabulário), os autores prevêem um aumento significativo na classe dos verbos, fato que pode ser vislumbrado nos dados de Gabriel entre 2:3 e 2:10, quando seu vocabulário possui mais de 200 palavras em sua composição (tomando-se como base a média dos tipos por entrevista). Nesse ponto, a classe dos verbos supera a dos substantivos tanto em termos absolutos quanto percentuais. Esse fato se deve ao extraordinário crescimento dessa primeira classe - 73% - quando comparado com àquele apresentado pelos substantivos - 1%. Assim, 34% do léxico do informante nesse período é composto por verbos, enquanto 29% se refere aos substantivos. Inferencialmente, pode-se dizer que aproximadamente 37% do vocabulário do menino nesse período se refere a palavras gramaticais.

A terceira onda de reorganização proposta pelos autores se refere exatamente a essa última classe, postulando um aumento contínuo da mesma entre 0 - 400 palavras para uma explosão na aquisição dessa categoria a partir daí. Embora não se tenham dados para comprovar tal fenômeno na fala de Gabriel, devido ao tamanho da amostra, o terceiro período mostra uma estabilização das classes que compõem o vocábulo do menino, com leve tendência ao aumento dessa última categoria. Enquanto os substantivos cresceram 23% e os verbos 22% nesse período em relação ao período anterior, a categoria das palavras gramaticais exibiu uma taxa de crescimento de 34%, revelando a tendência exposta pelos autores.

5.2.1.2 Ocorrências

A análise por ocorrências no estudo da atuação da hipótese do viés nominal para o português brasileiro tem como objetivo estabelecer a relação entre a aquisição de substantivos e verbos e seu uso efetivo pelas crianças a partir daí.

⁴⁸ A porcentagem de tipos de palavras gramaticais foi inferida a partir da porcentagem das outras duas classes em estudo. Seu número é aproximado porque estão também aí incluídos os vocábulos referentes à classe dos adjetivos e das onomatopéias, devido ao cálculo realizado. No entanto, essas duas classes somadas perfazem apenas 2% do vocabulário total de Gabriel, número que não influenciaria as conclusões aqui propostas.

Por isso, analisa-se primeiramente a distribuição das ocorrências destas duas classes por entrevista, ilustrada pelo Gráfico 5.16.

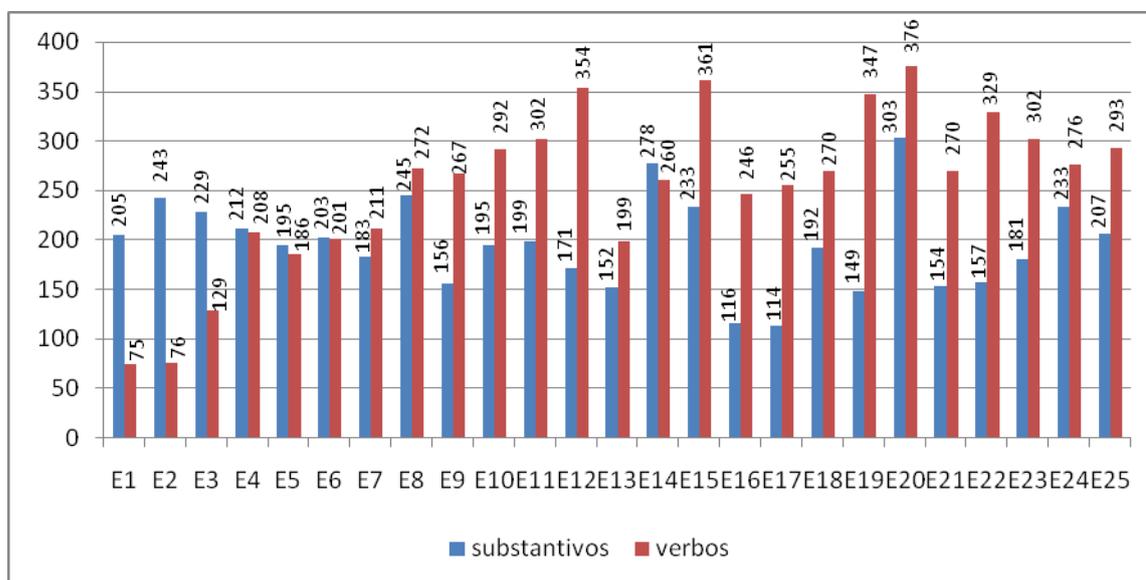


Gráfico 5.16: Ocorrências de substantivos e verbos por entrevista (Gabriel)

O gráfico mostra comportamentos diferentes destas duas classes ao longo da coleta. No que se refere aos substantivos, observa-se períodos de maior e menor ocorrências dessa classe ao longo da coleta. Inicialmente, até a entrevista 8 (2:2;27) o número de ocorrências dos substantivos gira em torno de 214 palavras por entrevista (variando entre 183 e 245). Depois disso, registra-se um período de queda no uso dessa classe por parte de Gabriel, que vai da entrevista 9 (2:3;11) até a entrevista 13 (2:5;06). Nesse período, a média das ocorrências dos substantivos fica em torno de 174 palavras por entrevista, registrando uma queda de 23% na taxa de crescimento entre este e o primeiro período. As entrevistas 14 (2:5;20) e 15 (2:6;03) apresentam um novo incremento de ocorrências dessa classe, registrando uma média de 255 ocorrências de substantivos, em média, por entrevista. Em termos de crescimento, registra-se um percentual de 46% em relação ao período anterior. Mas tal situação não se sustenta nas entrevistas seguintes. Da entrevista 16 (2:6;18) até a entrevista 23 (2:10;29), a média das ocorrências de substantivos é a mais baixa da coleta - 170 palavras, em média, por entrevista, apesar de o período conter a entrevista que mais apresentou ocorrências de substantivos no *corpus* - 330 (entrevista 20 - 2:8;22). As duas últimas entrevistas - E24 (2:11;14) e E25 (2:11;27) - voltam a apresentar um crescimento das ocorrências dos substantivos na ordem de 29% em relação ao período anterior, registrando uma média de 220 ocorrências

por entrevista. O Quadro 5.9, abaixo, resume o desenvolvimento da classe dos substantivos em termos de ocorrências na fala de Gabriel e dá exemplos das palavras mais freqüentes em cada período.

Período	Entrevista	Idade	Média Ocorrências	Palavras	Ocorrências
1	1 – 8	1:10;09 – 2:02;27	214	Gabriel	89
2	9 – 13	2:03;17 – 2:05;06	174	Chico	38
3	14 – 15	2:05;20 – 2:06;03	255	carro	38
4	16 – 23	2:06;18 – 2:10;29	170	Chico	73
5	24 – 25	2:11;14 – 2:11;27	220	Chico	25

Quadro 5.9: Ocorrências de substantivos por período (Gabriel)

A observação do quadro revela um fato curioso dos dados do menino Gabriel. Ao contrário dos demais informantes, o número de substantivos próprios ditos por Gabriel é bastante considerável – 16% do total de substantivos, conforme se pode ter idéia ao considerar o Quadro 5.5. Esse uso também pode ser visto em termos de ocorrências como ilustra o Quadro 5.9. Talvez essa constatação esteja atrelada à proximidade da entrevistadora com o informante – conforme já comentado anteriormente – fato que poderia estar gerando esse fenômeno, uma vez que ambos conhecem as mesmas pessoas.

A análise das ocorrências por verbos, por sua vez, revela um desenvolvimento que pode ser assim dividido:

- 1) as 3 primeiras entrevistas (entre 1:10;09 e 1:11;07) apresentam uma média de 93 ocorrências de verbos;
- 2) da entrevista 4 (2:1;02) até a entrevista 11 (2:4;09) a média de ocorrências dos verbos é de 205 palavras por entrevista, registrando um crescimento de 120% dessa classe em relação ao período anterior;
- 3) a entrevista 12 (2:4;24), isoladamente, marca um crescimento de 72% em relação a este período, registrando 354 ocorrências de verbos, e marca a entrada em um período de instabilidade que vai até o final da coleta;
- 4) as duas entrevistas seguintes (E13 – 2:05;05 e E14 - 2:05;20) registram um decréscimo na taxa de crescimento na ordem de 84% em relação à entrevista anterior, apresentando uma média de 229 ocorrências ;

- 5) a entrevista 15 (2:6;03), isoladamente, retoma o patamar da entrevista 12 (2:04;24), crescendo 57% em relação ao período anterior e registrando 361 ocorrências de verbos;
- 6) o período seguinte, que vai da entrevista 16 (2:06;18) até a 18 (2:07;17) é marcado por novo decréscimo – 28% - com média de ocorrências de verbos girando em torno de 257 palavras por entrevista;
- 7) o período que vai da entrevista 19 (2:08;07) até a entrevista 25 (25:11;27), apesar das oscilações (varia entre 270 e 376 ocorrências por entrevista), registra uma média de 313 ocorrências de verbos por entrevista, com crescimento de 21% em relação ao período anterior.

O Quadro 5.10 resume esses resultados em relação às ocorrências dos verbos e dá exemplos dos vocábulos mais freqüentes desta classe em cada período.

Período	Entrevista	Idade	Média Ocorrências	Palavra	Ocorrências
1	1 – 3	1:10;09 – 1:11;07	93	é	110
2	4 – 11	2:01;02 – 2:04;09	205	é	618
3	12	2:4;24	354	é	62
4	13 – 14	2:05;06 – 2:5;20	229	é	59
5	15	2:06;03	361	tem	69
6	16 – 18	2:6;18 – 2:7;17	257	é	118
7	19 – 25	2:8;07 – 2:11;27	313	é	218

Quadro 5.10: Ocorrências de verbos por período (Gabriel)

As características deste comportamento permitem a divisão desta relação em três etapas. Em um primeiro momento, entre a entrevista 1 (1:10;09) e a entrevista 3 (1:11;07), há uma grande prevalência no uso de substantivos em relação aos verbos na fala de Gabriel. Neste período, registram-se 2,4 substantivos para cada verbo. A seguir, da entrevista 4 (2:1;02) até a entrevista 8 (2:2;27), há um período de transição em que o uso de substantivos e verbos estão praticamente no mesmo nível, sendo a relação entre um e outro de 1,1. Esta tendência de queda na relação entre ocorrências de substantivos e verbos se dá muito em função do aumento do uso dos verbos do que de uma diminuição do uso de substantivos. Em relação ao período anterior, a taxa de crescimento dos verbos foi de 218%, enquanto a dos substantivos ficou em 53%. A partir da entrevista 9 (2:3;11) até o final da coleta (2:11;27), apesar de pequenas oscilações na relação entre substantivos e verbos, o que se observa é a prevalência destes últimos. Neste período, a relação entre as duas classes fica em 0,6, ou seja, a cada conjunto de 5 verbos encontram-se 3

substantivos. Novamente, o crescimento da taxa de uso dos verbos é o fator responsável pela queda da relação. Enquanto as ocorrências dos verbos cresceram 460% em relação ao período anterior, a taxa de crescimento dos substantivos foi de 207%. Esses dados corroboram os achados de Bassano (2000), que prevê uma maior ocorrência dos verbos em relação aos substantivos por volta dos dois anos de idade.

Essa tendência maior de crescimento dos verbos do que dos substantivos também pode ser verificada quando se analisa a relação entre estas duas classes. O Gráfico 5.17. mostra como isso se dá nos dados de Gabriel.

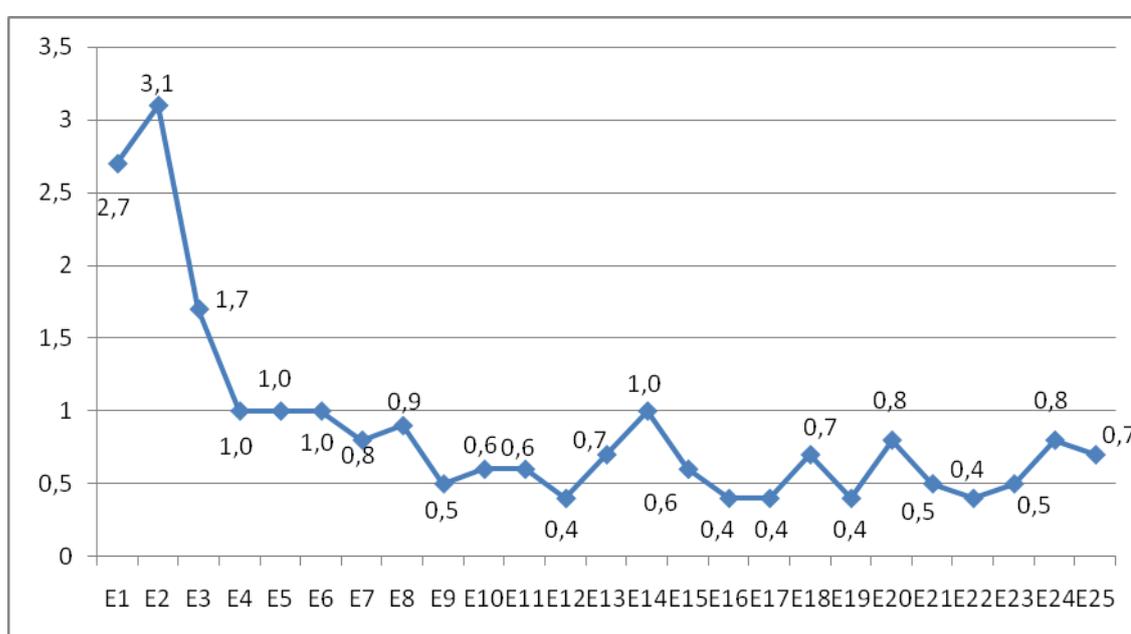


Gráfico 5.17: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Gabriel)

Observe-se, em um primeiro momento, que vai da entrevista 1 (1:10;09) até a entrevista 3 (1:11;07), uma prevalência dos substantivos em relação aos verbos (em média, 2,5 substantivos para cada verbo). Da entrevista 4 (2:1;02) até a entrevista 14 (2:5;20) verifica-se uma grande oscilação nesta relação, variando de 1,0 a 0,4, ou seja, de uma igualdade no número de substantivos e verbos até uma relação de 2 substantivos para cada conjunto de 5 verbos. A média da relação entre as duas classes neste período é de 0,7 e sua principal característica é a não prevalência dos substantivos, como ocorria no período anterior. A partir da entrevista 15 (2:6;03) até o final da coleta (2:11;27), observa-se uma prevalência dos verbos em relação aos substantivos. A média da relação neste período é de 0,5 substantivo para cada verbo, ou seja, a ocorrência de dois verbos para cada substantivo, em média.

A fim de ilustrar essa relação, o Quadro 5.11 exemplifica o comportamento dos elementos dessas duas classes, através da exposição da palavras mais freqüentes em cada uma delas, por entrevista.

Entrevista	Idade	Subs.	Na Entrevista	No Corpus	Verbo	Na entrevista	No Corpus
E1	1:10;09	moto	39	79	é	17	1042
E2	1;10;23	porco	30	43	é	19	1042
E3	1:11;07	banana	20	20	é	74	1042
E4	2:01;02	Chico	20	129	é	69	1042
E5	2:01;14	Gabriel	20	104	é	67	1042
E6	2;02;00	avião	14	88	é	105	1042
E7	2:02;14	avião	18	88	é	85	1042
E8	2:02;27	boi	35	50	é	106	1042
E9	2:03;11	poeira	25	45	é	53	1042
E10	2:03;25	palhaço	10	24	é	79	1042
E11	2:04;09	medo/vô	12	37/38	é	54	1042
E12	2:04;24	Chico	21	129	é	62	1042
E13	2:05;06	Chico/Violão	10	129/31	é	59	1042
E14	2:05;20	carro	19	50	tem	34	224
E15	2:06;03	carro	29	50	tem	69	224
E16	2:06;18	Chico	15	129	é	44	1042
E17	2:07;10	trem	13	26	tá	21	307
E18	2:07;17	avião	13	88	é	40	1042
E19	2:08;07	água/cavalo	9	19/45	vai	46	151
E20	2:08;22	Nemo	61	68	sobe	48	49
E21	2:09;04	Celo (Marcelo)	6	40	é	59	1042
E22	2:10;22	Chico	37	129	é	33	1042
E23	2:10;29	Batman	8	13	é	43	1042
E24	2:11;14	Chico	15	129	é	27	1042
E25	2:11;27	Chico	10	129	é	35	1042

Quadro 5.11: Substantivos e verbos mais freqüentes por entrevista (Gabriel)

5.2.2 Análise semestral

Com o intuito de aprofundar a análise destes dados e poder compará-los com os dados dos demais informantes posteriormente, propõe-se a análise dos substantivos e verbos em separado, tomando-se como base para a comparação as entrevistas-chaves já utilizadas para a descrição dos tipos e ocorrências como um todo. A saber, entrevista 1 (1:10;09), entrevista 13 (2:5;06) e entrevista 24 (2:11;14) obedecendo a um intervalo de seis meses entre elas.

5.2.2.1 Substantivos

Em relação aos tipos, o Gráfico 5.18 ilustra a distribuição dos substantivos nas três entrevistas selecionadas.

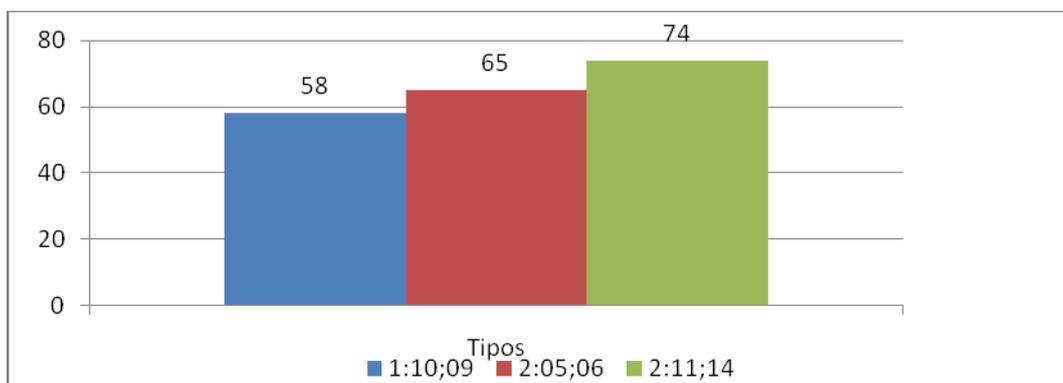


Gráfico 5.18: Tipos de substantivos em entrevistas semestrais (Gabriel)

A observação do gráfico permite verificar um aumento gradual, mas lento, da classe de substantivos. Da entrevista 1 (1:10;09) para a entrevista 13 (2:5;06), a taxa de crescimento é de 12%, enquanto desta para a entrevista 24 (2:11;14) esta taxa é de 13%. Tomando-se todas as entrevistas de cada período e realizando-se o cálculo médio destes períodos, tem-se o delineamento visto no Gráfico 5.19.

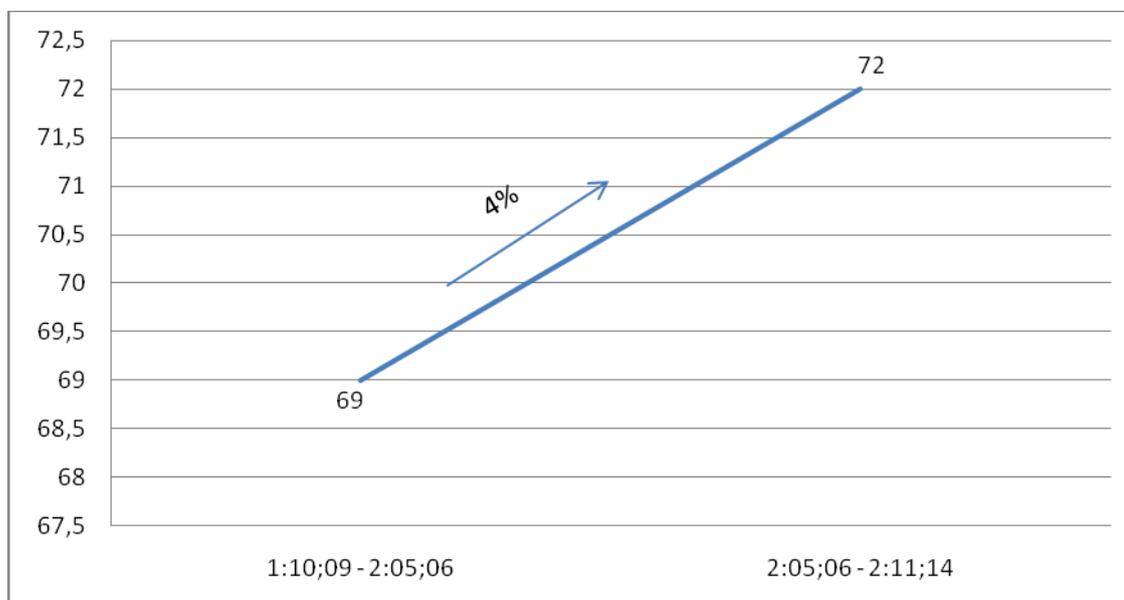


Gráfico 5.19: Taxa de crescimento a partir da média de tipos dos substantivos em períodos semestrais (Gabriel)

Os dados contidos no gráfico reforçam a igualdade na aquisição dos substantivos, não havendo nenhum período de explosão desta classe, assim como

verificado na análise dos tipos como um todo. A passagem do primeiro período (entre 1:10;09 e 2:5;06) para o segundo (entre 2:5;06 e 2:11;14) revela um crescimento de 4% da classe dos substantivos.

A fim de testar se este aumento tão pequeno da classe dos substantivos (perfazendo somente 8% do crescimento total dos tipos entre um período e outro) está relacionado à aquisição de pronomes substantivos conforme hipótese levantada por Vidor, Pacheco, Lamprecht e Andersen (2004), construiu-se o Gráfico 5.20, abaixo. Segundo essas autoras, a diminuição do número de substantivos (ou a pouca incorporação de novos elementos a essa classe, como visto aqui) na fala de uma criança em processo de aquisição do léxico pode estar relacionada à entrada de palavras gramaticais no vocabulário da mesma, em especial de pronomes substantivos, elementos que substituem os vocábulos em questão, evitando a repetição desnecessária.

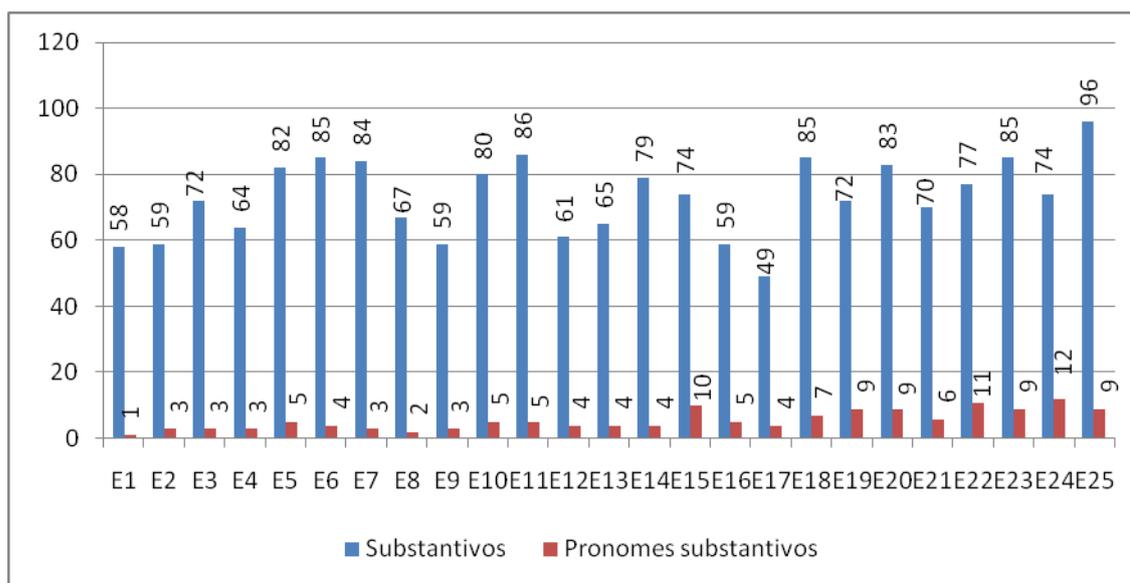


Gráfico 5.20: Tipos de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Gabriel)

Embora a observação do gráfico permita verificar uma relação cada vez mais próxima entre os substantivos e os pronomes substantivos ao longo da coleta (é de 58 substantivos para cada pronome na entrevista 1 e pouco maior do que 10 substantivos para cada pronome na entrevista 25), denotando a aquisição gradual desta última classe, as quedas do número de substantivos em entrevistas específicas não parecem estar relacionadas ao aumento do número de pronomes substantivos. A relação esperada – queda do número de substantivos com o aumento do número de pronomes substantivos – ocorre somente em quatro entrevistas:

- a) entrevista 9 (2:3;11) – a taxa de crescimento dos substantivos caiu em 11% enquanto a taxa de crescimento dos pronomes substantivos aumenta em 50%;
- b) entrevista 15 (2:6;03) – a taxa de crescimento dos substantivos caiu em 6% enquanto a dos pronomes substantivos aumenta em 150%;
- c) entrevista 19 (2:8;07) – a taxa de crescimento dos substantivos cai em 15% enquanto a dos pronomes substantivos aumenta 28%;
- d) entrevista 24 (2:11;14) – a taxa de crescimento dos substantivos cai em 12% enquanto a dos pronomes substantivos aumenta 33%.

Apesar das expressivas taxas de crescimento dos pronomes substantivos, estas entrevistas registram um número absoluto de vocábulos desta classe ainda pequeno (em média 8 pronomes substantivos nestas 4 entrevistas). Devido a este fato, não se pode afirmar que a substituição dos substantivos por pronomes substantivos seja a responsável pelo pequeno crescimento deste primeiro grupo no segundo período de coleta, embora estes dados isolados registrem esta tendência.

De modo geral, o que se verifica é um equilíbrio entre o aumento e a diminuição destas duas classes no *corpus*. Das 25 entrevistas, em 11 há concordância no desempenho de substantivos e pronomes substantivos, ou seja, quando há um aumento em uma classe registra-se também em outra, o mesmo acontecendo no caso de diminuição de vocábulos entre uma entrevista e outra. Destas 11 entrevistas, 9 apresentam concordância de desempenho (aumento/diminuição da taxa de crescimento) com o comportamento dos tipos como um todo, revelando que a tendência de crescimento dos substantivos está muito mais ligada ao delineamento dos tipos de cada entrevista do que com a relação específica desta classe com a dos pronomes substantivos. Tendo em vista que a classe dos pronomes substantivos pertence à categoria das palavras gramaticais, as quais, por definição, apresentam um maior número de ocorrências, por serem uma classe fechada, espera-se que resultados mais relevantes sejam obtidos quando da comparação dessas duas classes em termos de ocorrências.

A fim de se verificar essa hipótese, passa-se à análise por ocorrências, iniciando-se pela classe dos substantivos.

O Gráfico 5.21 ilustra o desempenho dos substantivos em termos de ocorrências nas três entrevistas selecionadas por este critério: entrevista 1 (1:10;09), entrevista 13 (2:5;06) e entrevista 24 (2:11;14).

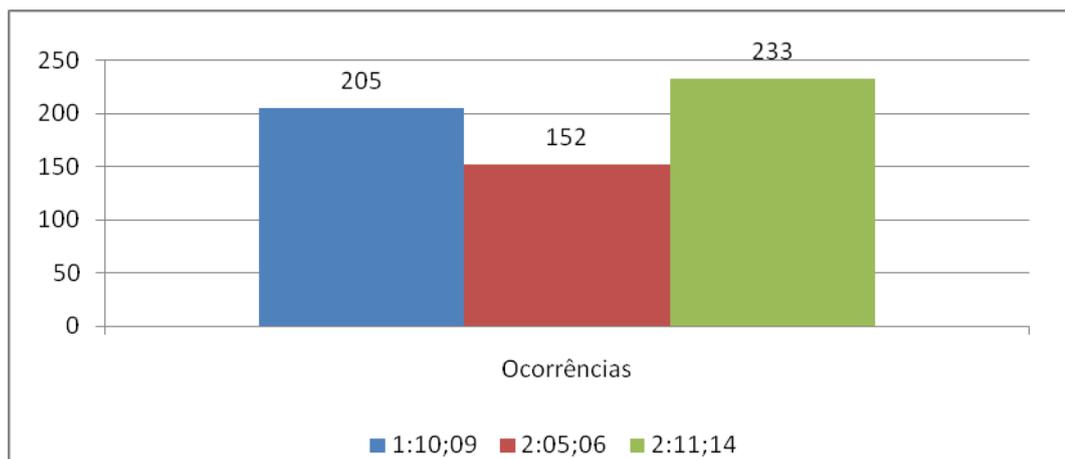


Gráfico 5.21: Ocorrências de substantivos em entrevistas semestrais (Gabriel)

A observação do gráfico permite que se verifique uma oscilação no uso de substantivos de acordo com a idade levando-se em consideração estas entrevistas. Comparando-se a entrevista 1 (1:10;09) com a entrevista 24 (2:11;14) obtém-se uma taxa de crescimento das ocorrências de apenas 13%. Ao se comparar a primeira entrevista e a entrevista 13 (2:5;06), registra-se uma queda de 25% na taxa de crescimento. Da entrevista 13 para a entrevista 24 registra-se um aumento na taxa de crescimento de 53%.

Uma tendência de diminuição das ocorrências dos substantivos pode ser verificada ao se tomar como base a média de todas as ocorrências registradas dentro destes períodos semestrais. O Gráfico 5.22 ilustra essa condição.

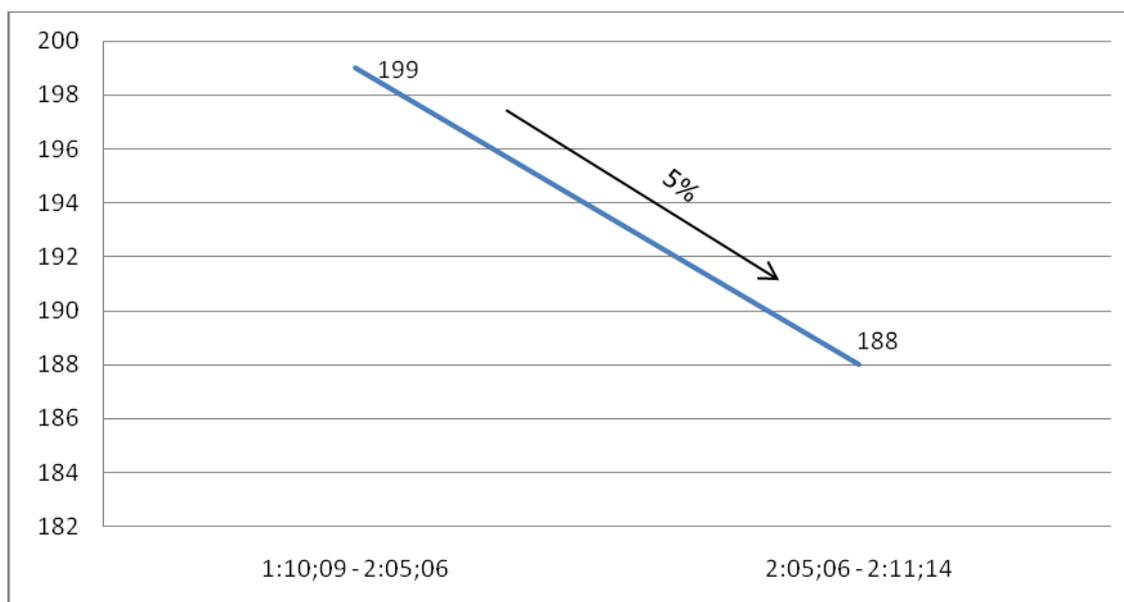


Gráfico 5.22: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de substantivos em intervalos semestrais (Gabriel)

Tomando-se a média das ocorrências de substantivos nos seis primeiros meses de coleta (199), registra-se uma queda de 5% na taxa de crescimento de uso desta classe quando comparada com o período semestral seguinte. Essa queda, ao contrário do que se registrou em termos de tipos, pode estar relacionada às características intrínsecas das classes dos substantivos e dos pronomes substantivos, conforme apontados anteriormente. Antes de se imaginar que Gabriel não esteja mais utilizando substantivos em sua fala, é preciso considerar a aquisição dos pronomes substantivos como fenômeno desencadeante desta queda. Como já mencionado anteriormente, pesquisas sobre a aquisição da linguagem e mesmo a convivência com as crianças que estejam vivenciando este processo mostram claramente, que, em um período inicial, a criança nomeia, através do substantivo que designa cada ser ou situação, todas as vezes que precisar se referir a eles. Com o desenvolvimento do processo de aquisição da linguagem, a criança, gradualmente, passa a substituir estes nomes por pronomes cujo valor se identifica com aquilo que ela deseja nomear. Assim, ao invés de repetir várias vezes o seu próprio nome: 'Gabriel', para se auto-nomear, verificamos que o informante, gradualmente, passa a substituir este comportamento pelo uso do pronome substantivo 'eu', por exemplo.

Para verificar a influência quantitativa deste processo na diminuição das ocorrências dos substantivos, analisar-se-á, a seguir, a relação entre estes e os pronomes substantivos. O Gráfico 5.23 ilustra a distribuição destas classes em termos de ocorrências nas 25 entrevistas coletadas.

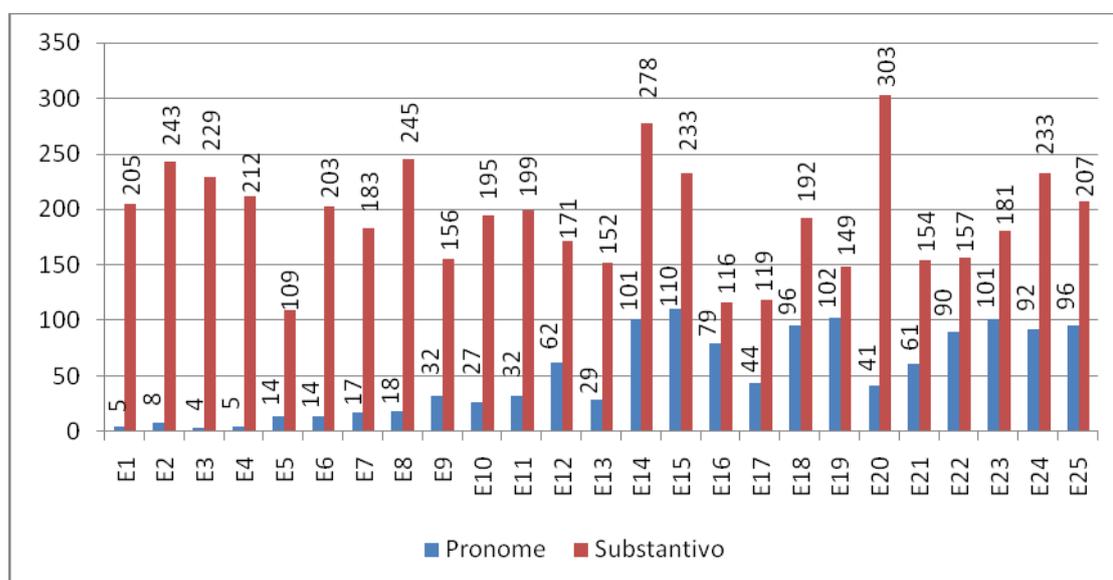


Gráfico 5.23: Ocorrências de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Gabriel)

A observação do gráfico nos mostra que, em um primeiro momento, apesar do domínio de um vocabulário extenso desde as primeiras entrevistas, há muito pouco uso dos pronomes substantivos. Da entrevista 1 (1:10;09) até a entrevista 4 (2:1;02), a média das ocorrências de substantivos é de 222 palavras, enquanto a de pronomes substantivos é de 5 palavras por entrevista. Ou seja, em média, há o registro de 44 substantivos para cada pronome substantivo neste período. Da entrevista 5 (2:1;14) até a entrevista 8 (2:2;27) registra-se uma queda no número de substantivos e um aumento no uso dos pronomes substantivos. Nestas quatro entrevistas registra-se uma média de 185 ocorrências de substantivos por entrevista, enquanto a média dos pronomes substantivos, neste período, é de 15 por entrevista. A relação entre substantivos e pronomes substantivos é de 12 substantivos para cada pronome substantivo. De modo geral, a taxa de crescimento dos substantivos sofreu uma queda de 16%, enquanto a dos pronomes substantivos aumentou 200% em relação ao período anterior. Esse comportamento fez com que a relação entre as duas classes também sofresse uma queda brusca, na ordem de -72%. Entre a entrevista 9 (2:3;11) e a entrevista 13 (2:5;06) observa-se uma continuidade deste processo, com o número de pronomes substantivos usados nestas entrevistas sendo, em média, de 36 palavras, enquanto a média de ocorrências dos substantivos é de 174 palavras, caindo a relação entre esta última classe e a primeira para 4 substantivos para cada pronome substantivo. Novamente, observa-se a influência de dois fenômenos para a instauração desta relação. Por um lado, há uma diminuição na taxa de crescimento dos substantivos, na ordem de 6%, enquanto, por outro lado, a taxa de crescimento dos pronomes substantivos continua alta: 140% em relação ao período anterior.

Mas, a partir da entrevista 14 (2:5;20), justamente aquelas que compõem o segundo período semestral de coleta de dados de Gabriel, é que se observa a manifestação de uma tendência que, apesar das oscilações encontradas, perdura até o final da coleta. A passagem da entrevista 13 para a entrevista 14 marca um aumento substancial das duas classes: enquanto os substantivos crescem 82%, os pronomes crescem 248% neste intervalo de 15 dias. É claro que é preciso considerar que estes números estão marcados pela queda do número de ocorrências como um todo da entrevista 13, já referida em análises anteriores. Porém, levando-se em conta somente estas duas classes gramaticais, a entrevista 13, por um lado, não destoa tanto das demais entrevistas de seu grupo e, por outro

lado, a entrevista 14 exibe, realmente, um número de ocorrências superior a todas as entrevistas anteriormente coletadas no que se refere, pelo menos, aos substantivos e pronomes substantivos.

De um modo geral, da entrevista 14 (2:5;06) até a entrevista 25 (2:11;27), foram coletados em média 193 ocorrências de substantivos por entrevista, enquanto a média dos pronomes substantivos foi de 84 ocorrências por entrevista. Em relação ao período anterior, houve um pequeno aumento na taxa de crescimento dos substantivos (10%). Em contrapartida, as ocorrências dos pronomes substantivos cresceram 133% no mesmo período. A relação entre substantivos e pronomes substantivos caiu para pouco mais de 2 substantivos para cada elemento da segunda classe em estudo. Estes dados, no caso de Gabriel, corroboram a hipótese de Vidor, Pacheco, Lamprecht e Andersen (2004), de que a diminuição no uso de substantivos na fala de crianças em período de aquisição lexical está relacionada à substituição de elementos desta classe por pronomes. Esse comportamento pode justificar a queda no uso de substantivos verificada na fala de Gabriel durante o segundo semestre do segundo ano de vida, apontando este período como o de aquisição consistente desta classe. Apesar disso, é preciso considerar que o uso da classe dos pronomes substantivos por parte do informante Gabriel ainda é incipiente, se comparada à análise feita dessa relação nos dois informantes anteriores – Ana e Leonardo – a despeito do maior vocabulário apresentado por este. Esse fato remete à reflexão sobre a relação entre quantidade e qualidade na aquisição lexical inicial, ou seja, entre tamanho de vocabulário e composição do mesmo em termos de domínio das classes gramaticais, questões que são discutidas nessa tese. Evento exemplar dessa falta de domínio do uso dos pronomes substantivos por parte de Gabriel é o uso reiterado de seu nome, inclusive em entrevistas com idade e tamanho de vocabulário bem avançados (ver quadros de exemplos anteriores). Ao todo, o menino produziu 139 ocorrências de “Gabriel” e 425 ocorrências do pronome “eu”, revelando que, em 25% das ocasiões em que se referiu a si mesmo, utilizou seu próprio nome. Interessante também notar, nesse sentido, a alta incidência de nomes próprios como palavras mais frequentes em diversas entrevistas (ver quadros anteriores). No que se refere ao desenvolvimento dos pronomes substantivos em especial, o Quadro 5.12 ilustra os elementos mais frequentes dessa classe por entrevista.

Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrência Corpus
E1	1:10;09	eu	5	425
E2	1;10;23	eu	5	425
E3	1:11;07	ele	2	280
E4	2:01;02	eu	7	83
E5	2:01;14	eu	7	425
E6	2;02;00	ele	10	280
E7	2:02;14	ele	14	280
E8	2:02;27	eu	16	425
E9	2:03;11	eu	24	425
E10	2:03;25	eu	15	425
E11	2:04;09	ele	12	280
E12	2:04;24	ele	41	280
E13	2:05;06	ele	12	280
E14	2:05;20	ela	58	90
E15	2:06;03	eu	40	425
E16	2:06;18	ele	37	280
E17	2:07;10	eu	21	425
E18	2:07;17	ele	62	280
E19	2:08;07	ele	56	280
E20	2:08;22	ela	28	90
E21	2:09;04	eu	26	425
E22	2:10;22	eu	34	425
E23	2:10;29	eu	41	425
E24	2:11;14	eu	36	425
E25	2:11;27	ele	36	80

Quadro 5.12: Pronomes substantivos mais frequentes por entrevista (Gabriel)

5.2.2.2 Verbos

No que se refere aos verbos, o Gráfico 5.24 ilustra a relação entre as entrevistas selecionadas em termos de tipos.

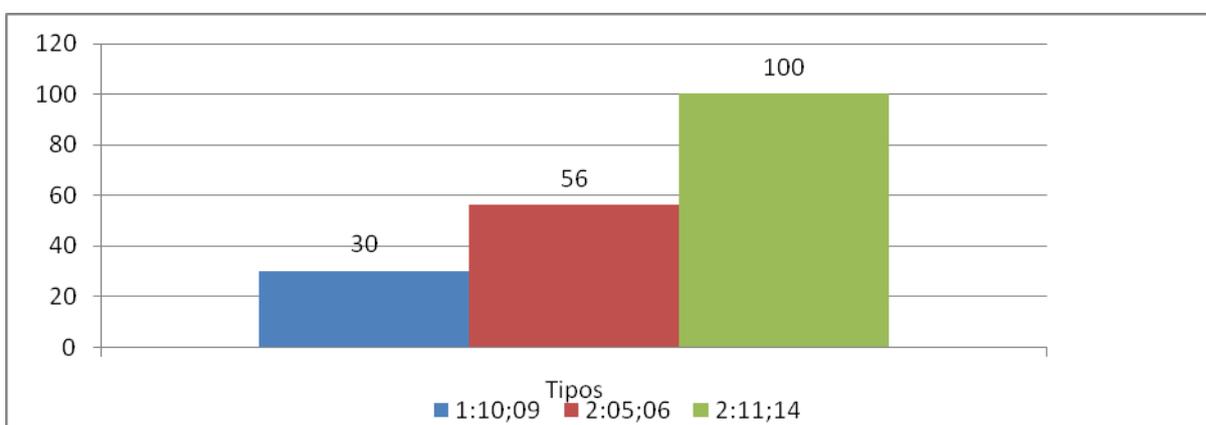


Gráfico 5.24: Tipos de verbos em entrevistas semestrais (Gabriel)

Pode-se observar um crescimento contínuo dos tipos dos verbos nas três entrevistas. Da entrevista 1 (1:10;09) para a entrevista 13 (2:5;06) a taxa de crescimento é de 86%, e desta para a entrevista 24 (2:11;14) é de 78%. Tomando-se os períodos semestrais e levando-se em conta todas as entrevistas que foram neles realizadas, verifica-se também um crescimento, como se observa no Gráfico 5.25.

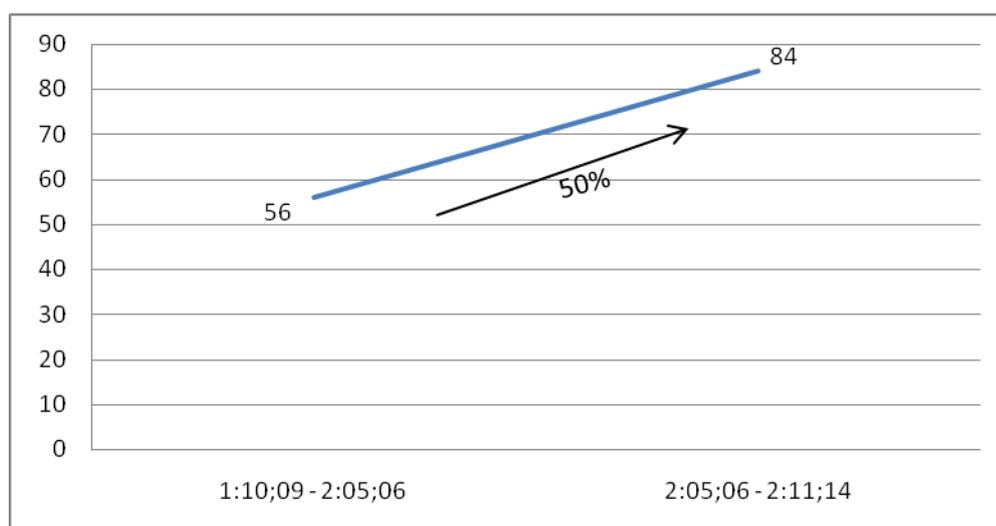


Gráfico 5.25: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de verbos em períodos semestrais (Gabriel)

Embora menor, a taxa de crescimento entre as médias semestrais revela um incremento de vocábulos na classe dos verbos ao longo do período da coleta de dados.

Ainda no que se refere aos verbos, o Gráfico 5.26 ilustra o comportamento das ocorrências nas três entrevistas semestrais.

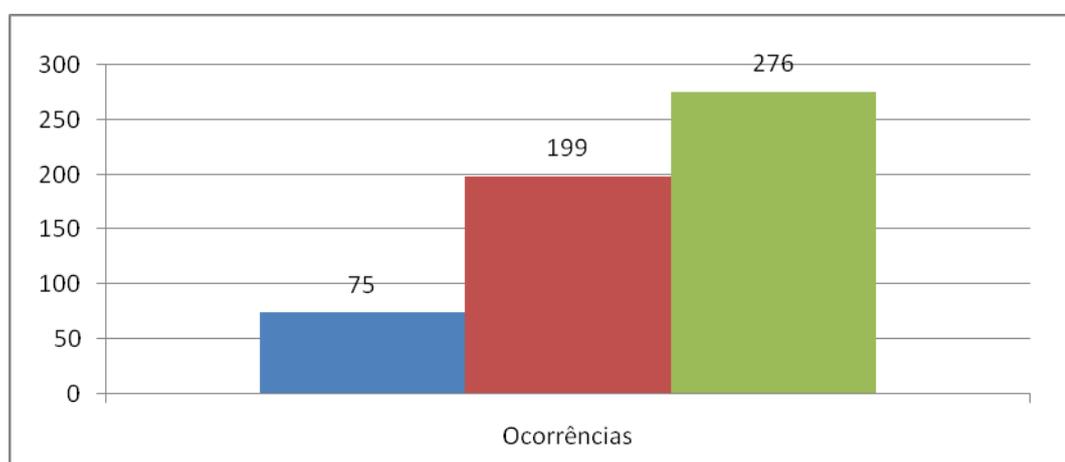


Gráfico 5.26: Ocorrências de verbos em entrevistas semestrais (Gabriel)

Observa-se, ao contrário dos substantivos, um aumento gradual e contínuo do uso dos verbos por parte de Gabriel. Da entrevista 1 (1:10;09) para a entrevista 13 (2:5;06) registra-se uma taxa de crescimento de 165%, enquanto desta para a entrevista 24 (2:13;14), a taxa de crescimento das ocorrências dos verbos é de 38%. A comparação destes dados com aqueles obtidos para as ocorrências como um todo do *corpus* de Gabriel (Gráfico 5.4) e com os achados das ocorrências em relação aos substantivos (Gráfico 5.24) evidencia a influência desta classe no desenvolvimento da fala do informante.

Tomando-se todas as entrevistas coletadas entre estes intervalos semestrais, desenha-se um Gráfico como 5.27, abaixo.

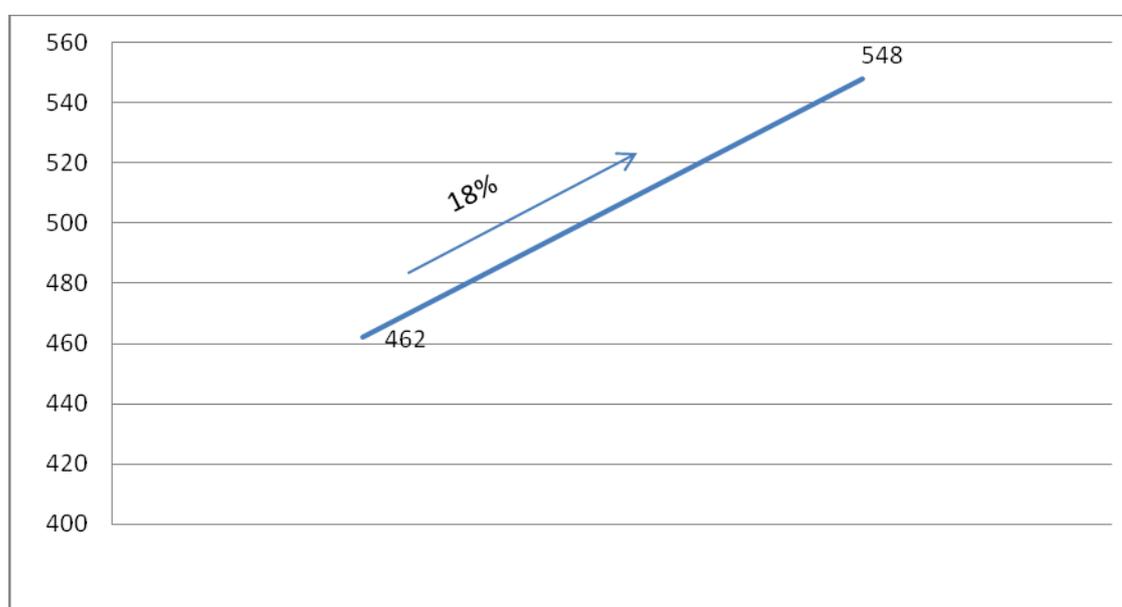


Gráfico 5.27: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de verbos em períodos semestrais (Gabriel)

No primeiro período (entre 1:10;09 e 2:5;06) Gabriel falou uma média de 462 verbos por mês. No segundo período (entre 2:5;06 e 2:11;14), essa média subiu para 548 ocorrências de verbos ao mês, registrando uma taxa de crescimento de 18% entre os períodos analisados.

Comparando-se o desenvolvimento das duas classes em estudo nas entrevistas selecionadas nos períodos semestrais, pode-se observar que, no caso de Gabriel, ao contrário dos informantes anteriores, o número de tipos de verbos supera o de substantivos no terceiro semestre de coleta. Ainda assim, verifica-se a prevalência desta classe nas entrevistas iniciais, atestando a atuação da hipótese do

viés nominal. Talvez este comportamento diferenciado esteja relacionado à estruturação do discurso deste informante, como comentado desde o início desta análise. O Gráfico 5.28 resume este desenvolvimento.

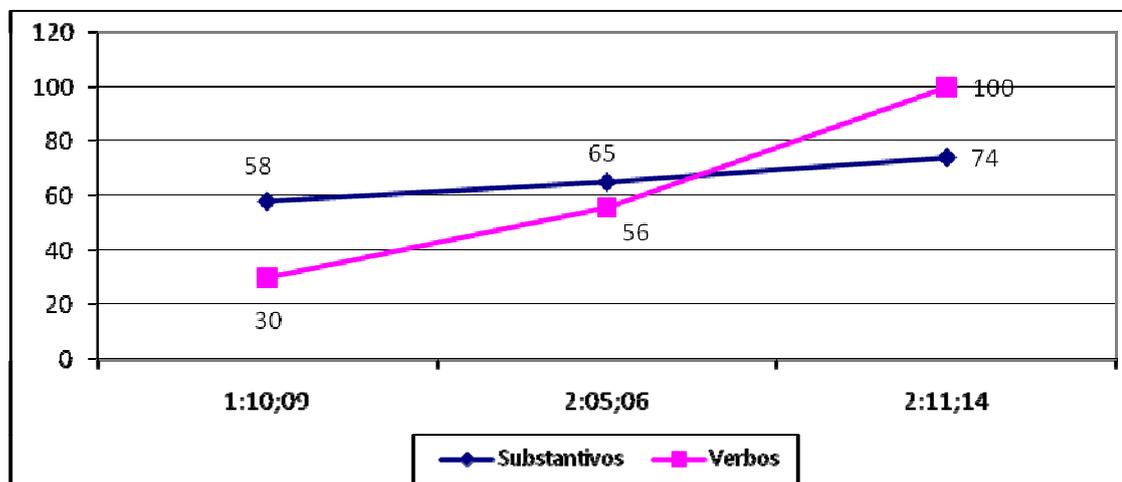


Gráfico 5.28: Relação entre tipos de substantivos e verbos (Gabriel)

No que se refere às ocorrências, o comportamento é semelhante ao encontrado para os demais informantes. Mesmo antes de superar o número de substantivos em termos de tipos, os verbos são mais usados na fala de Gabriel (veja-se a relação entre tipos e ocorrências na entrevista 2:5;06). Com a superação em termos de tipos, esta classe só tende a crescer em termos de ocorrências, como pode ser visualizado no Gráfico 5.29, que reúne os dados de ocorrências dos substantivos e verbos em entrevistas semestrais para comparação.

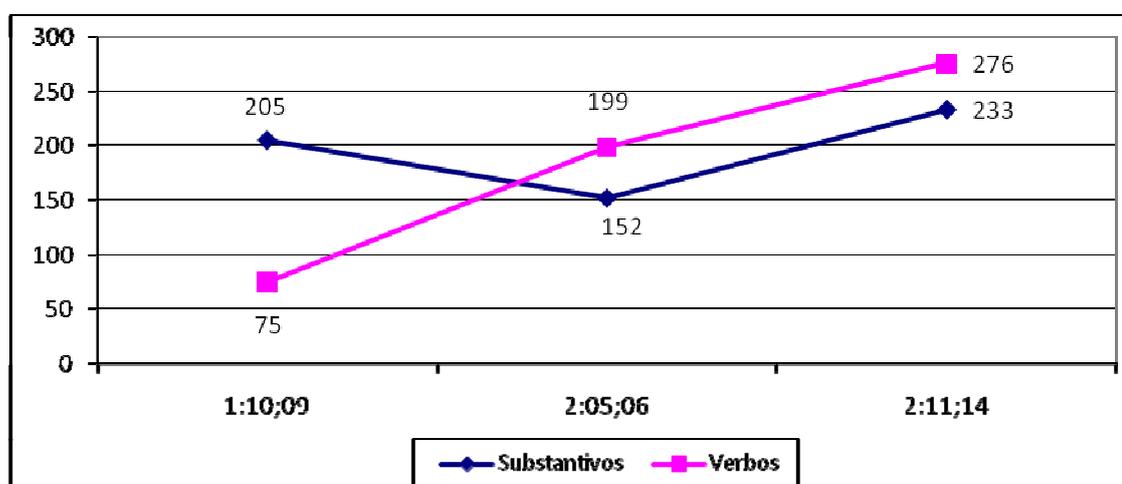


Gráfico 5.29: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Gabriel)

5.3 Considerações finais (Gabriel)

Os dados do informante Gabriel trazem à tona uma reflexão um pouco diferente daquela que vinha se fazendo até aqui nessa tese. Isso porque o período de coleta aqui analisado, a partir de 1:10:09 já inicia com um vocabulário de tamanho considerável – 136 tipos e 580 ocorrências. Esse fato impede que se possa traçar a evolução do vocabulário do menino entre as 50 primeiras palavras e o período entre este e 100 palavras, o qual parece ser marco para o acontecimento do fenômeno da explosão do vocabulário, como se vinha delineando até aqui pela análise dos demais informantes e em conformidade com os dados disponíveis na literatura e nessa tese apresentados. Por esse motivo e pelos argumentos gerados ao longo desse capítulo, infere-se que o fenômeno tenha ocorrido na fala de Gabriel antes do início da coleta de dados e, portanto, nenhuma conclusão sobre esse tema pode ser tirada desse informante.

Quanto aos demais aspectos analisados, os dados de Gabriel corroboram, em grande parte, aqueles apresentados para os dois informantes anteriores – Ana e Leandro.

No que se refere à relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais, observa-se um domínio dessas últimas em termos de tipos de elementos das classes que compõem essa categoria – pronomes, numerais, conjunções, advérbios, interjeições, artigos e preposições – desde o início da coleta, com o vocabulário dessas classes crescendo tanto em termos de tipos como de ocorrências ao longo do período de coleta. Esse crescimento influencia até mesmo o desenvolvimento da classe dos substantivos, que têm suas taxas de crescimento, principalmente em termos de ocorrências, diminuídas a partir da incorporação e uso de pronomes substantivos ao léxico do menino, corroborando a hipótese levantada por Vidor, Pacheco, Lamprecht e Andersen (2004).

No que se refere à atuação da hipótese do viés nominal na fala de Gabriel, é possível observar, apesar do tamanho já considerável do vocabulário do menino ao longo da coleta, uma prevalência clara da classe dos substantivos sobre o dos verbos em um período inicial tanto em termos de tipos como de ocorrências, a despeito da inversão dessa relação por volta dos 2:6.

Enfim, os dados do menino Gabriel, apesar de suas particularidades apóiam a existência dos fenômenos aqui estudados, a saber, a explosão de vocabulário e a hipótese do viés nominal, mesmo que de forma indireta e inferencial.

6 INFORMANTE 4: GABRIELA

Os dados da menina Gabriela fazem parte do Banco de Dados INIFONO e AQUIFONO do CEAAL – Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem – que contam com dados transversais e longitudinais de crianças de 1 a 2 anos e de 2 a 6 anos, respectivamente. Gabriela é a filha de um casal de nível universitário e, durante o período de coleta de dados tinha seus cuidados divididos entre os pais, que trabalhavam fora, uma babá e a escolinha.

Ao todo, para esta pesquisa, foram utilizadas 26 entrevistas da menina, coletadas longitudinalmente entre a idade de 1;2;13 e 3;0;21. O Quadro 6.1 exhibe as entrevistas utilizadas com as respectivas idades da menina no momento da coleta.

O período entre uma entrevista e outra foi de 26 dias em média, variando entre 12 e 96 dias. Em geral, observa-se a tentativa (bem sucedida) de coleta dos dados a cada 15 dias durante o primeiro ano de vida da menina e um espaçamento maior, buscando um intervalo de 30 dias durante o segundo ano de vida de Gabriela. Por motivos alheios à disposição desta pesquisa (e da configuração do banco de dados com coletas longitudinais, antes disso), esse prazo nem sempre foi respeitado, uma vez que se deve considerar, neste longo período de coleta, empecilhos como viagens da família, doenças da criança e outras situações que escapam a este controle. Ao todo, durante as entrevistas, foram coletadas 9431 ocorrências relativos a 1310 tipos.

6.1 Explosão de vocabulário

Durante a aquisição lexical, muitas crianças passam de um desenvolvimento lento e gradual para uma incorporação muito rápida de itens lexicais ao seu

vocabulário, fenômeno que dura um curto espaço de tempo e que se denomina explosão de vocabulário.

A fim de verificar a existência do fenômeno da explosão de vocabulário na fala de Gabriela, propõe-se a análise, a seguir, dos dados coletados da menina em termos de tipos e ocorrências.

ENTREVISTA	IDADE
E1	1:2;13 (um ano, dois meses e treze dias);
E2	1:2;27 (um ano, dois meses e vinte e sete dias);
E3	1:3;10 (um ano, três meses e dez dias);
E4	1:3;24 (um ano, três meses e vinte e quatro dias);
E5	1:4;09 (um ano, quatro meses e nove dias);
E6	1:4;22 (um ano, quatro meses e vinte e dois dias);
E7	1:5;07 (um ano, cinco meses e sete dias);
E8	1:5;20 (um ano, cinco meses e vinte dias);
E9	1:6;03 (um ano, seis meses e três dias);
E10	1:6;17 (um ano, seis meses e dezessete dias);
E11	1:7;01 (um ano, sete meses e um dia);
E12	1:7;15 (um ano, sete meses e quinze dias);
E13	1:7;28 (um ano, sete meses e vinte e oito dias);
E14	1:8;12 (um ano, oito meses e doze dias);
E15	1:8;27 (um ano, oito meses e vinte e sete dias);
E16	1:9;09 (um ano, nove meses e nove dias);
E17	1:10;21 (um ano, dez meses e vinte e um dias);
E18	2:1;27 (dois anos, um mês e vinte e sete dias);
E19	2:2;19 (dois anos, dois meses e dezenove dias);
E20	2:3;17 (dois anos, três meses e dezessete dias);
E21	2:5;24 (dois anos, cinco meses e vinte e quatro dias);
E22	2:7;12 (dois anos, sete meses e doze dias);
E23	2:8;16 (dois anos, oito meses e dezesseis dias);
E24	2:9;16 (dois anos, nove meses e dezesseis dias);
E25	2:10;17 (dois anos, dez meses e dezessete dias);
E26	3:0;21 (três anos e vinte e um dias).

Quadro 6.1: Entrevistas utilizadas por idade (Gabriela)

Para isso, observe-se o Gráfico 6.1, que reúne os dados absolutos destas duas categorias ao longo das 26 entrevistas da coleta.

A observação do gráfico permite notar um desenvolvimento extraordinário do vocabulário da menina, tanto em termos de tipos quanto de ocorrências. Apesar de registrar algumas regressões tanto em um desenvolvimento como em outro, a tendência é ascendente, e a aquisição se dá muito mais em termos de ocorrências do que de tipos. Isso significa que, ao longo da coleta, houve um período em que a incorporação de novas palavras ao léxico de Gabriela não era mais a justificativa

para o aumento do número de ocorrências, e estas passaram a se desenvolver independentemente daqueles. Esse fato demonstra a evolução distinta dessas duas categorias, conforme já apontada em vários momentos dessa tese, apesar da óbvia relação entre elas.

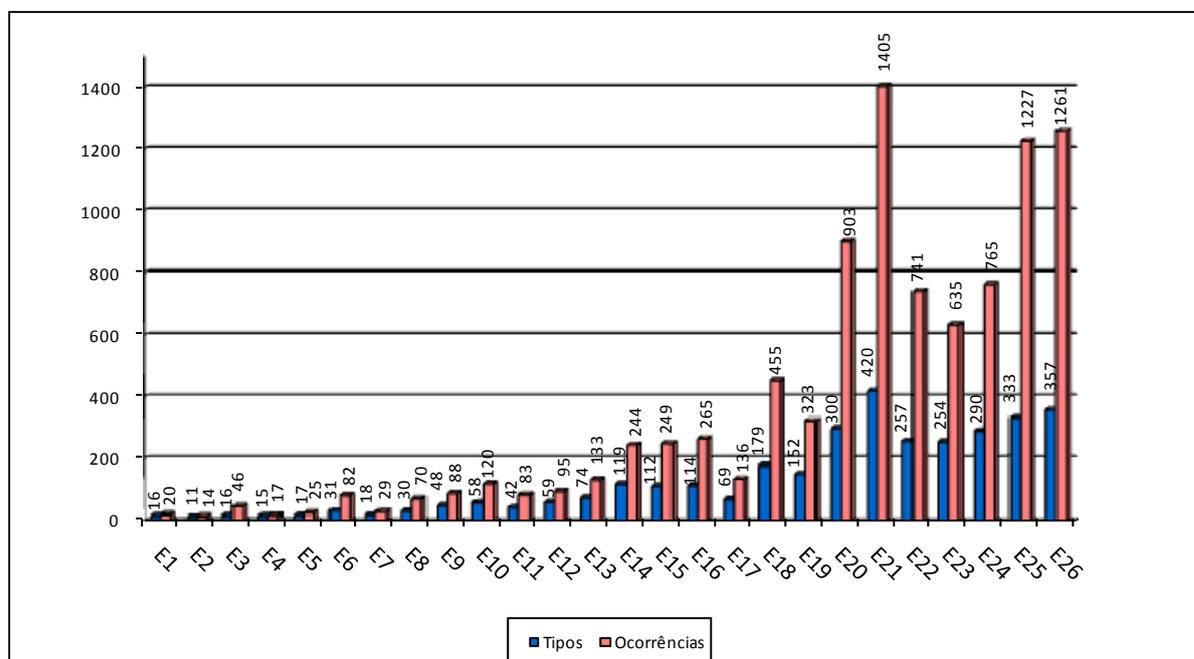


Gráfico 6.1: Número de tipos e ocorrências por entrevista em valores absolutos (Gabriela)

6.1.1 Relação entre tipos e ocorrências

A análise por tipos é o parâmetro que informa a incorporação de novas palavras ao léxico da menina e, portanto, é o que vai responder a respeito da existência de um período, durante a coleta, no qual o padrão de aquisição de novos vocábulos passa de um desenvolvimento lento para um crescimento rápido e abrupto, caracterizando o fenômeno da explosão de vocabulário.

Observando-se o desenvolvimento lexical de Gabriela em termos de tipos ao longo das 26 entrevistas coletadas, registra-se um crescimento de 3718% em termos de tipos, levando-se em consideração a entrevista em que ela menos falou – E2 (1:2;27), com 11 tipos – e aquela na qual ela produziu maior número de palavras diferentes – E21 (2:5;24), com 420 tipos⁴⁹.

⁴⁹ A fim de se manter aqui o mesmo padrão utilizado para os demais informantes, essas entrevistas foram selecionadas a partir do número de palavras ditas por Gabriela e não por sua posição na coleta, o mesmo acontecendo para as ocorrências.

Ao lado da análise por tipos propõe-se, no escopo dessa tese, uma análise por ocorrências, ou seja, levando-se em consideração todas as palavras ditas por Gabriela a cada entrevista, a fim de buscar o desenvolvimento desse parâmetro que, conforme já observado, apesar de manter estrita relação com os tipos, demonstra apresentar evolução diferente desses e, ainda, interfere de modo marcante no estudo da composição do léxico infantil em termos do uso dos elementos das diferentes classes gramaticais.

Tomando-se como base a entrevista 2 (1:2;27), aquela em que Gabriela menos falou – 14 ocorrências – e a entrevista 21 (2:5;24), aquela em que ela mais falou – 1045 ocorrências – observa-se um crescimento de 7364% ao longo do período de coleta no que se refere às ocorrências.

Grosso modo, pode-se dividir o desenvolvimento do vocabulário de Gabriela em 4 etapas, de acordo com os dados apresentados no Gráfico 6.1.

- a) da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 5 (1:4;09), o número de tipos varia entre 11 e 17, ou seja, registra-se uma média de 15 tipos por entrevista;
- b) da entrevista 6 (1:4;22) até a entrevista 13 (1:7;28), o número de tipos varia entre 18 e 74, com média de 45 tipos por entrevista. A taxa de crescimento desta etapa em relação a anterior é de 200%;
- c) da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19), o número de tipos varia de 69 a 179, com média de 124 palavras por entrevista. Em relação à etapa anterior registra-se um aumento de 175%;
- d) da entrevista 20 (2:3;17) até a entrevista 26 (3:0;21), o número de tipos varia de 254 a 420, com média de 315 tipos por entrevista. A taxa de crescimento entre essa etapa e a anterior é de 154%.

Entre cada uma das etapas é registrado um crescimento extraordinário, compatível com o critério que define explosão de vocabulário para esta pesquisa. Portanto, a definição da existência desse fenômeno, na fala de Gabriela, terá de ser avaliada aliando-se o critério matemático a critérios lingüísticos que caracterizam o referido período.

Com relação às ocorrências, pode-se traçar uma divisão de etapas idêntica aquela obtida para os tipos. No entanto, no que se refere a esta categoria, verifica-se muito mais oscilações dentro de cada período, como se pode ver no detalhamento a seguir:

- a) da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 5 (1:4;09) registra-se uma média de 24 palavras, com variação entre 14 e 46 ocorrências;
- b) da entrevista 6 (1:4;22) até a entrevista 13 (1:7;28), a média das ocorrências é de 87 palavras por entrevista, variando entre 29 e 133 ocorrências. Levando-se em consideração estas médias, a taxa de crescimento entre um período e outro é de 262%;
- c) da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19), a média das ocorrências é de 278 palavras por entrevista, variando entre 136 e 455. A taxa de crescimento em relação à média do período anterior é de 219%;
- d) da entrevista 20 (2:3;17) até a entrevista 26 (3:0;21), a média das ocorrências por entrevista é de 991 palavras, variando entre 635 e 1405 ocorrências. A taxa de crescimento em relação à média do período anterior é de 256%.

Tanto tomando-se o crescimento geral de Gabriela como o desenvolvimento por etapas, chega-se a duas conclusões:

- 1) a primeira é que as ocorrências sofrem um crescimento muito mais expressivo do que os tipos na fala da menina, embora este também seja espantoso;
- 2) a segunda é que o crescimento do vocabulário se dá em etapas, mas não de forma contínua. A linha de aquisição – e as taxas de crescimento apresentadas – revelam que, a cada etapa, há um incremento marcante no vocabulário da menina. Esta separação por etapas é bem mais visível para os tipos do que para as ocorrências, as quais apresentam muitas oscilações dentro de um mesmo período.

Outro fato interessante na análise do vocabulário de Gabriela é a relação entre tipos e ocorrências durante o período de coleta. De modo geral, poderia se dizer que Gabriela repetiu, em média, 7 vezes cada palavra de seu vocabulário, mas tal afirmação necessita de análises qualitativas mais minuciosas para que tenha valor, uma vez que se sabe, *a priori*, que a utilização das palavras varia muito conforme o conhecimento da criança tanto a respeito da sua significação como no que se refere as suas restrições sintáticas e morfológicas.

Nos dados de Gabriela, por exemplo, assim como nos demais informantes, o vocábulo mais freqüente foi a forma conjugada “é”, com 573 ocorrências. Como esse é um dado que se repetiu nos quatro informantes da amostra e, a princípio, indica a freqüência de um vocábulo não esperado, de acordo com o descrito na literatura, por

se tratar de um verbo e, portanto, de uma palavra de conteúdo, sua presença será discutida de forma mais detalhada no capítulo seguinte, que reúne informações dos dados das quatro crianças coletadas para essa tese.

O Gráfico 6.2 resume o desenvolvimento da relação entre tipos e ocorrências para que se possam tecer os comentários a respeito.

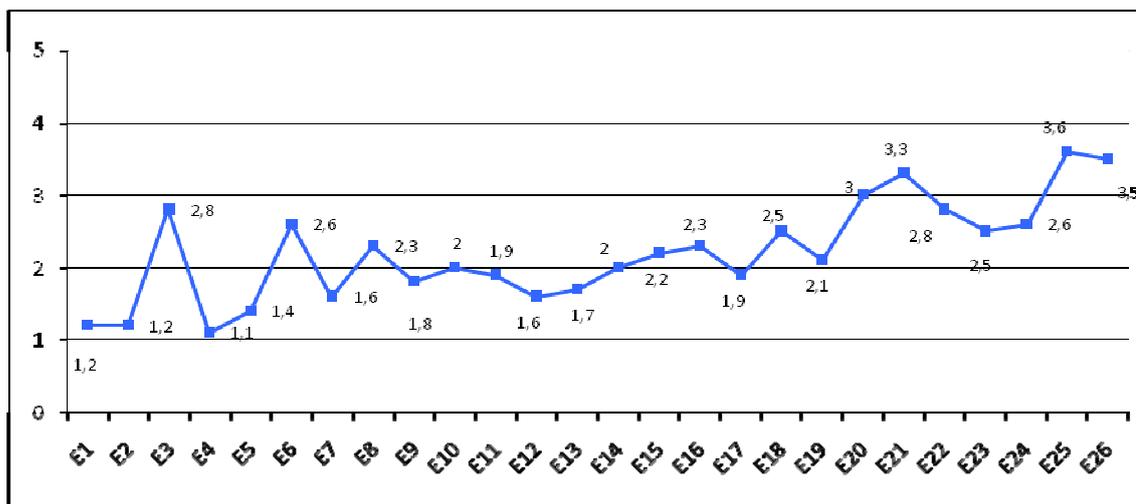


Gráfico 6.2: Relação de ocorrências e tipos por entrevista (Gabriela)

Primeiramente, observa-se uma relação não muito discrepante entre estas duas categorias, variando de 1,1 a 3,6 repetições de cada palavra.

Da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 8 (1:5;20), verifica-se uma grande oscilação nesta relação, variando entre 1,1 e 2,8. Esta oscilação parece estar relacionada ao pequeno número de palavras, tanto em termos de tipos como de ocorrências, registrado nestas entrevistas. Os tipos oscilam entre 11 e 31 palavras, com média de 19 tipos por entrevista. As ocorrências oscilam entre 14 e 82, com média de 37 por entrevista. Essa oscilação das ocorrências está relacionada, neste período, à repetição de palavras isoladas. Na entrevista 3 (1:3;10), por exemplo, que exibe uma relação de 2,8 ocorrências para cada tipo, 17 dos 46 ocorrências (36%) se referem à palavra 'bola'. Na entrevista 6 (1:4;22), que também revela um índice de repetição alto (2,6), 35 dos 82 ocorrências (42%) referem-se a interjeições, elementos muito comuns no período inicial de aquisição. Em média, registra-se uma relação de 1,7 ocorrências para cada tipo no período.

Da entrevista 9 (1:6;03) até a entrevista 19 (2:2;19), a relação entre as duas categorias oscila em torno de 2 ocorrências para cada tipo (variando entre 1,7 e 2,5). Neste período, os tipos crescem gradualmente entre 48 e 152 palavras em cada

coleta. A partir da entrevista 12 (1:7;15) há um movimento de aumento gradual da relação que culmina na entrevista 18 (2:1;27), com apenas dois pontos de queda: a entrevista 17 (1:10;21), onde se verifica uma queda geral de tipos e de ocorrências em relação às entrevistas anteriores, e a entrevista 19 (2:2;19), onde o mesmo fenômeno é observado. Como já comentado anteriormente, estes recuos no número de dados coletados em algumas entrevistas se devem, provavelmente, a aspectos ligados à criança naquele momento e não a padrões verificados na aquisição lexical infantil. Retirando-se estas entrevistas, o aumento da relação entre tipos e ocorrências registrado neste período se deve sempre ao comportamento das ocorrências, cujo crescimento, como já visto, é extraordinário na fala de Gabriela.

Da entrevista 20 (2:3;17) até a entrevista 26 (3:0;21) registra-se uma média de 3 ocorrências para cada tipo. Esse aumento está relacionado, por um lado, ao grande crescimento do vocabulário de Gabriela neste período (entre a entrevista 19 e a entrevista 20 a taxa de crescimento dos tipos foi de 97%) e, por outro lado, ao crescimento diferenciado das ocorrências em relação aos tipos (neste mesmo ponto, a taxa de crescimento das ocorrências foi de 179%). As quedas desta relação registradas neste período (entrevistas 22, 23 e 24) se devem, novamente, a uma redução dos dados como um todo nestas entrevistas. O Quadro 6.2, abaixo, dá uma idéia concreta da relação entre tipos e ocorrências na fala de Gabriela, indicando os itens lexicais mais freqüentes a cada entrevista coletada.

A observação do quadro permite tecer alguns comentários a respeito da relação entre tipos e ocorrências na fala de Gabriela. Primeiramente, em relação às palavras nele expostas, vale ressaltar o seguinte.

- a) A forma conjugada 'é', apesar de ser o vocábulo mais freqüente na fala da informante, registrando 573 ocorrências, só aparece como mais freqüente em 5 das 26 entrevistas do *corpus*. No entanto, o índice de ocorrência desse vocábulo, principalmente a partir dos 2 anos de idade é muito alto. Somente nessas cinco entrevistas registram-se 343 ocorrências desse vocábulo, ou seja, 59% de todas as ocorrências do mesmo no *corpus*, revelando que sua incidência está ligada à aquisição dos verbos pela informante;
- b) Das 21 entrevistas em que a forma conjugada 'é' não é a mais freqüente, 18 apresentam uma palavra gramatical como aquela que mais se fez presente no vocabulário de Gabriela. Esse dado corrobora

a maior repetição de vocábulos dessa categoria de vida a características intrínsecas da mesma, aproximando os dados de Gabriela daqueles obtidos para a fala adulta (Biderman, 2001) já comentados anteriormente;

- c) Apesar da maior prevalência desses vocábulos na maioria das entrevistas ('é' e palavras gramaticais), é importante registrar a ocorrência de 5 substantivos (palhaço, pé bola, lua e gordura) e 1 adjetivo (pronto) como os mais recorrentes em 6 das 26 entrevistas do *corpus*. A prevalência dessas palavras, apesar de seu índice menor de repetição, aponta para a importância da categoria das palavras de conteúdo, em especial dos substantivos, em um período inicial de aquisição que, no caso de Gabriela, é anterior aos 1:6.

Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências
E1	1:2;13	palhaço	4
E2	1:2;27	o/pé	2
E3	1:3;10	bola	17
E4	1:3;24	lua	6
E5	1:4;09	a/o	3
E6	1:4;22	ah!	7
E7	1:5;07	a	5
E8	1:5;20	a/pronto	8
E9	1:6;03	a	9
E10	1:6;17	o	13
E11	1:7;01	o	14
E12	1:7;15	o	13
E13	1:7;28	o	13
E14	1:8;12	a	17
E15	1:8;27	a	21
E16	1:9;09	o	19
E17	1:10;21	o	16
E18	2:1;27	é	43
E19	2:2;19	é	60
E20	2:3;17	eu	45
E21	2:5;24	eu	62
E22	2:7;12	eu/gordura	43
E23	2:8;16	é	60
E24	2:9;16	não	38
E25	2:10;17	é	99
E26	3:0;21	é	81

Quadro 6.2: Palavras mais freqüentes por entrevista (Gabriela)

Em segundo lugar, é interessante notar, novamente registradas nos períodos e a de cada palavra isoladamente. Enquanto no primeiro período (entre 1:2;13 e 1:5;20) a média de repetição das palavras, por entrevista, é de 1,7, o vocábulo mais recorrente do período – o artigo ‘a’ – foi repetido 22 vezes. Esse dado revela que uma grande quantidade dos vocábulos ditos por Gabriela não se repetem ou se repetem muito pouco, fazendo com que a média dessa relação caia de forma marcante. O mesmo fenômeno, embora em menor amplitude, também é registrado no restante da coleta. No segundo período (entre 1:6;03 e 2:2;19), a relação entre tipos e ocorrências é de 2 por entrevista, enquanto o vocábulo mais freqüente do período – a forma conjugada ‘é’ – foi repetida 148 vezes. No terceiro período (entre 2:3;17 e 3:0;21), a relação entre tipos e ocorrências é de 3 por entrevista, sendo o vocábulo mais freqüente do período – novamente a forma conjugada ‘é’ – repetido 425 vezes.

Ao se comparar os resultados desses vocábulos específicos com a taxa de crescimento apresentada para a relação entre tipos e ocorrências, verifica-se que, enquanto do primeiro para o segundo período o crescimento dessa relação foi de 17%, a relação entre o número de repetições do artigo ‘a’ – o mais prevalente do primeiro período - e o número de repetições da forma conjugada ‘é’ – vocábulo mais freqüente no segundo período – registra um crescimento de 572%. Do segundo para o terceiro período, a taxa de crescimento da relação tipo X ocorrência é de 50%, enquanto entre as repetições do vocábulo ‘é’ – o mais freqüente nos dois períodos – registra-se um crescimento de 187%. Esses dados revelam que, em um primeiro momento há poucas repetições de vocábulos, sendo que esse fato se transforma substancialmente no decorrer da coleta, especialmente para alguns vocábulos específicos. A diminuição da taxa de crescimento desses vocábulos específicos entre o segundo e o terceiro períodos de coleta, quando comparado com a passagem entre o primeiro e o segundo, revela que, ao lado da forma conjugada ‘é’, outras palavras também ampliaram suas taxas de repetição.

Como já verificado nas análises anteriores, este aumento na relação entre ocorrências e tipos pode estar relacionado ao domínio, neste período, da classe das palavras gramaticais.

6.1.2 Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais

Para testar esta hipótese no *corpus* de Gabriela, passa-se, a seguir, à descrição dos dados em duas classes: palavras de conteúdo ou de significação plena e palavras gramaticais ou instrumentais. Conforme especificado na metodologia deste trabalho, as palavras de conteúdo reúnem a classe dos substantivos (próprios e comuns), dos verbos (simples e compostos – locuções verbais) e dos adjetivos, bem como das onomatopéias as palavras gramaticais se referem ao conjunto formado pelos pronomes (substantivos e adjetivos), numerais, conjunções, advérbios, interjeições, artigos e preposições.

Esta descrição será feita em termos de tipos e de ocorrências. A descrição por tipos tem como objetivo verificar em que ponto a aquisição das palavras gramaticais se torna mais consistente. Isso feito, passa-se à descrição por ocorrências porque acreditasse, pelas próprias características desta classe, que, uma vez adquiridos seus elementos, seu uso no discurso se torna mais consistente.

6.1.2.1 Por entrevista

Partindo-se dessa definição, o Gráfico 6.3 expõe o desenvolvimento destas duas classes em termos de tipos.

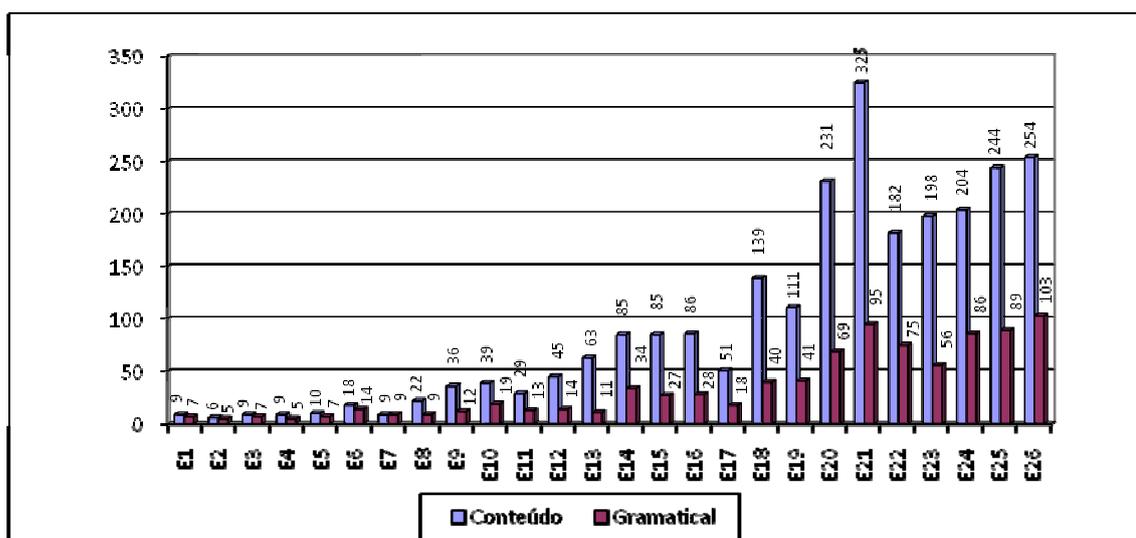


Gráfico 6.3: Tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Gabriela)

Observando-se primeiramente o desenvolvimento das palavras de conteúdo, pode-se observar um crescimento de 5316% desta classe no decorrer da coleta.

Para fins de comparação, dividir-se-á os dados referentes ao desenvolvimento das palavras de conteúdo nas mesmas etapas utilizadas para a análise dos tipos.

- 1) da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 5 (1:4;09), a média das palavras de conteúdo gira em torno de 8 tipos por entrevista (entre 6 e 10);
- 2) da entrevista 6 (1:4;22) até a entrevista 13 (1:7;28), observa-se uma média de 32 tipos por entrevista. Na passagem do período anterior para este (entre a entrevista 5 e a entrevista 6), registra-se um crescimento de 80% no número de palavras de conteúdo. Na entrevista seguinte (7 – 1:5;07), há um decréscimo na taxa de crescimento das palavras de conteúdo, em torno de 100%. Embora corresponda a um declínio também dos tipos como um todo, esta queda é muito mais acentuada nesta classe. A passagem para a entrevista 8 (1:5;20) retoma então o padrão do período, exibindo 22 tipos de palavras de conteúdo e uma taxa de crescimento de 144% em relação à entrevista anterior. A partir da entrevista 8, seguem três entrevistas (entre 1:6;03 e 1:7;01) que apresentam um número de palavras de conteúdo muito semelhante, oscilando entre 29 e 39 tipos. A taxa de crescimento registrada entre a entrevista 12 e esta etapa anterior é de 32% e, desta entrevista para a entrevista 13 (1:7;28) registra-se um crescimento de 40%. No geral, esta etapa apresenta 300% de crescimento das palavras de conteúdo em relação à primeira etapa;
- 3) da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19), a média de tipos de palavras de conteúdo fica em torno de 92 tipos, registrando um crescimento de 187% em relação à etapa anterior. Na verdade, o limite desta etapa na entrevista 19 se dá muito mais em função da diferença em termos de tipos que a próxima etapa irá apresentar do que às suas similaridades internas. Pode-se separar, neste período, as três primeiras entrevistas (entre 1:8;12 e 1:9;09) que apresentam praticamente o mesmo número de tipos de palavras de conteúdo (85, 85 e 86, respectivamente). Em relação a este grupo, a entrevista 17 (1:10;21) registra um decréscimo na ordem de 40% na taxa de crescimento, exatamente o mesmo evidenciado para os tipos como um todo. A entrevista 18 (2:1;27) dá um

novo salto no número de tipos de palavras de conteúdo – 172% - também influenciado pelo crescimento dos tipos como um todo. A entrevista 19 (2:2;19) apresenta um decréscimo em relação a esta entrevista – 20% - retomando a média do período;

- 4) da entrevista 20 (2:3;17) até a entrevista 26 (3:0;21) a classe das palavras de conteúdo apresenta um aumento expressivo – 154% - em relação ao período anterior. A média desta etapa é de 234 tipos de palavras de conteúdo, oscilando entre 182 e 325. Neste intervalo, também se observam comportamentos distintos. Na passagem da entrevista 19 para a entrevista 20, a taxa de crescimento registrada foi de 108% e cresceu ainda mais desta para a próxima entrevista (21 – 2:5;24) – 40%. A partir desta entrevista, registra-se uma diminuição do número de palavras de conteúdo, que se mantém durante as próximas três entrevistas (entre 2:7;12 e 2:9;16). Neste intervalo o número de tipos de palavras de conteúdo é de 194, oscilando entre 182 e 204. O decréscimo registrado em relação à entrevista anterior fica em torno de 67%. As duas últimas entrevistas (entre 2:10;17 e 3:0;21) retomam o padrão de crescimento, registrando uma média de 249 tipos (entre 244 e 254) e uma taxa de crescimento de 28% em relação ao intervalo anterior.

As taxas de crescimento registradas para o desenvolvimento das palavras de conteúdo – 300%, 187% e 154% - quando comparadas com aquelas obtidas para os tipos como um todo, obedecendo aos mesmos períodos – 200%, 175% e 154% - levam a duas conclusões a respeito da influência desta classe na aquisição do vocabulário de Gabriela.

- 1) a aquisição das palavras de conteúdo está intimamente relacionada à aquisição do vocabulário da menina, demonstrando que esta classe acompanha o desenvolvimento lexical da criança;
- 2) a influência da aquisição de palavras de conteúdo é mais evidente quanto mais nova é a informante. Em outras palavras, a aquisição de palavras de conteúdo influencia mais o acréscimo de vocabulário registrado entre o primeiro e o segundo período de coleta analisados e menos à medida que Gabriela vai ficando mais velha e seu vocabulário vai se ampliando. Isso significa dizer que a evolução na taxa de crescimento entre o primeiro e o segundo períodos pode ser vista

como um aumento na aquisição de palavras de conteúdo. Do segundo para o terceiro período esta influência é menor, diminuindo ainda mais do terceiro para o quarto período analisados.

Sendo assim, espera-se que as palavras gramaticais evidenciem comportamento complementar a este, revelando uma aquisição mais tardia na fala da informante. A fim de verificar tal hipótese, segue-se a análise dos tipos das palavras gramaticais, conforme ilustrado no Gráfico 6.3.

Ao todo, verificou-se um aumento de 1960% na aquisição das palavras gramaticais no decorrer da coleta, assim delineado.

1. da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 5 (1:4;09), o número de palavras gramaticais é muito reduzido – oscila entre 5 e 7 – e registra uma média de 6 tipos por entrevista;
2. da entrevista 6 (1:4;22) até a entrevista 13 (1:7;28), a média de tipos de palavras gramaticais fica em torno de 12 tipos, registrando um aumento de 100% em relação à etapa anterior;
3. entre a entrevista 14 (1:8;12) e a entrevista 19 (2:2;19), a média de tipos de palavras gramaticais gira em torno de 31 palavras, estabelecendo 158% de aumento entre este período e o anterior. Neste intervalo, registram-se decréscimos, como na entrevista 17 (1:10;21), influenciado por uma queda geral dos tipos, como já comentado anteriormente, e elevações, como nas duas últimas entrevistas (2:1;27 e 2:2;19), que exibem uma taxa de crescimento de 53% em relação às demais entrevistas do período, sempre em conformidade com o comportamento registrado para os tipos como um todo;
4. da entrevista 20 (2:3;17) até a entrevista 26 (3:0;21), a média das palavras gramaticais é de 81 tipos por entrevista. Em relação ao período anterior, registra-se um crescimento de 161%.

Relacionando-se essas duas categorias, pode-se ver que, no primeiro período, entre a entrevista 1 (1:2;13) e a entrevista 5 (1:4;09), a relação entre tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais é de 1,3. Nessa etapa, apenas a classe das conjunções não possui elementos no vocabulário de Gabriela, sendo que o primeiro vocábulo dessa classe só irá aparecer aos 1:7;15 (entrevista 12), na forma do vocábulo 'que'. Dentre as palavras de conteúdo, a classe que registra maior número de elementos é a dos substantivos comuns (4 tipos e 10 ocorrências,

em média, por entrevista). O vocábulo mais freqüente dessa categoria, nesse período, é 'bola', com 18 ocorrências.

Na etapa seguinte (entre 1:4;22 e 1:7;28), a relação entre tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais é de 2,6, registrando uma taxa de crescimento de 100% em relação ao período anterior – 80% entre as palavras de conteúdo e 100% entre as gramaticais.

Nesse período, a classe gramatical que mais aparece na fala de Gabriela é a dos substantivos comuns (21 tipos e 31 ocorrências, em média, por entrevista). O vocábulo mais freqüente dessa categoria é 'carro', com 23 ocorrências. Dentre as palavras gramaticais a classe que mais se destacou foi a dos advérbios (em média, 3 tipos e 7 ocorrências, por entrevista) os vocábulos mais freqüentes dessa classe no período foram 'aqui' e 'não', com 16 ocorrências cada.

No terceiro período – entre 1:8;12 e 2:2;19 – a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais fica em torno de 2,9 por entrevista, registrando um crescimento de 11% em relação ao período anterior – 187% das palavras de conteúdo e 158% das palavras gramaticais. Na categoria das palavras de conteúdo, a classe que se destaca é a dos substantivos comuns (em média, 49 tipos e 73 ocorrências por entrevista). Nessa classe, destaca-se o vocábulo 'milho', com 13 ocorrências. Dentre as palavras gramaticais, destacam-se os pronomes (média de 8 tipos e 20 ocorrências por entrevista). O vocábulo mais usado dessa classe por Gabriela foi 'isso'⁵⁰, com 19 ocorrências.

No quarto período (entre 2:3;17 e 3:0;21), a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais foi de 2,8 por entrevista. Dentre as palavras de conteúdo, os substantivos comuns ainda são a classe mais prevalente, com 91 tipos, em média, por entrevista, seguida da classe dos verbos, com 84 tipos, em média, por entrevista no período. Em termos de ocorrências, essa relação se inverte apresentando 242 ocorrências, em média, de verbos por entrevista e 167 ocorrências de substantivos comuns. Isso se deve, em grande parte, pela elevada repetição da forma conjugada 'é', que registra 425 ocorrências nesse período. Esse dado confirma a importância desta classe no aumento do número de ocorrências nesse período. A categoria das palavras gramaticais também sofre um aumento expressivo nessa etapa – 161% - sendo a classe dos pronomes a que mais aparece

⁵⁰ A utilização dessa palavra pode indicar a imaturidade do vocabulário de Gabriela, indicando a referência a vários objetos com um único vocabulário.

(em média, 29 tipos e 162 ocorrências), tendo como vocábulo mais freqüente no período 'eu', com 301 ocorrências.

O Quadro 6.3 reúne os exemplos das duas categorias, por período, para que se possa visualizar melhor essa relação.

Período	Entrevista	Palavras de Conteúdo			Palavras Gramaticais		
		Palavra	Ocorrência		Palavra	Ocorrência	
1:2;13 – 1:4;08	1 – 5	bola	18	29	o	6	386
1:4;22 – 1:7;28	6 – 13	carro	23	41	aqui/não	16	196/244
1:8;12 – 2:2;19	14 – 19	milho	13	31	isso	19	94
2:3;17 – 3:0;21	20 – 26	é	425	573	eu	301	324

Quadro 6.3: Palavras de conteúdo e palavras gramaticais mais freqüentes por período (Gabriela)

Embora nenhum dos vocábulos se repita nos períodos como o mais freqüente, indicando a variedade e a evolução do vocabulário da menina, é interessante notar que, no caso das palavras gramaticais e da forma conjugada 'é', tais vocábulos se repetem ao longo de toda a coleta, enquanto que no caso dos substantivos essa prevalência é marca de um período específico ou mesmo de uma entrevista específica, como pode se constatar pela comparação das ocorrências de cada vocábulo no período e no *corpus* como um todo. A palavra 'bola', por exemplo, aparece pela primeira vez no vocabulário da menina aos 1:3;10 – entrevista 3 – registrando 17 ocorrências enquanto que no *corpus* como um todo ela foi repetida 29 vezes. O mesmo acontece no caso da palavra 'carro', ela surge pela primeira vez no aos 1:4;09 – entrevista 5 -, com 2 ocorrências, na entrevista 12 – 1:7;15 - registra o maior número de ocorrências – 7 repetições -, sendo que no *corpus* como um todo a palavra foi dita 41 vezes por Gabriela. A palavra 'milho' também obedece ao mesmo padrão: surge pela primeira vez na entrevista 11 – 1:7;01 – com 2 ocorrências, e na entrevista 18 – 2:1;17 – registra o maior número de ocorrências – 9 repetições; no *corpus*, Gabriela falou 'milho' 31 vezes.

Com a forma conjugada 'é' o padrão já é diferente: ela aparece pela primeira vez na fala de Gabriela aos 1:2;13, logo na primeira entrevista, com apenas 1 ocorrência, mas seu índice de repetições cresce notoriamente, chegando a 81 ocorrências na entrevista 26 (3:0;21) – crescimento de 8.000%. Da mesma forma, verifica-se o comportamento das palavras gramaticais: o artigo masculino 'o' aparece na entrevista 2 – 1:2;07 -, com 2 ocorrências, e cresce ao longo da coleta, registrando 386 repetições no *corpus* como um todo; o advérbio 'aqui' surge também

na entrevista 2, com uma ocorrência e perfaz 196 repetições ao longo da coleta; o advérbio 'não' surge nos dados de Gabriela na entrevista 5 – 1:4;09 – e perfaz 244 ocorrências no *corpus*; o pronome 'isso' surge aos 1:9;09, com 5 ocorrências, e se repete 94 vezes ao longo do *corpus*; o pronome 'eu' aparece pela primeira vez aos 1:3;10 – entrevista 3 – com 1 ocorrência e se repete 324 vezes no *corpus*.

Da análise global destes dados, comprova-se a hipótese de que as palavras gramaticais influenciam de forma marcante o crescimento dos tipos. As taxas de crescimento desta categoria – 100%, 158% e 161% - revelam que a influência desta classe no crescimento dos tipos se dá na ordem inversa daquela registrada para as palavras de conteúdo.

Uma vez estabelecida a aquisição mais consistente das palavras gramaticais a partir da entrevista 20 (2:3;17), justamente aquela que marca o aumento da relação entre ocorrências e tipos (Gráfico 6.2), far-se-á a análise das palavras de conteúdo e das palavras gramaticais em termos de ocorrências, com o objetivo de verificar se este fenômeno está influenciado pela repetição característica destes elementos.

Em termos de ocorrências, observa-se um desenvolvimento geral de 9342% na classe das palavras de conteúdo e de 11514% no das palavras gramaticais. Ao contrário do que ocorreu para os tipos, o crescimento geral verificado para as ocorrências se deu muito mais na categoria das palavras gramaticais do que na das palavras de conteúdo, evidenciando, nos dados de Gabriela, as características intrínsecas desses dois grupos, uma vez que se tratam de uma classe fechada (com número limitado de elementos e provável índice de repetição aumentado) e de uma classe aberta (com número potencialmente infinito de elementos e pouca repetição), respectivamente.

Tomando-se, aleatoriamente, a quantidade de 100 repetições durante o período de coleta como um índice para definir uma palavra como freqüente, verifica-se que 10 das 13 palavras mais freqüentes do vocabulário de Gabriela pertencem à categoria das palavras gramaticais.

O Quadro 6.4 ilustra os elementos mais freqüentes do *corpus* da menina Gabriela.

Palavra	Ocorrências	Categoria Gramatical
é	299	Gramatical
o	118	Conteúdo
eu	196	Gramatical
a (art.)	104	Gramatical
não	573	Conteúdo
que	195	Gramatical
aqui	324	Gramatical
ela	244	Gramatical
tá	386	Gramatical
um	163	Gramatical
pra	118	Gramatical
tem	198	Gramatical
de	183	Conteúdo

Quadro 6.4: Palavras freqüentes no *corpus* (Gabriela)

Deste pequeno levantamento, chega-se à conclusão de que 72% do vocabulário freqüente da informante Gabriela se refere a palavras gramaticais (artigos, advérbios, preposições, pronomes, conjunções) e que, portanto, o comportamento do vocabulário da menina em termos de ocorrências deve estar fortemente influenciado por essa categoria.

Passa-se, então, à análise do vocabulário de Gabriela através do desenvolvimento das palavras de conteúdo e das palavras gramaticais em termos de ocorrências. O Gráfico 6.4 ilustra este desenvolvimento.

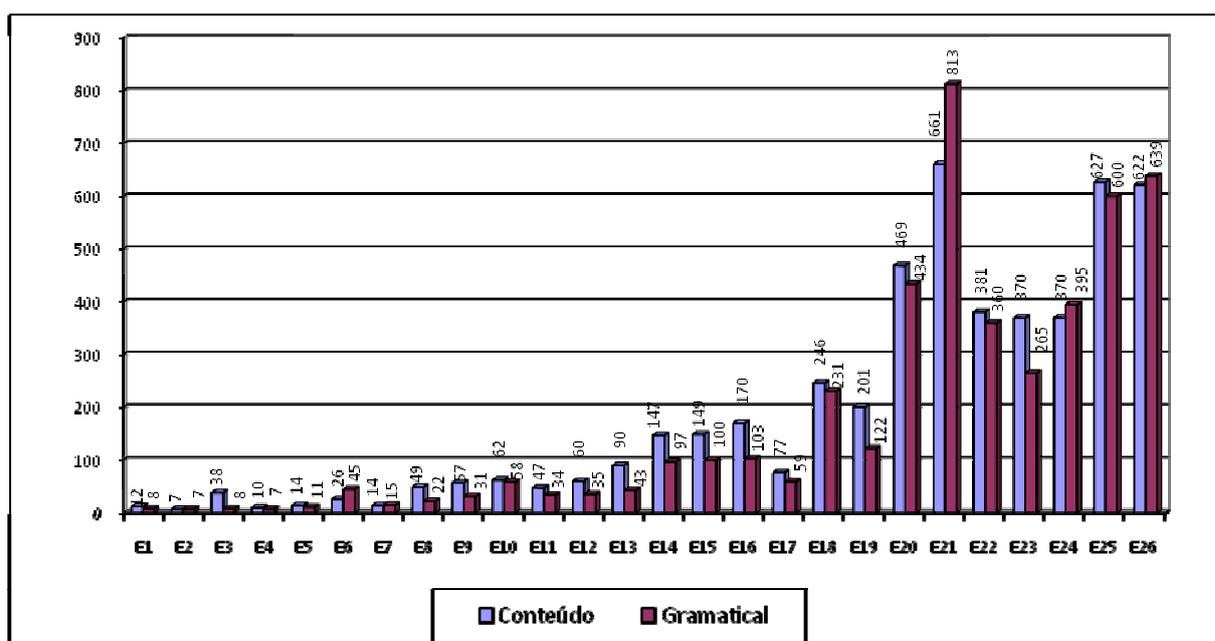


Gráfico 6.4: Ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais nas entrevistas (Gabriela)

Para fins de comparação manter-se-á os mesmos períodos utilizados nas descrições anteriores.

Da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 5 (1:4;09) tanto as palavras de conteúdo como as palavras gramaticais apresentam poucos elementos, demonstrando que Gabriela ainda está em período muito inicial de sua aquisição lexical. Em média, a primeira classe exhibe 15 ocorrências, variando entre 7 e 33. Neste período, destaca-se a entrevista 3 (1:3;10) que, como já comentado anteriormente, registra 17 vezes a palavra 'bola', 51% das ocorrências de palavras de conteúdo registradas nesta entrevista (33). Em relação à média das palavras gramaticais, registra-se 8 ocorrências por entrevista, evidenciando o tamanho reduzido do vocabulário da menina nesta fase.

Da entrevista 6 (1:4;22) até a entrevista 13 (1:7;28), registra-se um aumento, principalmente em relação às ocorrências, das palavras gramaticais. Esse fato ocorreu em função tanto da entrada de novos vocábulos nessa categoria (tipos), como da reiteração de palavras já existentes no vocabulário da menina. O artigo "a", por exemplo, registrou 4 ocorrências no primeiro período (média de menos de uma ocorrência por entrevista) e 64 ocorrências no segundo período (média de 9 ocorrências por entrevista). Em média, esta classe registrou 35 ocorrências, enquanto a classe das palavras de conteúdo apresentou 50 ocorrências por entrevista, apontando para uma relação de 1,4 palavras dessa classe para cada palavra da primeira classe. A taxa de crescimento das palavras de conteúdo foi de 233%, e a das palavras gramaticais 337%.

Da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19), este comportamento se repete. A classe das palavras de conteúdo cresce 230% (média de 165 ocorrências), enquanto a classe das palavras gramaticais cresce 237% (média de 118 ocorrências), ficando a relação em 1,3 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical.

O período entre a entrevista 20 (2:3;17) e a entrevista 26 (3:0;21) atesta a aproximação que vem sendo evidenciada entre as palavras gramaticais e as palavras de conteúdo no decorrer da coleta. Neste período, três entrevistas: 21 (2:5;24), 24 (2:9;16) e 26 (3:0;21) exibem maior número de ocorrências de palavras gramaticais do que de palavras de conteúdo, fato só ocorrido antes na entrevista 6 (1:4;22), pela presença de interjeições, como já explicitado anteriormente. Em média, este período registra 500 ocorrências por entrevista de palavras de conteúdo,

evidenciando uma taxa de crescimento de 203% em relação ao período anterior. As palavras gramaticais apresentam uma média idêntica – 500 ocorrências por entrevista – registrando um crescimento de 323% em relação ao período anterior.

Comparadas com as taxas de crescimento evidenciadas para as ocorrências como um todo – 262%, 219% e 256%, pode-se verificar que a classe das palavras gramaticais foi a que contribuiu de maneira mais marcante para o incremento desta categoria em todos os períodos - 337%, 237% e 323%. Além disso, o crescimento extraordinário desta classe no último período comprova sua influência no aumento da relação entre tipos e ocorrências evidenciado anteriormente.

O Quadro 6.5 ilustra essa relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais através da explicitação dos elementos mais frequentes em cada categoria, por entrevista.

A observação do quadro permite ver que, da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 4 (1:3;24), as palavras mais frequentes pertencem à categoria das palavras de conteúdo, em especial, à classe dos substantivos comuns. Esse dado corrobora a influência dessa classe na aquisição lexical inicial. Essa categoria só voltará a ser mais frequente na fala de Gabriela aos 2:1;27, quando o uso reiterado da forma conjugada 'é' domina as ocorrências do vocabulário da menina. A partir desse ponto, 5 das nove entrevistas até o final da coleta (E18 – 2:1;24; E19 – 2:2;19, E23 – 2:8;16, E25 – 2:10;17, e E26 – 3:0;21) registram esse vocábulo como o mais frequente da entrevista, sendo que todas as entrevistas a partir de 1:8;27 (entrevista 15) apontam esse vocábulo como o mais frequente na categoria das palavras de conteúdo.

No que se refere às palavras gramaticais, 18 das 26 entrevistas do *corpus* registram vocábulos dessa categoria como mais frequentes. Além disso, quando comparada com a categoria das palavras de conteúdo – à exceção da forma conjugada 'é' – as ocorrências dessa categoria apresentam números bem mais expressivos do que aquela, como se pode observar pelo registro do número de ocorrências de palavras gramaticais no *corpus*.

Ent.	Idade	PALAVRAS GRAMATICAIS			PALAVRAS DE CONTEÚDO		
		Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências Corpus	Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências Corpus
E1	1:2;13	eu	2	324	palhaço	4	11
E2	1:2;27	o	2	386	pé	2	13
E3	1:3;10	eu	2	324	bola	17	29
E4	1:3;24	a	3	299	lua	6	30
E5	1:4;09	a/o	3	200/386	carro	2	41
E6	1:4;22	ah!	7	12	carro	2	41
E7	1:5;07	a	5	299	bum-bum	4	5
E8	1:5;20	a	8	299	pronto	8	16
E9	1:6;03	a	9	299	carro	5	41
E10	1:6;17	o	13	386	olha	6	31
E11	1:7;01	o	14	386	carro	7	41
E12	1:7;15	o	13	386	dá	3	72
E13	1:7;28	o	13	386	abrir	6	24
E14	1:8;12	a	17	299	banana/vou	9	24/31
E15	1:8;27	a	21	299	é	12	573
E16	1:9;09	o	19	386	é	10	573
E17	1:10;21	o	16	386	é	7	573
E18	2:1;27	o	33	386	é	43	573
E19	2:2;19	o	22	386	é	60	573
E20	2:3;17	eu	45	324	é	44	573
E21	2:5;24	eu	62	324	é	54	573
E22	2:7;12	eu	43	324	é	41	45
E23	2:8;16	eu	38	324	é	60	573
E24	2:9;16	não	38	244	é	36	573
E25	2:10;17	ela	41	195	é	99	573
E26	3:0;21	eu	59	324	é	81	573

Quadro 6.5: Palavras mais freqüentes em cada categoria por entrevista (Gabriela)

O crescimento das ocorrências da categoria das palavras gramaticais gera uma aproximação das duas classes que pode ser melhor visualizada no Gráfico 6.5, que estabelece a relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e de ocorrências.

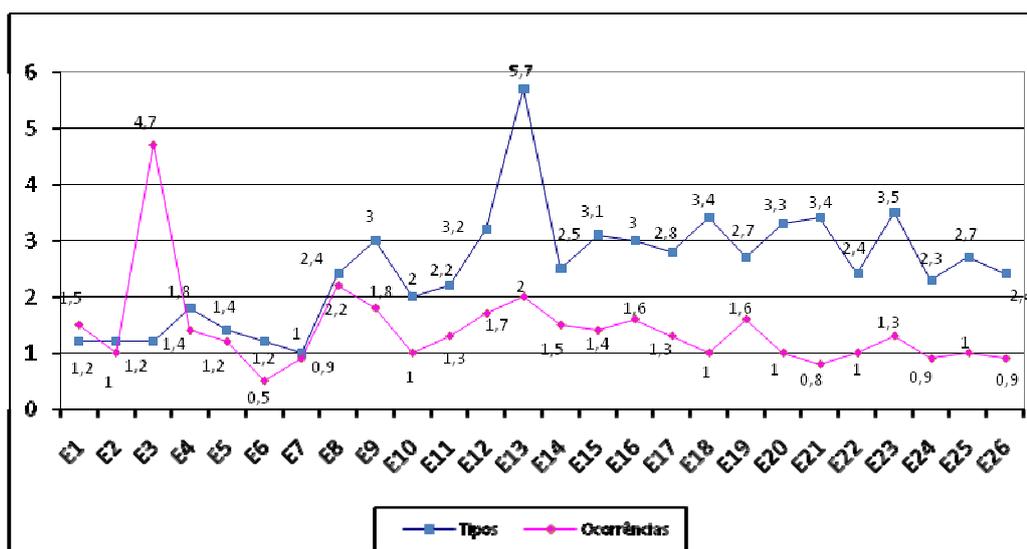


Gráfico 6.5: Relação entre palavras de conteúdo e palavras gramaticais em termos de tipos e ocorrências (Gabriela)

Pelo gráfico se confirma, em termos de ocorrências, uma grande instabilidade na relação durante o período inicial (de 0,5 a 4,7) que vai até a entrevista 6 (1:4;22). Neste mesmo período, a relação dos tipos fica em torno de 1,3, evidenciando pequeno número de vocábulos de ambas as classes e repetição maciça de algumas palavras. A entrevista 7 (1:5;07) registra uma igualdade das duas classes em ambas as categorias e, a partir daí, inicia-se um distanciamento no comportamento de tipos e ocorrências, corroborando mais uma vez a idéia de que é neste período que o vocabulário de Gabriela começa a se estruturar.

Em termos de tipos, evidencia-se uma superioridade das palavras de conteúdo, com média de 2,9 palavras desta classe para cada palavra gramatical (variação entre 2 e 5,7). Na categoria das ocorrências, por sua vez, observa-se uma aproximação gradual das duas classes, com média de 1,3 palavras de conteúdo para cada palavra gramatical (variação entre 0,8 e 2,2).

6.1.2.2 No *corpus*

A prevalência das palavras de conteúdo sobre as gramaticais em termos de tipos e o crescimento destas em relação às primeiras em termos de ocorrências, levando a uma aproximação das duas classes, também pode ser observada quando se analisa o *corpus* de Gabriela como um todo. Ao se observar os dados referentes a todas as entrevistas coletadas da informante Gabriela, registram-se 1127 tipos de

palavras de conteúdo, contra apenas 183 tipos de palavras gramaticais. Isso significa dizer que, dos 1310 tipos falados pela informante durante a coleta, 86% eram referentes a palavras de conteúdo e 14% a palavras gramaticais. O Gráfico 6.6 ilustra a distribuição dos tipos no *corpus* da menina.

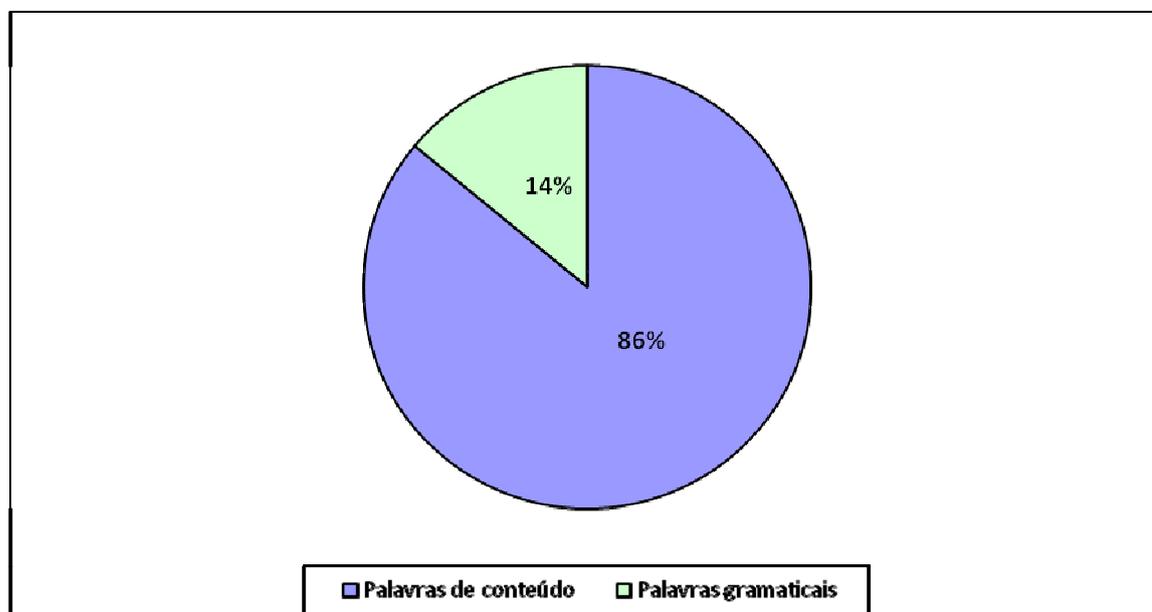


Gráfico 6.6: Distribuição de tipos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Gabriela)

Em termos de ocorrências, das 9431 palavras ditas pela menina, 52% se referiam à classe das palavras de conteúdo, ou seja, 4904 ocorrências dessa categoria contra 4527 ocorrências de palavras gramaticais. O Gráfico 6.7 ilustra essa distribuição.

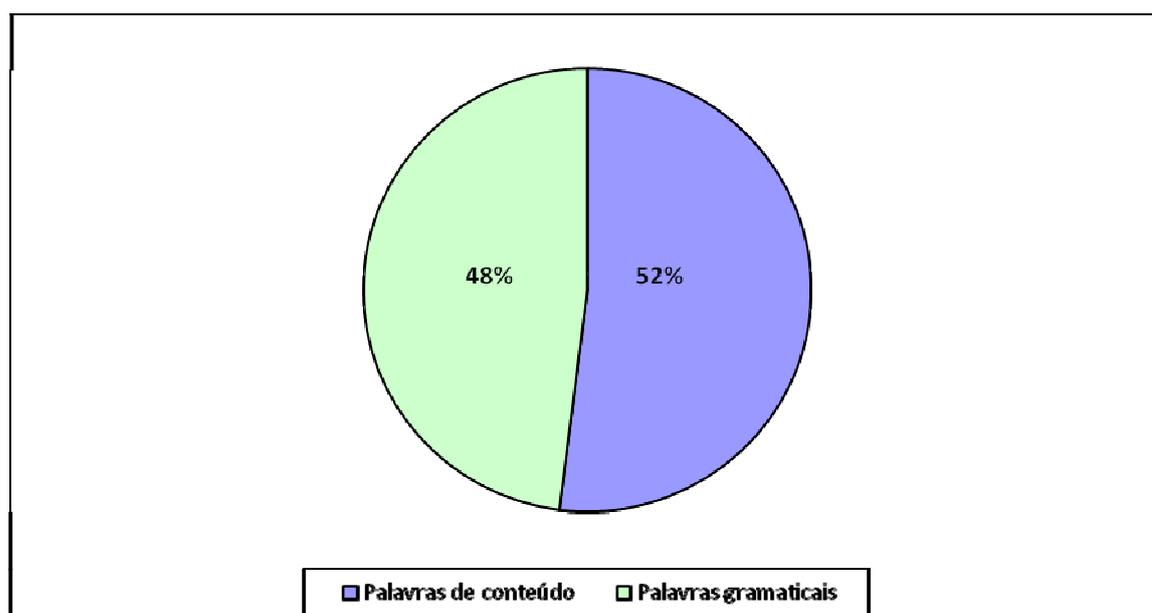


Gráfico 6.7: Distribuição de ocorrências de palavras de conteúdo e palavras gramaticais (Gabriela)

Embora as palavras gramaticais ainda não sejam a maioria na fala de Gabriela, sua aproximação contínua com a classe das palavras de conteúdo e o crescimento evidenciado quando da análise por entrevista, indicam que a informante está buscando o padrão adulto desenhado por Biderman (2001).

6.1.3 Análise semestral

A fim de minimizar a possível interferência de períodos de intervalo de coleta diferentes na divisão destas etapas, propõe-se a mesma análise realizada para os demais informantes, selecionando-se as entrevistas chaves no *corpus* de Gabriela, com intervalos de seis meses entre uma e outra.

6.1.3.1 Relação entre tipos e ocorrências

Da mesma forma que a análise guiada pelos dados, a análise semestral se dará em termos de tipos e ocorrências.

Assim, o Gráfico 6.8 ilustra os tipos registrados nas entrevistas 1 (1:2;13), 14 (1:8;12), 19 (2:2;19) e 23 (2:8;16) dos dados de Gabriela.

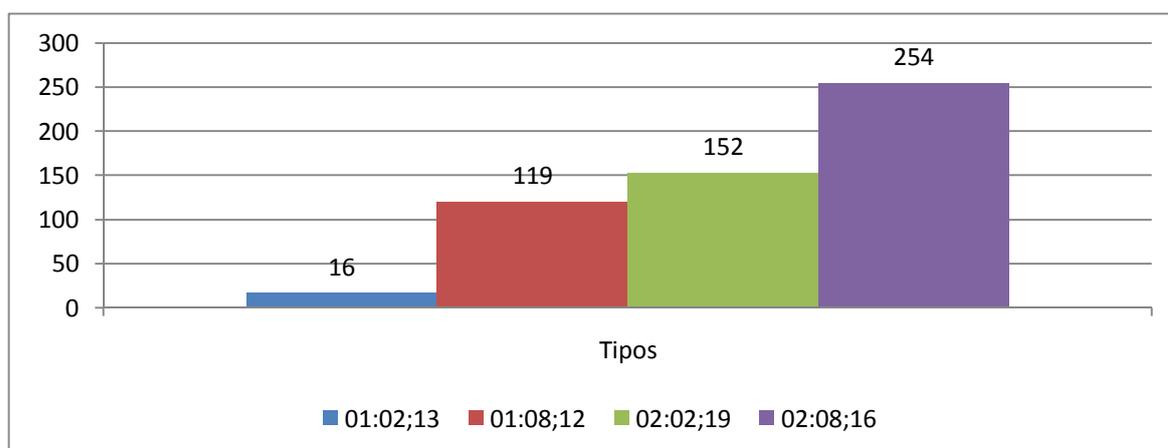


Gráfico 6.8: Tipos com intervalos de seis meses (Gabriela)

O gráfico demonstra o crescimento contínuo dos tipos ao longo da coleta, registrando uma taxa de crescimento de 643% entre a entrevista 1 (1:2;13) e a

entrevista 14 (1:8;12). Desta para a entrevista 19 (2:2;19) a taxa de crescimento é de 27% e desta para a entrevista 23 é de 67%. O motivo para uma taxa de crescimento tão alta nos seis primeiros meses de coleta (643% entre 1:2;13 e 1:8;12) está no fato de que este período semestral reúne duas etapas da divisão anterior. Na verdade, a entrevista 14 (1:8;12) é a entrevista inicial da terceira etapa de comportamento lexical de Gabriela, justificando uma diferença tão grande entre a primeira entrevista e a segunda desta análise. Por outro lado, este dado revela o crescimento extraordinário do vocabulário da menina por volta dos 1:6, período a partir do qual se espera, de acordo com a literatura referida, o fenômeno da explosão de vocabulário.

No período de seis meses que vai da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19) ocorre uma estabilização do vocabulário em torno de 124 palavras por entrevista. Pode-se dizer, então, que, nestes primeiros seis meses de coleta, a aquisição é gradual e expressiva, pois neste intervalo de tempo verifica-se um aumento extraordinário do vocabulário. A grande explosão, no entanto, que se caracteriza por um aumento repentino de palavras em um curto espaço de tempo, ocorre entre as entrevistas 19 (2:2;19) e 20 (2:3;17). Nesta passagem, verifica-se um aumento de 97% do vocabulário em um período de 28 dias. Embora não seja a maior taxa de crescimento verificada no *corpus* de Gabriela (159% entre a entrevista 17 – 1:10;21 - e 18 – 2:1;27 -), é no período acima que esse aumento se estabiliza. Como já visto anteriormente, este aumento é também influenciado pela aquisição das palavras gramaticais, ao lado do crescimento das palavras de conteúdo que já vinha acontecendo desde o início da coleta. Tal fenômeno não é captado pelo Gráfico 6.8 porque justamente a entrevista 26 (2:8;16), selecionada para compor este gráfico, é a que apresenta menor número de tipos deste período (254, quando a média é de 315 tipos por entrevista).

No entanto, a observação do Gráfico 6.9 já nos aproxima da realidade encontrada no *corpus* da informante.

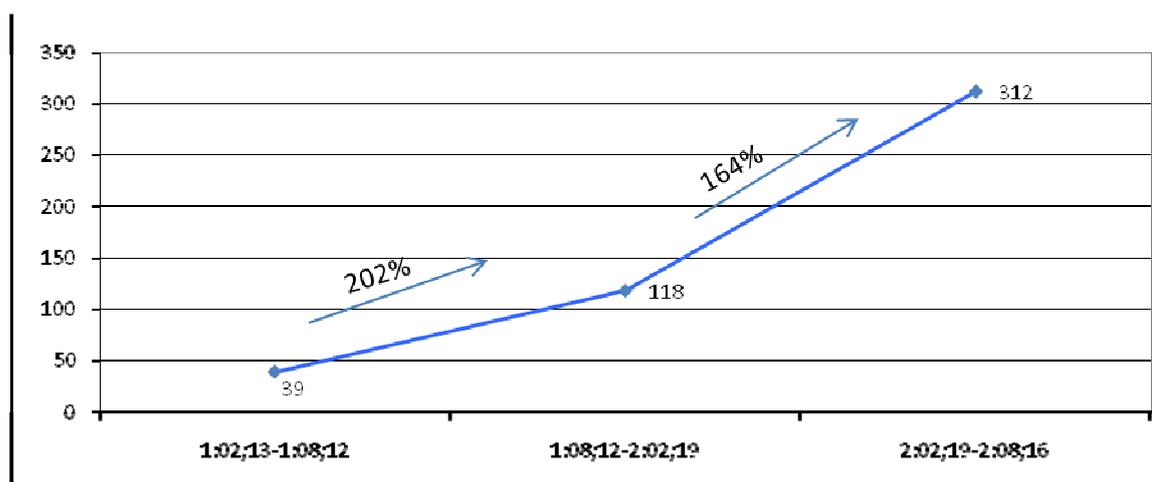


Gráfico 6.9: Taxa de crescimento a partir da média tipos/mês por intervalos de seis meses (Gabriela)

Quando tomadas em conjunto e, portanto, minimizando os efeitos da escolha accidental de uma entrevista do *corpus*, as entrevistas correspondentes ao período entre 1:2;13 e 1:8;12 apresentam 39 tipos como média mensal. Deste período para o segundo (entre 1:8;12 e 2:2;19), a taxa de crescimento é de 202%, enquanto deste último para os seis meses seguintes de coleta (entre 2:2;19 e 2:8;16) registra-se um crescimento de 164%.

A união destes dados referentes aos tipos na fala de Gabriela permite identificar uma aquisição gradual e expressiva do vocabulário da informante, com alguns pontos de explosão a partir de 1:8, situando, portanto, o fenômeno dentro dos resultados obtidos na literatura. Porém, resultados mais conclusivos a respeito da evolução dos tipos da menina Gabriela só poderão ser discutidos quando da análise qualitativa destes incrementos entre um período e outro no que se refere à composição do vocabulário em termos de classes gramaticais.

Em relação às ocorrências, como já visto na análise geral, o crescimento é contínuo. Da entrevista 1 (1:2;13) para a entrevista 14 (1:8;12), registra-se um crescimento de 1120%. Esse crescimento extraordinário é justificado pelos mesmos motivos já explicitados para os tipos. Da entrevista 14 para a entrevista 19 (2:2;19), a taxa de crescimento é de 32%, e desta para a entrevista 23 (2:8;16), registra-se um crescimento de 96%. Esse crescimento só não é maior porque a seleção retira da análise as três últimas entrevistas da coleta. O Gráfico 6.10 ilustra este desenvolvimento.

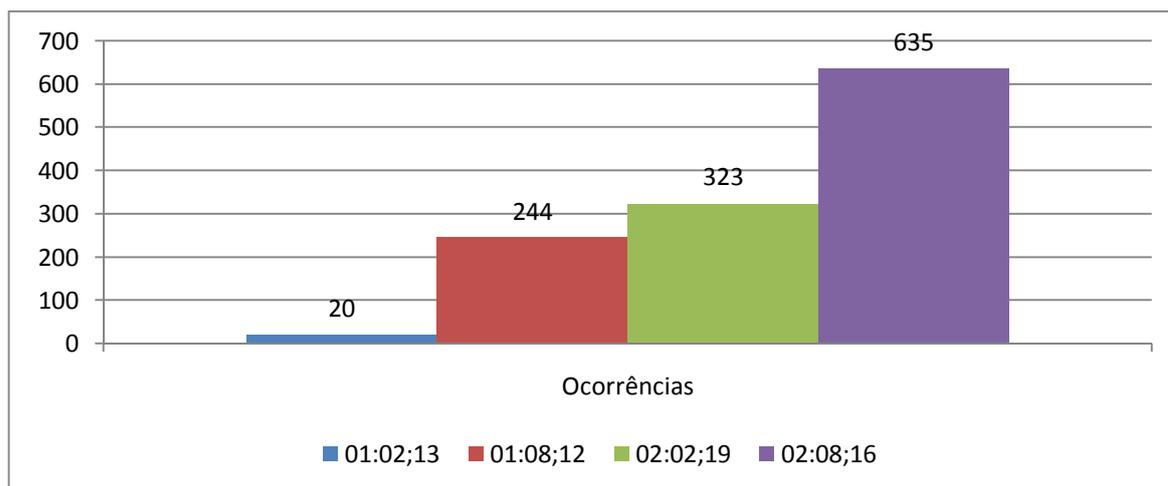


Gráfico 6.10: Ocorrências em intervalos de seis meses (Gabriela)

Unificando os dados referentes a estes períodos semestrais, pode-se ter uma melhor idéia de como se dá a evolução das ocorrências. O Gráfico 6.11 ilustra esta situação.

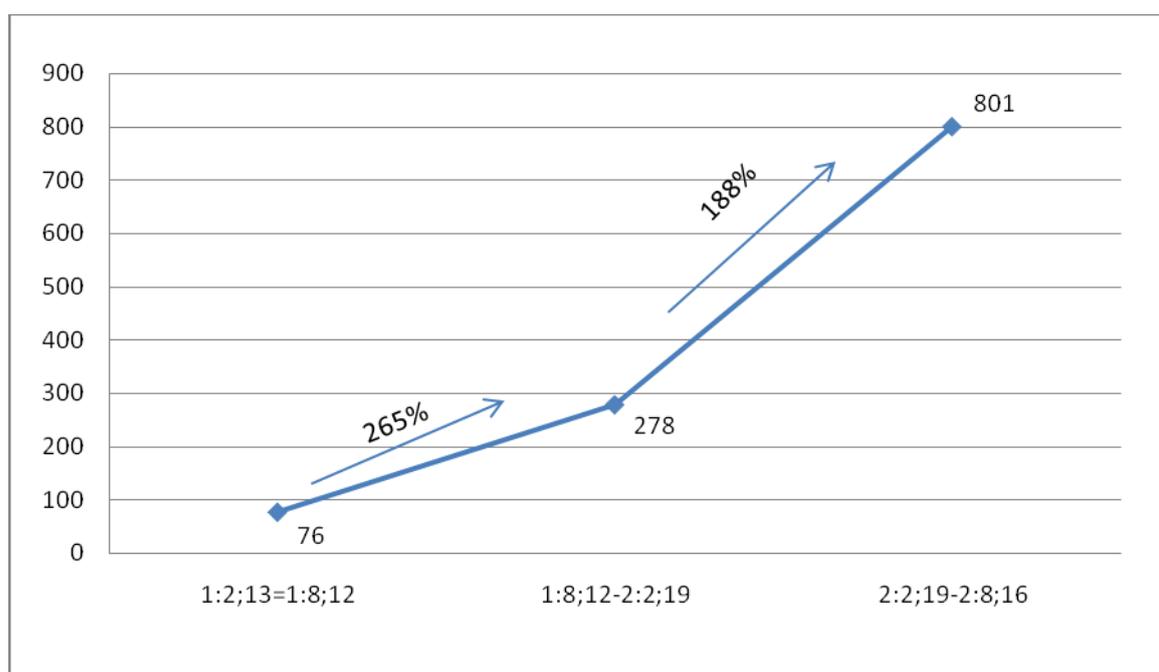


Gráfico 6.11: Taxa de crescimento a partir da média ocorrências/mês por intervalos de seis meses (Gabriela)

Pela análise do gráfico pode-se ver que a passagem do primeiro para o segundo período registra um crescimento maior em relação às ocorrências do que a passagem do segundo para o terceiro, indicando um comportamento semelhante aos tipos. Este resultado não está de acordo com a análise das ocorrências que vem

se fazendo até aqui, mas não se pode esquecer que as três últimas entrevistas, que registram um alto índice da relação ocorrência x tipo estão fora desta análise.

A fim de se comparar como se dá esta relação entre as duas categorias ao longo dos semestres, construíram-se os Gráficos 6.12 e 6.13, que comparam os resultados obtidos anteriormente para tipos e ocorrências.

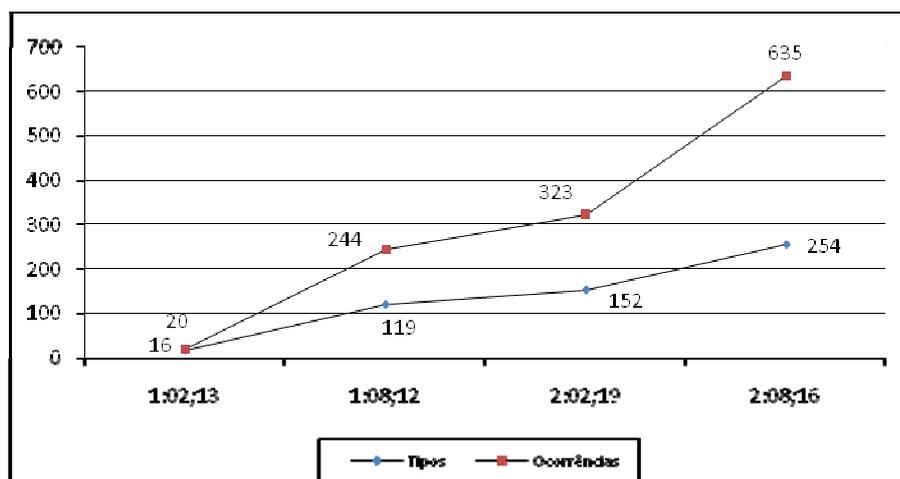


Gráfico 6.12: Comparação entre tipos e ocorrências em entrevistas semestrais (Gabriela)

A análise do gráfico mostra a mesma tendência vista quando da análise dos tipos e ocorrências de todas as entrevistas: um distanciamento cada vez maior das ocorrências em relação aos tipos, mostrando a estruturação do discurso de Gabriela, tanto em termos de vocabulário como da aquisição de classes morfológicas e, muito provavelmente, de estruturas sintáticas próprias da língua.

A mesma tendência é mostrada no Gráfico 6.13, que reúne as médias dos tipos e ocorrências por períodos semestrais.

A análise por períodos semestrais, no caso da informante Gabriela, não mostra muitas novidades, uma vez que sua coleta de dados não apresenta lacunas importantes a serem preenchidas. Mesmo assim, a mesma foi realizada, a fim de se manter um padrão de execução do trabalho.

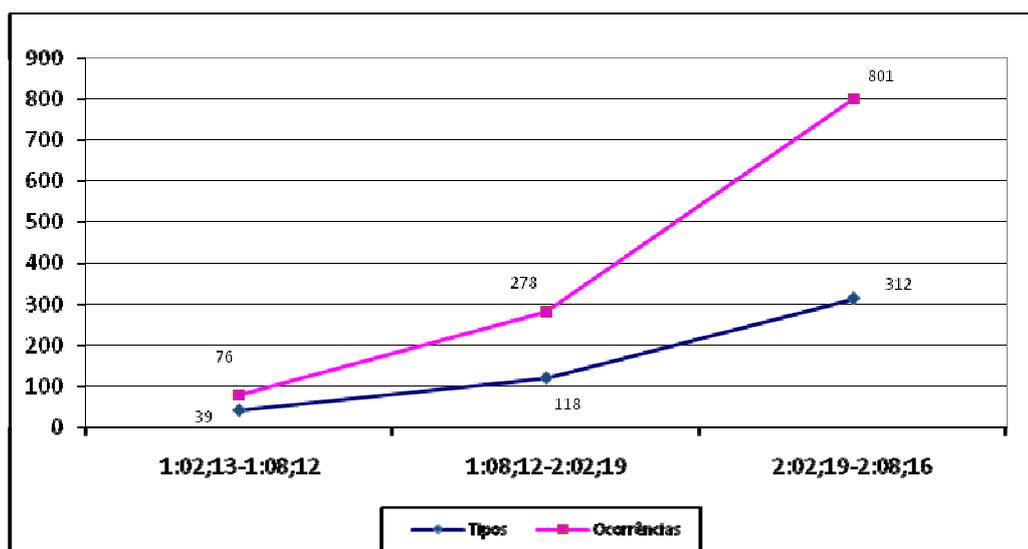


Gráfico 6.13: Comparação entre o crescimento de tipos e ocorrências em períodos semestrais (Gabriela)

6.2 Hipótese do viés nominal

Como já relatado anteriormente, a hipótese do viés nominal se refere ao fato de que algumas línguas apresentam como características um domínio mais precoce dos substantivos em relação aos verbos, podendo tal evento ser atestado por uma maior prevalência da primeira classe sobre a segunda nos períodos iniciais da aquisição lexical.

A fim de verificar a atuação da hipótese do viés nominal na fala de Gabriela, far-se-á a análise dos dados referentes aos substantivos e verbos do *corpus*, com o objetivo de descrever a evolução destas duas classes durante a aquisição lexical inicial. Como nas análises anteriores a respeito desse fenômeno, primeiramente debruçar-se-á sobre os tipos para, em seguida, observar o desenvolvimento das ocorrências nessas duas classes. Para o cômputo dos substantivos foram somadas as classes dos substantivos comuns e próprios; assim como a classe dos verbos é composta pela soma dos verbos simples e das locuções verbais, tal como delineadas na metodologia dessa tese. No âmbito geral, Gabriela produziu 523 tipos de substantivos, perfazendo 1922 ocorrências dessa classe. No que se refere aos verbos, a menina produziu 2634 ocorrências, referentes a 495 tipos. Novamente se observa uma prevalência dos substantivos sobre os verbos em termos de tipos e a situação inversa, com verbos mais numerosos do que substantivos, em termos de

ocorrências, indicando a atuação da hipótese do viés nominal na composição do léxico da menina.

6.2.1 Tipos e ocorrências

6.2.1.1 Tipos

A fim de se verificar como essa prevalência dos substantivos sobre os verbos se construiu ao longo do desenvolvimento lexical de Gabriela, propõe-se o Gráfico 6.14, que expõe o número de tipos de cada uma dessas classes ao longo da coleta.

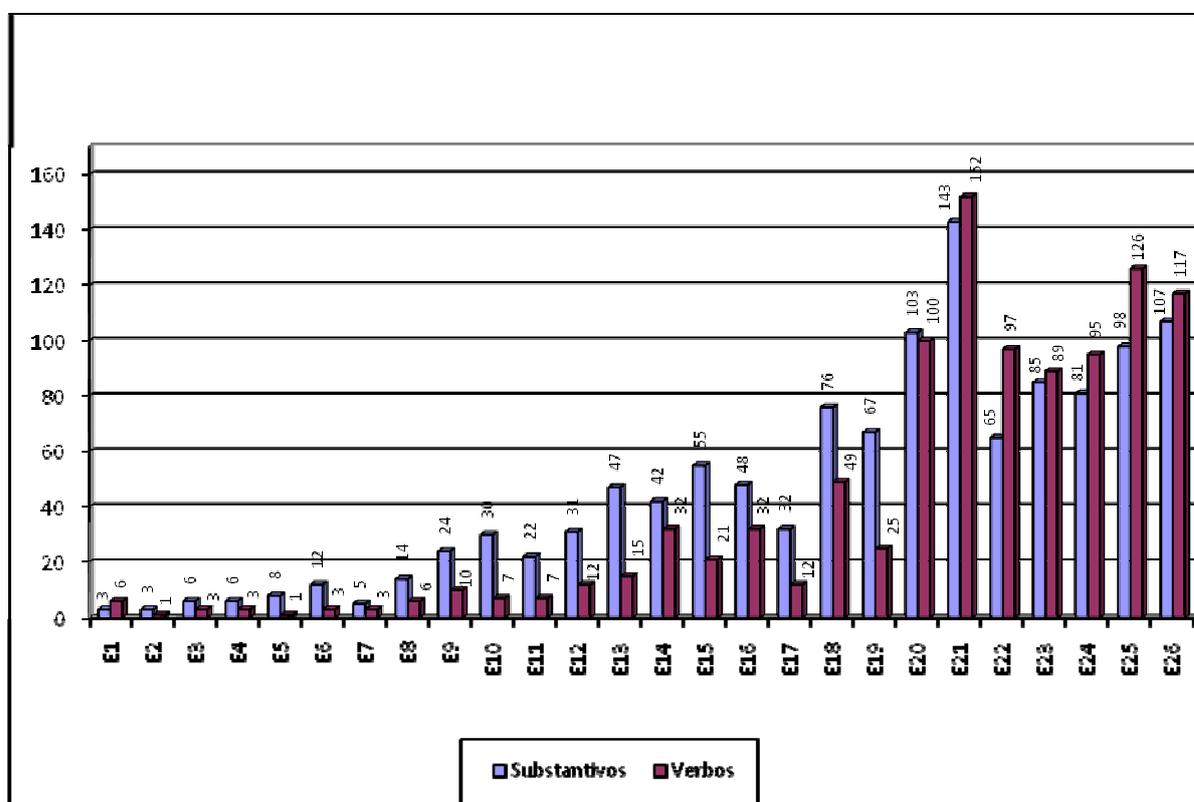


Gráfico 6.14: Tipos de substantivos e verbos por entrevista (Gabriela)

Observando o gráfico, pode-se verificar que, assim como nas análises anteriores, a aquisição destas duas classes pela informante se dá em fases. O que mais chama a atenção, no entanto, é que, a partir da entrevista 20 (2:3;17) ocorre um aumento expressivo dos verbos, superando o número de substantivos a partir da entrevista 21 (2:5;24).

No que se refere aos substantivos, podemos dividir o desenvolvimento da Gabriela como segue.

Da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 5 (1:4;09), os substantivos apresentam uma média de 5 tipos por entrevista, (variando entre 3 e 8), reforçando a idéia de que, neste período, a aquisição lexical da menina (refletindo sua aquisição de linguagem) ainda é muito incipiente. A partir da entrevista 6 (1:4;22), o número de substantivos começa a aumentar, marcando o início de um período de instabilidade que vai até a entrevista 8 (1:5;20). Da entrevista 5 para a entrevista 6, registra-se um aumento de 50% nos tipos dos substantivos. Desta para a entrevista 7 (1:5;07), há uma diminuição destes elementos, registrando um decréscimo de 140%. Daí para a entrevista 8, o número de tipos de substantivos volta a aumentar – 180%. Em média, este período (entre 1:2;13 e 1:5;20), apresenta 7 tipos de substantivos por entrevista.

Procedendo-se uma análise da influência desta classe gramatical neste período, verifica-se uma média de 19 tipos por entrevista; destes 11 (57%) correspondem a palavras de conteúdo, sendo 7 (36% do total e 63% das palavras de conteúdo) referentes a substantivos. Esse dado reforça a prevalência das palavras de conteúdo nesta primeira fase da aquisição lexical, em especial dos substantivos em relação aos verbos, indicando a atuação da versão fraca da hipótese do viés nominal.

A partir da entrevista 9 (1:6;03), até a entrevista 17 (1:10;21), a classe dos substantivos apresenta uma certa estabilidade, com média entre 27 e 55, girando em torno de 36 elementos por entrevista. Em relação ao período anterior, a taxa de crescimento é de 414%. A passagem da entrevista 17 para a entrevista 18 (2:1;27) apresenta uma taxa de crescimento de 137% (influenciada pela queda verificada na entrevista 17). Apesar deste crescimento e da gradual aquisição dos substantivos apresentados por esta entrevista (se comparado com a entrevista 15, que apresenta o maior número de tipos de substantivos do período entre 1:6;03 e 1:10;21, registra um crescimento de 38%), este comportamento não se estabiliza. Registra-se um decréscimo de 11% desta entrevista para a entrevista 19 (2:2;19), evidenciando que este é um período de progressão que prepara para a próxima etapa. Ao todo, entre a entrevista 9 (1:6;03) e a entrevista 19 (2:2;19), registra-se uma média de 43 substantivos por entrevista sendo a taxa de crescimento destes elementos em relação ao período anterior é de 514%.

Note-se que, entre os substantivos, não aparece um crescimento entre as entrevistas 13 (1:7;28) e 14 (1:8;12). Pelo contrário, o número destes elementos

entre uma entrevista e outra diminui – 10%. Este crescimento entre as referidas entrevistas é observado na descrição como um todo – 60% - e, em menor escala – 34% - entre os tipos das palavras de conteúdo. Esses dados indicam, por um lado que, apesar da contribuição das palavras de conteúdo para o estabelecimento desta diferença entre tipos, as palavras gramaticais – que apresentam 209% de crescimento neste ponto – é que estabelecem o início de um novo período entre os tipos. Por outro lado, pode-se também afirmar que o crescimento evidenciado pelas palavras de conteúdo neste ponto não tem relação com o aumento dos substantivos, mas sim de outras classes que compõem este grupo, principalmente os verbos, que registram uma taxa de crescimento de 113% neste ponto.

Da entrevista 20 (2:3;17) até a entrevista 26 (3:0;21) observa-se um novo comportamento dos substantivos. Neste período, a média de tipos por entrevista é de 97 palavras, registrando uma taxa de crescimento de 125% em relação ao período anterior. Nas duas primeiras entrevistas deste período registra-se um aumento muito marcante desta classe, acompanhando o aumento verificado tanto em termos de tipos como um todo como das palavras do conteúdo. Da última entrevista do período anterior para a primeira deste período, a taxa de crescimento dos substantivos é de 53%, sendo a taxa de crescimento dos tipos de 97% e a das palavras de conteúdo de 108%. Isso significa dizer que o aumento dos tipos neste ponto da coleta está influenciado pelo crescimento das palavras de conteúdo (o crescimento das palavras gramaticais foi de 68% neste ponto), mas não pelo crescimento de substantivos (os verbos, por exemplo, que são a outra grande classe do grupo das palavras de conteúdo, registram um aumento de 300% neste ponto).

Entre a entrevista 20 (2:3;17) e a entrevista 21 (2:5;24) registra-se novo incremento. Este crescimento se reflete em todas as classes – 40% entre tipos, 40% entre as palavras de conteúdo, 37% entre as palavras gramaticais, 38% entre os substantivos e 52% entre os verbos – fazendo desta entrevista a que registra maior número de tipos de toda a coleta. Só entre as palavras gramaticais é que a entrevista 21 não é a mais numerosa: perde para a entrevista 26 (3:0;21), com 103 tipos. Embora possa ser encarada como um caso isolado, uma entrevista em que o informante falou mais – também em número de ocorrências ela é a mais numerosa – por motivos alheios ao seu processo de aquisição lexical, ainda assim, o fato de todas as classes não se comportarem de maneira homogênea, faz com que se reflita o papel do domínio das mesmas na composição do discurso da menina.

Por ser uma entrevista atípica no contexto do desenvolvimento lexical de Gabriela, registra-se uma diminuição de todos os elementos entre ela e a entrevista seguinte (entrevista 22 – 2:7;12). No que se refere aos substantivos, esse decréscimo é de 54%, maior do que o evidenciado entre os tipos – 38% - e entre as palavras de conteúdo – 44% - mostrando a influência desta classe neste processo de queda.

Novamente é preciso chamar a atenção de que um decréscimo na taxa de crescimento e mesmo uma diminuição do número de qualquer dos elementos de uma entrevista para a outra não significa uma perda em termos de vocabulário. Essas quedas, como já comentado anteriormente, refletem variáveis externas ao processo de aquisição lexical que está sendo estudado, tanto no que se refere ao domínio de outros aspectos em termos de linguagem como a aspectos alheios a este processo, como o humor da criança, seu interesse pelo jogo proposto e outros tantos impossíveis de se controlar quando se propõe a realizar um trabalho deste tipo. Por outro lado, os momentos de grande acréscimo com posterior queda e retomada, em todas as análises, lembram aquilo que se convencionou chamar na literatura sobre aquisição da linguagem de ‘curva em U’. Este fenômeno pode ser definido como “uma progressão constante interrompida por um período de queda na aquisição, para depois atingir o índice de 100% “(Vidor, 2000,p.103).

Strauss (1982) define esse fenômeno como um decréscimo no desempenho em certos momentos do desenvolvimento, seguido de um novo crescimento até a estabilização. Lamprecht et. al. (2004) afirmam que, ao contrário do que se poderia imaginar, regressões no desenvolvimento [fonológico] são comuns e variam de sujeito a sujeito. Esse comportamento pode ser explicado pela entrada de um novo elemento lingüístico, de outra ordem – fonológica, sintática, morfológica – para a qual a criança se volta, acarretando um decréscimo momentâneo no âmbito do fenômeno que está sendo estudado. Além disso, fatores ambientais e psicológicos podem influenciar esse comportamento, em especial quando está se tratando com uma aquisição tão aberta como é a lexical.

O que se vê no desenvolvimento lexical de Gabriela a partir de 2:3 é algo parecido com este fenômeno (embora não idêntico, uma vez que se está trabalhando aqui com uma aquisição aberta). Parece que, ao descobrir o domínio dos substantivos em sua fala em um patamar diferente daquele apresentado até então, ela se concentra neste processo, incrementando seu desempenho. A seguir,

talvez por se concentrar em outros aspectos (da aquisição lexical, da linguagem ou de outros aprendizados), esse desempenho cai para, daí sim, desenvolver um processo de aquisição gradual deste aspecto que não mais regride a níveis anteriores, apesar das oscilações neste período. O incremento registrado nas entrevistas 20 e 21, associado com a queda na entrevista 22 e um retorno à aquisição gradual desta classe a partir da entrevista 23 (2:8;16), que registra 85 tipos de substantivos, até a entrevista 26 (3:0;21), que conta com 107 palavras desta classe, parece demonstrar este processo. Na verdade, pode-se observar este fenômeno em outras classes e outros períodos da fala de Gabriela, bem como dos demais informantes desta pesquisa. Para se ter uma idéia de como essas influências interferem no processo de aquisição por parte da criança e, por outro lado, como esse mesmo processo apresenta padrões inegáveis no seu desenvolvimento, construiu-se o Quadro 6.5, que lista os tipos dos substantivos ditos por Gabriela, por entrevista. O quadro foi montado de forma a descrever, claramente, a entrada de palavras dessa classe no léxico da menina. Assim, partindo-se da entrevista 1 (1:2;13), foram sendo anexados, a cada entrevista, os substantivos novos que se incorporavam à fala da informante. Pode-se observar uma entrada gradual de itens lexicais dessa classe no vocabulário da menina, com destaque especial para a entrevista 20 (2:3;17), que registrou a incorporação de 44 novos vocábulos.

Quanto aos verbos, conforme já comentado anteriormente, pode-se verificar um desenvolvimento diferenciado em relação aos substantivos. Na verdade, apesar das oscilações verificadas, não há um incremento expressivo desta classe até a passagem da entrevista 13 (1:7;28) para a entrevista 14 (1:8;12), quando se registra um crescimento de 113% nos tipos desta classe.

Da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 13 (1:7;28), a média de tipos de verbos por entrevista é de 5 palavras, oscilando entre 1 e 15 tipos. Na verdade, as entrevistas 12 (1:7;15) e 13 (1:7;28), preparam a passagem desta primeira etapa para a segunda, elevando a média dos tipos de verbos de 4 (entre a entrevista 1 e a entrevista 11) para 13 nestas duas últimas. Esta aquisição mais tardia dos verbos em relação aos substantivos reforça a atuação da hipótese do viés nominal no *corpus* da informante Gabriela.

Entrevista	Substantivos
E1	Gato, palhaço, verdade
E2	Leite, papá, pé
E3	Bola, chá, cocô, loba, lua
E4	Carro, escova, peixe, telefone
E5	Babi, balde, baleia, boneca, trator, xixi
E6	Calça, mãe
E7	Coroa, mão, prato, sapato
E8	Estrela, batom, brinco, casa, cavalo, chuva, papai, pato, pente, pinto, planta, praia
E9	Água, coelho, flor, Gabi, helicóptero, Kiko, luz, mato, meia, pomba, tênis, Tita
E10	Banho, colher, igreja, milho, Tânia
E11	Arara, chapéu, faca, garfo, Gilda, grama, papagaio, porco, porta, presente, quarto, xícara
E12	Banana, barriga, beijo, borboleta, caixa, cebola, cenoura, colo, doutor, galho, Gil, homenzinho, maçã, moto, mundo, nenê, orelha, sol, tomate, ursinho, vaso, Vicente, vovó
E13	Arroz, árvore, bolo, cabelo, cabide, café, chave, dente, Doly, estrelinha, Isadora, menininha, música, ovelhinha, pastel, tigre.
E14	Abelhinha, apito, bombacha, chaminé, copo, desenho, gente, historinha, lebre, Lipe, monstro, natal, primo, quadro, sandália, tartaruga, tia.
E15	Coisa, foca, garagem, mingau, Papai Noel, panqueca, preto, roupa, tampa, vaca
E16	Arco-íris, farmácia, fogo, leão, Mickey, motoca, teta, tio
E17	Cachorro, camelo, celular, céu, Chips, espelho, fazenda, feijão, galinha, Horácio, lata, massa, molho, pá, panela, passarinho, pelinho, pimentão, sacola, toalha, tubarão, Xuxa
E18	Abóbora, cabrita, caminhão, chinelo, cobra, colcha, dinossauro, elefante, gorila, jacaré, Kaká, lanche, minhoquinha, Pluto, sabonete, saia, sopa, televisão, UFRGS.
E19	Abacaxi, aliança, barquinho, batata, cabinho, camionete, canguru, carrossel, chaveiro, chocolate, cogumelo, dado, estojo, faculdade, frutas, Kinder, lápis, limão, mamão, Margarete, mesa, ovo, pêra, praça, quadrado, sal, tanque, triângulo, uva, vidro
20	Agulha, anel, areia, barulho, bule, caneta, Carmem, casquinha, cereja, cesta, chaleira, cordinha, criança, dia, docinho, esposa, força, fuca, gasolina, hora, irmã, janela, janta, loja, medo, melancia, moça, mulher, nariz, noite, nome, ônibus, pepino, perfume, pernetá, pilha, pizza, purê, prateleira, queijo, rede, tromba, vela.
E21	Arte, castelo, cuca, fitinha, gordura, guri, jogador, Leonardo, Malvina, posto, pastor, pessoas, polícia, Telle Tubies
E22	Chapeuzinho, coceira, comida, doce de leite, calor, carta, Fernanda, guarda-chuva, piscina, pregador, remédio, Rio
E23	Brasil, calcinha, carne, cru, farinha de mandioca, forma, folhinha, girafa, maracujá, martelo, Minnie, moranguinho, pêssego, shampoo, shopping, suco, tricô
E24	Biscoito, bombeiros, carona, Dumbo, enfeite, Guaíba, hélice, hospital, João-de-Barro, lâmpada, microondas, papel, pelúcia, rosto, zoológico
E25	Almoço, aniversário, camiseta, carneiro, casca, cor, Dani, dedo, Elisa, escorregador, espaço, farinha, livro, Luci, macaco, macarrão, manteiga, máquina, Pinóquio, plástico, professora, trancinha, vestido, vídeo

Quadro 6.6: Tipos de substantivos por entrevista (Gabriela)

Da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19) verifica-se um período de oscilação nesta classe, variando de 12 a 49 tipos por entrevista, girando, porém em torno de outra média: 28 verbos por entrevista. Em relação à etapa anterior, isso significa um crescimento de 460% nesta classe. Quando comparado com as taxas de crescimento dos tipos como um todo (275%) e das palavras de conteúdo (338%), esse resultado evidencia a influência da aquisição dos verbos no acréscimo verificado para estas duas classes neste período.

Da entrevista 20 (2:3;17) para a entrevista 26 (3:0;21), registra-se uma média de 110 tipos de verbos por entrevista. Esse resultado indica um crescimento de 292% em relação à etapa anterior. Como já referido anteriormente, esse crescimento está acima do crescimento registrado para os tipos como um todo – 154% - e do grupo das palavras de conteúdo – 154% - indicando que a aquisição dos verbos neste período é que impulsiona este crescimento, mais do que a dos substantivos – 125%. Mais do que isso, esse período se destaca porque, à exceção da entrevista 20 (2:3;17), todas as demais entrevistas do período exibem maior número de tipos de verbos do que de substantivos.

Da mesma forma que para os substantivos, construiu-se o Quadro 6.7, a fim de ilustrar a entrada dos itens lexicais da classe dos verbos no léxico de Gabriela. Assim, partindo-se da entrevista 1 (1:10;09), o quadro expõe todas as palavras referentes a essa classe ditas pela menina, evidenciando, a cada entrevista, os novos itens lexicais que se incorporaram ao seu vocabulário.

O quadro mostra, com clareza, a maior incorporação de verbos entre a entrevista 20 (2:3;17) e a entrevista 22 (2:7;12), corroborando a influência dessa classe para o aumento dos tipos como um todo.

Entrevista	Verbos
E1	Grudar, ir, ter, tomar, ser
E2	
E3	Dançar, saber
E4	
E5	
E6	Abrir
E7	Achar, passear
E8	Pescar, estar, querer
E9	Atender, dar, olhar, papar, pegar, poder
E10	
E11	Tirar
E12	Brincar, sentar, trabalhar
E13	Acabar, acender, andar, botar, descer, fugir, sair
E14	Cortar, dormir, ficar, gostar, guardar, ligar, morar, nanar, passar, pentear, procurar, puxar, tampar
E15	Cantar, chegar, chover, colocar, comer, empurrar, queimar
E16	Fazer, levar, mexer, parar, subir, virar
E17	Cair, ler
E18	Conversar, cozinhar, descascar, enfeitar, estacionar, segurar, trazer
E19	Começar, deitar, encher, vestir
E20	Beber, colher, comprar, cuidar, deixar, dirigir, escolher, esperar, encher, ensinar, faltar, fechar, haver, misturar, montar, parecer, perder, pôr, pular, quebrar, tirar, ver, vir
E21	Acordar, buscar, caber, carregar, chamar, chorar, congelar, conhecer, costurar, desvirar, dever, emprestar, enxergar, estender, estragar, experimentar, falar, lavar, lembrar, mandar, marcar, morder, navegar, riscar, roncar, voar, recortar
E22	Bater, conseguir, crescer, desmanchar, dizer, encaixar, enrolar, esconder, machucar, martelar, pensar, pingar, precisar, rolar, rir, servir, sumir, trancar
E23	Caminhar, combinar, derramar, escrever, funcionar, ganhar, girar, sobrar, tapar
E24	Amarrar, aparecer, desenrolar, molhar, pintar, prender, soltar, terminar
E25	Aprender, contar, descansar, despentear, esfriar, esquecer, esquentar, preparar, secar, usar
E26	Acontecer, balançar, cobrir, estudar, existir, levantar, limpar, pendurar, telefonar, tocar, viajar

Quadro 6.7: Tipos de verbos por entrevista (Gabriela)

Para melhor visualizar a relação entre substantivos e verbos nas entrevistas do *corpus* construiu-se o Gráfico 6.15, a seguir.

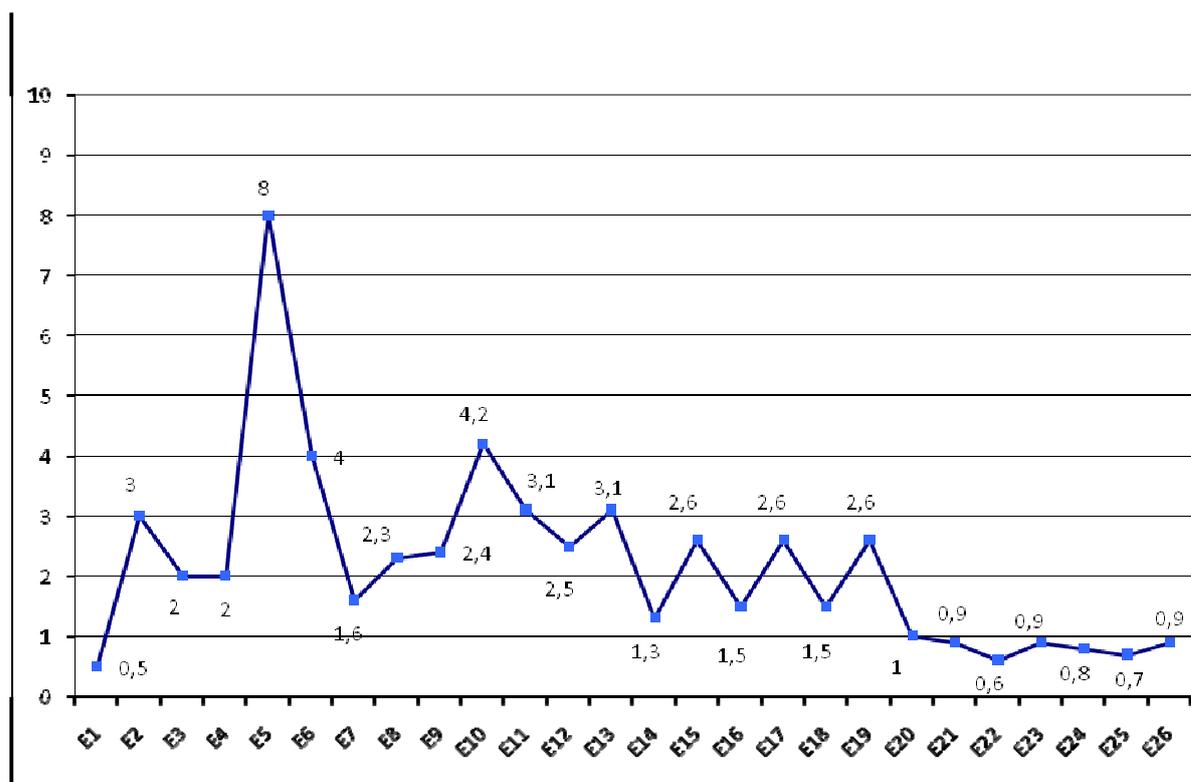


Gráfico 6.15: Relação de tipos de substantivos e verbos (Gabriela)

Pode-se observar que, da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 13 (1:7;28) há uma grande instabilidade na relação entre tipos de substantivos e verbos, principalmente devido à aquisição incipiente desta última classe. Dentro deste período, observa-se ainda uma certa tendência de regularização a partir da entrevista 8 (1:5;20), provavelmente relacionada ao aumento do vocabulário da menina, principalmente no que se refere aos substantivos. No geral, o que se observa neste período, a despeito da entrevista 1, é uma prevalência da classe dos substantivos sobre a classe dos verbos: no primeiro intervalo, a relação média é de 3 substantivos para cada verbo, oscilando entre 0,5 e 8; no segundo, a média da relação fica em torno de 2,9 por entrevista, porém com uma oscilação menor (entre 2,3 e 3,1).

Da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19), registra-se uma oscilação entre 1,3 e 2,6 nas entrevistas do período, influenciada pela oscilação dos verbos, principalmente, neste período.

A partir da entrevista 20 (2:3;17), na qual se registra uma igualdade entre as duas classes, observa-se a prevalência dos verbos sobre os substantivos. Em média, a relação no período que vai desta entrevista até o final da coleta (3:0;21) é de 0,8 substantivos para cada verbo, ou seja, uma ocorrência média de 4 substantivos a cada conjunto de 5 verbos. Esses dados corroboram a versão fraca da hipótese do viés nominal, contribuindo para a teoria da partição natural, proposta por Gentner (1982), de acordo com a qual a prevalência dos substantivos em relação aos verbos durante o período de aquisição lexical inicial é fruto de uma tendência cognitiva, por serem os primeiros de mais fácil entendimento para a criança, devido a sua concretude. O emparelhamento dos dados da informante com essa teoria se faz pelo fato de que, se a prevalência dos substantivos sobre os verbos, em termos de tipos, fosse resultado de um número maior de elementos daquela classe em relação a essa, não se vislumbraria uma aproximação e até mesmo uma superação dessa última, como acontece nos dados de Gabriela, na medida em que a idade da menina avança, fato também já verificado para os demais informantes dessa tese.

Analisando-se todos os dados disponíveis até aqui a respeito dos tipos na fala de Gabriela e separando-os em períodos conforme as dimensões do seu vocabulário, tem-se o Quadro 6.8, abaixo.

Idade	Entrevista	Tamanho Vocabulário	Média Tipos	Média Subs.		Média Verbos	
					%		%
1:2 – 1:5	1 – 8	- 50 pal	19	7	36%	3	15%
1:6 – 1:7	9 – 13	50 pal	56	30	53%	10	17%
1:8 – 2:2	14 – 19	100 – 200 pal	124	53	42%	28	22%
2:3 – 3:0	20 - 26	200 – 400 pal	315	97	30%	110	34%

Quadro 6.8:Tipos conforme faixa etária e tamanho do vocabulário (Gabriela)

Esses dados permitem algumas comparações do vocabulário de Gabriela com os resultados de pesquisas apresentadas na fundamentação teórica desse trabalho.

Primeiramente, é evidente a prevalência dos substantivos sobre os verbos tanto em termos absolutos como percentuais na fala da menina até um vocabulário de 200 palavras (2:2).

Mais do que isso, Gabriela é a única dos quatro informantes que fazem parte dessa tese que apresenta mais da metade de seu léxico composto por substantivos, tal como preconizado por Nelson (1973), para um vocabulário de 50 palavras.

Em termos absolutos, também não se pode corroborar os resultados de Fenson *et al.* (1993) e Bates *et al.* (1994). Esses autores postulam uma curva de aquisição dos substantivos que cresce até o período de 100 palavras, para, a partir daí, estabilizar-se e começar a decrescer. O que se observa nos dados de Gabriela é um crescimento contínuo dos substantivos em termos absolutos. As taxas de crescimento entre um período e outro delineados no quadro são de 328%, 76% e 83%, respectivamente. No entanto, ao se observar a relação dessa classe com o *corpus* como um todo em termos de tipos, percebe-se que, após o período das primeiras 50 palavras, quando o vocabulário de Gabriela começa a se estabilizar, à medida que o tamanho do vocabulário aumenta, a participação dos substantivos é cada vez menor em sua composição – 53%, 42% e 30% em cada período, respectivamente.

Quanto aos verbos, os dados de Gabriela mostram que o maior incremento dessa categoria se dá entre um vocabulário de até 200 palavras para um de mais de 200 palavras, conforme postularam Bates *et al.* (1994). As taxas de crescimento dos verbos entre os períodos evidenciam esse comportamento: 233%, 180% e 292%, respectivamente.

Ainda com relação à composição e desenvolvimento do vocabulário de Gabriela em termos de tipos de substantivos e verbos, os dados corroboram os resultados encontrados por Bassano (1998), Bassano *et al.* (1998) e Bassano (2000), que prevêem uma prevalência dos substantivos em relação aos verbos até a idade de 1:8, para uma posterior igualdade entre os mesmos em torno dos dois anos de idade. No caso da menina, assim como se verificou para os demais informantes, esse desenvolvimento se desenha, embora a igualdade entre as classes só venha a se concretizar mais tarde, no caso de Gabriela, a partir 2:3.

6.2.1.2 Ocorrências

A fim de verificar como se dá o uso destas classes na fala de Gabriela, far-se-á, a seguir, a análise da evolução dos substantivos e verbos em termos de ocorrências. O Gráfico 6.16 ilustra este desenvolvimento.

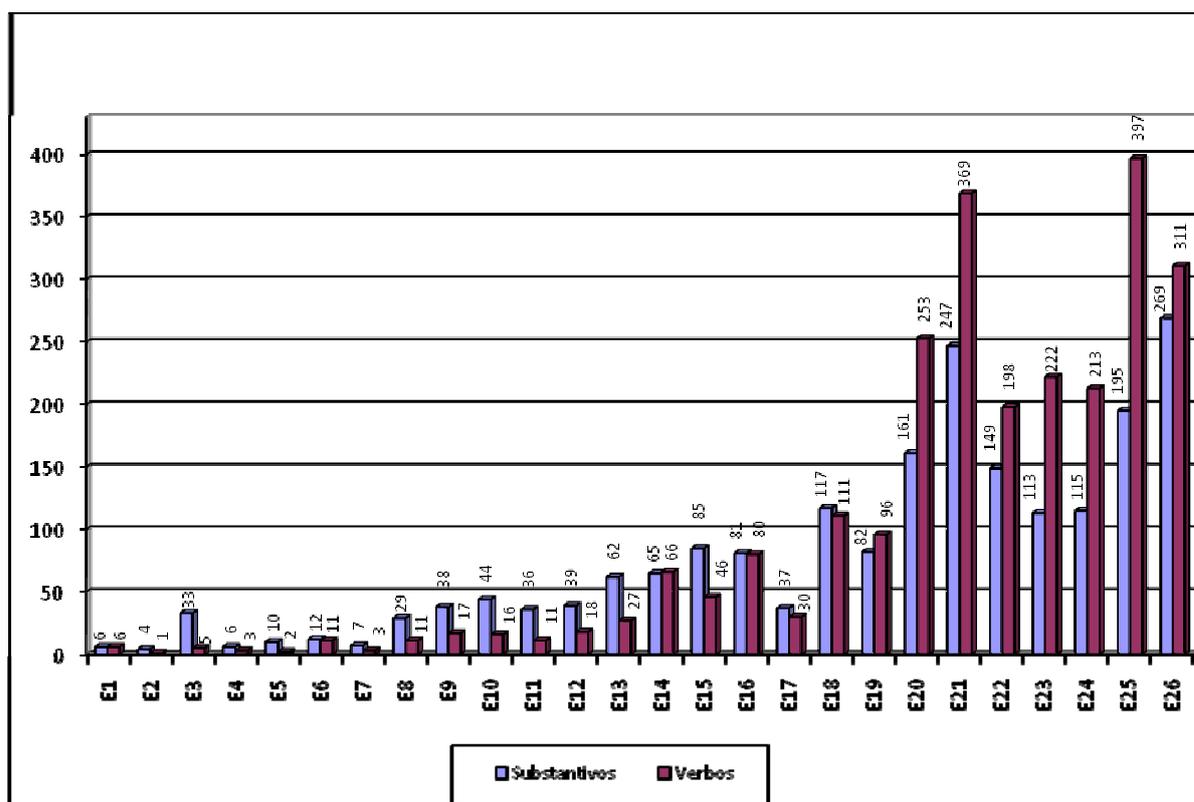


Gráfico 6.16: Ocorrências de substantivos e verbos por entrevista (Gabriela)

Da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 7 (1:5;07), percebe-se, também entre as ocorrências destas classes, um vocabulário reduzido, reflexo do tamanho do vocabulário como um todo neste período. Em termos de substantivos, a média gira em torno de 11 ocorrências por entrevista. Chama-se a atenção que esta média é influenciada pelo elevado número de ocorrências da entrevista 3 (1:3;10) – 33 substantivos – aquela em que Gabriela repetiu 17 vezes a palavra ‘bola’. No geral, registra-se uma repetição de pouco menos de 2 vezes (1,8) cada substantivo, neste período. No que se refere aos verbos, a média de ocorrências neste período é de 4 palavras por entrevista, evidenciando a prevalência dos substantivos neste período inicial, como já determinado para os tipos.

A entrevista 8 (1:5;20) já começa a exibir um novo comportamento das ocorrências tanto de substantivos quanto de verbos. Ela marca o início de uma fase de estabilidade das duas classes, apresentando um crescimento gradual até a entrevista 13 (1:7;28). Em termos de substantivos, esse período (entre 1:5;20 e 1:7;28) apresenta uma média de 41 ocorrências por entrevista, registrando um crescimento de 272% em relação ao período anterior. No que se refere aos verbos,

este período registra uma média de 16 ocorrências por entrevista, indicando um crescimento de 300% em relação ao período anterior. Nesta etapa, também o índice de repetição das duas classes se aproxima: enquanto os substantivos registram 1,4 ocorrências para cada tipo, os verbos exibem uma relação de 1,7 ocorrências para cada tipo, indicando o início da aquisição dos verbos nesta fase.

A entrevista 14 (1:8;12) exhibe uma igualdade entre ocorrências de substantivos e verbos, influenciada muito mais pelo aumento das ocorrências de verbos – 144% entre a entrevista 13 e 14 – do que dos substantivos – 4% neste mesmo ponto. A partir daí, o crescimento das duas classes em estudo toma rumos diferentes.

O desenvolvimento de ocorrências dos substantivos apresenta dois períodos de crescimento, ambos marcados por uma oscilação entre o número de elementos de cada entrevista. Da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19), a média das ocorrências desta classe é de 77 por entrevista, variando entre 37 e 117. A taxa de crescimento entre um período e outro é de 87%. Da entrevista 20 (2:3;17) até a entrevista 26 (3:0;21) a média das ocorrências dos substantivos é de 178 palavras por entrevista. Isso representa um crescimento de 131% em relação ao período anterior. Neste período, o número de ocorrências de substantivos por entrevista varia entre 113 e 269 palavras.

No que se refere aos verbos, o desenvolvimento das ocorrências é bem mais expressivo. Da entrevista 14 (1:8;12) para a entrevista 19 (2:2;19), registra-se uma média de 71 ocorrências de verbos por entrevista, indicando um crescimento de 343% em relação ao período anterior. Entre a entrevista 20 (2:3;17) e a entrevista 26 (3:0;21) a média de ocorrências de verbos é de 280 palavras por entrevista, exibindo uma taxa de crescimento de 294%. Entre os substantivos, a relação entre tipos e ocorrências neste primeiro período é de 1,4, e, no segundo, de 1,8. Para os verbos, esta relação é de 2,5 nos dois períodos, indicando uma maior repetição de verbos do que de substantivos na fala de Gabriela, como já se verificou em outros informantes.

A fim de ilustrar as ocorrências dessas duas classes no *corpus*, propõe-se a observação dos Quadros 6.9 e 6.10, abaixo, que expõem, respectivamente, os substantivos e os verbos mais freqüentes em cada período de análise.

Período	Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências
1	1 – 7	1:2;13 – 1:5;07	bola	18
2	8 – 13	1:5;20 – 1:7;28	carro	21
3	14 – 19	1:8;12 – 2:2;19	milho	13
4	20 - 26	2:3;17 – 3:0;21	tomate	30

Quadro 6.9: Ocorrências de substantivos por período (Gabriela)

Período	Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências
1	1 – 7	1:2;13 – 1:5;07	é	10
2	8 – 13	1:5;20 – 1:7;28	abre	14
3	14 – 19	1:8;12 – 2:2;19	é	136
4	20 - 26	2:3;17 – 3:0;21	é	425

Quadro 6.10: Ocorrências de verbos por período (Gabriela)

O gráfico 6.17, que exhibe as relações entre ocorrências de substantivos e verbos no desenvolvimento lexical de Gabriela, ilustra esta tendência sob um outro aspecto.

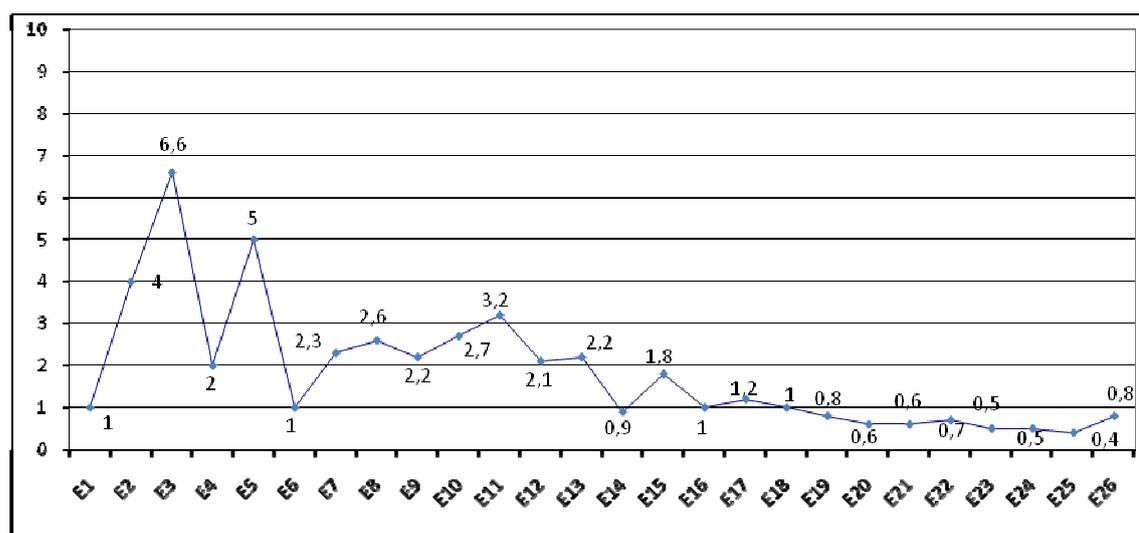


Gráfico 6.17: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Gabriela)

Da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 13 (1:7;28) registra-se uma prevalência dos substantivos sobre os verbos em termos de ocorrências, tal qual acontecia com os tipos. Além disso, registra-se uma grande oscilação entre o início da coleta e a entrevista 6 (1:4;22), com média de 3,2 substantivos para cada verbo, oscilando entre 1 e 6,6. Da entrevista 7 (1:5;07) até o final deste período, observa-se uma certa regularidade nesta relação, com média de 2,4 substantivos para cada verbo, oscilando entre 2,1 e 3,2.

Da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 18 (2:1;27), nota-se uma oscilação na relação, prevalecendo ora os substantivos, ora os verbos, que varia de 0,9 a 1,8. A partir da entrevista 19 (2:2;19) até o final da coleta (3:0;21) prevalecem as ocorrências dos verbos, com média de 0,6 substantivos para cada verbo, ou seja, a ocorrência de 5 verbos para cada três substantivos.

Com base nos dados descritos até aqui se pode constatar a atuação da hipótese do viés nominal na fala de Gabriela, com prevalência dos substantivos até a idade de 2:2.

O Quadro 6.11 exemplifica o comportamento dos elementos dessas duas classes, por meio da exposição dos vocábulos mais frequentes em cada uma, por entrevista.

6.2.2 Análise semestral

Com o intuito de manter o mesmo padrão de análise executado com os demais informantes, passar-se-á, neste momento, à descrição dos dados das classes de substantivos e verbos a partir de intervalos fixos, distantes seis meses um do outro. Para isso, foram selecionadas do *corpus* coletado da menina Gabriela as entrevistas 1 (1:2;13), 14 (1:8;12), 19 (2:2;19) e 23 (2:8;16).

6.2.2.1 Substantivos

O gráfico 6.18 exibe a evolução dos tipos dos substantivos nestas entrevistas.

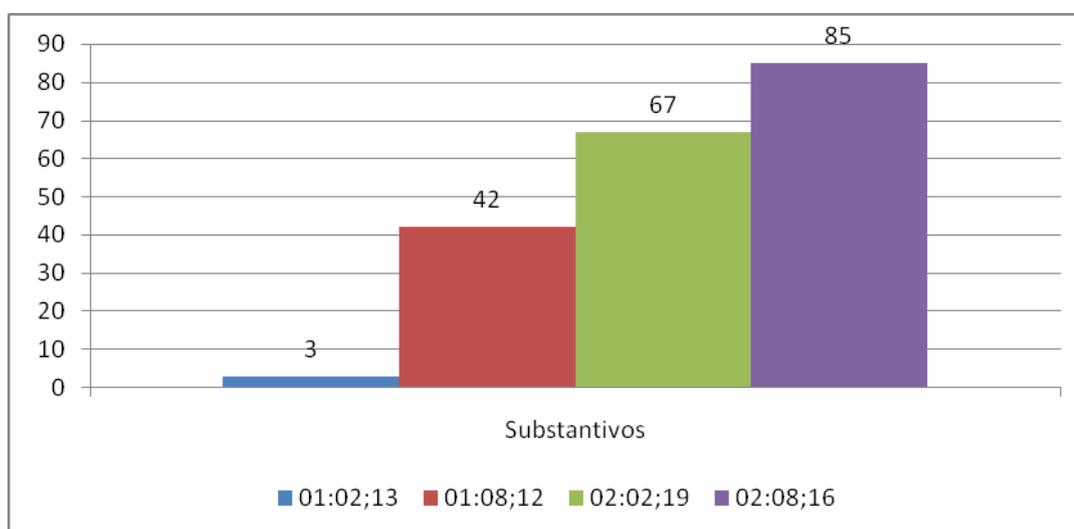


Gráfico 6.18: Tipos de substantivos em entrevistas semestrais (Gabriela)

Entrevista	Idade	Substantivo	Entrevista	Corpus	Verbo	Entrevista	Corpus
E1	1:2;13	palhaço	4	11	ir ⁵¹	2	
E2	1:2;27	pé	2	13	é	1	573
E3	1:3;10	bola	17	29	é	3	573
E4	1:3;24	lua	6	30	é	2	573
E5	1:4;09	carro	2	41	é	2	573
E6	1:4;22	carro	2	41	é	3	573
E7	1:5;07	lua	3	30	abre/achei/passear	1	26/5/6
E8	1:5;20	lua	6	30	ta	4	183
E9	1:6;03	carro	5	41	é	5	573
E10	1:6;17	carro	5	41	olha	6	31
E11	1:7;01	carro	7	41	tirar	3	20
E12	1:7;15	bola	3	29	dá	3	3
E13	1:7;28	laranja	4	13	abrir	6	24
E14	1:8;12	banana	9	24	vou	9	31
E15	1:8;27	mamãe	6	26	é	12	573
E16	1:9;09	luzinha	6	10	é	10	573
E17	1:10;21	carro	3	41	é	7	573
E18	2:1;27	milho	9	31	é	43	573
E19	2:2;19	pente	5	26	é	60	573
E20	2:3;17	leite	9	11	é	44	573
E21	2:5;24	boneca	9	25	é	54	573
E22	2:7;12	tomate	7	35	é	41	573
E23	2:8;16	areia/banho/prato	3	7/17/12	é	60	573
E24	2:9;16	mãe	6	20	é	36	573
E25	2:10;17	remédio	13	14	é	99	573
E26	3:0;21	bruxa/chapéu	7	14/21	é	81	573

Quadro 6.11: Substantivos e verbos mais frequentes por entrevista (Gabriela)

Da entrevista 1 (1:2;13) para a entrevista 14 (1:8;12) registra-se um crescimento de 1300% dos substantivos, enfatizando que o crescimento desta classe se dá de forma efetiva nestes 6 primeiros meses de coleta, período em que a informante entra para o período das 50 primeiras palavras. Efetivamente, a prevalência de substantivos nesta fase é notório, como foi visto anteriormente. A entrevista 14 já marca a saída deste período, exibindo 119 tipos. Mesmo assim os substantivos ainda representam 35% do vocabulário da menina nesta entrevista (enquanto na entrevista anterior – 1:7;28 – representam 63% do vocabulário).

Da entrevista 14 para a entrevista 19 (2:2;19), registra-se um aumento bem menor desta classe – 59% - até porque estas duas entrevistas marcam bem o início e o fim de um período de aquisição da informante. Note-se, por exemplo, que da entrevista 19 para a entrevista 20 (2:3;17), com apenas 28 dias de intervalo, registra-se um aumento de 53% nos tipos dos substantivos, quase idêntico ao crescimento exibido durante todo o semestre.

⁵¹ Na verdade, nessa entrevista Gabriela falou 6 verbos: 'é', 'grudar', 'tenho', 'tomou', 'vamos', e 'vai', com uma ocorrência cada um.

Da entrevista 19 para a entrevista 23 (2:8;16) a taxa de crescimento é de 26%, indicando o crescimento menor dessa classe neste período.

O Gráfico 6.19 avalia este mesmo crescimento em termos da média de tipos de substantivos por entrevistas registrada nos períodos semestrais avaliados.

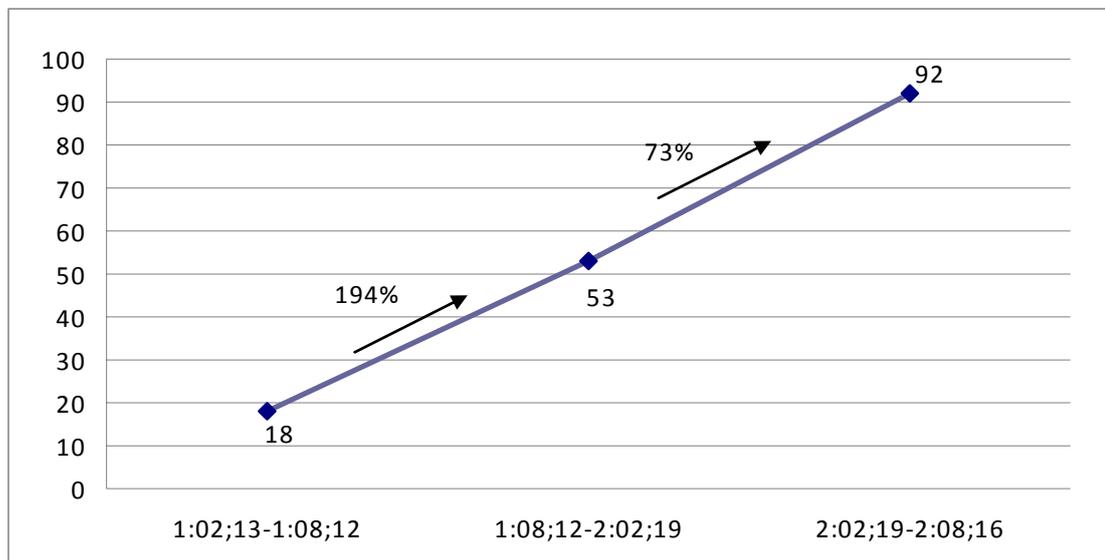


Gráfico 6.19: Taxa de crescimento a partir da média de tipos de substantivos em períodos semestrais (Gabriela)

A observação do gráfico confirma a distribuição de crescimento dos substantivos ao longo da coleta. De uma média de 18 tipos de substantivos no primeiro semestre, a menina passa para 53 no segundo, exibindo um crescimento de 194% neste primeiro período. No último semestre de coleta a média de tipos fica em torno de 92 substantivos, exibindo um crescimento de 73% em relação ao período anterior.

Como já hipotetizado para os demais informantes, talvez esta diminuição na taxa de crescimento dos substantivos, se deva à entrada, no vocabulário de Gabriela, de pronomes substantivos, uma vez que já se verificou que a aquisição das palavras gramaticais ocorre mais consistentemente a partir deste período na fala da menina.

Por isso, o Gráfico 6.20 exhibe o desenvolvimento destas duas classes ao longo da coleta.

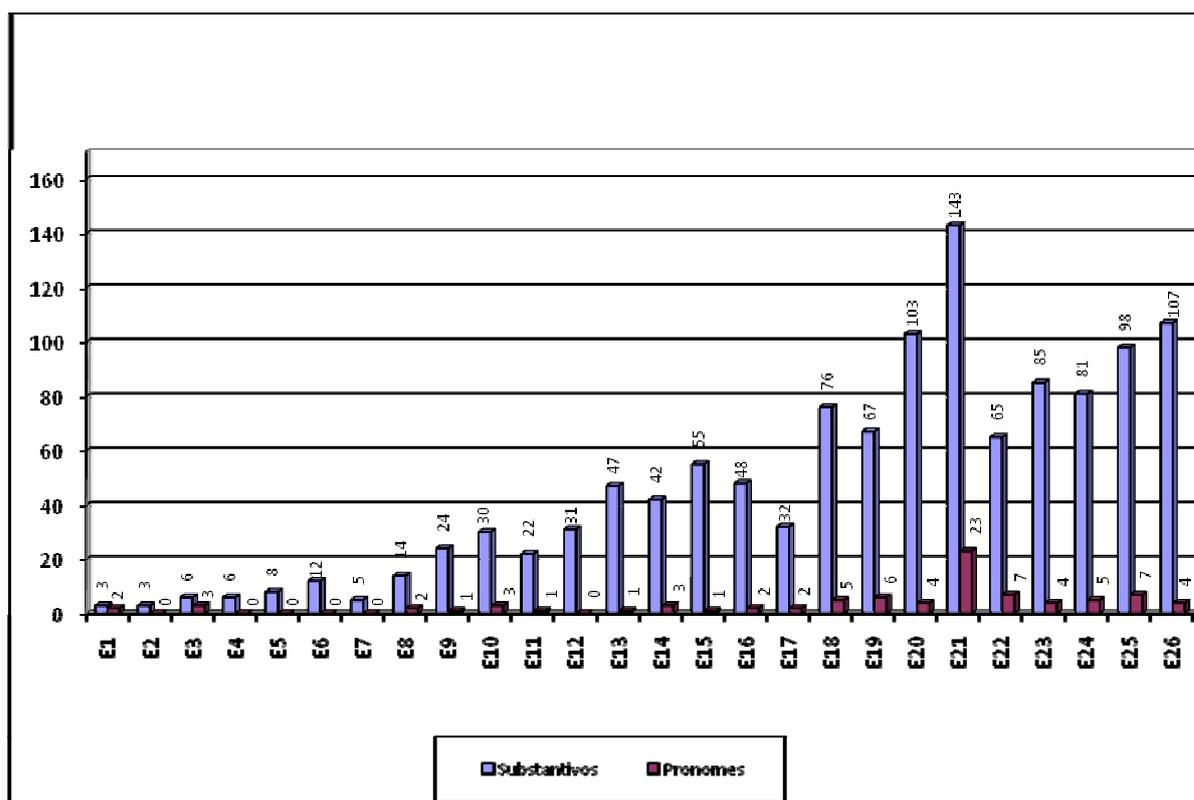


Gráfico 6.20: Tipos de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Gabriela)

A observação do gráfico mostra que o domínio dos pronomes substantivos é tardio na fala de Gabriela. Excetuando-se a entrevista 1 (1:2;13), onde há a ocorrência dos pronomes 'eu' e 'tudo', e a entrevista 3 (1:3;10), onde Gabriela fala os pronomes 'ela', 'eu' e 'tudo', esta classe só vai reaparecer no vocabulário da menina na entrevista 8 (1:5;20) e, mesmo assim, não passará de 7 tipos por entrevista até o final da coleta, com exceção da entrevista 21 (2:5;24), onde se observa a existência de 23 tipos de pronomes substantivos. Esse momento isolado reflete, por um lado, a própria idiosincrasia desta entrevista, já comentada e, por outro, um aparecimento isolado de certas expressões que não apareceram nas demais entrevistas por razões que não se conhece aqui.

Enfim, o desenvolvimento da classe dos pronomes substantivos em termos de tipos não explica a diminuição na taxa de crescimento dos substantivos na fala de Gabriela. No que se refere às ocorrências, passaremos à análise dos mesmos a seguir.

O Gráfico 6.21 ilustra o desenvolvimento dos substantivos em termos de ocorrências nas entrevistas selecionadas.

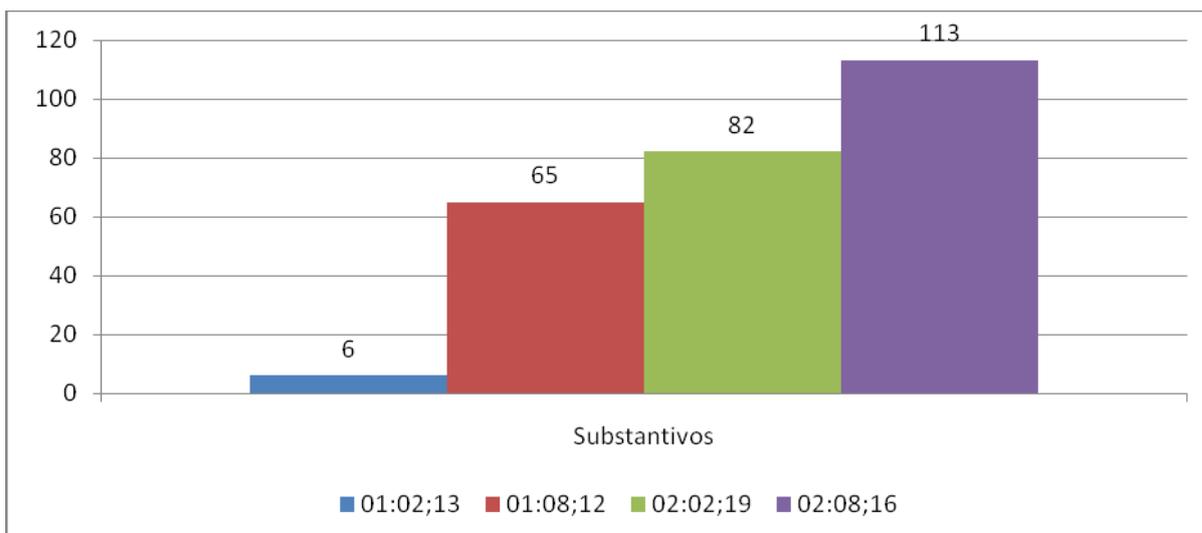


Gráfico 6.21: Ocorrências de substantivos em entrevistas semestrais (Gabriela)

Da entrevista 1 (1:2;13) para a entrevista 14 (1:8;12) registra-se um crescimento de 983%. Esse crescimento extraordinário é alcançado pelas mesmas razões já descritas para os tipos. Nota-se, entretanto, que o crescimento destes últimos é maior – 1300% - do que das ocorrências, enfatizando o aumento de vocabulário referente à incorporação de elementos desta classe neste período.

Da entrevista 14 para a entrevista 18 (2:1;27), a taxa de crescimento é de 26% e, desta para a entrevista 23 (2:8;16), de 37%. Os valores são baixos devido ao critério de seleção utilizado nesta amostra, como já comentado.

Para minimizar os efeitos desta seleção, o Gráfico 6.22 exibe a média de ocorrências de substantivos nestes períodos semestrais, contabilizando todas as entrevistas dos mesmos.

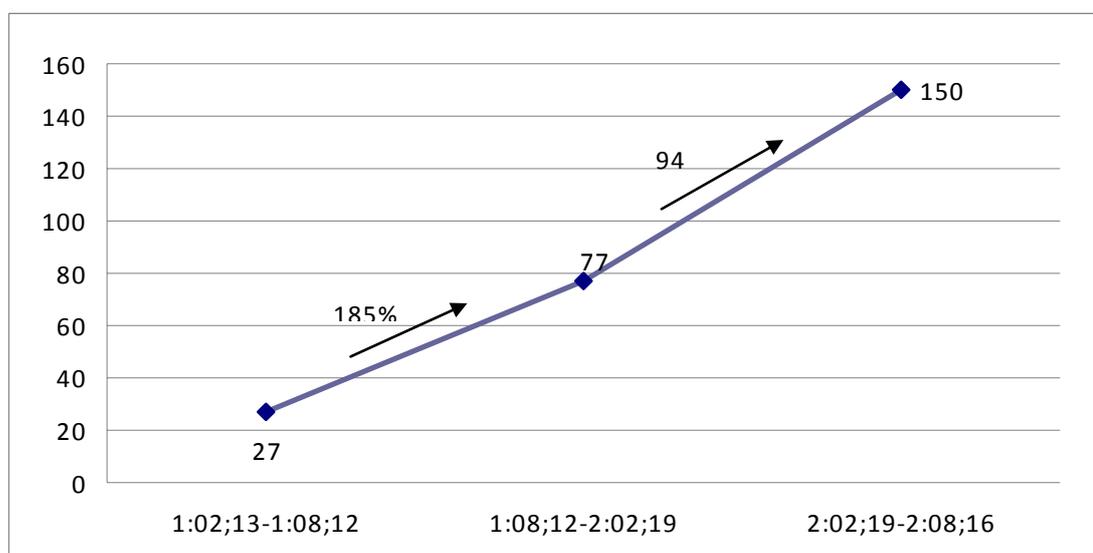


Gráfico 6.22: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de substantivos em intervalos semestrais (Gabriela)

O gráfico demonstra que, em termos de ocorrências, os substantivos apresentam o mesmo comportamento evidenciado para os tipos. Um crescimento maior do primeiro para o segundo período – 185%, passando de 27 para 77 ocorrências por entrevista – do que deste para o terceiro período semestral – 94%, passando para uma média de 150 ocorrências de substantivos por entrevista. Além disso, comparando-se com as taxas de crescimento exibidas para os tipos, pode-se afirmar que do primeiro para o segundo semestre o crescimento se dá mais em termos de incorporação de novos substantivos ao vocabulário da menina, ao contrário do que acontece do segundo para o terceiro semestre de coleta, quando, apesar do crescimento do vocabulário desta classe, o incremento se dá mais no uso do vocabulário já adquirido.

A despeito desta constatação, registra-se uma diminuição na taxa de crescimento das ocorrências de substantivos, fato que, conforme a hipótese levantada por Vidor, Andersen, Lamprecht e Pacheco (2004) pode ser devida ao uso dos pronomes substantivos no lugar destes. Apesar de a análise do Gráfico 6.20 ter constatado um número muito reduzido de tipos desta classe, sabe-se que os pronomes substantivos, assim como os demais elementos do grupo das palavras gramaticais, se caracterizam pelo alto índice de repetição de seus elementos. Assim verificar-se-á tal influência a partir da análise do Gráfico 6.23, que exhibe o desenvolvimento destas duas classes em termos de ocorrências ao longo da coleta.

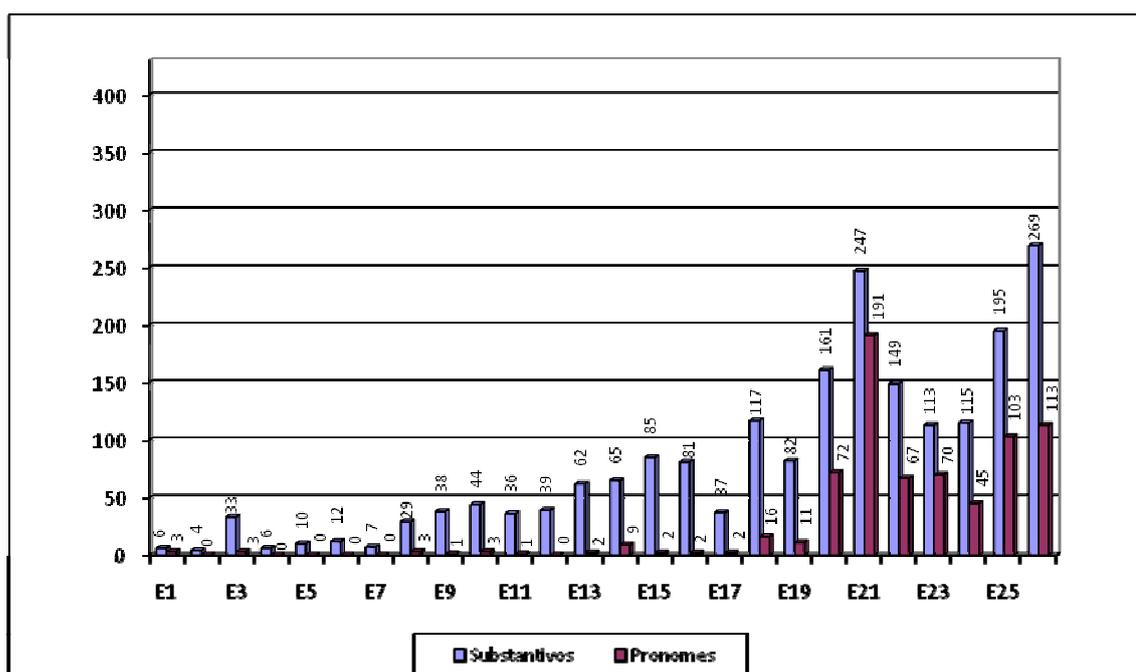


Gráfico 6.23: Ocorrências de substantivos e pronomes substantivos por entrevista (Gabriela)

Obviamente, da entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 7 (1:5;07), ressalva feita às entrevistas 1 e 3, não se registram ocorrências de pronomes substantivos. Da entrevista 8 (1:5;20) até a entrevista 17 (1:10;21) o número de ocorrências destes elementos não passa de 9 palavras por entrevista, girando em torno de uma média de 2,5 ocorrências. O índice de repetição desta classe, neste período, é de 1,5 ocorrências para cada tipo, revelando muito pouca repetição destes elementos.

As entrevistas 18 (2:1;27) e 19 (2:2;19) exibem uma média de 13 ocorrências de pronomes substantivos, elevando a relação ocorrência x tipo para 2,5. Além disso, a relação substantivo x pronome substantivo, que era de mais de 20 elementos da primeira classe para cada elemento da segunda classe, passa para 7 substantivos para cada pronome substantivo neste período.

Da entrevista 20 (2:3;17) até a entrevista 26 (3:0;21), a média das ocorrências dos pronomes substantivos é de 94 por entrevista, um crescimento de 623% em relação ao período anterior. Nesta etapa, cada tipo de pronome substantivo é repetido 12 vezes em média pela menina e a relação entre as ocorrências de substantivos e de pronomes substantivos é de menos de 2 (1,8) elementos da segunda classe para cada elemento da primeira.

Os resultados comprovam que, apesar do pequeno número de pronomes substantivos registrado na fala de Gabriela em termos de tipos, seu uso interfere na distribuição das ocorrências dos substantivos, evidenciando sua influência na diminuição da taxa de uso dos substantivos durante o último semestre de coleta.

O Quadro 6.12 ilustra a distribuição dos pronomes substantivos na fala de Gabriela, indicando os elementos mais freqüentes dessa classe a cada entrevista.

6.2.2.2 Verbos

Quanto aos verbos, a análise semestral revela os seguintes resultados. O Gráfico 6.24 ilustra o desenvolvimento desta classe no que se refere aos tipos nas 4 entrevistas selecionadas.

Entrevista	Idade	Palavra	Ocorrências Entrevista	Ocorrências corpus
E1	1:2;13	Eu	2	324
E2	1:2;27	-	-	-
E3	1:3;10	Eu	2	324
E4	1:3;24	-	-	-
E5	1:4;09	-	-	-
E6	1:4;22	-	-	-
E7	1:5;07	-	-	-
E8	1:5;20	Eu	2	324
E9	1:6;03	Nada	1	6
E10	1:6;17	Tudo	2	29
E11	1:7;01	Nada	1	6
E12	1:7;15	-	-	-
E13	1:7;28	Eu	2	324
E14	1:8;12	Ele	6	66
E15	1:8;27	Eu	2	324
E16	1:9;09	Tu/você	1	26/10
E17	1:10;21	Tudo	2	29
E18	2:1;27	Eu	11	324
E19	2:2;19	Ela	4	195
E20	2:3;17	Eu	45	324
E21	2:5;24	Eu	62	324
E22	2:7;12	Eu	43	324
E23	2:8;16	Eu	38	324
E24	2:9;16	Eu	21	324
E25	2:10;17	Ela	41	195
E26	3:0;21	Eu	59	324

Quadro 6.12: Pronomes substantivos mais freqüentes por entrevista (Gabriela)

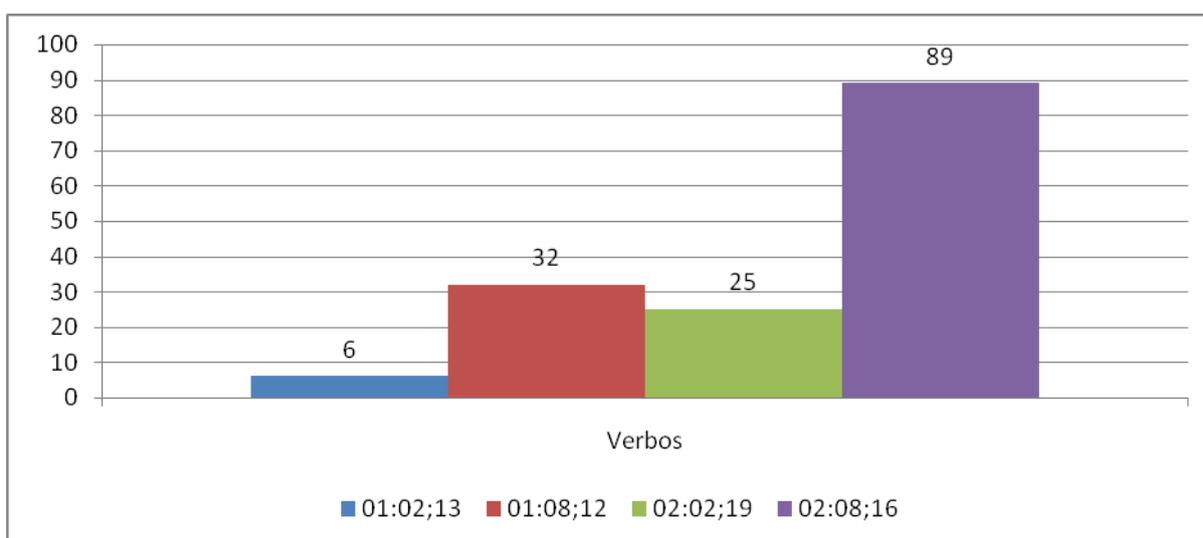


Gráfico 6.24: Tipos de verbos em entrevistas semestrais (Gabriela)

A observação do gráfico revela uma alta taxa de crescimento 133% - da primeira para a segunda entrevista, com uma diminuição no número de tipos de verbos desta para a terceira entrevista – decréscimo de 21%. Da entrevista 19

(2:2;19) para a entrevista 23 (2:8;16), o número de tipos de verbos volta a subir – 256%. Na verdade, a alta taxa de crescimento evidenciada da entrevista 1 (1:2;13) para a entrevista 14 (1:8;12) está relacionada, por um lado ao pequeno número de elementos desta classe neste período e, por outro, à seleção da entrevista 14 como referência, justamente aquela que marca o início da aquisição mais consistente desta classe, como visto anteriormente. No semestre seguinte de coleta, o que se percebe é uma regularidade no domínio desta classe, que só não está melhor evidenciada aí porque a entrevista selecionada é uma das que apresenta menor número de tipos de todo o período, que registra uma média de 28 tipos desta classe. A passagem da entrevista 19 (2:2;19) para a entrevista 23 (2:8;16) revela, desta forma, a aquisição mais consistente desta classe.

O Gráfico 6.25, que exhibe as médias dos tipos dos verbos através da soma de todas as entrevistas coletadas nos períodos semestrais, ilustra esta situação de maneira mais clara.

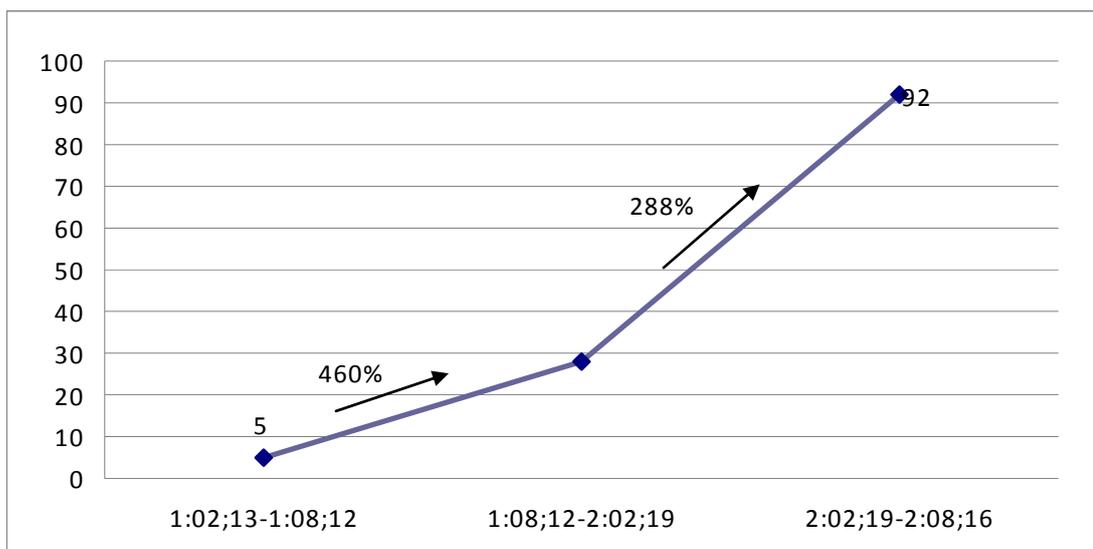


Gráfico 6.25: Taxas de crescimento a partir da média de tipos de verbos em períodos semestrais (Gabriela)

Apesar de a maior taxa de crescimento dos tipos dos verbos estar colocada entre o primeiro e o segundo semestre de coleta, por ser justamente a entrevista 14 que marca o início do domínio da classe verbal, a taxa de crescimento entre o segundo e o terceiro período também é bastante alta – 288% - evidenciando o crescimento desta classe ao longo da coleta.

Quanto às ocorrências, exibem um crescimento contínuo da classe dos verbos, conforme ilustra o Gráfico 6.26.

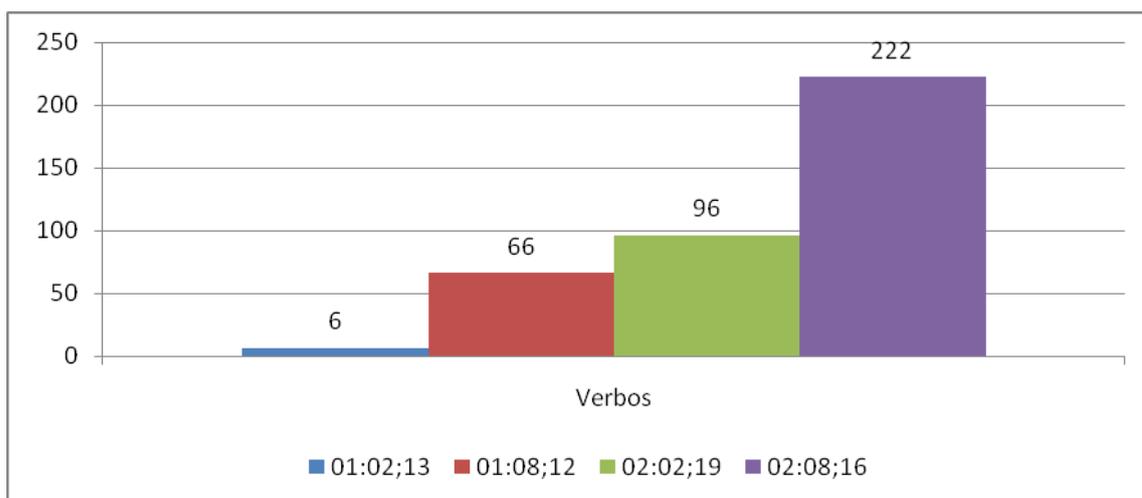


Gráfico 6.26: Ocorrências de verbos em entrevistas semestrais (Gabriela)

Da entrevista 1 (1:2;13) para a entrevista 14 (1:8;12), a taxa de crescimento é de 1000%. Desta para a entrevista 19 (2:2;19), registra-se um crescimento de 45% e, desta para a última entrevista selecionada (2:8;16), 131%. Esses resultados revelam que, em termos de ocorrências, os verbos crescem muito mais do que os substantivos na fala de Gabriela, fato que não se evidencia para os tipos.

O Gráfico 6.27 evidencia este crescimento em termos de média das ocorrências de verbos nos períodos semestrais estudados.

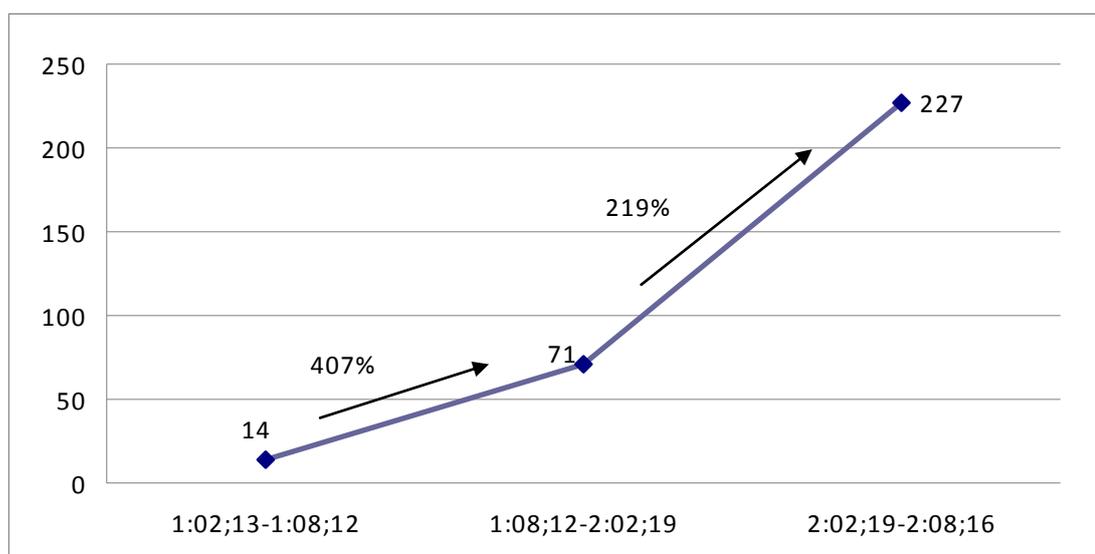


Gráfico 6.27: Taxa de crescimento a partir da média de ocorrências de verbos em períodos semestrais (Gabriela)

O gráfico mostra que Gabriela passou de uma média de 14 ocorrências de verbos por entrevista no primeiro semestre de coleta para 71 verbos por entrevista

no segundo semestre, exibindo um crescimento de 407% entre um período e outro. Do segundo para o terceiro semestre, esse crescimento foi de 219%, evidenciando uma média de 227 ocorrências de verbos por entrevista no último semestre de coleta.

A fim de tentar estabelecer a atuação da hipótese do viés nominal através da análise das entrevistas semestrais se propõe a observação dos Gráficos 6.28 e 6.29 abaixo.

O Gráfico 6.28 reúne as informações relativas ao desenvolvimento dos tipos nas quatro entrevistas selecionadas tanto para os substantivos quanto para os verbos.

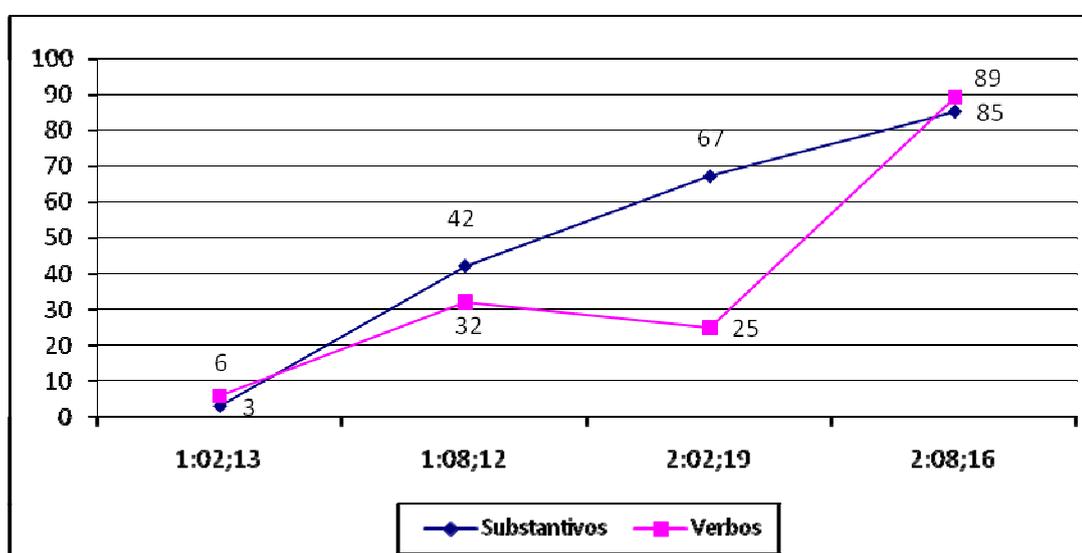


Gráfico 6.28: Relação entre tipos de substantivos e verbos (Gabriela)

Apesar de estabelecer a prevalência dos substantivos até os 2:8 na fala de Gabriela, corroborando a atuação da hipótese do viés nominal, este gráfico não revela toda a superioridade desta classe, principalmente no que se refere à primeira entrevista da amostra que revela uma inversão atípica na produção destas duas categorias.

Em termos de ocorrências, percebe-se a prevalência dos verbos já verificada nas análises anteriores, principalmente na entrevista 23 (2:8;16) que é aquela que revela uma prevalência desta classe até mesmo em termos de tipos. O Gráfico 6.29 resume o desenvolvimento das ocorrências, comparando a classe dos substantivos e dos verbos nas entrevistas selecionadas.

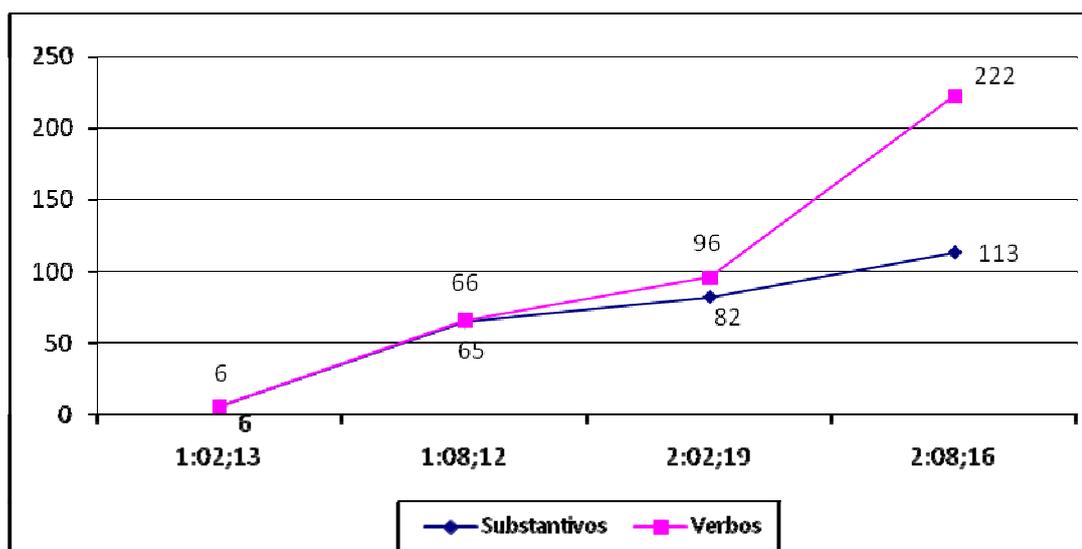


Gráfico 6.29: Relação entre ocorrências de substantivos e verbos (Gabriela)

6.3 Considerações finais (Gabriela)

Após a análise de todos os dados disponíveis da informante Gabriela, pode-se responder às questões levantadas por essa tese referentes a seu vocabulário.

No que se refere à explosão do vocabulário, a menina apresenta dois momentos nos quais o fenômeno pode residir:

1. entre o período que vai da entrevista 14 (1:8;12) até a entrevista 19 (2:2;19), o qual registra uma média de 124 palavras por entrevista. entrevista 1 (1:2;13) até a entrevista 8 (1:5;20) e aquele que vai da entrevista 9 (1:6;03) até a entrevista 13 (1:7;28), quando o vocabulário da menina passa de 19 palavras, em média, por entrevista, para 56 palavras;
2. Em ambos verifica-se uma taxa de crescimento acima de 100% - 194% e 121%, respectivamente – valor estabelecido nessa tese como definidor do fenômeno.

Linguisticamente, esse fenômeno parece estar associado à passagem do período das primeiras 50 palavras para um vocabulário maior, de cerca de 100 palavras ou mais, ou seja, aquele período que corresponderia à passagem do segundo para o terceiro período registrado nos dados de Gabriela. Além disso, em termos de idade, parece mais compatível situar a explosão do vocabulário aí, entre 1:7 e 1:8, uma vez que os dados da literatura sugerem que ele acontece por volta

dos dois anos de idade. Por outro lado, o fenômeno da explosão do vocabulário parece estar associado a um aumento expressivo das palavras de conteúdo, em especial dos substantivos. No caso de Gabriela, vislumbra-se um aumento na taxa de crescimento dos tipos de 194% entre o primeiro e o segundo períodos delimitados, sendo que as palavras de conteúdo cresceram 281% (contra 85% das palavras gramaticais) e os substantivos cresceram 328% (contra 233% dos verbos) nesse período. Do segundo para o terceiro período, a taxa de crescimento dos tipos foi de 121%, sendo que as palavras de conteúdo cresceram 119% (contra 138% das palavras gramaticais) e os substantivos cresceram 166% (contra 180% dos verbos).

De posse desses dados aqui resumidos, infere-se que o fenômeno da explosão de vocabulário aconteceu na fala de Gabriela, promovendo um crescimento de 552% de seu vocabulário entre 1:2 e 1:8, período que se poderia caracterizar como de 0-100 palavras, sendo que este crescimento está fortemente marcado pela aquisição das palavras de conteúdo (736%, contra 342% das palavras gramaticais), sendo tanto a contribuição dos substantivos (657%) como a dos verbos (833%) substancial para a demarcação do fenômeno⁵².

Os dados da menina Gabriela também corroboram, assim como os dos demais informantes dessa tese, a versão fraca da hipótese do viés nominal, a saber, a prevalência dos substantivos sobre os verbos durante o período inicial de aquisição. Além dessa prevalência, que ocorre até os 2:3 em relação aos tipos, Gabriela foi a única dos quatro informantes dessa pesquisa que apresentou mais da metade do seu vocabulário inicial (até 50 palavras) composto por substantivos, tal como preconizou Nelson (1973) em seu estudo pioneiro. Esses resultados apontam para a comprovação da teoria da partição natural (Gentner, 1982), a qual prediz que os substantivos são mais fáceis de serem adquiridos do que os verbos, devido a sua concretude.

Os dados da menina Gabriela apontam ainda para uma aquisição sólida de um grupo de palavras responsável por relacionar as idéias do discurso, denominado palavras gramaticais. Em termos de tipos, esse grupo cresceu substancialmente a partir de 1:8 (523% até o final da coleta), ultrapassando o grupo das palavras de conteúdo em termos de ocorrências, chegando a perfazer 52% do vocabulário total

⁵² Talvez se a incidência dos verbos tivesse sido lematizada, seu crescimento fosse menor. Além disso, essa alta taxa de crescimento está relacionada à baixíssima frequência dos verbos em um período inicial de coleta – apenas 3 vocábulos, em média, por entrevista, entre 1:2 e 1:5.

da menina. Especificamente, observa-se o funcionamento dessa classe pela substituição dos substantivos pelos pronomes substantivos na fala de Gabriela.

Enfim, os dados da informante Gabriela corroboram a existência dos fenômenos estudados por essa tese, em consonância com os resultados obtidos para os demais informantes, apesar de sua variabilidade individual.

7 COMPARAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS

Este capítulo tem como objetivo comparar alguns aspectos levantados na descrição e análise de dados dos informantes, a fim de fornecer respostas mais gerais às questões que norteiam este trabalho.

Primeiramente, apresentar-se-á um quadro resumido do *corpus* de dados do qual estão sendo extraídas as informações. Ao todo foram 83 entrevistas de 30 minutos cada, totalizando mais de 41 horas de gravação ao longo da pesquisa. As entrevistas estão distribuídas entre os informantes conforme ilustra a o Quadro 7.1.

INFORMANTE	ENTREVISTAS	IDADE
Ana	14	1:2;05 – 2:11;23
Leonardo	18	1:5;05 – 2:10;22
Gabriel	25	1:10;09 – 2:11;27
Gabriela	26	1:2;13 – 3:0;21
TOTAL	83	

Quadro 7.1: Distribuição dos dados por informante

Nestas entrevistas, as crianças falaram 46.985 palavras, referentes a 4.446 tipos. O Gráfico 7.1 ilustra a quantidade geral de tipos e ocorrências ditos por cada informante ao longo do período de coleta.

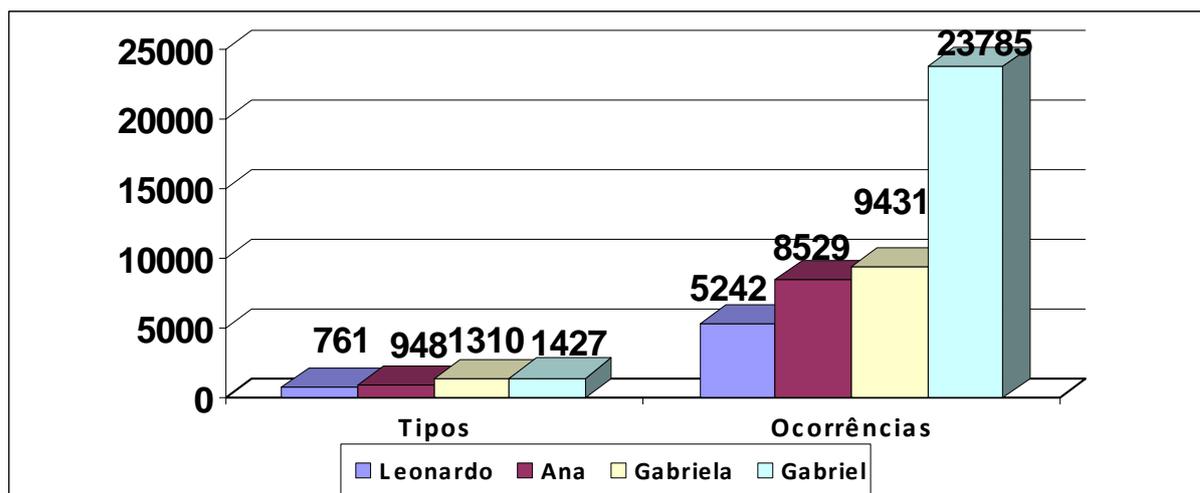


Gráfico 7.1: Total de tipos e ocorrências por informante

Como se pode observar, a relação entre os informantes em termos de tipos é mais homogênea do que em termos de ocorrências. Além disso, é interessante notar que a quantidade tanto de uma categoria como de outra não está intrinsecamente relacionada com o número de entrevistas coletadas. Levando-se em consideração o fator número de entrevistas e, portanto, horas de coleta de dados, uma vez que todas as entrevistas duraram exatamente 30 minutos, teríamos o seguinte ranqueamento: Gabriela (26 entrevistas); Gabriel (25 entrevistas); Leonardo (18 entrevistas) e Ana (14 entrevistas), conforme informações constantes do Quadro 7.1. No entanto, levando-se em consideração a quantidade de tipos ditos por cada informante, tal ranqueamento não se mantém. O informante que apresentou maior número de tipos foi Gabriel (1427), seguido de Gabriela (1310), Ana (948) e Leonardo (761).

Apesar de, obviamente, a quantidade de entrevistas ter uma relação direta com a quantidade de palavras ditas por cada informante, essa não é a única variável que está em jogo quando se analisa o vocabulário dos informantes, como se pode deduzir pelos dados. Por exemplo, apesar de ter 4 entrevistas a mais do que Ana (o que representa duas horas a mais de interação), Leonardo tem menos palavras em sua amostra do que a menina. Esse dado deixa claro que ela possui um vocabulário maior e é mais falante do que ele neste período etário que a pesquisa está cobrindo, uma vez que as idades de início e término de coleta não variam muito entre os dois. De fato, isso reforça o que vinha sendo dito na análise individual de Leonardo, que

inicia sua amostra com muito poucas palavras, interferindo nos resultados obtidos para ele em uma faixa etária inicial.

No que se refere às ocorrências, o mesmo ranqueamento demonstrado para os tipos é observado, estabelecendo uma relação estreita entre uma categoria e outra. No entanto, assim como se vem comentando ao longo de toda a tese, embora essa relação exista, ela não é linear. Observe-se, por exemplo, a relação entre os tipos na fala dos informantes Gabriela e Gabriel e a relação entre as ocorrências destes dois informantes, conforme os dados apresentados no gráfico 7.1. Para se ter uma melhor idéia da relação entre os informantes, minimizando o efeito do número de entrevistas, propõe-se a comparação entre as médias de tipos e ocorrências, conforme ilustra o Gráfico 7.2.

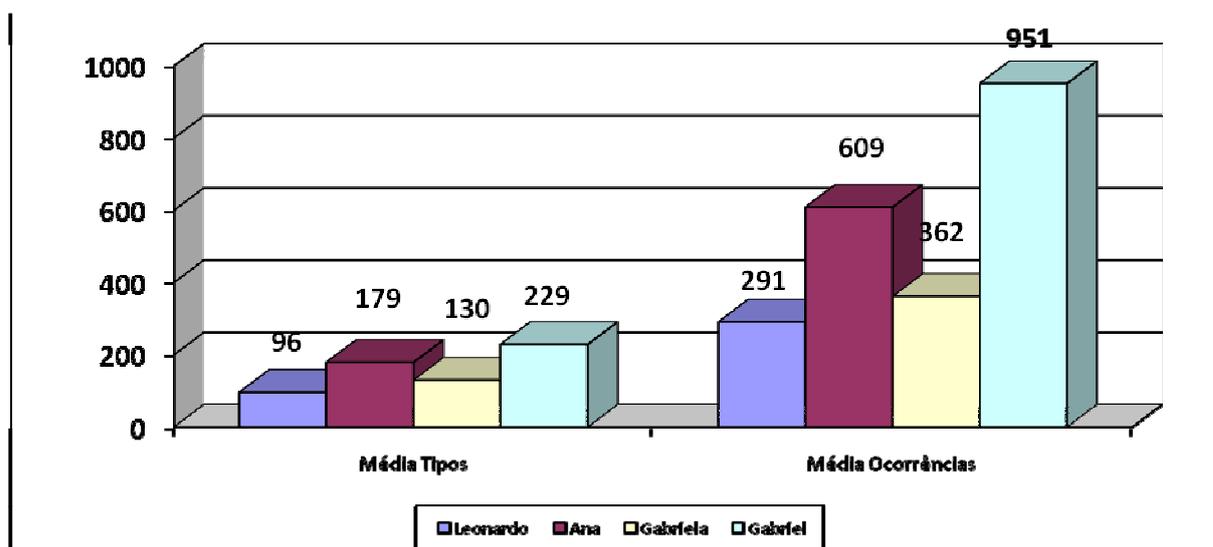


Gráfico 7.2: Média de tipos e ocorrências por entrevista de cada informante

A média dos tipos e das ocorrências se refere ao resultado obtido pelo cálculo da soma dos totais de cada uma destas categorias a cada entrevista, dividido pelo número de entrevistas de cada amostra individual. Embora seja uma média muito geral, pois reúne dados de várias fases da aquisição de cada informante, permite que se chegue a algumas inferências.

Utilizando-se esta fórmula temos um ranqueamento diferente daquele obtido com os dados do Gráfico 7.1. Gabriel foi o informante que mais tipos apresentou a cada entrevista (229), reforçando seu extenso vocabulário já atestado quando da análise individual. Logo após aparece Ana (179 tipos) que, apesar de possuir menos tipos do que Gabriela no cômputo geral, alcançou uma variação maior na média por

entrevista. Seguem-se Gabriela (130 tipos, em média, por entrevista) e Leonardo (96 tipos, em média, por entrevista). Isso porque a média de tipos e ocorrências por entrevista não está diretamente relacionada com a quantidade de dados coletados para cada informante. Prova disso é que Gabriela possui uma média, nas duas categorias, mais baixa do que Ana, ao contrário do que se registra quando se toma os dados como um todo. Isso significa que Ana variava mais seu vocabulário em uma mesma entrevista, sendo também mais falante, apesar da menor quantidade de dados coletados.

No caso das ocorrências, observa-se o mesmo ranqueamento, corroborando mais uma vez a relação entre estas duas categorias, apesar de seus desenvolvimentos distintos, como já foi comentado aqui e ao longo das análises individuais. Comparando-se a relação entre ocorrências e tipos quando se toma os dados gerais (10 ocorrências para cada tipo, em média) e quando se toma os dados por entrevista (3 ocorrências para cada tipo, em média), se reforça a idéia de que a aquisição de novas palavras é um processo do qual a criança se apropria ao longo do tempo, independentemente da existência de períodos de maior ou menor crescimento.

Tomada por informante, esta relação assim se desenha para os dados gerais e para a média por entrevista (Gráfico 7.3).

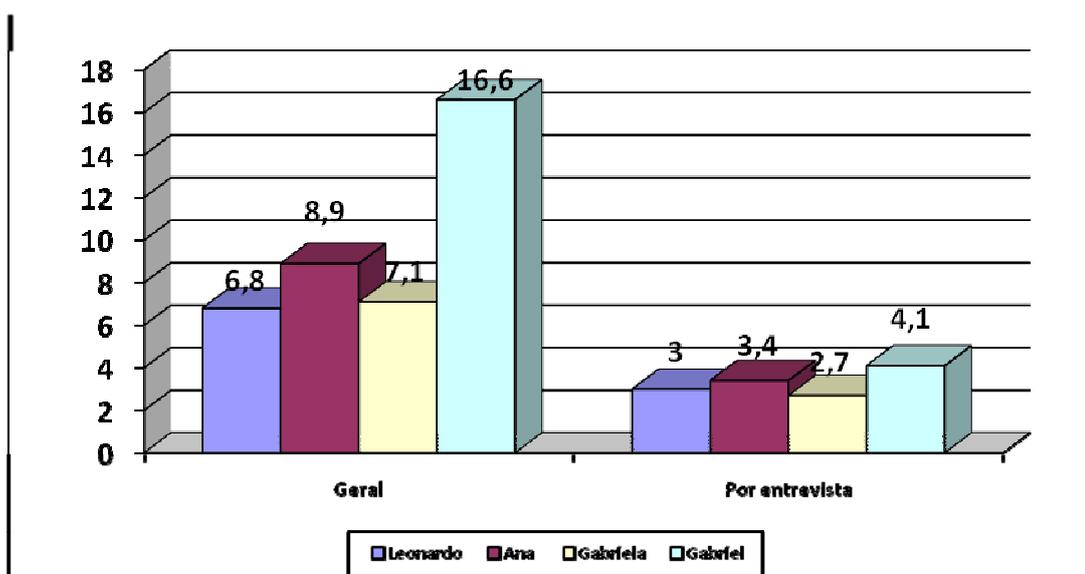


Gráfico 7.3: Relação de tipos e ocorrências por informante em relação ao total e às médias por entrevista

De acordo com os dados gerais, Gabriel é o mais falante dos quatro informantes, além de apresentar um vocabulário médio maior (Gráfico 7.2). No

entanto, a relação entre ocorrências e tipos nos dados gerais e por entrevista revela que seu vocabulário variou menos do que o dos demais informantes ao longo da coleta. Isto é, ele repetiu mais vezes as mesmas palavras, provavelmente relacionado ao fato de que seu vocabulário já era bastante grande no início da coleta, em virtude da sua idade. Embora ele não seja o informante com maior número de tipos, se compararmos sua entrevista inicial com os demais informantes sua média torna-se maior devido ao não registro de entrevistas anteriores o que, no caso dos demais informantes, revela vocabulários bem menores. Seguindo este mesmo raciocínio, Leonardo foi o informante que mais variou seu vocabulário ao longo da coleta, possivelmente influenciado pela situação inversa daquela descrita para Gabriel: um número muito reduzido de itens lexicais no início, aliado a um maior tempo para a explosão do vocabulário.

Nesse ponto em que se fala da relação entre tipos e ocorrências, convém se fazer uma digressão e comentar a respeito da frequência da forma conjugada 'é' no vocabulário dos informantes desse estudo. Como ficou claro na análise individual, esse foi o vocábulo mais freqüente de todos os informantes, embora não se esperasse um índice de repetição tão maciço de um elemento da classe das palavras de conteúdo. Nesse ponto de vista, esperar-se-ia que figurasse como elemento mais freqüente um vocábulo da classe das palavras gramaticais, os quais, apesar de sua alta incidência em todos os vocabulários não se comparam à performance conseguida pela forma conjugada 'é'.

Duas foram as razões buscadas para explicar tal fato, uma de ordem particular diz respeito à escolha realizada nesta tese para a classificação dos elementos que, como já comentado anteriormente, obedeceu a critérios essencialmente morfológicos. Ora, dentro do discurso, muitas vezes o vocábulo 'é' cumpre um papel de preenchedor, fato que pode ter enviesado os dados em favor de sua ocorrência. No entanto, tal justificativa não parece ser a única resposta para esse evento, uma vez que outras formas também cumprem essa função no discurso (como o verbo 'olha', por exemplo, ou a expressão 'ó') e nem por isso se mostraram tão recorrentes.

Por isto, parece haver um motivo outro que também esteja interferindo na alta incidência da forma conjugada 'é' no vocabulário das crianças estudadas. Albano (2001) relata que ao comparar os dados obtidos através da catalogação dos gestos articulatórios contidos no Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa e em

entrevistas do Projeto NURC – Norma Urbana Culta – a ocorrência do fone [E] quase dobrou, devido à alta frequência do verbo de ligação “é”, fenômeno esperado, segundo a autora, para gestos articulatórios que compõem as palavras gramaticais, por sua ocorrência no *corpus* falado. Assim, a frequência da forma conjugada “é” na fala das crianças informantes desta pesquisa parece estar de acordo com uma tendência geral do português brasileiro, comprovada através de um *corpus* de fala adulto.

Voltando aos dados, observa-se que eles descrevem as características da amostra utilizada nesta pesquisa e apontam para a variação individual existente entre os informantes. Tal situação é esperada em todos os domínios da aquisição da gramática pela criança, uma vez que se admite que a linguagem, embora seja uma capacidade autônoma, esteja relacionada a outros fatores do desenvolvimento da criança, seja do ponto de vista cognitivo, ambiental e/ou emocional. Se esta afirmação é verdade para os demais sub-sistemas adquiridos pela criança, em termos de léxico ela ganha um contorno bem mais abrangente. O vocabulário, por ser um sub-sistema aberto, encontra-se muito mais influenciado por estes aspectos do que os demais componentes da linguagem. Ainda assim, podem-se estabelecer algumas diretrizes gerais a respeito de seu desenvolvimento, o que torna as conclusões desta tese mais interessantes.

A fim de se verificar a existência destes padrões é que se propõe, a seguir, a análise conjunta dos informantes desta pesquisa no que se refere à explosão de vocabulário e à atuação da hipótese do viés nominal em sua aquisição lexical inicial, com vistas a tecer as considerações finais deste trabalho e a contribuir com dados do português brasileiro para esta discussão no campo da aquisição da linguagem.

Com este objetivo, devido à grande disparidade em termos de número de entrevistas por informante, foram selecionados treze períodos de coincidência dos dados, buscando cobrir da forma mais equânime possível a faixa de idade entre 1 e 3 anos, conforme proposta desta tese. Desta forma, os dados utilizados a partir deste momento referem-se aos descritos no Quadro 7.2.

A seleção destes períodos obedeceu aos seguintes critérios: presença de pelo menos dois informantes em cada período, com distância máxima de 30 dias entre as entrevistas de cada informante que fazem parte do período.

Desta forma, segue-se a discussão a respeito da explosão de vocabulário e da atuação da hipótese do viés nominal através da comparação destes dados.

PERÍODO	IDADE	INFORMANTE			
		ANA	GABRIELA	LEONARDO	GABRIEL
1	01:02	1:2;05	1:2;13		
2	01:05	1:4;06	1:5;07	1:5;05	
3	01:07	1:7;03	1:7;01	1:7;09	
4	01:08	1:8;12	1:8;12	1:8;21	
5	01:09	1:9;08	1:9;09	1:9;24	
6	01:10	1:10;25	1:10;21	1:10;15	1:10;23
7	02:01	2:1;26	2:1;27	2:1;01	2:1;14
8	02:03	2:3;00	2:3;17	2:3;17	2:3;11
9	02:05	2:6;01	2:5;24	2:5;21	2:6;03
10	02:07	2:7;19	2:7;12	2:7;08	2:7;10
11	02:08	2:8;28	2:8;16	2:9;02	2:8;22
12	02:10	2:10;25	2:10;17	2:10;22	2:10;22
13	03:00	2:11;23	3:0;21		2:11;27

Quadro 7.2: Entrevistas selecionadas para comparação

7.1 Explosão de vocabulário

A definição de explosão de vocabulário não é tarefa fácil. Devido à grande variação individual encontrada na aquisição lexical e aos escassos estudos na área quando comparados à descrição de outros sub-sistemas da gramática adquiridos pela criança, aliado a uma diversidade de metodologias empregadas nestes estudos, cada autor define este fenômeno de forma diferente, do ponto de vista quantitativo. Apesar disso, qualitativamente, pode-se afirmar que a explosão de vocabulário se refere ao aumento súbito na velocidade de aquisição de novas palavras (medida aqui pela taxa de crescimento), que ocorre por volta dos dois anos de idade (Bloom, 1973; Nelson, 1973; Halliday, 1975; Dromi, 1987, entre outros).

Nesta pesquisa, definiu-se como critério para quantificar este aumento súbito uma taxa de crescimento em torno de 100% ou mais entre uma entrevista e outra ou um período e outro. Como visto nas análises individuais, os informantes apresentaram evoluções diferentes no desenvolvimento de seus vocabulários, ora não apontando estes marcos, ora apontando mais de uma etapa em que os mesmos se faziam presentes. O Gráfico 7.4 apresenta a evolução dos quatro informantes nas entrevistas selecionadas em termos de tipos.

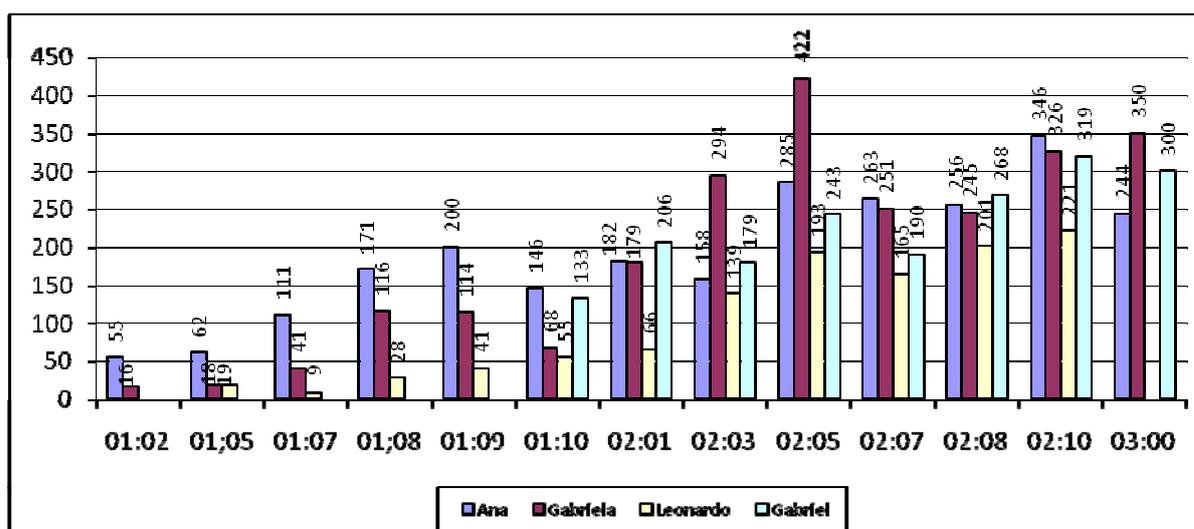


Gráfico 7.4: Distribuição dos tipos por informante nas entrevistas selecionadas

Observando o gráfico pode-se verificar que os maiores índices de crescimento de vocabulário estão assim distribuídos entre os informantes:

- 1) Ana: entre 1:5 e 1:7 – 79% e entre 2:3 e 2:5 – 80%
- 2) Gabriela: entre 1:7 e 1:8 – 182% e entre 1:10 e 2:1 – 163%
- 3) Leonardo: entre 1:7 e 1:8 – 211% e entre 2:1 e 2:3 – 110%
- 4) Gabriel: entre 1:10 e 2:1 – 54%.

No caso das duas meninas, os primeiros incrementos no crescimento estão relacionados à passagem do período descrito por Yavas (1988) para a fonologia como período das cinquenta primeiras palavras e o do desenvolvimento fonêmico. Segundo este autor, o primeiro período corresponde à faixa etária de um ano até um ano e meio. Verifica-se nestes informantes, embora em graus diferentes, a presença de um crescimento repentino do vocabulário justamente nesta faixa etária (entre 1:5 e 1:8), caracterizando assim a presença da explosão do vocabulário nestas crianças. No caso de Leonardo, observa-se uma situação diferente. O primeiro incremento registrado, entre 1:7 e 1:8, está relacionado a um vocabulário ainda muito variável, marcado pelo pequeno número de itens lexicais, em especial onomatopéias, como já referido anteriormente. O segundo período de incremento (entre 2:1 e 2:3) é que marca esta passagem descrita por Yavas e, portanto, se optou por situar aí sua explosão de vocabulário. Isso significa que Leonardo está um pouco defasado em relação à sua aquisição lexical. O informante Gabriel, por iniciar sua coleta já além desta idade e com um vocabulário maior do que 50 palavras não apresenta esta explosão neste *corpus*, o que não significa que a mesma não tenha acontecido.

A análise individual dos informantes também apontou que este crescimento inicial está relacionado à aquisição de palavras de conteúdo, em especial da classe dos substantivos, atestando a hipótese da partição natural proposta por Gentner (1982), segundo a qual a diferença entre nomes e verbos é primeiramente baseada na distinção percepto-conceitual pré-existente entre conceitos concretos como pessoas ou coisas e conceitos predicativos de atividade, mudança de estado ou relações causais. Sendo assim, os nomes seriam conceitualmente mais simples, mais básicos, mais tangíveis e, portanto, mais fáceis de compreender do que os verbos e outros predicativos, justificando sua prevalência inicial. Além disso, a explosão de vocabulário caracterizada basicamente como uma explosão nominal parece ter relação com o desenvolvimento cognitivo da criança, surgindo quando esta se torna capaz de categorizar elementos, dando-se conta de que a cada objeto corresponde um nome.

Como todos os informantes apresentam um segundo incremento de vocabulário, entre 1:10 e 2:5, e este provavelmente é ocasionado pela aquisição de verbos e palavras gramaticais, ao lado do incremento dos substantivos, buscou-se verificar a evolução do vocabulário das crianças pesquisadas neste trabalho em termos de categorias gramaticais. Propõe-se, então, a observação da relação entre substantivos e verbos ao longo da coleta, a fim de analisar a atuação da hipótese do viés nominal nestes indivíduos.

Antes, porém, far-se-á a comparação dos dados obtidos para os quatro informantes em termos de ocorrências, a fim de se avaliar a relação entre o incremento de itens lexicais ao vocabulário da criança e seu uso efetivo durante a interação com o entrevistador. O Gráfico 7.5 ilustra o desenvolvimento das crianças em termos de ocorrências ao longo das entrevistas selecionadas.

O gráfico mostra que em quase todas as vezes em que se registraram crescimentos acentuados em termos de tipos, o desenvolvimento das ocorrências também se desenvolveu de forma espantosa. Desta maneira, temos os ápices de crescimento entre as ocorrências assim distribuídos:

- 1) Ana: entre 1:5 e 1:7 – 149% - e entre 2:3 e 2:5 – 89%;
- 2) Gabriela: entre 1:7 e 1:8 – 193% e entre 1:10 e 2:1 – 247%;
- 3) Gabriel: entre 2:3 e 2:5 – 59%;
- 4) Leonardo: entre 2:1 e 2:3 - 242%.

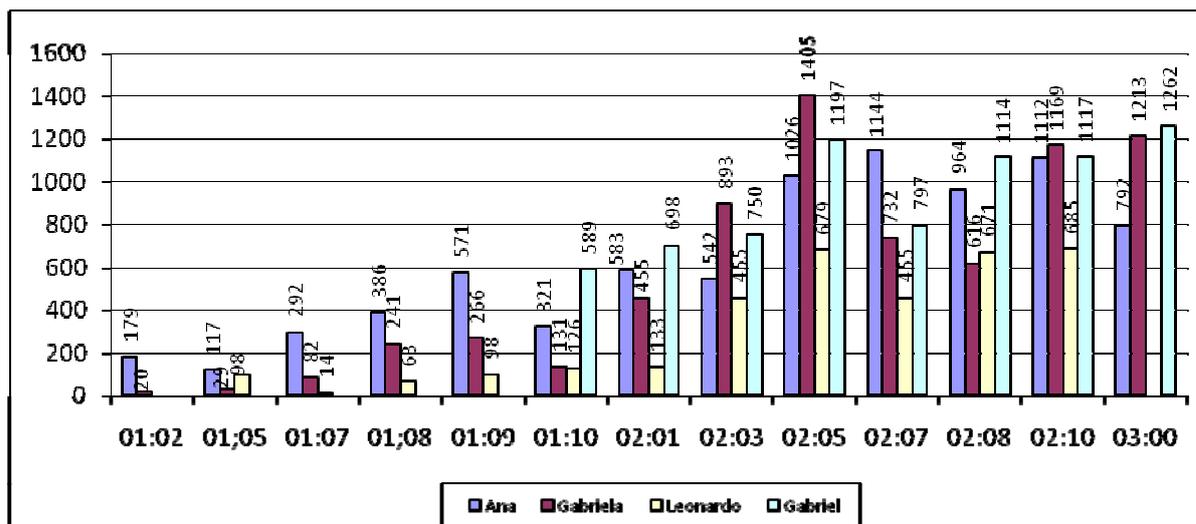


Gráfico 7.5 Distribuição das ocorrências por informante nas entrevistas selecionadas

À exceção de Gabriel, estes períodos são os mesmos registrados para o aumento súbito dos tipos, fortificando a relação entre estas duas categorias. Porém, insiste-se no fato de que nem sempre o crescimento das ocorrências e dos tipos é proporcional, sendo também influenciado pela distribuição das classes gramaticais no vocabulário da criança.

Por exemplo, enquanto o vocabulário dos informantes girava em torno das 50 primeiras palavras ou abaixo deste número, a relação entre ocorrências e tipos era de 1,1. Isso significa que, neste período dominado pelos substantivos, o índice de repetição de palavras é mais baixo. No entanto, ao comparar esta relação com aquela obtida para as entrevistas que apresentaram um vocabulário acima de 100 palavras, observa-se um aumento de 200%, resultando em 3,3 repetições, em média, de cada item lexical.

7.2 Hipótese do viés nominal

Ao pesquisar sobre a hipótese do viés nominal na análise individual dos quatro informantes que fazem parte deste estudo, pode-se constatar que este é um fenômeno que atua sobre a aquisição lexical inicial.

Para a análise conjunta da proporção entre a classe dos substantivos e a dos verbos no *corpus* destas crianças, construiu-se o Gráfico 7.6, que expõe a relação entre estas duas classes nas entrevistas selecionadas, em termos de tipos.

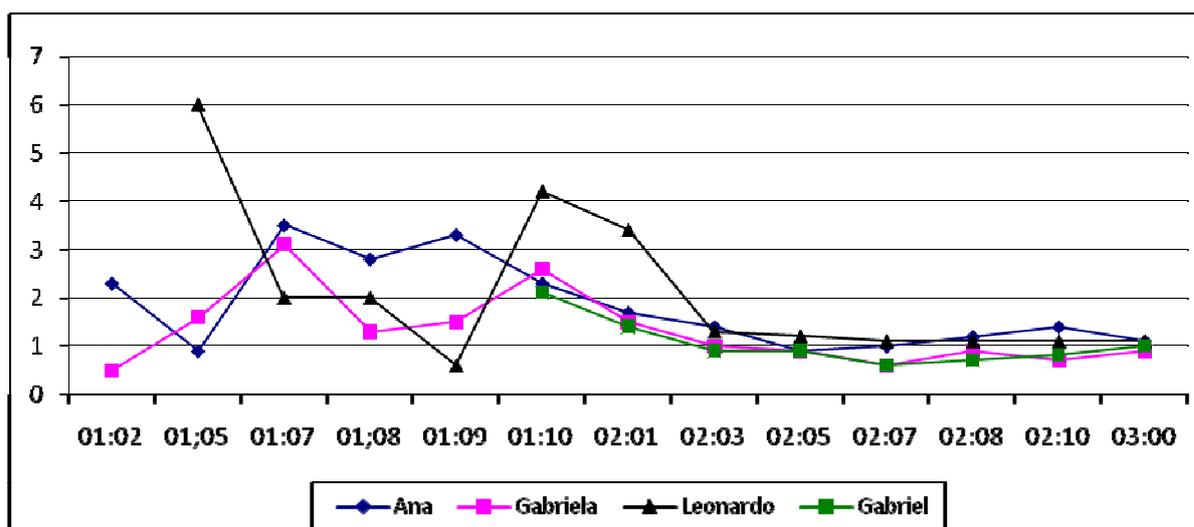


Gráfico 7.6: Relação entre substantivos e verbos em termos de tipos nas entrevistas selecionadas

Pode-se observar, no gráfico, uma grande variabilidade desta relação até 1:9 em todos os informantes com dados disponíveis até essa faixa etária (Leonardo, Ana e Gabriela), entre 0,5 e 6,0 substantivos para cada verbo.

Apesar disso, das 14 entrevistas que fazem parte deste período de coleta, somente três (uma de cada informante) exibem uma prevalência dos verbos sobre os substantivos. Em média, esta relação neste período é de pouco mais de dois (2,2) substantivos para cada verbo, assim distribuída entre os informantes: Ana (2,5); Gabriela (1,6); e Leonardo (2,6).

Entre 1:10 e 2:1, três dos quatro informantes – Gabriel, Ana e Gabriela – passam a exibir um comportamento mais padronizado desta relação. O informante Leonardo, no entanto, ainda destoa do grupo. A média dos quatro informantes neste período é de 2,4 substantivos para cada verbo. Entre os informantes esta relação é assim distribuída: Ana (2,0), Gabriela (2,0), Gabriel (1,7) e Leonardo (3,8). Esta disparidade de Leonardo em relação aos demais integrantes da amostra neste período pode ser explicada pelo fato de que ele é o único informante que ainda tem seu vocabulário em torno de 50 palavras (64 tipos, em média). Todos os demais informantes já ultrapassaram a barreira das 100 palavras neste ponto. Esse dado corrobora a hipótese de que a composição do vocabulário antes da passagem do período das cinquenta primeiras palavras e o do desenvolvimento fonêmico é majoritariamente composta por substantivos e, por conseguinte, esta deve ser a classe gramatical que sofre maior incremento no aumento de vocabulário identificado entre 1:5 e 1:8.

Prova desta interferência entre o tamanho do vocabulário e a distribuição das categorias gramaticais é dada nos resultados encontrados a partir de 2:3. No período entre 2:3 e 3:0, todos os informantes apresentam uma queda na relação entre substantivos e verbos, provocada, principalmente, pelo incremento de itens lexicais desta última categoria, mas também influenciada pela diminuição do crescimento de tipos de substantivos devido à aquisição dos pronomes substantivos, como foi demonstrado nas análises individuais.

Neste intervalo de tempo, a média desta relação foi de 0,9, ou seja, indicadora de que os verbos prevaleceram sobre os substantivos neste período. Esta média está assim distribuída entre os informantes: Ana (1,1), Gabriela (0,8), Gabriel (0,8) e Leonardo (1,1). Pode-se observar, por estes resultados, que a prevalência dos tipos dos verbos não é regra para todos os informantes. Na verdade, Leonardo não exhibe este padrão de comportamento em nenhuma das entrevistas deste período e Ana só o faz em uma (aos 2:5). Apesar disso, os dados de todos os informantes apontam para a diminuição progressiva desta relação. Verificar se a prevalência dos verbos sobre os substantivos é um padrão que somente ainda não se concretizou na fala destes informantes ou se é um comportamento variável entre as crianças, somente maior número de pesquisas, enfocando maior número de sujeitos e/ou períodos mais longos de coleta, poderá revelar.

De qualquer forma, a coincidência da idade em que a queda da relação entre substantivos e verbos acontece e o segundo incremento lexical encontrado na análise da explosão de vocabulário indica que os verbos exercem importante influência neste evento.

No que se refere à análise da relação entre substantivos e verbos em termos de ocorrências, verifica-se uma maior estabilidade. O Gráfico 7.7 exhibe a distribuição das duas classes nesta categoria.

As meninas do *corpus* – Ana e Gabriela – apresentam uma relação muito parecida desde as primeiras entrevistas. Até a idade de 1:9, assim como no caso dos tipos, esta relação apresenta maior instabilidade, embora não comparada àquela. Enquanto a variação dos dados obtidos de Ana na relação entre substantivos e verbos em termos de tipos é de 2,6 (entre 0,9 e 3,5), em termos de ocorrências é de 1,2 (entre 1,4 e 2,6). Para Gabriela, esta variação também é de 2,6 em termos de tipos (entre 0,5 e 3,1) e de 2,3 (entre 0,9 e 3,2) entre as ocorrências.

Na idade de 1:10 as duas meninas apresentam uma relação de 1,2 substantivos para cada verbo. Nestas doze primeiras entrevistas destas informantes, nota-se a prevalência dos substantivos sobre os verbos (somente uma entrevista de Gabriela não obedece a este padrão). Em média, as meninas possuem 1,7 substantivos para cada verbo neste período (Ana – 1,7 – e Gabriela – 1,6).

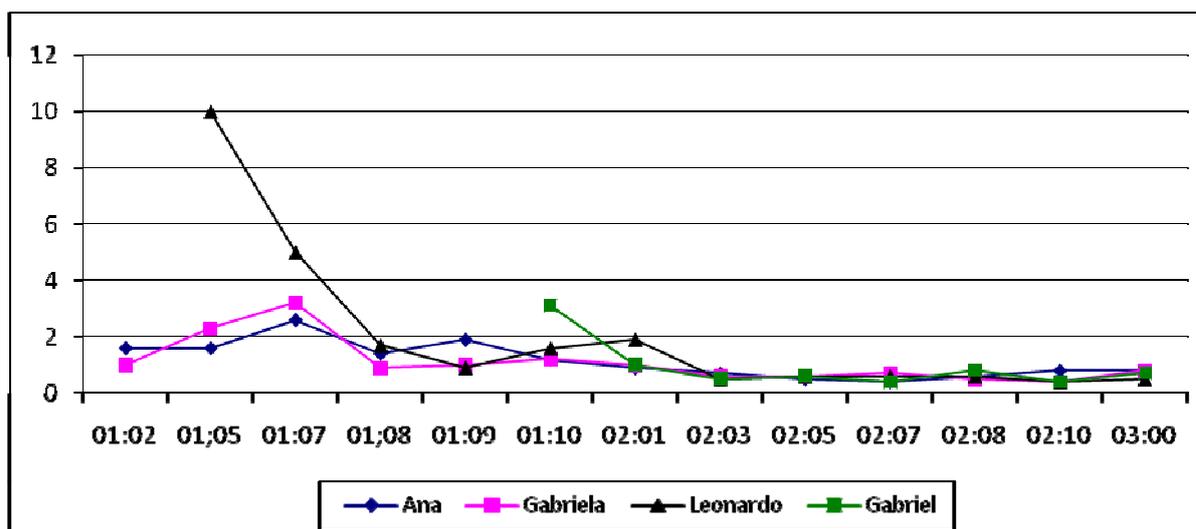


Gráfico 7.7: Relação entre substantivos e verbos em termos de ocorrências nas entrevistas selecionadas

O informante Leonardo, apesar de apresentar um comportamento discrepante daquele apresentado pelas meninas nas duas primeiras entrevistas (1:5 e 1:7) também mostra uma prevalência dos substantivos sobre os verbos neste período. Em média, a relação entre estas duas classes no período de 1:5 a 1:10 da coleta de Leonardo é de 3,8, bem acima da média das meninas. Como já comentado para os tipos, este padrão está relacionado ao tamanho do vocabulário do menino neste período (em média, 23 tipos por entrevista). Além disso, Leonardo é o único informante que ainda apresenta uma prevalência dos substantivos sobre os verbos na entrevista de 2:1 (1,9). Os demais informantes mostram uma igualdade entre ocorrências das duas classes neste ponto (Ana – 0,9; Gabriela – 1,0 e Gabriel – 1,0).

A partir de 2:3 registra-se a prevalência de verbos sobre os substantivos em todas as entrevistas de todos os informantes. Em média, os verbos representam o dobro dos substantivos do vocabulário usado por estas crianças – média de 0,5 -, assim distribuídos entre os informantes: Ana (0,6), Gabriela (0,6), Leonardo (0,5) e Gabriel (0,5).

A análise por ocorrências demonstra que o uso de verbos no vocabulário das crianças ultrapassa sua aquisição em termos de tipos. Apesar das diferenças individuais registradas, este é um padrão encontrado a partir de 2:3, evidenciando a regularidade desta relação na fala destas crianças e a conformidade destes resultados com aqueles descritos na literatura, conforme já apontado nas análises individuais.

7.3 Considerações finais

Os dados aqui apresentados, mesmo que de forma sucinta, comprovam que, por mais livre que seja a aquisição do léxico pelas crianças no seu período inicial, ao se trabalhar com um número considerável de dados se evidencia que os padrões neste sub-sistema existem e podem ser observados apesar da grande variabilidade individual entre os sujeitos.

Os padrões de evolução do crescimento do vocabulário dos quatro informantes aqui analisados demonstram que o fenômeno de explosão do vocabulário acontece no léxico dos falantes de português brasileiro e que o mesmo ocorre na mesma faixa etária prevista pelos outros estudos aqui reportados, ou seja, por volta dos dois anos de idade. Além disso, ficou comprovado para todos os informantes que esse fenômeno está intrinsecamente relacionado com o aumento de itens lexicais na classe das palavras de conteúdo, em especial dos substantivos.

Quanto à atuação da hipótese do viés nominal, verifica-se em todos os informantes uma preferência inicial por substantivos em detrimento dos verbos, que se manifesta tanto em termos de tipos quanto de ocorrências, como se pode observar pelos dados dos Gráficos 7.6 e 7.7, corroborando, pelo menos, a versão fraca desta hipótese. Além disso, é assombrosa a coincidência da estruturação destas duas classes em termos de faixa etária entre os informantes.

Enfim, os dados compilados das quatro crianças que fazem parte desta tese confirmam que, apesar das variações individuais, certos padrões na aquisição lexical do português brasileiro parecem se repetir, tanto quando se considera dados quantitativos (como o número de elementos do vocabulário quando da explosão) quanto qualitativos (como o papel da cada classe gramatical na composição e no desenvolvimento do vocabulário pelas crianças).

8 CONCLUSÃO

Após a exaustiva análise dos dados desta tese sob diferentes pontos de vista, é possível traçar algumas considerações gerais a respeito das questões que nortearam a execução deste trabalho.

Quanto à explosão do vocabulário no português brasileiro, os resultados obtidos através das amostras de fala destes informantes apontam para a confirmação da existência deste fenômeno. Neste sentido, esta tese corrobora os achados sobre o tema na literatura mundial, prevendo que a aquisição lexical inicial é guiada tanto por fatores internos quanto externos ao indivíduo. Embora não se tenha aqui debruçado de forma mais efetiva sobre os fatores externos, é inegável que a aquisição do léxico pela criança passa pela natureza do *input* que é dirigido a ela, tanto no que se refere à análise quantitativa quanto qualitativa do vocabulário da mesma.

A influência dos fatores internos é evidenciada pela própria natureza universal do fenômeno de explosão do vocabulário, reforçando as relações entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento lingüístico.

Ainda no que se refere à discussão à respeito da explosão de vocabulário, atestar sua existência no português brasileiro não encobre as diferenças individuais percebidas ao longo da descrição e análise dos dados. Ao aliar-se a Mervis e Bertrand (1995) no sentido de propor a existência de um período de incremento rápido e acentuado para todas as crianças de todas as línguas, deve-se também admitir que algumas crianças vivenciam uma explosão mais substancial do que outras (Golfield e Reznick, 1996).

No que tange à idade e em que a explosão do vocabulário acontece, os dados desta pesquisa também corroboraram a maioria dos resultados obtidos para as línguas já analisadas, situando o fenômeno ao redor dos dois anos de idade. Acredita-se que seja mais coerente, porém, relacionar este fenômeno não somente

com a idade cronológica, mas também como o tamanho do vocabulário da criança. Tal procedimento proporcionaria uma melhor comparação dos dados interlingüisticamente e minimizaria as variações individuais, tão freqüentes em períodos precoces de aquisição, uma vez que estaria relacionando duas variáveis de mesma natureza, influenciadas pelos mesmos fatores.

Além disso, sugere-se que o desenho de pesquisas futuras que busquem confrontar seus dados com os descritos nesta tese, especificamente no que se refere à explosão de vocabulário, exiba um período menor de coleta e intervalos constantes entre eles, a fim de que se possam tecer maiores generalizações. A análise de dados transversais também seria importante no sentido de corroborar as descrições longitudinais aqui realizadas.

Quanto à atuação da hipótese do viés nominal, os dados desta tese filiam o português brasileiro ao conjunto das línguas indo-européias já estudadas no que se refere à prevalência da classe dos substantivos sobre a classe dos verbos durante a aquisição lexical inicial. Esse comportamento caracteriza a atuação da hipótese do viés nominal em sua versão fraca, ou seja, aquela que postula um maior número de substantivos em relação aos verbos durante os primeiros momentos da aquisição lexical. A versão forte desta hipótese, a saber, a de que o aparecimento de itens lexicais verbais dependeria de um surgimento anterior de substantivos na fala da criança não pode ser aqui atestada, uma vez que desde a primeira entrevista de todos os informantes, palavras pertencentes à classe dos verbos já apareceram. Embora nos casos aqui descritos a prevalência dos substantivos e verbos, por um lado, em relação à idade e ao tamanho do vocabulário, por outro, não seja idêntica àquela descrita na literatura, é possível esboçar uma linha de aquisição destes elementos de acordo com aquela traçada por Nelson (1973), Fenson *et al.* (1993), Bates *et al.* (1994), e Bassano (1998, 2000), entre outros. Com base nos resultados expostos na literatura e nos dados aqui descritos pode-se afirmar que a classe dos substantivos representa uma maior parte do vocabulário inicial e que os verbos, embora presentes desde as primeiras coletas, só vão se tornando uma classe mais robusta ao longo da aquisição lexical. No que se refere aos tipos, verifica-se uma aproximação entre o número de itens lexicais das duas classes com o desenvolvimento do processo de aquisição do léxico, chegando os verbos até mesmo superar os substantivos em termos absolutos e relativos nas últimas entrevistas de dois dos quatro informantes aqui analisados. No que se refere às

ocorrências, todos os quatro informantes apresentam um comportamento no qual os verbos superaram os substantivos nos momentos mais próximos do final da coleta.

Na tentativa de explicar as diferenças entre os padrões de desenvolvimento destas duas categorias nos dados aqui analisados e naqueles disponíveis na literatura, é lícito supor que o domínio mais tardio dos verbos por parte das crianças falantes de português brasileiro se deva a algum aspecto específico da língua, tal como a complexidade morfológica desta classe gramatical em relação ao inglês, por exemplo, de onde provêm a maioria dos dados disponíveis.

Apesar disso, acredita-se que a atuação da hipótese do viés nominal no português brasileiro seja governada muito mais por fatores cognitivos, obedecendo aos pressupostos da partição natural proposta por Gentner (1982) do que a idiossincrasias específicas da língua.

Por fim, esta discussão responde às duas questões norteadoras deste trabalho, a saber, a existência da explosão do vocabulário e a atuação da hipótese do viés nominal, vinculando estes dois fenômenos a questões universais do processo de aquisição da linguagem, mais especificamente, e a aspectos do desenvolvimento evolutivo da criança (cognitivo, psicológico, social), de um ponto de vista mais geral. Essa dupla relação, ao mesmo tempo que remete estes fenômenos a processos mais amplos da evolução humana, garantindo-lhes universalidade e, portanto, uma certa autonomia em relação à sua existência, não prescinde a interação da criança com seu meio social (seja mais restrito ou mais abrangente) no sentido de lhe fornecer subsídios para os insight necessários às suas aquisições.

Falando especificamente do léxico, no âmbito da aquisição da linguagem, o fato de este sub-sistema ser aquele que mais proporciona liberdade ao falante nas suas escolhas, leva a uma maior importância aos aspectos advindos do *input*. Por este motivo, a escolha inicial por se trabalhar com o léxico infantil trouxe uma série de incertezas no que se refere à possibilidade de se estabelecer padrões de aquisição em uma área tão heterogênea quanto aos seus elementos, devido à sua amplitude e, ao mesmo tempo, tão complexa, levando-se em consideração sua natureza multifatorial, pelo número de variáveis internas e externas ao sistema e à criança que podem intervir neste processo. A escolha da metodologia baseada na Lingüística de *Corpus* (Sardinha, 1998) e na Lingüística Estatística (Biderman, 2001) forneceram o alicerce teórico necessário para garantir o sucesso desta empreitada.

Quando da análise dos quatro informantes, no capítulo final da descrição e análise de dados, ficou claro que as escolhas haviam sido acertadas e que os pressupostos destas duas áreas da lingüística haviam sido corroborados. Acredita-se no pressuposto de que por mais livre que possa parecer a escolha do falante na seleção dos elementos de sua fala há um grande número de predeterminações que são alheias ao indivíduo, sejam elas condicionadas pela língua que se está adquirindo ou por processos de ordem superior a ela, de caráter universal e, efetivamente descobrir, por volta da idade de dois anos, marco na aquisição tanto da sintaxe, como da morfologia e do léxico, que a relação entre as categorias gramaticais de substantivos e verbos, por exemplo independentemente da extensa gama de variações individuais entre os informante, obedece exatamente ao mesmo padrão de relação, no que se refere aos tipos como às ocorrências, é um resultado que, por si só, já mereceria o destaque de uma grande descoberta.

O estabelecimento de padrões tão precisos em uma área tão heterogênea quanto o léxico nos leva a pensar sobre os padrões universais e, portanto inatos e específicos do homem, no processo de aquisição da linguagem. Apesar disso, não se pode negar a influência do *input* e, mais especificamente, da interação comunicativa entre a criança e o adulto, principalmente, nestas fases iniciais para servirem de alavanca para o estabelecimento destes padrões.

Não se infere aqui que tais padrões inatos se referem as regras pré-estabelecidas desde o nascimento. Acredita-se, outrossim, na capacidade humana de generalizar padrões através do contato com os dados disponíveis na sua comunidade, enfatizando a importância de um desenvolvimento global adequado para o pleno desenvolvimento da linguagem em todos os seus subsistemas.

Sendo assim, os resultados obtidos com esta tese, além de contribuírem especificamente para a delimitação da explosão de vocabulário e da atuação da hipótese do viés nominal para o português brasileiro, apontam para a necessidade de estudos na área do léxico, ainda tão incipientes nesta língua e que podem contribuir de maneira decisiva não só para o delineamento dos processos de aquisição da linguagem, como também para sua utilização na clínica fonoaudiológica e psicopedagógica. Em um escopo maior, estes dados ainda servem como ponte para a reflexão das características universais e específicas de cada língua no processo de aquisição da linguagem, a fim de discutir teorias a respeito da natureza deste fenômeno e sua relação com os demais processo

formadores do ser humano, seja do ponto de vista social, psicológico ou cognitivo, como a memória e a atenção, por exemplo.

Acredita-se na necessidade e na relevância de se fazerem outras pesquisas nesta área, seja no sentido de confrontar os dados aqui explicitados, seja na busca de respostas a outras questões tão interessantes quanto as aqui trabalhadas e que, por questões técnicas e metodológicas relacionadas à execução desta tese não puderam ser discutidas ou só foram de forma superficial.

Ainda mais, acredita-se, profundamente, que este trabalho não se resume no ponto culminante e terminal de uma jornada, mas é, antes de tudo, o primeiro passo em direção a uma busca intelectual e científica, seja do ponto de vista pessoal/profissional, seja no âmbito dos estudos da aquisição da linguagem e do léxico do português brasileiro.

Esta reflexão aqui executada e tantas outras que indubitavelmente serão realizadas com base nos resultados e nos dados disponíveis, com certeza frutificarão tanto no sentido teórico quanto no da aplicação prática, especificamente se referindo ao fazer fonoaudiológico, tanto no que se refere aos desejos da minha pessoa, quanto aos de tantas outras que certamente irão, assim como eu, se apaixonar por este assunto a partir desta tese.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, E. C. *O gesto e suas Bordas: Esboço de Fonologia Acústico-Ararticulatória do Português Brasileiro*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____ et al. A interface fonética-fonologia e a interação prosódia-segmentos. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 27, 1998. Anais do XLV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL'97, Campinas, 1998. p. 135-143.

ANISFELD, M., ROSENBERG, E. S., HOBERMAN, M. J., & GASPARINI, D. Lexical acceleration coincides with the onset of combinatorial speech. *First Language*, 18, p. 165 – 184. 1998.

BALDWIN, D. A. e MARKMAN, E.M. Establishing Word-object relations: a first step. *Child development*, 60,381-398, 1989.

BARRET, M. Early language development. In: Slater e Bremner (eds.). *Infant development*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.

_____ Desenvolvimento lexical inicial. In: FLETCHER, V. & MCWHINNEY, B. *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASSANO, Dominique. L'élaboration du lexique précoce chez l'enfant français : structure et variabilité. *Enfance*, 4, 123-153, 1998.

_____. Early development of nouns and verbs in French: exploring the interface between lexicon and grammar. *Journal of Child Language*. N. 27, p. 521-559. Cambridge University Press, 2000.

BASSANO, Dominique; MAILLOCHON, Isabelle; EME, Elsa. Developmental Changes and Variability in the Early Lexicon: A Study of French Children's Naturalistic Productions. *Journal of Child Language*, n. 3, p. 493 - 531. Cambridge University Press, 1998.

BASTOS, Juliana Camara; RAMOS, Ana Paula Fadanelli, MARQUES, Jair. Estudo do vocabulário infantil: limitations of the traditional data collecting methodology. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 2004, n° 9, p. 1-9.

BATES, E., MARDUNAN, V., THAL, D., FENSON, L., DALE, P., REZNICK, J.S., REILLY, J, e HARTUNG, J. Development and stylistic variation in the composition of early vocabulary. *Journal of Child language*, 21; 1, 85-124, (1994).

BATES, E., BRETHERTON, I. e SNYDER, L. (eds) *From first words to Grammar: individual differences and dissociable mechanisms*. Cambridge: Cambridge University Press. 1988.

BATES, E.; BENIGNI, L. ;BRETHERTON, I.; CAMAIONI, L.; VOLTERRA, V. From gesture to the first Word. In: Lewes, Lewes e Rosenblum (eds.). *Interaction, conversation and the development of language*. New York: Wiley, 1979.

BATES, E., DALE, P. S. & THAL, D. Diferenças individuais e suas implicações para as teorias do desenvolvimento da linguagem. In: FLETCHER, V. & MCWHINNEY, B. *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 87-130.

BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLOOM, L. *One word at a time: The use of single-word utterances before syntax*. The Hague: Mouton. 1973.

_____. *The transition from infancy to language: acquiring the power of expression*. New York: Cambridge University Press, 1993.

BLOOM, L. & CAPATIDES, J. B. Expression of affect and the emergence of language. *Child Development*, 58, 1513-22, 1987.

BLOOM, L.; TINKER & HOFMEISTER. The intentionality model and language acquisition: Engagement, effort, and the essential tension. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 66 (4, Serial No. 267). 2001.

BROWN, R. *A first language: the early stages*. London: George Allen and Unwin, 1973.

BROWN, P. Children's first verbs in Tzeltal: evidence for an early verb category. *Linguistics*, 36, 713-753, 1998.

BROWNELL, C. Combinatorial skills: Converging developments over the second year. *Child development*, 59, 675-685, 1988.

CAMAIONI, Luigia e LONGOBARDI, Emiddia. Nature and stability of individual differences in early lexical development of Italian-speaking children. *First Language*, 15, 203-218, 1995.

_____. Noun versus verb emphasis in Italian mother-to-child speech. *Journal of Child Language*, 28, 773-785, 2001.

CAMPOS, Jorge. *Os enigmas do nome na interface Lógica, Semântica e Pragmática*. POA; EDIPUCRS, 2004.

CASELLI, M.C., BATES, C. CASADIO, P., FENSON, L., FENSON, J., SANDERL, L., WEIR, J. A cross-linguistic study of early lexical development. *Cognitive development*, 10, 159-199. 1995.

CASELLI, M. C., CASADIO, P., BATES, C. A comparasion of transition from first words to grammar in English and Italian. *Journal of Child Language*, 26, p. 69-111. 1999.

CHOI, S., GOPNIK, A. Early acquisition of verbs in Korean: A cross-linguistic study. *Journal of Child Language*, 22, p. 497-529. 1995.

CLARK, E. V. *The lexicon in acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

DE LEMOS, Claudia Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição de linguagem: um percurso e muitas questões. In: ENCONTRO NACIONAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, 1, 1989, Porto Alegre. [Anais...] Porto Alegre:[s.n.], 1989. p.61-76.

D'DORICO, Laura., CARUBBI, Stefania., SALERNI, Nicoletta., CALVO, Vincenzo. Vocabulary development in Italian children: a longitudinal evaluation of quantitative and qualitative aspect. *Journal of Child Language*, 28, 351-352, 2001.

DROMI, E. *Early lexical development*. Cambrigde: CUP, 1987.

_____. Early lexical development. In: BARRETT, M. (Org.), *The development of language*. London, UK: Psychology Press, 1999. p. 99-132.

DORE, J. A pragmatic description of early language development. *Journal of Psycholinguistic Research*, 4, 423-430, 1974.

FENSON, L., DALE, P. S., REZNICK, J. S., THAL, D., BATES, E., HARTUNG, J.P., PETHICK, S., REILLY, J. S.. *MacArthur communicative development inventories: user's guide and technical manual*. Sandiego: CA – Singular Press, 1993.

FROTA, S; SAMPAIO, F. Fundamentos em Fonologia. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1998

GELMAN, S.A. e TRADIFT, T. A cross-linguistic comparison of generic noun phrases in English and Mandarin, 66, 3, 215-248, 1998.

GENTNER, D. Why nouns are learned before verbs: Linguistic relativity versus natural partitioning. In: KUCZAJ, S. (ed.) *Language development*. Vol. 2. Hillsdale, N.J., Erlbaum, 1982.

GIERUT, J. & MORRISETTE, M. Lexical organization and phonological change in treatment. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 45, p. 143 - 159, 2002.

GOLDFIELD, B. Noun bias in maternal speech to one-year-olds. *Journal of Child Language*, 20, 85-99, 1993.

GOLDFIELD, A. e REZNICK, J. Steven. Early lexical acquisition: rate, content and the vocabulary spurt. *Journal of Child Language*, 17, p. 171-183. 1990.

_____. Rapid change in lexical development in comprehension and production. *Developmental Psychology*, 28(3), p. 406 - 413. 1992.

_____. Measuring the vocabulary spurt: a reply to Mervis e Bertrand. *Journal of Child Language*. N. 23, p. 241-246. Cambridge University Press, 1996.

GOPNICK, A.; SHOI, S. e BAUMBERGER, T. Cross – Linguistic differences in early semantic and cognitive development. *Cognitive Development II*, 197 – 227. 1996.

GOPNICK, A., MELTZOFF, A. Relations between semantic and cognitive development in the one-word stage: the specificity hypothesis. *Child development*, 57, 1, 40-53, 1986.

_____ The development of categorization in the second year and its relation to other cognitive and linguistic developments. *Child development*, 58, p. 1523-1531. 1987.

_____. Categorization and naming: basic level sorting in eighteen-months-olds and its relation to language. *Child development*, 63, p. 1091-1103. 1992.

HARRIS, M. BARRETT, M. JONES, D., BROOKES, S. Linguistic *input* and early word meaning. *Journal of Child Language*, 15, p. 77-94. 1988.

HALLIDAY, M. A. K. *Learning how to mean* explorations in the development of language. London: Edward Arnold, 1975

HOUAISS, Antonio. Conferencia de abertura do II Simpósio Latino Americano de terminologia e I Encontro Brasileiro de terminologia técnico-científica. *Anais*. Brasília, 1990. Disponível em <http://www.riterm.net/actes/2simposio/indice90.htm>

HUTTENLOCHER, J. SMILEY, P. Early word meanings: the case of object names. *Cognitive Psychology*, 19, p. 63-89. 1987.

ISSLER, Denise Silveira. A aquisição dos pronomes eu/tu em relação ao desenvolvimento da noção de pontos de vista espaciais. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.

_____. A aquisição de eu e tu: interseccões entre a lingüística e a psicologia. 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1997.

JACKSON-MALDONADO, D., TAHL, D. MARCHMAN, V., BATES, E., GUTIEREZ-CLELLEN, V. Early lexical development in Spanish-speaking infants and toddlers. *Journal of Child Language*, 20, p. 523-549. 1993.

JARDIM-AZAMBUJA, Roberta. Estudo longitudinal sobre a emergência dos contrastes de sonoridade e de ponto de articulação na aquisição fonológica do português brasileiro - crianças de 1:0 a 1:6. Dissertação (Mestrado. em Letras). PUCRS. 2004.

KAUSCHKE, C. & HOFMEISTER, C. Early lexical development in German: a study on vocabulary growth and vocabulary composition during the second and third year of life. *Journal of Child Language*, 29, p. 735 - 757. 2001.

KIM, Mikyong; MCGREGOR, Karla; THOMPSON, Cynthia. Early lexical development in English- and Korean-speaking children: language-general and language-specific patterns. *Journal of Child Language*, 27, 225-254, 2000.

LAMPRECHT, R. R. Memórias do passado, repercussões no presente: vinte anos de pesquisas em Aquisição da Linguagem na PUCRS. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 11-22, 2003.

LAMPRECHT *et al.* *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis : Vozes, 1972.

LIEVEN, E. V. M.; PINE, J. M.; E DRESSNER BAMES, H. Individual differences in early vocabulary development: redefining the referential-expressive distinction. *Journal of Child Language*, 19, 287-310, 1992.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, vol. 14, n. 2 São Paulo, 1998.

LOCKE, J.L. *The child's path to spoken language*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

LUCARIELLO, J. Concept formation and its relation to word learning and use in the second year. *Journal of Child Language*, 14, p. 309-332. 1987.

LUFT, Celso Pedro. *Novo Manual de Português: Gramática, ortografia oficial, redação, literatura, texto e testes*. 17 ed. São Paulo: Globo, 1991.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: University press, 1977.

MACNAMARA, J. *Names for things*. Cambridge: MIT Press, 1982

MARATSOS, M. The child's construction of grammatical categories. In: WANNER, E. e GLEITMAN, L. (EDS) *Language acquisition: the state of the art*. New York, CPU, 1982.

MARCHMAN, V. A., BATES, E. Continuity in lexical and morphological development: a test of the critical mass hypothesis. *Journal of Child Language*, 21, p. 339-366. 1994.

MENYUK, P. LIEBERGOTT, J. & SCHULTZ, M. Early Language development in Full-Term and Premature Infants. *Linguistics*, 34, 1, p. 172 - 176. 1995.

MENN, L. Pattern, control end contrast in beginning speech: a case study in the development of word form end word function. *Doctoral dissertation*. Universty of Illinois, Urbana. 1976.

MERVIS, C. B., BERTRAND, J. Early lexical acquisition and the vocabulary spurt: a response to Goldfield & Reznick. *Journal of Child Language*, 22, p. 461-468. 1995.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. Nomenclatura Gramatical Brasileira. *Portaria Ministerial*. 28 de janeiro de 1959. Disponível em:
<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=ngbras>

NELSON, K. Structure and strategy in learning to talk. *Monographs of the Society for Research in Child Development*. 38, serial nº 149, 1973.

NELSON, K.; HAMPSON, J.; KESSLER SHAW, L. Nouns in early lexicons: evidence, explanation and implications. *Journal of Child Language*, 19, 1-24, 1993.

NAIGLES, L. R. e HOFF – GINSBERG, E. Whi are some verbs learnet before other verbs? Effects of *input* frequency end structure on children's early verb use. *Journal of Child Language*, 25, 95-120, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) 2 ed. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande:Ed. UFMS, 2001.

PIAGET, Jean. *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 212p.

PINE, J. M., LIEVEN, E. V. M. & ROWLAND, C.F. Stylistic variation at the 'single-word stage': relations between maternal speech characteristics and children's vocabulary composition and usage *Child Development*, 64, 807-819, 1997.

PLUNKETT, K. Lexical segmentation and vocabulary growth in early language acquisition : *Journal of Child Language*. 20, 43-60, 1993.

POULIN-DUBOIS, D., GRAHAM, S. & SIPPOLA, L. Early lexical development: the contribution of parental labelling and infants categorization abilites. *Journal of Child Language*, 22, 325-43. 1995.

ROBINSON, B.F. e MERVIS, C.B. Comparing productive vocabulary measures from the CDI and a systematic diary study. *Journal of Child Language*, 26, 177-185, 1998.

REZNICK, J.S., & GOLDFIELD, B. A. Rapid changes in lexical development in comprehension and production. *Development Psychology*, 28, 406-413, 1992.

REY-DEBOVE, Josette. *La linguistique du signe: une approach sémiotique du langage*. Paris : Armand Colin, 1998.

SARDINHA, T. Lingüística de *Corpus*: Histórico e Problemática. *DELTA*, v. 16, n. 2. 1998.

SCHORE, C. Combinatorial play: Conceptual development end early multiword speech. *Developmental Psychology*, 22, 184-190, 1986.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.

SNYDER, L.; BATES, E. e BRETHERTON, I. Content and context in early lexical development. *Journal of Child Language*, 8, 565-582, 1981.

STRAUSS, S. (ed.). *U-shaped behavioral growth*. New York: Academy Press, 1982.

STORKEL, H.L. Larning new word: phonotactic probability in language development. *Journal of speech, language end hearing research*, 44, 1321-1337. 2001.

TEIXEIRA, E.R. A adaptação dos Inventários MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo (CDI's) para o português brasileiro. In: *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*. 479 – 487, 2000.

TOMASELLO, M. e FARRAR, J. Cognitive bases of early language: object permanence and relational words. *Journal of child language*, 11, 477-493, 1984.

TARDIF, T. Nouns are not always learned before verbs: Evidence from Mandarin speakers' early vocabularies. *Developmental Psychology*, 32, 492 – 504, 1996.

TARDIF, T; SHATZ, N. e NAIGLES, L. Caregiver speech end children's use of nouns versus verbs: a comparison off English, Italian end Mandarin. *Journal of Child Language*, 24, 535 – 565, 1997.

VAN GEERT, P. A dynamic systems model of cognitive growth: competition and support under limited resource conditions. In: SMITH, L.B., THELAN, E. *A dynamic systems approach to development: applications*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

VILELA, M.O. «Léxico do Português: perspectivação geral» in *Confluência*. Revista do Instituto de Língua Portuguesa, nº 8, Rio de Janeiro, 1994, pp. 17-30;

VIDOR, D. C. G. M. *Aquisição das líquidas não-laterais por crianças com DFE: descrição, análise e comparação com o desenvolvimento normal*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

_____. *O papel do input na aquisição das classes gramaticais: Estudo de caso de uma criança entre dois e três anos*. Ensaio de qualificação, Porto Alegre: PUCRS, 2004.

_____, PACHECO, S., ANDERSEN, E., LAMPRECHT, R. *O léxico inicial: um estudo longitudinal de uma criança falante de Português Brasileiro com idade entre um e três anos*. *Anais do VI CELSUL*, Florianópolis, 2004.

VYGOTSKY, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VITEVITCH, M.S. & LUCE, P.A. Probabilistic phonotactics and spoken word recognition. *Journal of Memory & Language*, 40, p. 374 - 408, 1999.

YAVAS, M. Padrões na aquisição fonológica do português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.23, n.3, p. 7-30, 1988.

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinki; SILVA, Karine Quadros. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon – Estudos da língua falada*. Porto Alegre, UFRGS – Instituto de Letras, v. 28/29, n. 14, p. 195-219, 2000.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de “a gente”. *Letras de Hoje*, vol. 42, n 2. Porto Alegre, 2007.